P. Francisco M. Fernandes

RADIOGRAFIA DE TIMOR LOROSAE

Copyright Page

P. Francisco M. Fernandes

RADIOGRAFIA DE TIMOR LOROSAE

Apresentação
Ruben de Freitas Cabral

Introdução, Edição, Notas e Bibliografia
Ivo Carneiro de Sousa

INDICE

APRESENTAÇÃO
AO JEITO DA RADIOGRAFIA DE UM HOMEN

Entrou no meu gabinete com a gravidade simples de quem sabia quem era: calmo, seguro, hirto e digno como um honrado descendente dos velhos liurais de Timor. Sentou-se sem pressa e, se bem que sério e formal, a afabilidade da sua voz e o ritmo fácil da sua linguagem criavam um clima de grande acessibilidade.

Falou-me do seu inesquecível Timor, da sua juventude, dos desvarios que lá se seguiram ao 25 de Abril português, das guerras intestinas que o dilaceraram, da brutalidade da invasão indonésia, das fugas à violência e à morte, dos campos de refugiados cheios de fome e de chantagem no Timor Barat, das negociações firmes que mantivera com as autoridades javanesas para a libertação conseguida de milhares de timorenses exilados, e mais tarde dos seus ofícios pelas Nações Unidas, por Portugal e por onde o futuro da sua pátria pudesse ser decidido. O esquecimento do mundo trouxera-o a Macau, terra distante e próxima de Timor, porto secular de abrigo a tantos náufragos de políticas entibiadas pelo medo, impotência e por essa coisa chamada de interesse-nacional. E por aqui foi ficando.

A agressão indonésia doía-lhe. A pequenez indiferente desse Portugal que amava e que o esquecera sustinha-lhe a esperança alimentada por uma fé nutrida na cruz e na ressurreição. Certo foi que, após o morticínio de Santa Cruz, em 1991, Timor Lorosae renasceu como matriz geográfica de um futuro incerto. Ele compreendia a emergência sofrida de uma pátria que, após o referendo de 1999, se queria afirmar como aquilo que nunca fora: um país supostamente independente no meio de oceanos cúpidos e adversos. As rivalidades ancestrais e nunca resolvidas não ajudavam, como não tinha ajudado o pragmatismo objectivista, burocrático, a-sentimental e a-histórico da administração das Nações Unidas.

Em Outubro de 2005 viajei até Timor. Reconheci o Padre Francisco Fernandes, o Padre Chico, como era afectuosamente conhecido em Macau, nos tortuosos e sofridos caminhos da montanha, no enrolar suave das ondas de branco e de turquesa nas areias salpicadas de palmeiras, nas centenas de crianças que enxameavam os trilhos, clareiras e caminhos da floresta, nas lagoas sufocadas de verde, nos campos ondulados por dezenas de búfalos cor de cinza e por galináceos pintados de arco-íris, nas aldeias de colmo e de zinco fervilhantes de actividade e de imaginação (que inventar a vida do quase nada não é fácil...); também nesses velhos liurais e katuas, resistentes ao tempo e à história, sentados nas varandas patriarcais do pôr-do-sol, ou orgulhosos das cores das suas vestes ancestrais de lipa, dos seus suriks cansados de batalhas, e das cabeças aureoladas por kaibauks remanescentes de poderes que se esvaíram em burocracias ineficientes e despersonalizadas; nas velhinhas de porte tão digno e aristocrático como o das mais nobres das damas vitorianas; na fé viva dos muitos milhares de pessoas que acorriam fervorosamente às igrejas; nos vestígios desses antigos reinos em que a genialidade de um administrador colonial soube enquadrar os seus chefes na hierarquia do exército português..., uma arcana sabedoria que se reconhece hoje na inteligência e acção desse verdadeiro Príncipe que é o Senhor Bispo de Baucau.

Sentado à minha secretária, o Padre Francisco Fernandes, Timorense, parecia irradiar toda a paz do mundo. Falou-me de um livro que andara a escrever e que gostaria de ver publicado. Esse livro falaria do seu eterno Timor, sentido nas memórias que guardara e sonhara naquele outro em que gostaria de ter vivido. Esse Timor ainda não existe. O livro aqui está.

Ruben de Freitas Cabral
Macau 2007

UMA INTRODUÇÃO *IN MEMORIAM* DO PADRE FRANCISCO MARIA FERNANDES (1935-2005)

Esta "Radiografia de Timor Lorosae" é um texto de amor e de sacrifício. Um livro testemunhando o amor mais profundo que, in corpora et in mentis, alguém alguma vez poderia dedicar a esse pequeno mas orgulhoso país agora independente para guardar no seu próprio nome a dramática aventura de uma nação perdida nos finais de 1975 e recuperada no debutar deste novo milénio: República Democrática de Timor Leste. Um texto também fruto do mais extraordinário sacrifício. Doente, perseguido por uma estúpida doença mortal que foi escondendo de quase todos, o Padre Xico lutou verdadeiramente para concluir este belíssimo livro em que se entrecruzam memórias, investigação, testemunhos, preocupações e propostas inteligentes para a construção da nação timorense. E, no entanto, apesar do sacrifício e da doença, nas páginas que se seguem não se encontra qualquer ponta de azedume ou o mais leve sinal de "ajuste de contas". A vida não foi fácil para o nosso sacerdote. Em 1975 e 1976, apanhado pela voragem dos rápidos acontecimentos violentos ampliados pela invasão e ocupação indonésias de Timor Leste, o Padre Francisco viu-se demoradamente arrastado para um contrariado exílio em Atambua, no Timor ocidental, começando décadas de dedicado trabalho generosamente consagrado ao auxílio a milhares de refugiados timorenses, logo depois espalhando-se em diáspora pelos quatro cantos do mundo. Entre os milhares de timorenses mal acolhidos em tendas de campanha no Vale do Jamor, nas cercanias de Lisboa, lá se encontrava a palavra e a acção solidárias do Padre Francisco Fernandes. Quando estes e muitos outros milhares de timorenses se foram abrigar a várias cidades australianas, mais uma vez puderam contar com o Padre Xico. A seguir, foi o caminho até Macau para, afinal, ficar e morrer. No território macaense, o sacerdote multiplicou-se em ajudas, denúncias, intervenções, mobilizações muitas pela causa do seu Timor Leste. Conhecia e confortava todos os timorenses refugiados em Macau. Acompanhava interessado mesmos aquelas várias famílias de chineses de Timor obrigados a abandonar negócios, casas e haveres durante a crise de 1975. Todos, sem excepção, confiavam, praticamente veneravam a palavra do Padre Francisco. Uma palavra sempre carregada de optimismo, de humor, de prazer pela vida, entretecida pelo amor vital com que falava do seu Timor. O caminho para a independência aberto com o referendo de 1999 foi seguido pelo nosso sacerdote com a mais profunda e sentida felicidade. Discutia o novo país, aconselhava, aqui e ali criticava, adiantava propostas, mas falava comovido, orgulhoso do seu Timor Leste por fim independente. A sua vida tinha-se confundido com a causa timorense. Não teve maior consolação do que a de poder fechar os olhos em paz e sonhar eternamente com as várzeas verdejantes de arroz, as montanhas altaneiras e a sua ribeira de Lacló correndo finalmente livre para o mar de Timor. Liberto o povo de Timor Leste, o padre Xico conseguiu também libertar-se in coelo da lei da morte.

O Padre Francisco Maria Fernandes nasceu na pequena vila de Lacló, próximo de Manatuto, em 1935. Cultivava uma longínqua memória dos seus parentes sublinhando a posição social elevada de sua mãe, de família dato, e referindo com orgulho que seu pai, como antes o seu avô, havia sido liurai em Clacuc. Mal o conhecera. A memória da sua infância era tão fragmentária como benigna, rememorando uma vida protegida entre avós, tias, madrinhas e tios-avôs muitos, uma meninice abrigada no seio dessas famílias tradicionais tão extensas quanto solidárias. Desse tempo, ficou-lhe o nome de Iku-Buti-Rai-Naen, o "Chiquito Branco Dono da Terra". Recordava alguns episódios da ocupação japonesa de Timor, quando entrava na adolescência, e este seu livro resgata essa memória e recorda sentidamente alguns dos heróis timorenses desse período de provações e violenta coupação. Interessante, mesmo divertida, é a memória da sua entrada no Colégio jesuíta de Beato Nuno Álvares Pereira, em Soibada, o centro da formação dos missionários e de muitos sacerdotes de Timor Leste. Chegado com treze anos ao Seminário de Nossa Senhora de Fátima, a sua opção pelo sacerdócio viria a concretizar-se em 1963, sendo ordenado aos vinte e oito anos. Começa, então, uma longa actividade de doze anos de missionário,

percorrendo entre 1963 e 1975 praticamente todos os concelhos de Timor Leste, com a excepção de Oekusse, Suai, Dili, Baucau e Los Palos. De Maliana, em 1963, a Ainaro, em 1975, o Padre Francisco foi sulcando as culturas e gentes do Timor mais profundo, espalhando a fé e recolhendo também mitos, legendas, histórias, salvando mesmo muitos apontamentos e memórias de velhos missionários sobre o mundo tradicional timorense, dos makassae do leste aos mambae das garndes montanhas centrais. Apanhado no turbilhão político aberto na parte oriental de Timor pela Revolução portuguesa do 25 de Abril de 1974, o nosso missionário haveria de sofrer as consequências dessa guerra civil que, opondo os principais partidos timorenses, concorreria a par com muitos outros factores seriamente reflectidos neste livro para a brutal invasão indonésia, em Dezembro de 1975. Descobre-se nestes anos de chumbo, o Padre Xico a auxiliar um largo conjunto de milhares de refugiados timorenses em Atambua, cidade do Timor indonésio, talvez umas 40000 acossadas pessoas de outras tantas esperanças perdidas. Diligente e solidário, conseguiria mobilizar ao longo de quase nove meses a assistência e a difícil atenção internacionais que permitiriam a sua repatriação para Portugal, depois concretizando esse episódio pouco edificante do Vale do Jamor em que o Padre Francisco Fernandes se notabilizou pelo apoio e interesse por estes quase esquecidos refugiados do muito esquecido «problema de Timor». Sempre presente na vida e pensamento do nosso sacerdote. Foi, por isso, dos primeiros a denunciar nos Estados Unidos entre entrevistas aos media e difíceis encontros com senadores o terrível drama de Timor Leste.

A seguir, o Padre Xico acompanharia muitos desses refugiados do Jamor em direcção à Austrália, tornando-se capelão da comunidade timorense que foi reconstruindo as suas vidas em Perth. Em território australiano, o Padre Fernandes dirigiu empenhado muitas iniciativas de solidariedade com Timor contribuindo para que o problema não fosse definitivamente esquecido nas relações políticas internacionais. A convite do Bispo de Macau, D. Arquimínio da Costa, seu antigo mestre do colégio de Soibada, o nosso solidário sacerdote instala-se para ficar desde 1989 em Macau, a sua segunda "pátria". Rapidamente se torna o centro da comunidade timorense no território, congraçando refugiados, estudantes e mesmo esses «chineses timorenses», como gostava de designar essas famílias que dominavam o comércio de Díli e de outras cidades do Timor colonial, depois regressando ou refugiando-se em Macau desde 1975. Gente também solidária com o drama timorense. Viria a dirigir a Associação Rai Timor, a coordenar campanhas de solidariedade, a apoiar estudantes, a defender o clero e a Igreja católica de Timor, multiplicando-se por um sem número de actividades religiosas, políticas, sociais e culturais em que a defesa da dignidade da sua terra natal quase totalizava a sua agitada e generosa vida.

AS MEMÓRIAS DA MEMÓRIA DO PADRE FRANCISCO FERNANDES

Entre 2000 e 2005, fui-me sempre encontrando com o Padre Francisco Fernandes quando me deslocava para leccionar e investigar em Macau. Mais de meia dúzia de encontros em que discutimos acaloradamente a nova sorte de um Timor Leste finalmente independente, deram ao Padre Xico a confiança suficiente para me falar da sua obrigação em deixar obra escrita sobre Timor. Começou mesmo por me falar de um muito vago projecto de doutoramento em torno da história da Igreja timorense que rapidamente abandonou face às pressões do trabalho e ao debutar de preocupante doença. Foi talvez a progressiva precarização da sua saúde que mais mobilizou o Padre Fernandes para um projecto de escrever as suas memórias, estudos e apontamentos muitos acumulados sobre Timor. Uma sorte de sereno testamento capaz de avisar o futuro da nova Nação. Recebi há mais de dois anos numa disquete um primeiro texto que, já dactilografado, o Padre Xico tinha intitulado "Diagnóstico de Timor". Pouco mais de noventa páginas. O texto tinha sido nitidamente escrito como uma sorte de testamento quase político. Páginas muito raras em lembranças infantis, esparsas linhas sobre a sua passagem pelo Seminário de Soibada, concentrando-se o texto densa e enredadamente nos problemas políticos de Timor Leste desde 1974. O Padre Francisco revisitava criticamente o impacto quase estranho da Revolução do 25 de Abril em Timor, o regresso de vários estudantes timorenses mais do que politizados da «metrópole» com as suas ideias ainda mais do que "esquerdistas" e a formação dos partidos políticos com a sua profunda agitação. Estas memórias escritas concentravam-se depois, demoradamente, nos episódios pouco edificantes que se vazaram na mortífera guerra fratricida entre a UDT e a FRETILIN, abundando as recordações críticas sobre eventos dramáticos e "mal-contados" como a morte de Maggiolo Gouveia, o papel do MFA no território, a acção do governador enviado de Lisboa. Por esta época, o nosso sacerdote encontrava-se quase refugiado em Ainaro, assim alargando o seu conhecimento e sentido interesse pela cultura e língua dos mambai[1]. A parte mais longa e pormenorizada deste "diagnóstico" de Timor Leste centrava-se no seu exílio juntamente com milhares de timorenses e alguns soldados portugueses em Atambua, esperando ao longo de 1976 ajuda e acolhimento externos. Este texto ainda reunia alguns apontamentos dispersos, mas profundamente críticos, sobre a situação política actual do jovem país independente, estendendo-se desde considerações sobre a bandeira nacional adoptada oficialmente até a várias ideias avulsas para um bom governo da República Democrática de Timor Leste. Alguns destes temas retomavam, aliás, polémicas e intervenções feitas em conferências, entrevistas e apontamentos de jornal que, mais conhecidos e públicos, recordam tanto a irreverência política como a muita generosidade intelectual do Padre Francisco Maria Fernandes.

Depois de ler e anotar cuidadosamente estes primeiros apontamentos das suas memórias, pedi ao Padre Francisco para tentar desenvolver mais os temas ligados à sua infância, à sua memória da ocupação japonesa e à sua experiêmcia em Soibada, primeiro como estudante e, mais tarde, como professor. Sugeri-lhe igualmente que mobilizasse para as suas memórias escritas os apontamentos que foi recolhendo e preservando sobre as culturas tradicionais dos povos de Timor Leste, dos mitos às linguagens. Remeti-lhe depois estas sugestões por escrito, recomendando correcções, organização temática e insinuando algumas leituras. Desconhecia que o nosso Padre Xico tinha conseguido alargar e especializar o seu "diagnóstico" do seu Timor Leste. Só em Setembro do ano passado, o Reitor do Instituto Inter-Universitário de Macau, Prof. Ruden Cabral, me esclareceu surpreendentemente que Francisco Maria Fernandes tinha conseguido concluir o seu timorense livro antes de falecer. O livro aqui está. Mais

1 Os apontamentos do Padre Francisco sobre a cultura mambai, reunindo informação recolhida pessoalmente e anotações escritas por outros missionários católicos, foram recentemente publicados em FERNANDES, Francisco Maria – *A Cultura Mambai*. In: 'Revista de Cultura?, Edição Internacional, Macau, 18 (2006), pp. 37-47.

de duzentas páginas agora intituladas "Radiografia de Timor Lorosae", voltando a insistir nessa terminologia médica que foi irritantemente perseguindo a parte terminal da vida terrena do Padre Francisco. Muitas das dezenas de páginas do manuscrito anterior continuam a ler-se nesta nova obra, mas devidamente corrigidas e ordenadas. A feliz surpresa é que esta "radiografia" vai muito mais longe. Preciosos apontamentos etnográficos e antropológicos somam-se a vários capítulos dedicados à história da Igreja católica de Timor, não faltando uma demorada vista ao "colégio de Soibada"; biografias de heróis timorenses somam-se a recordações importantes sobre a ocupação japonesa; apontamentos geralmente qualificados percorrem a história de Timor Leste da pré-história aos nossos dias... E os dias do Timor Leste contemporâneo são ampla e conscienciosamente revisitados. Inteligentes capítulos sobre a invasão indonésia ajudam a esclarecer contextos locais e internacionais, cruzando-se com sentidas memórias da resistência política, não faltando o elogio quase comovente dos heróis nacionalistas, naturalmente, como em quase todos os timorenses, com a recordação de Nicolau Lobato à cabeça. Estas memórias quase sempre justas e fraternais são ainda completadas com considerações sobre o futuro da República Democrática de Timor Leste à consideração dos seus governantes. Desde as preocupações com a poluição em Díli aos projectos de desenvolvimento económico, quase nada escapou a estas memórias da memória do amor do Padre Francisco Fernandes pela sua pátria de Timor do "sol nascente".

Esta "Radiografia de Timor Lorosae" não é um livro académico e, muito menos, "científico". É um tratado sincero de amor e orgulho nacionais, um extrordinário testamento cultural de um verdadeiro nacionalista que, mesmo longe dessa metade de uma ínsula batida duplamente pelo Índico e pelo Pacífico, sempre pautou a sua vida como sacerdote e cidadão solidário pela causa da libertação da sua pátria. O Padre Francisco Fernandes não era um académico ou um investigador. Fez uma tese de mestrado com sacrifício, mas competência, conhecia a literatura científica sobre Timor Leste, estava mesmo razoavelmente actualizado, mas nunca pretendeu escrever um trabalho "científico" sobre a sua terra. A sua obra é uma reunião de memórias da memória de Timor Leste, trilhando as complicadas dialécticas impostas pelos rigores e traições da memória. O livro enquanto escrita de memória percorre assuntos e recordações diversos sem qualquer ordem cronológica ou temática, impondo-se uma escrita pessoal, telúrica, empenhada, sendo frequente encontrar-se uma descrição ou análise interrompida tanto por uma poesia como por uma outra digressão memorial, aqui uma biografia, ali uma preciosa lista dos sacerdotes das diferentes ordens religiosas activas em Timor. A memória é feita de selecções, gostos, amores e ódios, preferências e rejeições. Assim é este livro absolutamente extraordinário. A ler de uma vez. A recordar demoradamente depois. Para recordar para sempre o nosso padre Francisco Maria Fernandes.

A NOSSA EDIÇÃO

O livro que agora se publica com o título de Radiografia de Timor Lorosae segue quase integralmente o manuscrito original concluído pelo Padre Francisco Fernandes. O leitor encontrará mesmo algumas repetições textuais, das descrições à argumentação, e mesmo algumas, ainda que raras, contradições, por exemplo na memória do número de refugiados timorenses quase perdidos em Atambua, entre 1975 e 1976. Respeitou-se rigorosamente nestes casos a lição do texto original. A nossa intervenção limitou-se a corrigir gralhas de composição, alguns erros conceituais, cronológicos, antroponímicos e toponímicos. Alguns fragmentos textuais redigidos no original a vermelho e entre parêntesis foram eliminados, visto que em todos os casos se encontraram essas passagens textuais já inseridas nos capítulos correspondentes do livro. Infelizmente, o Padre Xico concluiu a sua obra sem ter tido certamente tempo para se dedicar a esse trabalho quase fastidioso de anotar as citações e de nos oferecer o respectivo aparato bibliográfico. Foi esta precisamente a actividade mais demorada e, quase sempre, mais complicada na preparação desta edição. Foi necessário introduzir dezenas de notas de pé-de-página, percorrer muitos livros e artigos, por vezes difíceis de encontrar. Mas o aparato biliográfico e as anotações das citações muitas lá se encontram em final de página ao cuidado da vigilância do leitor. Tendo sido necessário convocar este trabalho crítico, decidiu-se ainda completar esta publicação com um conjunto de outras anotações que, agora directamente da responsabilidade dos editores, procura comentar e actualizar o livro mais do que precioso do nosso sacerdote. Uma bibliografia foi também organizada no final do volume. O Padre Xico saberá certamente perdoar estes atrevimentos que apenas pretendem ajudar a transformar a "radiografia" simplesmente em corpus, em obra. Possa esta obra nova ajudar também Timor Leste a construir o seu futuro em paz e desenvolvimento como sempre sonhou o Padre Francisco Maria Fernandes.

Ivo Carneiro de Sousa

DEDICATÓRIA

À martirizada Igreja de Timor, na pessoa dos seus pastores D. Carlos Filipe Ximenes Belo, D. Basílio Nascimento, D. Ricardo Alberto da Silva; ao destemido e intrépido Clero (Diocesano e Religioso); às incansáveis Irmãs Canossianas e a outras congregações femininas; ao Povo Cristão.

Ao heróico Povo de Timor que lutou galhardarmente pela nossa Independência.

Ao Colégio Nun'Álvares Pereira de Soibada e à Missão Central de Soibada, centenárias instituições de Timor, onde gerações de Timorenses se formaram e onde também aprendi a ler, a escrever, a rezar e a cantar e, sobretudo, onde ganhei o gosto pela prática do desporto, graças aos meus antigos Orientadores e Professores, especialmente Sr. P. Januário Coelho da Silva, Pai e Mestre da Juventude Timorense, P. Jorge Barros Duarte, austero e grande orientador, e aos amigos P. Jacob Vicente Dias Ximenes, P. José da Silva Brum, P. Bourdaloue Xavier Mesquita. E graças aos meus antigos Professores de Soibada, Narciso Lobato, Fernando Soares (kabitan), Eusébio Tílman, José do Carmo, Paulo Quintão, Francisco Hornai e Jacob Caldas.

Aos meus colaboradores, já então como Superior da Missão de Soibada e Director do Colégio Nun' Álvares Pereira, os professores acima referidos, mais o Mestre Egídio Ximenes, músico exímio, Mestres Humberto Lopes, Alberto Soares, Jaime Lopes, Manuel Guterres, Bruno Sarmento, Nai Ker ou Miguel Vong, conhecido caçador e "terror" dos veados de Samoro, Fatuberliu e Barique.

Aos meus queridos Pais: João Baptista Guterres Fernandes e Júlia dos Reis da Cunha Fernandes.

À minha querida Madrinha, Maria da Glória Soares, e seu Irmão Inácio Soares, e ao meu Padrinho Luís dos Reis Noronha Jr.

Às Avós Cristiana dos Reis da Cunha e sua Irmã Luzia dos Reis da Cunha.

Aos Tios Avós: Coronel Luís dos Reis Noronha (Avô Aran), Diogo Cabral e Engrácia Cabral , Avô Teus e Avó Iva e Avó "Efa" de Salanrem, e ao bom povo de Lacló.

A "Kadunan" de Samoro, onde Tio "Mundo" e Tia Lídia me receberam com simpatia e trataram com amizade durante um ano, antes do ingresso no Colégio de Soibada. E ao exímio cozinheiro de "Kadunan", Marciliano.

Aos primos João de Deus e Rosa Magalhães Fernandes Doutel Sarmento, pelo carinho e amor que me dedicaram, e a "Abi" Teresa Buili.

I.

À LAIA DE INTRODUÇÃO

Tal como na Medicina, a ***Radiografia de Timor Lorosae*** visa observar e analisar algumas facetas das realidades que constituem a Nação Timorense, bem como o imaginário que é parte do universo de utopias e mitos tão fértil na tradição da Ilha. A sua configuração física, os seus encantos naturais, as suas crenças, mitos e lendas, a maneira de pensar, de ser e de agir do seu Povo, numa palavra, a sua identidade, são algumas dessas facetas.

A insularidade e o aspecto agreste da Ilha contribuem para tornar Timor inacessível a qualquer entrada de estranhos, isolando a Ilha durante séculos, senão milénios, do resto do Mundo e até mesmo do Arquipélago das Sundas Menores em que Timor se encontra inserido. Esta particularidade do passado de Timor levou o Timorense[1] a criar aquela maneira de pensar e agir como se fosse ele sozinho a existir no Mundo. Começa a activar a sua imaginação - fruto do seu isolamento - criando aquele mito que se pode chamar Timor-Centrismo, que se reflecte na lenda denominada **Uran Wake** contada pelos lianains do **Reino de Lacló**.

Mais tarde, porém, o seu contacto com outros povos, principalmente com os Portugueses, assim como outros que vieram com os Portugueses, tais como os Goeses, os Africanos ou os Chineses, fê-lo ver que afinal não existia sozinho neste Mundo. E a partir daí, o Timorense começa a questionar a origem e a procedência desses visitantes, e a resposta a estas interrogações encontra-se na lenda que fala sobre a origem dos Povos. E

---

1 O Padre Francisco Fernandes optou por seguir estes conceito bastante geral de «timorense», apesar da sua obra destacar de forma recorrente e acertada a diversidade cultural, étnica e linguísitica das diferentes culturas de Timor Leste. Pese embora as dificuldades científicas na utilização desta noção, percebe-se que o autor procura sublinhar algumas homogeneidades culturais no conjunto populacional timorense, ligando o conceito com intimidade a uma ideia de «Nação Timorense» ressaltando precisamente desses factores de homogeneidade e identidade partilhados pelos grupos culturais do Timor Oriental. Trata-se, como se sabe, de um debate ainda em movimento que procura investigar a própria formação de uma identidade nacional que, enquanto processo de longa duração, obriga a somar à resistência e movimentação políticas independentistas uma colecção de factores culturais em que se pode encontrar, em rigor, alguns elementos antropológicos que foram sedimentando especificidades culturais a partir de um vetusto sistema linhageiro cruzando influências complexas das culturas do Sudeste Asiático, da Ásia do Sul e mesmo do mundo melanésio. Seja como for, a noção de timorense deve ser lida nesta obra como uma referência generalizante sobretudo às práticas culturais mais comuns dos habitantes de Timor Leste, expressando-se através de algumas formas persistentes de organização antropo-social, hábitos e mentalidades colectivas disseminados pelos diferentes agrupamentos étnico-linguísticos locais, concretizando-se sobretudo através do sistema político e da hierarquia social tradicionais. Vale ainda a pena seguir textos e catálogo da exposição Povos de Timor, Povo de Timor : Vida - Aliança - Morte - Catálogo = Peuples de Timor , peuples de Timor : Vie - Alliance - Mort – Catalogue: Peoples of Timor , peoples of Timor : Life - Alliance - Death – Catalogue. Lisboa : Fundação Oriente : IICT, s.d., 167 p. : fotogr., il.

há ainda outras lendas dizendo que os Portugueses, Goeses e Chineses não são mais do que os antepassados dos Timorenses, levando a pensar que eles aceitam, embora de uma maneira rudimentar, a doutrina da reencarnação.

A ***Radiografia de Timor Lorosae*** fala também da parte da História de Timor que está relacionada com o seu encontro ou contacto com outros povos: os Portugueses, desde o século XVI; os Australianos e Japoneses, durante a Segunda Guerra Mundial, e os Indonésios, desde 1975. A sua reacção aos estranhos que o têm visitado ao longo dos séculos é condicionada e influenciada pela intenção e comportamento dos visitantes. Se os visitantes são bem intencionados, o que se reflecte na sua actuação pautada pelo respeito e pela amizade manifestados para com o Timorense, então este começa a criar um clima de tolerância, que visa um relacionamento mais pacífico e amigável. Caso contrário, o Timorense tenta criar uma situação de conflito, dificultando a vida e a permanência do estranho. E assim, a História de Timor é marcada por esta dicotomia: confiança-desconfiança ou amizade-inimizade, que vem até aos nossos dias.

A ***Radiografia de Timor Lorosae*** reflecte também a experiência em que o autor esteve envolvido directamente durante a crise política, militar e social de Timor, desde 1975 até 1999, nomeadamente o problema de defesa e assistência aos milhares de refugiados Timorenses, começando em Atambua (Timor Indonésio, desde Agosto de 1975 a Outubro de 1976), depois no Vale de Jamor (Portugal, Dezembro de 1976 até Outubro de 1978); mais tarde na Austrália (1978-89) e, finalmente, em Macau, ao longo de outros dez anos (1989-até 1999). Muitos desses refugiados formam actualmente a Diáspora Timorense, uma significativa força económica, intelectual e política a ter em conta, pois tem alguma experiência internacional (Austrália, Portugal, Europa, Africa, Macau, China), constituindo um fenómeno novo na História de Timor.

Foi essa Diáspora que também lutou pela Libertação de Timor Leste, divulgando informações, emanadas da Frente Armada operando nas montanhas de Timor, através da Frente Clandestina inserida no meio dos Indonésios. Foi essa Diáspora que lutou pela Libertação, mobilizando e sensibilizando os mass media dos países de acolhimento, organizando manifestações contra a ocupação inimiga e fazendo lobbying junto das instâncias internacionais, o que incomodou bastante as Representações Diplomáticas de Jacarta em qualquer quadrante do Globo – a ponto de o então MNE da Indonésia Ali Alatas ter afirmado que Timor constituía um seixo enfiado nos sapatos da Indonésia[2] –, e foi sobretudo a Diáspora Timorense que constituiu esse tal seixo, pois jamais haveria de deixar em paz durante a luta da Resistência os diplomatas indonésios.

Essa Diáspora valorizou Timor Leste através da formação académica e profissional dos seus membros, promovendo e desenvolvendo actividades culturais Timorenses, divulgando a sua rica e variada culinária, aproveitando oportunidades oferecidas para se valorizar na prática do desporto, em que se distinguiram alguns jovens atletas Timorenses, representando a Austrália nas competições internacionais ou olímpicas, chegando mesmo a conquistar medalhas de ouro. E a Diáspora Timorense foi fundamental na luta pela Libertação e é um valor acrescido para a Nação Timor Lorosae.

Como prova disto, basta-nos comparar o movimento da Resistência Timorense com o de Irian Jaya e o de Aceh, que infelizmente não contam com uma diáspora para advogar a sua causa nas instâncias internacionais, a fim de mobilizar a Solidariedade Internacional com a mira a alcançar os seus objectivos políticos.[3]

A ***Radiografia de Timor Lorosae*** tenta fazer também uma análise da actuação de alguns países que, em parte, tiveram uma influência negativa na chamada crise política e militar de Timor. Tais nações, pressionadas e influenciadas, quer pela política que então vigorava em cada uma delas, quer por interesses económicos, actuaram de uma maneira negativa em relação a Timor. Essas nações estão, a nosso ver, identificadas com as

---

2 Trata-se naturalmente de uma ligeira adaptação da máxima popular em uso entre as culturas populares portuguesas, mas de dimensão mais geral, da «pedra no sapato», sublinhando a incomodidade que um pequeno objecto quase intrometido – neste caso, o «pequeno» povo de Timor Leste – pode causar num «ser» maior em movimento, aqui a poderosa Indonésia, o maior estado arquipelágico do mundo e a nação com mais numerosa população islâmica. Recorde-se que, no caso de Timor Leste, a invasão, em 1975, do território pelas forças armadas indonésias e, posteriormente, a sua anexação enquanto vigésima sétima «província» da República da Indonésia nunca foram reconhecidos pelas Nações Unidas, conquanto a incomodidade do problema timorense se tenha tornado mais vísivel em termos internacionais depois do tristemente célebre massacre do cemitério de Santa Cruz, em 1991. A partir daqui, a questão de Timor Leste transformou-se definitivamente em problema maior na circulação internacional da diplomacia indonésia.

3 O Padre Francisco Fernandes escreveu estas ideias naturalmente antes do desenvolvimento do processo de paz no Aceh, actualmente concluído com a vitória eleitoral na eleição para governador do território do antigo líder da resistência armada. Apesar das forças de resistência no Aceh e na parte ocidental da Papua-Nova Guiné terem conseguido mobilizar alguns apoios internacionais, nunca convocaram, de facto, a extraordinária colecção de apoios e vontades que se reuniu internacionalmente em torno do problema de Timor Leste.

ideologias políticas dominantes na altura, como no caso do Portugal abrilino ou, então, estavam fortemente motivadas por interesses económicos ou estratégicos, como foi o caso da Indonésia de Suharto, dos EUA de Henry Kissinger e da Austrália de Gogh Whitllam.

Portugal, que tem mostrado, ao longo dos tempos, a sua amizade para com Timor, a partir da Revolução do 25 de Abril de 1974, porém, dominado por ideias revolucionárias esquerdistas, inverteu a sua política em relação a Timor, oferecendo-nos aquilo que nunca pedimos:

Descolonização (no contexto abrilino, significava desvincular-se de Portugal);

E rejeitando-nos aquilo que a maioria dos Timorenses queria naquele momento agitado e conturbado:

A Confederação com Portugal, com vista a uma independência a longo prazo.

No caso das restantes nações acima referidas, cada uma delas actuou em função dos seus interesses económicos, políticos ou estratégicos, apoiando a política de anexação de Timor pela Indonésia (que, em retribuição, lhes oferecia em abundância matéria-prima para as suas indústrias) e não se importaram de violar o Direito dos Povos e os princípios consagrados na Carta das Nações Unidas que, em teoria e retórica, afirmavam defender.

A trágica caminhada por que passou Timor durante um quarto de século terminou em beleza, graças à determinação e coragem do Povo Timorense para defender a sua identidade histórica e cultural, graças à Solidariedade Internacional, aos Meios de Comunicação Social, às ONGs, a um Portugal renovado pelo 25 de Novembro e graças sobretudo aos PALOP, as Nações irmãs de Moçambique, Angola, Guiné-Bissau, S. Tomé e Príncipe e Cabo Verde, sem esquecer também o Brasil.

A ONU e a vizinha Austrália do Governo Liberal contribuíram, de uma maneira a todos os títulos louvável, para libertar Timor das patas de Suharto.

E uma palavra especial deve ser dirigida ao então Presidente Habibie que teve a coragem de contrariar o Parlamento e a ABRI, anulando o artigo da Constituição da Indonésia que legalizou a integração de Timor, contrariando a maioria dos políticos do seu país, ao conceder aos Timorenses o referendum para Autonomia. E o Povo votou em massa pela rejeição da Autonomia, não obstante as pressões de violências e matanças perpetuatas pelas forças indonésias contra o povo indefeso. Ao proceder assim, Habibie tinha a visão política de restituir à Indonésia o prestígio e a credibilidade que perdeu, em virtude da sua política de anexação de Timor. Habibie libertou o seu país de uma herança ignominiosa, deixada pelo regime de Suharto.

Timor entrou finalmente no terceiro milénio com a cabeça bem erguida, porque é o primeiro País a ganhar a sua independência ou a primeira Nação do séc. XXI.

A ***Radiografia de Timor Leste***[4] abre pistas para futuros estudiosos que desejem fazer algum trabalho, mais exaustivo, per longum et latum, sobre temas aqui abordados. A presente obra não passa de um modesto contributo para saudar a Nova Nação do Terceiro Milénio, e o autor ficaria gratificado se a ***Radiografia de Timor Leste*** pudesse também contribuir para que a Nação Timor Lorosae seja mais conhecida, respeitada e admirada.

4 O Padre Francisco Fernandes utiliza agora a expressão «Radiografia de Timor Leste» e já não de «Timor Lorosae», uma instabilidade conceitual que decidimos não corrigir nesta edição. Em rigor, esta dificuldade em estabilizar a nomeação do novo país viveu-se intensamente entre 1999 e 2001, sendo o nosso padre Xico um mobilizado defensor da definição nacional em torno de «Timor Lorosae», o país do Sol Nascente. Esta instabilidade amplia-se mesmo no período seguinte em que o autor volta a escrever, agora ao mesmo tempo, «Radiografia de Timor Leste» e «Nação de Timor Lorosae».

II.

CONFIGURAÇÃO FÍSICA

A Ilha de Timor, que é conhecida com tantos nomes e designações ao longo da sua história, encontra-se situada na Oceania.[1] Sendo a ilha mais oriental do Arquipélago das Pequenas Sundas, Timor está situado entre os 18 graus e 17 minutos e 10 graus e 22 minutos de latitude Sul e os 123 graus e 25 minutos e 127 graus e 19 minutos de longitude de Greenwich.

Timor tem uma forma elipsoidal, que destoa da localização de todas as ilhas vizinhas, que se encontram alinhadas numa posição paralela ao Equador. Esta posição excêntrica de Timor (470 kms de comprimento e 110 km de largura) ao situar-se fora do arco ligando as restantes ilhas que formam o arquipélago da Indonésia, é uma defesa natural de Timor, uma vez que, segundo os vulcanistas, tal posição contribui para isolar a Ilha dos efeitos catastróficos da zona vulcânica e de sismo que afectam as restantes ilhas da sua vizinhança: «Indeed its position is just outside of the great volcanic belt, which extends from Flores through Ombay and Wetter to Banda».[2] H.G. Schulte Nordholt corrobora esta afirmação, ao escrever que «Together with Roti, Savu and Sumba, Timor forms a chain of islands which, unlike the other islands of this archipelago, lack recent vulcanic deposit».[3]

Timor dista do Norte da Austrália cerca de uns quatrocentos quilómetros. Na era glacial, essa distância era reduzida para vinte milhas, sendo a distância mais curta que se registou entre Austrália e Timor. Contudo, segundo os especialistas, o mar que separa Timor da Austrália era tão profundo que nunca Timor esteve completamente ligado ao Continente Australiano.[4]

---

1 A localização de Timor como parte da Oceania e não do que hoje se designa como Sudeste Asiático constitui um legado classificacional dos estudos coloniais portugueses, consagrando-se originalmente com a obra importante do governador Afonso de Castro – As Possessões Portuguesas na Oceania (Lisboa: Imprensa Nacional, 1869), investigação depois seguida pela generalidade dos trabalhos e ensaios coloniais.

2 WALLACE, A. Russel – The Malay Archipelago. New York: Dover Publications, 1962, p.193 [Primeira edição 1869].

3 NORDHOLT, H. Schulte – The political system of the Atoni of Timor. Haia: Nijhoff, 1971, p. 27.

4 Apesar deste capítulo se intitular descrição física, estes breves apontamentos de geografia cessam aqui. No entanto, o padre Francisco dispersa várias outras notas geo-antropológicas ao longo da obra que completam estes dados gerais várias vezes rememorados ao longo do texto. Pode alargar-se com vantagens a investigação das relações entre ecologia e população de Timor Leste através da síntese oferecida por METZNER, Joachim K. – *Man and environment in Eastern Timor*. Canberra : The Australian National University, 1977. - 379 p. : il..

Este modesto trabalho visa, em primeiro lugar, salientar o sacrificado (e desnecessário) trajecto que a Nação Timor Lorosae teve que enfrentar, marcado por uma guerra cruel e altamente destrutiva que lhe foi imposta durante estes últimos 25 anos, gerando o percurso mais trágico da sua História, para seguirmos as palavras avisadas do Padre Jorge Barros Duarte.[5] E agora, em contraste, Timor inaugura a Era mais brilhante da sua História, porque é o primeiro país a ficar independente na aurora do III Milénio.

Primeiramente, a guerra foi consequência da cultura militarista e imperialista do regime de Suharto da Indonésia, que nada tinha a ver com Timor sob o ponto de vista histórico, cultural e étnico. Se o regime de Suharto tivesse a sabedoria e bom senso da China, por exemplo, não teria invadido Timor, pois a invasão e ocupação de Timor não só arruinaram os recursos humanos, culturais e materiais do Povo Timorense, mas também debilitaram e arruinaram o prestígio e a situação económica da própria Indonésia.

A segunda consideração histórica é o facto de, depois da II Guerra Mundial, quando a Indonésia ficou independente da Holanda, não se ter lembrado de convidar Timor para fazer parte da nova nação.[6] E nem tão pouco os Timorenses pediram aos fundadores da República da Indonésia para irem na boleia da nova nação. A razão era simples. Os Timorenses entenderam que estavam melhor com Portugal do que com a nova nação indonésia. E também depois da II Guerra Mundial, Timor não era tão cobiçado porque ainda não se tinha descoberto o petróleo no Mar de Timor, o que constitui um chamariz muito atraente. E, por isso, a Indonésia pouco ou nada se preocupou com Timor. Mas em 1975, o cenário económico era diferente. Descobriram-se significativos depósitos de gás natural e petróleo no Mar de Timor, o que provocou o interesse das potências da vizinhança.

5 O Padre Francisco Fernandes segue adaptadamente a obra hoje bastante rara de DUARTE, Jorge Barros – Ainda Timor. Lisboa: Gatimor, 1981.

6 Recorde-se que, no final de 1949, quando se deu a transferência do poder colonial holandês para a nova Indonésia independente, os dois únicos países europeus presentes nas cerimónias políticas oficiais solenemente realizadas em Jakarta foram Portugal e a França. A relação entre a nova República e Portugal foram sempre marcadas não apenas pela cordialidade, mas também por uma evidente aliança de interesses entre Sukarno e Salazar, apesar da distância ideológica e política entre os dois líderes. Sukarno procurava em Portugal formas de poder chegar à Holanda e ao Reino Unido para resolver o problema do Irian Jaya, enquanto Salazar encontrava num dos fundadores do movimento dos não-alinhados uma inesperada justificação para a continuação da presença colonial portuguesa. Sobre este tema, vejam-se as investigações fundamentais de SOUSA, Lurdes Carneiro de – The Indonesian-Portuguese relationship: Politics and Diplomacy (1945-1965), in SOUSA, Ivo Carneiro de & LEIRISSA, R. Z. – Indonesia-Portugal: Five Hundred Years of Historical Relationship. Lisboa-Jakarta: CEPESA, 2002, pp. 213-232 e Sukarno e Portugal (Exposição no Museu Nacional de Jakarta, 30 de Maio-30 de Junho de 2002). Jakarta: Embaixada de Portugal/CEPESA, 2002.

Assim, quando em 1975 Portugal deu aos Timorenses a oportunidade para decidirem o seu futuro, a Indonésia interessou-se tanto pelo futuro de Timor que Jacarta pôs todos os mecanismos a accionar para levar a água ao seu moinho, recorrendo mesmo, por fim, à intervenção armada. Esta guerra era desnecessária, porque não tinha razão de ser, quer no campo político, étnico e religioso. Foi antes uma atitude militarista de recurso à força para conseguir os objectivos políticos, o que só veio a denegrir o nome da Indonésia.

O objectivo deste trabalho é também o de apresentar algumas das diversas facetas constituintes da nação Timorense que, geograficamente quase insignificante, revela uma personalidade histórica própria, que resistiu estoicamente às guerras e violências que a pretenderam sufocar. Os seus encantos naturais, a sua posição geo-estratégica, as suas crenças, tradições, a reacção e a resposta do seu povo perante os estranhos, enfim, toda a sua existência, consubstanciada em lutas e guerras que foram ultrapassadas com heroísmo e determinação, só vem a contribuir para fortificar a sua identidade como Povo.

III.

TIMOR PRÉ-COLONIAL

A falta de dados históricos a respeito dos primeiros habitantes de Timor dá lugar a hipóteses que tentam explicar a sua procedência, bem como a época em que os primeiros seres humanos aportaram na Ilha de Timor.[1]

Em épocas muita recuadas, o Arquipélago em que Timor se encontra inserido tinha sido palco de sucessivas movimentações humanas que, forçadas por outros invasores ou intempéries climatéricas, partiram em direcção ao Sul, em demanda de meios de sobrevivência ou climas mais amenos .

Segundo alguns entendidos, essa movimentação registou-se na direcção Norte para Sul. Os povos que viviam na Ásia Central, devido às épocas glaciares, começaram a deslocar-se em direcção ao Sul, à procura de um clima mais ameno empurrando outras populações progressivamente mais para sul. E como as superfícies terrestres de então ainda serviam de ponte entre as diversas ilhas, a movimentação humana processou-se em geral por duas vias principais: ou passando pela Tailândia, Malásia, Sumatra e Borneo, vindo desaguar nas restantes Ilhas da Insulíndia; ou por outra via, que era a da China, Taiwan-Filipinas-Timor-Austrália.

Esta segunda via era menos conhecida, mas evidenciada em semelhanças culturais, linguísticas e toponímicas, entre Timor e as Filipinas.[2] E, de facto, recentemente, em 1974, o antropólogo australiano Alan Thorne e uma equipa da Australian National University descobriram, nos arredores de Lake Mungo – Lago Mung, em New South Wales, Austrália –, o esqueleto de um ser humano que, conhecido por «Mungo Man», conforme a análise de DNA tinha cerca de 60 000 anos, portanto, era um dos mais velhos esqueletos de homo sapiens sapiens na Ásia. Afirmam estes antropólogos ser provável que esse homem tivesse ascendente chinês chegando à

1 O melhor estudo para a compreensão da pré-história da região ecológica e humana em que se integra Timor Leste encontra-se na obra fundamental de BELLWOOD, Peter – Prehistory of the Indo-Malaysian Archipelago. Honolulu, University of Hawai'i Press, 1997. Texto mais especializado, mas não isento de erros, é o trabalho de ALMEIDA, António de – Contribuição para o estudo do neolítico de Timor Português. In: Estudos sobre Pré-História do Ultramar Português. Lisboa: Junta de Investigações do Ultramar, 1960, pp. 125-141 (Memórias. Segunda série; 16)

2 As sugestões adiantadas pelo nosso autor sobre as relações históricas demoradas entre as Filipinas e Timor são especialmente inteligentes, podendo ganhar mais profundidade científica com a consulta de SCOTT, Wiiliam Henry – Looking for the Pre-Hispanic Filipino. Quezon City: New Day Publishers, 1992.

Austrália via Filipinas e Timor.[3]

Estes novos dados concorrem, em certa medida, para esclarecer a semelhança de alguns termos entre o Tagalo (língua nacional das Filipinas) e o Tétum (língua nacional de Timor), bem como a semelhança entre alguns traços de cultura e toponímias.

Dizem os entendidos que Timor estava inserido no universo do grupo das línguas austronésias, o qual vai de Formosa até Hawai na direcção Leste-Oeste e de Madagascar até aos Mauris da Nova Zelândia, de latitude Norte para Sul. Assim, praticamente, tirando o continente australiano, todas as ilhas dispersas dentro das coordenadas acima referidas constituem o universo austronésio, que é caracterizado por vários denominadores comuns aos diversos povos desse universo. Um deles encontra-se na navegação marítima, sendo comum a utilização de pirogas com flutuadores laterais, para se poderem balançar bem sobre as ondas. Na agricultura, o recurso ao búfalo na lavoura das várzeas ou campos de arroz é comum nesta ampla região austronésia. E alguns desses povos, tais como os Filipinos e Timorenses, têm os arrozais feitos em pirâmides, ou em socalcos, sobre as encostas das montanhas. No que concerne a construção de habitações, o bambu e as folhas de palmeira são largamente utilizados para construir as casas em forma de palafitas. Na confecção de panos de algodão, usam estas populações tearas semelhantes para confeccionar panos com cores muito vivas. Nos trajes e adornos, penachos de galos, lenços muito coloridos na cabeça, adornada de penas e enfeitada com uma meia-lua. E no pescoço, medalhões em forma de lua crescente, feitos de prata ou ouro. E os pés dos dançarinos são adornados com barbas de cabritos. Isto é muito vulgar nas Filipinas e em Timor.

Verifica-se também a utilização comum de bambú para instrumentos de música, de peles de animais para batuques e de latões para os tradicionais «gongs». Instrumentos de guerra e de caça, tais como flecha, a lança e a espada, são comuns. E nos passatempos ou nos lazeres, a luta de galo é considerado o desporto mais popular entre Timorenses e Filipinos.[4]

Na língua, a semelhança é mais acentuada, sobretudo entre o Tagalo, a língua nacional dos Filipinos, e o Tétum, a língua nacional de Timor Lorosae. Termos como nomes de animais aço (cão), busa (gato), mano (galo, pássaro), ina (mãe), ama (pai), karabau (búfalo), tulun (ajuda), etc; toponimias tais como Baguio, uma região montanhosa nas Filipinas, e Baguia, também outra região montanhosa em Timor, no distrito de Baucau e Manato, uma vila nas Filipinas, e Manatuto, um distrito de Timor.

3 Estas descobertas arqueológicas e o debate que têm vindo a gerar na investigação da pré-história do Sudeste Asiático e da Austrália podem seguir-se em PADDAYYA, K. & BELLWOOD, P.– South and Southeast Asia. Archaeology. The Widening Debate (Ed. B. Cunliffe, W. Davies, C. Renfrew), British Academy Centenary. Oxford: Oxford University Press, 2002, pp. 295-334.

4 Sobre a importância e sentido antroprológicos da luta de galos, largamente disseminada em todas as culturas do Sudeste Asiático, veja-se a monografia de OLIVEIRA, Carlos Ramos de – Lutas de galos em Timor. In: Geographica. Revista da Sociedade de Geografia de Lisboa. Lisboa, Ano VII, nº 28 (1971), pp. 55-68.

IV.

TIMOR EDÍLICO

Algures no Mundo, quase esquecida pelos homens, apenas acariciada pelo azul turqueza do mar de Banda e de Arafura, a Ilha de Timor emerge como um descomunal crocodilo que rebenta com fúria as ondas marítimas, qual Adamastor dos Mares do Sol Nascente que ronda e vigia as costas do norte de Austrália e o sul do arquipélago das Pequenas Sundas.

Distando da cidade australiana de Darwin cerca de 560 kms e de Jacarta 2000, de Macau 3200km e 11500 de Moçambique; quatro vezes maior do que Brunei Darussalam; 40 vezes maior do que Singapura, Timor constitui a fronteira natural entre a Ásia e a Austrália e encontra-se numa posição privilegiada, onde se misturam as águas de dois oceanos: Índico e Pacífico.[1]

Até 1975, Timor tinha sido uma terra de trabalho e de abundância para os Timorenses; instância turística para quantos a visitavam e oásis de paz para todos. Timor é abençoado com um micro-clima dotado de uma gama variada de temperaturas, indo de tropical até alpina, com as suas praias douradas sempre abertas à roda do ano, o céu sempre azul e sulcado de alegre passarada que dá horas ao Timorense, as suas serras a furar as nuvens - a mais alta das quais é o Tata-Mai-Lau, com 3.000 metros de altitude.

Rico em água, até as suas ribeiras cristalinas têm camarões e peixes, terra de lagartos alados, de café mundialmente apreciado e procurado, banhado pelo Índico e Pacífico, Timor marca até 1975 a fronteira mais longínqua do que foi o Império Português, que o «Sol em nascendo vê primeiro», no dizer do imortal Camões.

---

1 É precisamente no corredor de ilhas do arquipélago das Sundas Menores e em Timor que se organiza o contacto entre o Índico e o Pacífico. Por razões geológicas, o oceano Pacífico é, nesta área, três centímetros mais elevado do que o Índico, obrigando a navegação marítima a fazer-se com dificuldades através dos canais entre estas ilhas muitas. No caso de Timor, o acesso marítimo fazia-se historicamente pelo norte, navegando o canal das Flores, entre a sua costa oriental e a pequena ilha de Solor, espaço da primeira fixação portuguesa na região.

O Guardião do Éden

Nado e criado nessa idílica Ilha, embalada por dois oceanos, Índico e Pacífico, ou Mar de Banda ou **taci-feto** ao Norte e Mar de Arafura ou **taci-mane** ao Sul,[2] o Timorense desconhece, até 1975, o que é a miséria, a fome, a violência, pois a terra é pródiga e generosa em dar-lhe tudo quanto necessita para a sua sobrevivência, bem-estar e conforto.

O Timorense era reputado como um povo simples, rural, ecológico e agrícola, extremamente hospitaleiro e pacífico, podendo, no entanto, tornar-se belicoso quando se sente ferido no seu orgulho e na sua dignidade, ou então para honrar os compromissos solenemente assumidos. Longe de tudo e de todos, o Timorense vivia uma vida despreocupada e feliz, no seio de uma natureza sempre em festa. E assim, desde muito cedo se enamora pelos encantos naturais que o rodeiam.

O sussurar de uma fonte, o rugir ameaçador de uma ribeira em cheia, o esplendor de um nascer ou pôr-do-sol, a serenidade e doçura de uma noite de luar, o aroma de flores silvestres, o chilrear alegre da passarada, tudo isto modelou e enfeitiçou tanto a alma do Timorense que, ora se mostra tímido e supersticioso perante a majestade da natureza, ora se mostra sentimental e saudosista pela sua aldeia perdida entre os montes e vales; ou pela Ilha que lhe serviu de berço, quando é forçado a viver fora e longe dela.

Tal sensibilidade artística tende a revelar-se mais através de sons e ritmos, ou seja, cantos e danças. Aqueles que já estiveram em Timor, no tempo de paz, terão com certeza observado que a vida do Timorense é sempre pautada e ritmada com e pela música. Apetecia-me mesmo dizer que o Timorense é um músico nato, trabalhando a cantar na sua faina agrícola, desde a sementeira, monda, colheita, até na debulha de arroz e de milho. Na pesca, na caça, na construção de casas, no transporte de cargas, o Timorense não o faz sem o tradicional canto.

Sofrendo a cantar: cantos fúnebres para a velada de mortos ou prestar homenagem aos seus defuntos ou ***matebian***.

Viajando a cantar: andarilho por natureza, o Timorense canta para atenuar as fadigas da sua viagem ou anunciar a sua aproximação para os amigos da povoação ou do local para onde se desloca.

Guerreando a cantar: são famosos os cantos bélicos ou danças guerreiras, como a conhecida e popular ***lorosae*** ou ***lorosá***, que consta de três movimentos: o primeiro movimento simula o pedido de autorização da guerra (a sua justificação); o segundo movimento dramatiza a própria guerra em si e o terceiro movimento glorifica o regresso triunfal dos ***assuains*** ou heróis.

Supersticioso e crente por natureza, o Timorense conta também no seu reportório musical cantos de carácter religioso para rogar a protecção dos entes superiores ou ***lúlik***, seres sagrados e intocáveis com poderes super-humanos.

E também há cantos apropriados para embalar a criança, convidando-as a dormir.

No campo religioso, pode-se afirmar que é difícil encontrar um Timorense que seja um incrédulo ou ateu. Todo o Timorense admite a existência de um Ser superior, ***Maromak***. Eis a razão por que o Timorense aceita sem grande resistência a religião cristã, cuja presença é omnipresente em toda a Ilha. Nos montes e vales há sempre uma Igreja, capela ou ermida ou um cruzeiro a afirmar a Fé.

DILI - a Capital

Repousando sobre uma das mais belas e imponentes baías do Oriente, acariciada por águas cristalinas do azul marinho e orlada de areias douradas, Dili tem sido a fonte de inspiração para os amantes da Arte, desde fotógrafos, pintores como Herculano Estorninho, cineastas, até poetas e músicos.

Os turistas, que antes da ocupação tinham visitado Timor, não esconderam a sua admiração pela magnificência da Baía de Dili, embelezada por um bom número de praias. Na verdade, quem de barco se aproxima de Dili, numa manhã ou tarde morna de verão, terá a oportunidade de apreciar um dos mais belos cenários com que a mãe natureza dotou o nosso planeta. A nossos pés, estende-se a superfície aquática de azul marinho, animada por cardumes de golfinhos que com os seus saltos caprichosos, tentam perturbar a calmaria e serenidade das águas da Baía, que se estende desde Fatu-Cama até a foz da Ribeira de Comoro.

É nesta extensão aproximadamente de 10 kms que se encontram localizadas as mais atractivas praias de Dili, começando pela de Areia

2 Taci-feto pode traduzir-se quase literalmente como «mar-mulher» em oposição ao Taci-mane, o «mar-homem» mais violento das costa sul de Timor Leste.

Branca, a mais conhecida, seguindo-se depois as de Bekaril, Santana, Beach House, Lecidere ou Sota, Intendência Farol, Praia dos Coqueiros e Comoro. Uma delas é orlada com graciosos coqueiros que, embalados pelo vento, se debruçam preguiçosamente sobre as águas argentinas, como que a querer beijá-las. É a praia dos Coqueiros.

Lá mais ao longe, a contornar a cidade de Dili, emergindo entre frondosas matas de gundões, samplos, faus e acácias, as colinas alteiam-se em montanhas, revestidas de um tapete de eucaliptos que servem de moldura natural da Baía, coberta por uma abóboda sempre azul, sulcada pela alegre passarada e onde, em tempos de paz, vários iates (incluindo o do navegador Francês Alain Gilbault) que sulcaram os mares do Oriente encontraram um ancoradouro ideal, para recuperar as energias, tonificar os pulmões e abastecer-se do que era necessário.

O pôr-do-sol que se disfruta da Baía de Dili oferece-nos um dos cenários mais belos e sublimes com que a Mãe Natureza nos mimoseou. O astro-rei esconde-se por detrás da ilha de Alor, reflectindo no espaço celeste. E na tranquila superfície do mar, um gigantesco leque dourado, criando uma cúpula de luz que ilumina suavemente as ilhas de Alor, Ataúro, Weter e Lira, e a zona de Tíbar e Liquiça.

A claridade do entardecer e do pôr do Sol é tão suave que não fere a vista, formando um quadro tão majestoso que merece ser reproduzido em telas de artistas. E lá, no horizonte da Baía, sob a pálida luz do astro-rei, apenas se vê a vela de um beiro que regressa atrasado ao porto, depois de um dia de faina marítima. Por isso, qualquer Timorense sente saudades da Ilha que lhe serviu de berço, quando é forçado a viver longe dela... O que obriga a reproduzir aqui esta sentida mensagem.

Mensagem

Laloran nebe,baku dadaun
Eh anin nebe, hu dadaun

Fitun nebe, lakan dadaun
Kalohan nebe, liu dadaun

Loro nebe, sae dadaun
Eh fulan nebe, mout dadun

Udan nebe, tau dadaun
Eh mota nebe, suli dadaun

Manu nebe,semo dadaun
Eh ikan nebe, nani dadaun

Nakroman nebe, mai dadaun
Eh kalan nebe, tun dadaun

Tinan nebe, tarutu dadaun
Eh rai nebe, lakan dadaun

Lalehan nebe,as be as
Eh taci nebe klean be klean

Refrão

Imi ba hodi tatoli
Ba hau nia Rain.
Hau hakarak hare
Mai be dalan sei klot
Eh rai sei nakukun.

Ondas, que brincais nas minhas praias
Brisas que beijais os meus outeiros

Estrelas, que brilhais no firmamento,
Nuvens, que errais pelo espaço,

Sol, que desponta no horizonte
Lua, que se eclipsa na penumbra

Chuvas, que refrescais a terra
Ribeiras, que deslizais para o mar

Aves, que cortais os ares
Peixes, que sulcais o azul marino

Aurora, que raiais no fim da noite
Noite, que escurece a luz do dia

Relâmpagos, que fuzilais a atmosfera
Raios, que encandeais o horizonte

Firmamento tão elevado
Oceano tão profundo

Refrão

Dizei-me vós....
Algo do meu torrão natal
Anseio ve-lo ,mas
O caminho ainda é vedado
E a noite ainda é escura.

P. Francisco M. Fernandes

Éden Violado e Ocupado por estranhos

Diz a Bíblia que na aurora da Humanidade, numa era sem data e num espaço sem distância, os nossos primeiros pais, Adão e Eva, foram expulsos para sempre de seu paraíso terreal. Sendo esta expulsão justificada pela desobediência ao Criador, consequentemente o paraíso de Adão e Eva também deixou de existir. Decorridas milhões de gerações, a história de Adão e Eva repetiu-se com os habitantes de uma edénica Ilha, chamada Timor, cujos habitantes, ao contrário de Adão e Eva, não tiveram culpa pela sua destruição e, por isso, sempre confiaram que um dia haveriam recuperar o seu Éden.

A 7 de Dezembro de 1975, o regime do ditador Suharto, aproveitando o desenrolar da descolonização feita pelo Governo Português saído da Revolução do 25 de Abril, criou um clima de instabilidade política em Timor, a fim de usá-lo como pretexto para invadir e ocupar Timor. A concretização desse plano maquiavélico teve como consequência a expulsão e êxodo de uma percentagem significante de Timorenses, outros gemendo nas masmorras do invasor e a maioria foi forçada a viver sob um regime de terror e violência, privada de liberdade, de protecção e defesa.

Vinte e cinco anos de ocupação javanesa transformaram a edénica ilha num autêntico inferno, onde só há destruição, dor, sofrimento, violência, lágrimas e luto. Mais de 200 mil Timorenses perderam a vida em menos de duas décadas.

E como se isso não bastasse, o inimigo procurou pôr em prática uma política brutal e desumana, que visa a exterminação total de um povo, através de actos de violência, massacres, programas de esterilização obrigatória e prisões em massa, transformando o Éden numa autêntica prisão, onde o Povo Timorense ficou privado de apoio, de protecção e defesa.

V.

A EXPRESSÃO MÍTICA E TRADICIONAL DO SOFRIMENTO DO POVO

Todo este cenário extremamente lamentável e doloroso é expresso e caracterizado em linguagem tradicional de "**dadolik**"[1] que, com a sua musicalidade e paralelismo de ideias à laia de salmos bíblicos, expressa bem em termos míticos e realísticos o sentimento do Povo sobre o mar de dor que inundou o Povo Timorense durante um quarto do século. A canção, quase ladainha, da *Laran Besi Assu* testemunha esta dimensão de sofrimento, convocando elementos tradicionais da cultura timorense:

LARAN BESI ASSU (CORAGEM)

Invocação Aos entes tutelares tradicionais.	Loro Sae, Loro monu Loro mosu, Loro toban Tasi feto, taci mane Rai hun, rai ikun	Do nascer ao pôr-do-sol Do amanhecer ao poente Do mar do norte ao mar do sul Da montanha ao litoral
2	Hun no rohan Ulun no ikun Bot no bein Aman no Inan	Do princípio ao fim Da cabeça à cauda Nosso Deus e antepassados Nossas mães e nossos pais
3 Desabafo de abandono	Ami tur mesak Ami hela mesak Hori seik hamutuk Ohin laek ona	Sentámo-nos sozinhos Vivemos sozinhos Ontem juntos Hoje nada
4 Desabafo de dor	Hori uluk hasolok Ohin neon sala Ema tomak kdok Buat hotu lakon	Antes havia felicidade Hoje, só tristeza Toda a gente afastada Toda a gente perdida

1 Mais correctamente dadoulik designa uma composição em verso transmitida de geração em geração por um «senhor da palavra» (lia ná'i) com uma posição destacada na comunidade tradicional local por ser precisamente o guardião da história legendária e genealógica da sua linhagem.

5
A dor sem alívio

Hamatan ba lalehan	Olhai para o céu
Aas be aas	É tão alto
Hateke ba taci	Olhai para o mar
Naruk be naruk	É tão vasto

6

Foti lian halikar	Ergue alto a voz
Se be rona	para quem escuta
Tanis loron e kalan	Chora noite e dia
Se be ksolok	para quem consola

7
Até a natureza associa a dor do Povo

Manu la lian tan	Os galos não cantam
Asu la tenu teni	Os cães não ladram
Kakoak la lian	As aves não cantam
Bereliku la semo	Os pássaros não voam
Tinan la tarutu	Já não há trovoada
Udan mos la tau	E os raios deixaram de aparecer

8

Mota sira la tun	Os rios deixaram de correr
Duut mos la nurak	A erva parou de crescer
Bua mos la saren	As árvores de betel já não florescem
Malus mos la dikin	As nozes de betel já não rebentam

9
Sofrimento generalizado

Rai bot, rai kiik	Sejam importantes ou humildes
Mate hamalaha	Todos de fomes morrem
Balada no ema	Gados e gentes
Sorte hanesa	têm o destino marcado

10

Povos lian la sae	A voz do povo não é ouvida
Reinu ibun la loke	A sua boca já não se abre
Bok an la biban	Acabaram-se as oportunidades
Lao mos labele	Viajar também não podem

11
O Povo interroga o motivo de sofrimento

Tan sa ita susar?	Porque é que existem problemas?
E tan sa ita terus	E porque é que sofremos?
Tan sa ita tanis?	Porque é que choramos?
Tan sa ita moras?	E porque é que estamos doentes?
Tan sa ita mate?	Porque é que morremos?
E mate hamalaha?	E porque morremos de fome?

12
O responsável pela dor e sofrimento

Rai itan sae at	O nosso país transformou-se no Inferno
Tan “bapa” sira	Por causa dos Indonésios
Rai itan hetan susar	O nosso país em conflito
Tan Javanês	Por causa do javanês

13

Sira mai hadau	Vieram para tirar
Ita nia Rain	A nossa terra
Sira mai haneha-	Vieram para conquistar
Ita nia emar	O nosso povo

14

Lori sira nia susar	Trouxeram os seus problemas
Bou ba ita	Para os disseminar entre nós
Lori sira nia todan	Trouxeram a sua opressão
Riba ba ita	Para nos curvar

15

Lia los la rona	A verdade não é ouvida
Dustisa la halo	A Justiça não existe
Ema tur la kmatek	O povo não consegue sentar-se em paz
Toba mos la dúkur	E deita-se sem conseguir dormir

16
Quem nos poderá valer?

Se tulun ita?	Quem nos pode ajudar?
Se bali ita?	Quem cuidará de nós?
Maluk sira iha be?	Onde está a nossa família?
Belu sira iha be?	Onde estão os nossos amigos?

17

Ulun sira iha be?
Ukun sira iha be?
MAROMAK iha be?
Lulik sira iha be?

Onde param os nossos dirigentes?
Onde estão as autoridades?
Onde está Deus?
Onde estão os "luliks"

18

Susar e terus
Ita terus mesak?
Dadur e mate,
Ita mate mesak?

Problemas e angústias:
Teremos de sofrer isolados?
Temores e morte:
Teremos de morrer sozinhos?

19

Maluk sira iha be?
Ulun sira iha be?
Maromak iha be?
Lulik sira iha be?

Onde estão os nossos parentes?
Onde se encontram os nossos dirigentes?
Onde está Deus?
Onde estão os "luliks"?

20
Só a Igreja sofre ao nosso lado
e tenta aliviar a nossa dor

Ita Aman Kareda
Hae terus no ita
Ita Inan Kareda
Hae bali ita susar

O nosso Pai, a Igreja,
Partilha o nosso sofrimento
A nossa Mãe, a Igreja,
Resolve os nossos problemas

21
Fé em Deus Altíssimo

Maromak iha leten
Rona ami lian
Nain Feto iha ass
Tulun oan ami

Deus que estais no Céu
Escuta a nossa oração
Nossa Mãe que estais no Céu
Ajuda os teus filhos

22

Laran metin ba ITA
Timor sei manan
Fuan metin ba ITA
Timor sei sai diak

Confiando em Ti
Timor vencerá
Acreditando em Ti
Timor viverá em Paz

23
A súplica de Timor foi ouvida

Timor sai diak tebes
Hetan ona diak
Timor sai kmanek tebes
Ukun racik an

Timor está feliz
Por alcançar o seu objectivo
Timor tem sorte
Por ganhar a Independência

24
O agradecimento de Timor é
tão elevado como o Ramelau e
longo como Ribeira de Lacló

Obrigado ba Nai
Ass Ramelau
Obrigado ba Amo
Naruk Mota Laculo

As Graças de Deus
São tão altas como a montanha do Ramelau
As Graças de Deus
São tão extensas como a Ribeira de Lacló

25
Para conhecimento de todos os
Povos no Tempo e no Espaço

Ass hodi hatudo
Ba ema tomak
Naruk nodi hatete
Ba Mundo Rai Klaran

São tão grandes os agradecimentos
para que toda a gente conheça
São tão demorados os agradecimentos
para que todo o Mundo fique a saber

26
Que o Pai do Ceu e Mãe
Celestial hão-de sempre
amparar Timor

Ami Aman Maromak
Inan Nain Feto
Tau liman nafatin-
Ba ona Timor sira

Deus é o Nosso Pai
Nossa Senhora é a Nossa Mãe
Sempre ajudaram o povo de Timor Leste
Sempre protegeram Timor Lorosae

Tau matan nafatin
Ba Timor Lorosae.

TIMORENSES UNI-VOS

Na hora da luta, a música e os poemas são forças que electrizam multidões e mobilizam forças para defender uma causa nobre e conseguir um objectivo nacional - no caso de Timor, é a sua libertação. A música actua como vitaminas que dão mais força aos homens. Actua como o café de Timor que dá mais energia e força aos sonolentos. À falta de melhores, tentamos lançar a mão daquilo que é mais acessível e fácil, mas que expressa o sentimento nacional na hora de luta como neste hino **LOSU Ó NIA SURIK** que é um modesto contributo para a libertação de Timor:

	Losu Ó Nia Surik	*Desambainha a tua Espada*
Introdução	Timor oan mai hamutuk Fóti ita Rain Timor Oan mai hamutuk Tane ita Rain	Uni-vos,Timorenses Para defender a nossa Terra Uni-vos, Timorense Para exaltar a nossa Terra
1	Maun alin Timor Losu ó nia surik Tuda ó nia diman, Hakas ó ria raman,	Irmãos Timorenses Desembainha a tua espada Lança a tua azagaia Prepara o teu arco,
	Bá hamós Balada fuik nebe Mai hóci rai seluk Tama iha ó rain	Vai eliminar, As feras, Vindas do estrangeiro Que invadiram a nossa Terra
REFRÃO	*Rai Timor-Dili* *Táci Timor Dili*	*Terra de Timor Dili* *Mar de Timor Dili*
2	Maun alin Timor- Ó hare ka lae Ó rona ka lae Terus iha ó rain- Hadia-an Haklibur ó nia kbit Duni ó funo maluk Hóci ó nia Rain	Irmãos Timorenses Viste ou não Ouviste ou não O genocídio na tua terra Prepara-te Concentra-te Escorraça o inimigo Da tua terra
REFRÃO	*Rai Timor-Dili* *Táci Timor Dili*	*Terra de Timor Dili* *Mar de Timor Dili*
3	Maun alin Timor Lau lemo rai- Keta oli haluha. Susar iha ó rain Hakaas an Escola sai matenek Serviso hó badinas Foti ó nia rain	Irmãos Timorenses Espalhados pelo Mundo Nunca vos esqueçais O sofrimento na tua terra. Esforce-te Valoriza-te no estudo E no trabalho Para o orgulho da tua terra
REFRÃO	*Rai Timor-Dili* *Táci Timor Dili*	*Terra de Timor Dili* *Mar de Timor Dili*
	Timor Loro sae, Nabilan dudar loro Lakan loro-loron Ba mundo rai klaran. Timor oan hamutuk Atu foti ita rain Timor oan hamutuk- Atu tane Ita Rain	Timor Leste Brilhante como o sol Ilumina todos os dias Os povos do Mundo Uni-vos Timorenses. Para defender a nossa Terra. Uni-vos Timorenses Para amparar a nossa terra

ÉDEN RECUPERADO

Ao contrário de Adão e Eva, que perderam para sempre o seu paraíso (nem os seus descendentes o aproveitaram), os Timorenses foram mais felizes, pois na aurora do terceiro Milénio o Éden foi recuperado. Os Timorenses da Diáspora podem regressar com orgulho e júbilo para o seu paraíso libertado, depois de 25 anos de luta estóica na frente armada, diplomática e clandestina. Regressaram com alegria e dignidade porque conseguiram ganhar uma causa justa contra um regime despótico, autoritário e sanguinário.

A Fé dos Timorenses no Criador, a confiança nos homens de boa vontade e na solidariedade internacional e, sobretudo, a sua determinação em sacudir o jugo estrangeiro, foram coroadas de êxito. A Justiça triunfou finalmente sobre a injustiça, violência e crime. E prepara-se, assim, o caminho para criar um clima de paz e progresso.

Quanto mais difícil é a luta e amargo é o sofrimento do povo, mais saboroso é o triunfo. E a libertação de Timor também beneficiou o povo irmão da Indonésia que foi vítima do mesmo regime tirânico, cujo colapso deu lugar à democracia na República da Indonésia. No seu regresso, os Timorenses encontraram o seu paraíso, mergulhado e submerso numa onda de destruição sem precedente. Destruição de vidas humanas, da sua cultura e da sua História. Autêntico genocídio físico e genocídio cultural. Destruição de seu solo e subsolo, das suas plantações ou ***abat***, da sua fauna e flora, da sua maneira de ser, pensar e agir. As suas aldeias ou ***knua***, construídas com sacrifício durante gerações, e situadas nas encostas das montanhas ou nos píncaros das colinas verdejantes, bafejadas por um clima ameno e mergulhadas num ambiente bucólico, foram votadas ao abandono e transformaram-se em ruínas.

A alegre passarada, que antes fazia parte integrante da vida do Timorense, também não escapou à onda da destruição. Os ***luricos*** coloridos, os irrequietos ***kakoaks***, os milhafres ou altaneiro ***makikits*** e ***maksakur*** foram caçados pelo invasor para serem vendidos a preço de ouro como peças exóticas noutros mercados da sociedade de consumo. Os pássaros, que antes da invasão, com o seu gorgeio, actuavam como relógio para os Timorenses, durante o dia e a noite, ficaram mudos. As aves, que costumavam anunciar as chuvas e a preparação dos campos para a sementeira, também deixaram de cantar.

Os velozes e airosos veados e corças, os possantes e pachorrentos búfalos, que serviam para o amanho das várzeas ou campos de arroz, foram abatidos e dizimados, sem dó nem piedade.

Os frondosos e gigantescos gundões ou ***hális***, e as florestas verdejantes da Ilha, foram destruídas com fogo para evitar o esconderijo e santuário dos guerrilheiros. Do aromático sândalo, nem as raízes escapam à exploração dos ocupantes, pois os bárbaros exploram tudo, até arrancando as raízes.[2]

E a devastação das florestas teve o nefasto efeito na ecologia. As fontes de água puríssima secaram-se. As cascatas, que espalhavam lençóis de águas cristalinas, perderam a sua imponência. Os regatos deixaram de correr. E as tradicionais e intocáveis ***belulik*** ou fontes sagradas deixaram de ser sagradas, porque foram profanadas pelo inimigo.

Até as próprias Igrejas foram queimadas e destruídas.

2 Uma boa investigação sobre o impacto ecológico da invasão e ocupação indonésias de Timor Leste pode encontrar-se em ADITJONDRO, George J. – *In the Shadow of Mount Ramelau: The Impact of the Indonesian Occupation of East Timor.* Leiden: Indonesian Documentation and Information Centre, 1994.

VI.
TIMOR MÍTICO

Fernando Pessoa, com meia dúzia de palavras, definiu magistralmente: ***o mito é o nada que é tudo***. Mito é o conceito que engloba no seu conteúdo as diversas manifestações culturais da vida de um povo, evidenciadas através da religião, literatura, cultura, arte, lutas, guerras e tradições de um povo, o seu universo imaginário e invisível. Tudo isto desenrola-se dentro de um universo nebuloso sem contornos bem definidos, misturando a história dos deuses, dos heróis, com outras figuras ilustres de um povo e até de animais.

Alguém afirma que o Mito é a *palavra-chave, o traço da união que tentacularmente aproxima e que numa distância sem espaço ou numa cronologia sem tempo, permite falar de tudo desde os tempos mais recuados até os novos mitos dos nossos dias, nos campos de futebol, ou nas pistas olímpicas ou nos palcos iluminados pelos raios lazers, numa sociedade sem classes ou na guerra das estrelas.*

É o nada que é tudo, na perspectiva de Fernando Pessoa, e também afecta e modela a maneira do ser e pensar do Timorense. As narrações contidas no mito, ao contrário das da História, não existem na realidade, isto é, não existem «de facto», mas apenas no mundo do imaginário e da fantasia. Todavia, tanto as narrações históricas como míticas, envolvem ideias relacionadas com o tempo e espaço, deixando marcas muito fortes na cultura, tradição e história dos povos, porque ajudam a dar resposta às perguntas que a curiosidade do povo costuma formular. E o facto de o Povo Timorense viver na sua Ilha, isolado do resto do Mundo (acabando por pensar que só Timor existe no Universo e que fora de Timor nada mais existe, concretizando essa ideia de Timorcentrismo).

Desde os tempos mais recuados, a curiosidade tem levado o Timorense a questionar: qual é a origem de Timor? E donde vieram os Timorenses?

A conhecida e tradicional lenda da criança e do crocodilo parece ser resposta para estas perguntas.

E também os Timorenses desejavam saber algo sobre os povos

com quem contactaram ao longo da sua História e questionam assim: donde vieram os Portugueses? Os Africanos, os Indianos e os Chineses?

Na tentativa de esclarecer a origem dos povos acima referidos, sobretudo dos Portugueses e Chineses, dizem alguns dos ***lianains***[1] que estes povos não são mais do que descendentes dos antepassados defuntos, os Timorenses.

Tal afirmação leva-nos a entender que os ***lianains*** acreditam na reencarnação dos Timorenses já falecidos, reencarnados mais tarde nos povos Portugueses e até nos Chineses. E tudo isto acontece dentro do contexto da lenda ***Uran wake***,[2] que se descreve nas páginas seguintes.

Em face da diferença cutânea dos povos com quem contactaram, os Timorenses continuam a perguntar: porque é que os Portugueses e Chineses têm a pele branca? E os Africanos não? E porque é que os Timorenses têm uma pele menos branca e menos escura? Surge então outra lenda ou mito para responder a estas perguntas.

Diz a lenda que quando Deus criou os seres humanos, fê-los em três fornadas, cozendo bonecos de barro, moldados pelo próprio Deus. Na primeira fornada, Deus fez a imagem do homem feita em barro e pô-lo no ***uran***, significando panela (em língua Galole). Mas como Deus estava ansioso para ver o efeito do seu trabalho, não deu tempo suficiente para a cozedura dos bonecos. E dessa primeira fornada saiu a raça branca. Nota-se hoje que os Europeus e Australianos gostam muito de banho de sol para bronzear a pele, necessitando de completar dessa maneira a cozedura que ficou incompleta na primeira fornada. Na segunda fornada, Deus não se preocupou muito em tirar depressa os bonecos do uran, e assim os bonecos ficaram bastante queimados. É a fornada de raça preta. Na terceira e última fornada, com a experiência das duas primeiras fornadas, Deus acautelou-se em calcular bem o tempo para os bonecos não ficarem muito brancos e nem muito queimados. É a fornada da raça Timorense, que nem é muito branca e nem é muito queimada. É o meio termo entre as raças das duas primeiras fornadas.

Há ainda outra versão da lenda sobre as raças. Dizem que os de raça preta nasceram durante a noite. Sem a luz do sol e por isso tudo é escuro. A raça branca nasceu entre as 11 horas e as 3 horas. Abundância da luz e claridade. A raça morena nasceu na parte da manhã ou na tarde do dia em que a luz do sol é mais suave e a claridade é menos forte

Na mitologia timorense, os animais desempenharam um papel importante. Assim, a origem de Timor está relacionada com a história do crocodilo. As enguias, as aves míticas como ***sakoko*** e ***fontiana***, ou os animais como ***dóri-hui***, fazem parte da cultura mítica do Timorense.

A mitologia Timorense é rica e variada, tal como o é o seu património etnolinguístico, que é constituído por 31 línguas e dialectos, que se acomodam num espaço geográfico tão reduzido.

Possivelmente, é o único fenómeno deste tipo observado no Mundo.

Não houve, infelizmente, uma preocupação em fazer um trabalho sério de recolha de lendas em todo Timor.[3] As publicações que nos chegaram devem-se aos esforços de missionários que, dentro do seu limitado tempo e parcos recursos, ainda conseguiram salvar uma pequena percentagem desse tesouro que morreu com os seus guardiões: os ***catuas***, ***lia-nains***, os ***matan-doks***, os ***badécis*** e os ***tata-gasis***, etc.

Foram os Missionários Padres Artur Basílio de Sá, Ezequiel Enes Pascoal e Jorge Barros Duarte, e um ou outro pessoal administrativo que nos perseveraram algumas sabedorias ou sagas dos ***lia-nains*** Timorenses, com a ajuda dos grandes ***lia-nains***, tais como os Mestres Paulo Quintão de Soibada e Marçal Andrade de Alas,[4] os ***tata-gasis***

1 A noção social e simbólica fundamental de lianain (*lia ná'i*) pode traduzir-se quase literalmente como «senhor da palavra», referenciando o depositário da memória oral e da genealogia da linhagem, depois transmitidas quase iniciaticamente a outros «senhores da palavra» ou recordadas em festivais sócio-religiosos muito especiais.

2 Esta legenda fundacional das «raças» universais encontra-se também publicada em SANTOS, Eduardo dos – *Kanoik : Lendas e mitos de Timor.* Lisboa: [s.n.], 1967. No entanto, a narração proposta pelo P. Francisco Fernandes mostra-se mais pormenorizada indicando a sua frequência pessoal desta lenda de Uran wake.

3 Para além da obra de Eduardo dos Santos atrás referida, mas reunindo sem quaisquer critérios científicos mitos e legendas timorenses, importa continuar a frequentar o importante, mas infelizmente incompleto, trabalho de SÁ, Artur Basílio de – *Textos em Teto da Literatura Oral Timorense*. Lisboa: Junta de Investigações do Ultramar, 1961, I (só foi publicado este primeiro volume). Obra ainda com interesse nesta área é a muito adaptada e modernizada compilação de literatura oral timorense reunida em CAMPO, José Augusto Correia de – *Mitos e Contos do Timor Português*. Lisboa: AGU, 1967.

4 Estes dois *lia-nains*, Paulo Quintão e Marçal Andrade, foram precisamente os informadores que recolheram os textos orais publicados por Artur Basílio de Sá, *ob. cit.* Marçal Andrade era natural de Alas, uma região de língua tetum, tendo estudado no colégio de Soibada, completando o curso de catequista. Paulo Quintão nasceu em Aitara, perto

da região de Ramelau, Lete-foho e Atsabe, os ***badécis*** da Região de Galolen, os ***matan-doks*** das zonas de Tetum e Mambae, esses verdadeiros guardiões de tesouro mítico Timorense.

Infelizmente, algumas das fundamentais e mais esclarecidas sagas timorenses não foram registadas em livros, documentos escritos ou fitas magnéticas, e assim, não chegaram até às gerações posteriores algumas lendas e contos míticos que a imaginação criou durante gerações.

Nunca se falou das aves míticas de Timor, tal como ***sakoko*** - um pássaro colorido com uma cauda bem alongada - que tem o dom de tomar a forma e as características de outros animais ou do próprio homem quando lhe interessa.

E este conceito é muito generalizado em todo Timor, que acredita que os leitões brancos são as crias de ***sakoko***, tais como os cavalos brancos, búfalos brancos, galinhas, etc. E até acreditam mais. As pessoas albinas são também proles de ***sakoko***.

Outro animal mítico de Timor é ***dóri-hui*** que, segundo os ***lia-nains***, é uma espécie de um morcego gigante que vive nas carvernas escuras das montanhas de Timor. Dizem os lia-nains que o ***dóri-hui*** tem o dom de elasticidade no corpo, por forma que ele pode estender as suas garras à distância de um quilómetro ou mais para apanhar as suas presas ou liquidar o inimigo que pretende invadir o seu território ou esconderijo. ***Dóri-hui***, ao contrário do ***sakoko***, é um animal hediondo, feio e cruel.

E também nunca se fala do conceito mítico de ***matan-helik***. A palavra ***mata ou matan*** significa olho em Português. E a palavra ***hélik*** significa tornar invisível, impedir (de ver) ou esconder alguma coisa. Dizem os ***lia-nains***, ou os entendidos na tradição timorense, que quando os guerreiros lutam por uma guerra justa, eles podem adquirir o dom de ***mata-helik***, que os torna invisíveis para os inimigos. E até dizem que alguns salteadores famosos também possuem o dom de ***hélik***.

Outro conceito importante é o de ***biru***, que é um dom que torna o guerreiro Timorense invulnerável à bala inimiga. O Timorense acredita

de Soibada, fazendo a instrução primária em Timor Leste para, depois, ingressar no Seminário de S. José de Macau. Haveria de desistir da carreira eclesiástica por motivos de saúde, regressando ao território timorense.

que certas pedrinhas coloridas, que raramente se encontram nas montanhas, ou os seixos brancos de certas ribeiras, são símbolos de *bíru*. Alguns guerrilheiros da FRETILIN[5] estavam convencidos disso e, por curiosidade, até os próprios indonésios. O conceito de *invulnerabilidade* - ***biru*** - é muito generalizado em Timor, podendo até manifestar-se de diferentes maneiras ou usar diferentes símbolos. De Setembro de 1975 a Outubro de 1976, fui responsável por 35 mil refugiados timorenses, quase todos simpatizantes de UDT[6], os quais se encontravam refugiados na vila de Atambua de Timor Indonésio ou Timor Ocidental. Toda a fina flor do funcionalismo público de Timor encontrava-se refugiada em Atambua, assim como 23 elementos militares, incluindo um major, dois capitães e vários alferes, sargentos e furriéis do Esquadrão de Cavalaria de Bobonaro, estavam também presos pela Indonésia.

Uma certa manhã, o Sr. Cruz, um lisboeta que estava casado com uma timorense do posto de Hatolia, veio ter ter comigo, dizendo: «*Sr. Padre, o refugiado Nai-Búti de Hatolia do nosso acampamento está a enganar ou a impingir a tropa indonésia, pois ele, o Nai-búti, afirma que tem o poder de conceder o dom da invulnerabilidade a quem rezar diante da Imagem de N.S. de Fátima que ele lá tem*». Respondi que este problema era com o Bispo de Atambua e nada tinha a ver comigo que, por ser timorense, podia até ser odiado pela tropa indonésia. O melhor seria deixar o Nai-Búti em paz com o seu negócio. Por curiosidade, lá fui até ao acampamento do Nai-Búti. O que se viu foi uma longa fila de tropas especiais indonésias à espera da sua vez para rezar diante da Imagem de N.S. de Fátima e "receber" o dom da "invulnerabilidade" através da água benta que Nai-Buti aspergia as tropas. Não pretendi perturbar aquele ritual, todo feito com rigor. Apenas me aproximei mais do local onde estava a Imagem de Nossa Senhora de Fátima e dei com duas legendas escritas em indonésio e em Tétum: «*Se queres ser*

5 Frente Revolucionária de Timor Leste Independente. O partido foi fundado em Setembro de 1974 a partir da Associação Social Democrática Timorense, sendo actualmente o partido maioritário de Timor Leste ao vencer as eleições para a Assembleia Constituinte, em 2001, com 208 531 votos, 57,37% dos 384 248 votantes.

6 União Democrática Timorense. A UDT foi o primeiro partido a ser organizado em Timor Leste, depois da Revolução do 25 de Abril em Portugal. No contexto das transformações políticas de 1974-75 no território, o partido mobilizava ampla simpatia em Liquiçá, Maubara, Maubisse, Ainaro e Manatuto. Nas eleições para a Assembleia Constituinte, em 2001, a UDT foi apenas o quinto partido mais votado, somando 8 581 votos, 2,36% do total, elegendo dois deputados.

invulnerável à bala FRETILIN, deixa o teu dinheiro e cigarros aí nessas bacias de plástico e avança para receber a bênção».

Cá está o conceito de «biru», economicamente aproveitado pelo refugiado Nai-Buti à custa da tropa indonésia. Milhares de soldados indonésios cumpriram escrupulosamente as orientações de Nai-búti. Não se sabe se os soldados ficaram invulneráveis ou não; mas só se sabe que o Nai-Búti se tornou um dos refugiados de Timor Leste a levar uma vida mais confortável em Atambua, pois não lhe faltaram fregueses.

Infelizmente, parte importante do tesouro mítico da Tradição Timorense não foi recolhida em livros ou fitas magnéticas.[7] E assim, esse tesouro desapareceu com os lia-nains mais esclarecidos. E isto deve-se também às condições agitadas de Timor, que foi vítima de duas guerras, a última das quais arrasou física e culturalmente Timor durante mais de duas décadas.

A seguinte lenda está relacionada com a origem do Universo. O Timorense questiona: quem fez a lua, as estrelas, o sol, os mares? Uma lenda contada pelos ***lia-nains*** de Lacló, um dos grandes reinos de Costa Norte, tenta responder à pergunta acima formulada. Lacló é também uma das missões mais antigas de Timor, foi fundada pelos Dominicanos e nos seus pergaminhos conta como primeiro sacerdote de Timor um dos seus filhos, P. Jacob dos Reis da Cunha, que estudou no Real Colégio de Sernache de Bonjardim. Actualmente, três dos seus filhos são sacerdotes e algumas filhas religiosas, incluindo a popular Madre Margarida Soares. Entremos no reino de Lacló.

---

7 Não se trata de uma afirmação completamente rigorosa já que a Missão Antropológica de Timor, dirigida entre 1954 e 1975 por António de Almeida, recolheu e gravou abundante informação cultural dos diferentes povos e culturas de Timor Leste (ALMEIDA, António de – O Oriente de Expressão Portuguesa. Lisboa: Fundação Oriente, 1994, pp. 321-671). Veja-se também LUCAS, Maria Paula – Breves notas sobre a contribuição da Missão Antropológica do Centro de Antropologia e seus antecessores na Arqueologia de Timor.
In: Actas da 1ª Reunião de Arqueologia e História Pré-Colonial, Lisboa, 23-26 de Outubro de 1989 / Centro de Pré-História e Arqueologia. Lisboa: IICT. Centro de Pré-História e Arqueologia, 1992. pp. 269-276.

XXIII.

O REINO DE LACLÓ

e o seu contributo para a valorização de Timor

Lacló, um dos reinos mais antigos de Timor, fica situado na costa norte entre Dili e Manatuto, ao sul limitado pelo Reino de Laclúbar e Turiscai, e ao norte pelo mar. Durante a Administração Portuguesa, Lacló, tal como Manatuto, fornecia ao Governo colonial os famosos Leais Moradores para manutenção da ordem e paz em Timor.

Lacló recebeu uma das missões mais antigas de Timor, fundada por Dominicanos e, como prova disto, o primeiro sacerdote de Timor foi um filho de Lacló, o Sr. P. JACOB DOS REIS E CUNHA, formado em Portugal em 1860.

Quanto aos recursos naturais, Lacló, para além de possuir o maior depósito de mármore em todo Timor, descoberto recentemente na montanha de Cúri e Subão, tem a Ribeira do mesmo nome ou Ribeira de Lacló, que é uma bênção para o povo. Nascendo nas altas e frias montanhas do Reino de Aileu, atravessa a região de Remexio e entra solenemente na área de Lacló, reforçada com dois afluentes importantes, a saber, a Ribeira de Lihubane, com nascente em Hato-Ermera, suco de Lacló, e a Ribeira de Wekoi, vindo do Reino de Turiscai e recebendo mais um pequeno tributário, a ribeira de Liloko, que nasce no monte de Cúri-Ilimanu.

A RIBEIRA É A VIDA DO POVO DE LACLÓ

Se tomarmos em conta que nem todos os reinos de Timor são privilegiados com ribeiras, é caso para dizer que *Lacló nasce em águas e morre em águas e a água é a sua riqueza*. A ribeira banha mais de 40 quilómetros da área de Lacló, contribuindo para a irrigação de milhares de hectares do campo de arroz, o que constitui o alimento principal do povo, regando ainda vastas zonas de pastagem para o gado bufalino e caprino, tão abundante em Lacló. E ao longo do leito crescem matas da casuarina, que dá ao povo lenha e madeira e durante a noite servem de santuário para milhares de gaivotas e outras aves, que encantam o

ambiente com os seus gorgeios. Em certas zonas mais baixas do leito, formam-se lençóis permanentes de água, onde abunda peixe, camarão e enguia.

E a água cristalina atrai o povo de Lacló a passar o seu dia na ribeira, desde os pescadores improvisados, até as mulheres que preparam a farinha de ***sagu***, os pastores com grandes manadas de búfalos e crianças e pessoas de todas as idades que passavam uma vida despreocupada a banhar-se ou a entreter-se com a água.

Foi nesse idílico ambiente que vi a luz do dia, há mais de 60 anos, e aí vivi durante os primeiros seis anos de idade. Aos sete anos, no fim da II Guerra Mundial, fui para o Colégio de Soibada, para nunca mais voltar a Lacló. Fiquei um ano como externo na ***kadunan*** do Liurai Tio Mundo de Samoro e na ***kadunan*** dos meus primos Rosa Magalhães Fernandes Doutel Sarmento e seu marido Primo João de Deus, irmão mais velho do Liurai Tio Mundo. Eles trataram com muito carinho e amor, preparando-me para entrar no vestusto Colégio Nuno Álvares Pereira, onde funcionava também o Seminário Menor.

Em 1948, ingressei no Seminário Menor com a Instrução Primária. Em 1950, os Seminaristas em Soibada foram transferidos para Dili durante um ano e depois foram instalados finalmente no Novo Seminário de N.S. de Fátima em Dare, um recanto ameno situado nas montanhas dos arredores de Dili. E em 1955, parti para Macau, com cinco colegas do curso que vale só regressei a Timor no fim do curso sacerdotal em 1963 e fui celebrar a minha primeira missa em Agosto do mesmo ano na Igreja de Lacló.

Possivelmente, tive uma meninice diferente da de outras crianças de então, pois nunca vivia com os pais, que só vi pela primeira vez quando tinha os meus seis anos de idade. E o que escrevi aqui são reminicências de um universo em que vivi os meus primeiros anos de uma vida alegre, feliz e despreocupada.

Explicaram-me que com o falecimento do meu avô paterno, que era Régulo do Reino de Clacuc, meu pai tinha que ir ocupar o seu lugar e governar também o reino de Betano. Para Clacuc foram os meus pais João Baptista Guterres Fernandes e Júlia dos Reis da Cunha Fernandes e o meu irmão Inácio, que era o mais novo. Éramos oito irmãos - 4 raparigas e 4 rapazes - e eu era o penúltimo. E fiquei em Lacló ao cuidado da minha bendita madrinha tia Maria da Glória Soares, que Deus haja, e o seu irmão tio Inácio Soares, que era um gigante e que me trataram tão bem que me fez esquecer os meus pais. Além da minha madrinha, estava também a minha avó materna D. Cristiana dos Reis da Cunha e sua irmã Luzia dos Reis da Cunha. Ambas em idade avançada e viúvas mas tinham diferentes temperamentos. Avó Luzia gostava muito de ler, cantar e rezar no nosso oratório. E nas suas horas livres passava o seu tempo diante do espelho para embelezar a cara com ***badak*** ou pó-de-arroz. Ela era muito meiga e gostava de se apresentar bem vestida, mesmo que não houvesse visitas.

Já a Avó Cristiana tinha um temperamento másculo, gostava muito de mandar e dar ordens e aparentava sempre um ar austero. Disseram-me que quando o seu primo, o Régulo de Lacló, Coronel D. Luís dos Reis Noronha ia comandar os arreais de Lacló durante as campanhas de Pacificação, quem governava Lacló era a avó Cristiana. E como Coronel Dom Luís passava muitos anos nessas campanhas, a avó Cristiana ganhou o gosto pelo poder. As suas conversas andavam à volta de administração.

Eu vivia num universo em que havia muitos avós que me tratavam com muito carinho. Além da avó Cristiana e Lúzia, havia a Avó-***Hunan*** (avó Flor), o seu marido avô Diogo e o seu filho, tio Tomás Cabral. Avó-***Hunan*** tinha muitos guloseimas para me mimosear sempre que lá ia visitá-la. Era muito meiga e sempre bem apresentada e sorridente.

E depois havia o Avô Teus e a Avó-Iva (são nome de casa para designar avô Mateus e avó Filipa). Avô Teus gostava de pescar com a sua rede. E nós dois íamos muitas vezes à ribeira e voltávamos com a pesca suficiente para distribuir a todos os avós.

Eu vivia num universo recheado de anciãos que tiveram influência na vida futura.

As avós gostavam muito de rezar e cantar e legaram-me este gosto. Elas eram muito delicadas, corteses e felizes e condicionaram a minha vida. A avó Cristiana gostava muito de ser cumprimentada e sentava-se todos os dias na varanda da nossa casa para receber os cumprimentos das pessoas que por ali passavam. Admiro a sua

influência e a sua aceitação pelo povo. A Avó Cristiana raras vezes me deu mimos. Ela mostrava-se bastante severa e austera para comigo, quando não queria ver os documentos que ela gostava de me mostrar, pois com a minha pueril idade não me interessavam os documentos de Avó Cristiana, interessava-me mais era comer. Mas ela deu-me um título, muito ambicioso entre a aristrocacia de Lacló. O título era ***Iku-Buti-Rai-Naen***. Traduzido em português, diz mais ou menos o seguinte "Chiquito Branco Dono da Terra", porque era o único rapaz da classe aristocrata em Lacló, pois as outras crianças da minha idade encontravam-se em Dili. E ***Iku-Buti-Rai-Naen*** era o nome por que eu era conhecido em Lacló.

CELEBRAÇÕES FESTIVAS E CULINÁRIA DE LACLÓ

O povo de Lacló costuma celebrar várias festas à roda do ano, além de casamentos, baptizados e aniversários. No início da época da lavoura, celebra-se a festa de ***radin-karau***, isto é, pedir a protecção dos ***lúliks***[1] ou ídolos para abençoarem os pachorrentos búfalos que irão iniciar a lavoura. E no fim da época de lavoura, é a festa de ***hace-karau-en***, isto é, lavar os pés dos pachorrentos búfalos que lavraram os campos lodoçais durante meses. Segue-se depois a festa da ceifa de arroz. Mas a mais importante e que mobiliza mais gente é ***sama*** ou ***rusun umbla***, pode-se dizer a debulha de arroz, feita em grandes eiras, animada com danças e cânticos alegres, e alimentada com uma dieta própria destas ocasiões, carne de porco, cabrito, e tudo isto regado com ***tua-aca***, vinho de palmeira.

1 Geralmente traduzido por «sagrado», o termo lulik é, em rigor, uma qualificação normalmente anteposta a antropónimos, zoónimos, litónimos, orónimos, hidrónimos e nomes de objectos que se acredita possuírem ou representarem poderes sobrenaturais. Não se descobrem nas culturas dos povos de Timor Leste as cesuras entre sagrado e profano com que se organizam os nossos sistemas religiosos «ocidentais», pelo que se torna difícil entender numa perspectiva etnocêntrica um termo que, despido de conteúdo substantivo, qualifica sobrenaturalmente praticamente tudo e todos com que se encontra, da casa à montanha, da pedra à ribeira, da própria linhagem aos seus antepassados (Ajudam a compreender estes problemas, entre outras, as investigações de HICKS, David – *Art and Religion on Timor*. In: BARBIER, Jean Paul & NEWTON, Douglas (eds.) – Islands and Ancestors: Indigenous Styles of Southeast Asia.. Munich: Prestel, 1988, pp.38-51, e WATERSON, Roxana – Deciphering the sacred: Cosmology and Archicteture in Eastern Indonesia. Lisboa: CEPESA, 2002).

A culinária de Lacló é famosa e consta de ***saboco*** de peixe ou enguia, bem temperado com limão, tamarinho e mangerico, depois embrulhado em folhas de palmeira e vai ao fogo. Meia hora depois, a fragância do ***saboco*** atrai a atenção de todos.

Há também a famosa ***água-sal***, ***naken-baru*** – espetadas - e o ***túkir***, cuja ementa é semelhante à de ***sabaco***, apenas sendo diferente porque no ***túkir*** o recipiente é de bambu recheado de carne ou peixe e devidamente condimentado para depois ser bem tapadinho com folhas de limão e seguir para o fogo.

Quanto a doces, Lacló tem o famoso ***kuirambo***, ***túbi*** ou ***bicho-bicho***, ***canudo***, ***babilak nosantan***, ***ahar-sedok*** ou papas de ***sagu*** e o delicioso ***"Sasor" de Lacló***, que não encontra rival em qualquer parte de Timor. Que o digam os antigos jogadores do Sporting Clube de Timor que, quando iam em excursão a Lacló - um dos meus parentes, Câncio dos Reis Noronha, foi muitos anos Capitão do Sporting e hoje vive com a família em Melbourne –, apreciavam de tal maneira o sasor que até o levavam para Dili.

Em Lacló havia muita fruta, tal como papaia, manga e sobretudo banana de boa qualidade. E houve uma altura em que Lacló abastecia de banana o Palácio do Governador em Dili.

Lacló é um reino com ricas tradições e é terra natal do famoso **Régulo D. Luís dos Reis Noronha** e do primeiro Sacerdote de Timor, **P. Jacob dos Reis da Cunha** . É também terra-natal dos seguintes membros da Igreja Católica de Timor: (1) P. Áureo da Costa Gusmão, Chanceler da Diocese de Dili; (2) P. Dr. Constâncio Gusmão, formado em Direito pela Universidade Católica, Capelão Militar das Forças Armadas em Portugal; (3) P. Francisco Maria dos Reis Fernandes, licenciado em Ciências Políticas e Sociais pela Universidade de Murdoch, W. Austrália e Mestre em Estudos Luso-Asiáticos pela Universidade de Macau, Capelão dos Portugueses de Macau e Vigário-Paroquial da Sé Catedral de Macau; (4) a popular Madre Margarida Soares,Canossiana; (5) Madre Luiza Gusmão, Canossiana; (6) E muitos filhos de Lacló eram funcionários públicos, alguns nos postos de chefia, e um bom número deles encontra-se na Austrália.

CORONEL S. VICENTE FERRER PADROEIRO DE LACLÓ - "AMO-LILAEK"

Trabalhei como missionário em Timor desde 1963-1975, até à época altura em que se deu a crise que desgraçou Timor. Depois vi-me obrigado a envolver-me na assistência aos milhares de refugiados Timorenses em Atambua, entre Outubro de 75 e Setembro de 76, recebendo nesta última data um *ultimatum* da Imigração Indonésia para deixar a Indonésia e Timor. O mesmo sucedeu com o Sr. P. Apolinário Aparício Guterres.

Estive como missionário em seis concelhos de Timor, desde Bobonaro, em toda a Fronteira, passando por Ermera, Liquiça, Manatuto, Viqueque, Same e, finalmente, Ainaro, quando se deu a crise política. E notei que poucas missões celebravam ruidosamente a festa do seu padroeiro, limitando-se apenas à parte religiosa.

Tirando o Santo António de Manatuto e de Lacluta, a festa de S. Vicente Ferrer é a mais ruidosa. S. Vicente Ferrer é conhecido pelo povo de Lacló como ***Amo-cornel-Lilaek*** - Coronel Sem Voz. Tinha uma Capela própria, várzeas ou campos de arroz, jogos completos de alfaias, guardados na Capela, para serem utilizados durante a celebração da festa, a 5 de Abril. Mobilizavam-se também algumas famílias responsáveis por olhar pelos bens do padroeiro.

Dizem os ***lianains*** - os velhos - que antes S. Vicente costumava ir durante a noite visitar as várzeas do povo, pois todas as manhãs os pés do padroeiro apareciam enlameados. Então, os Régulos de Lacló, em reunião com os anciãos do povo, mandaram pregar os pés do Santo Padroeiro para não sair mais para as várzeas.

Quando os ***assuains*** - guerreiros de Lacló - iam para qualquer campanha militar, os seus nomes eram escritos em folhas de bananeira ou palmeira e ficavam pendurados na Capela de S. Vicente. E, todos os dias, os devotos iam lá rezar pelo sucesso das campanhas. Se alguns dos nomes pendurados na capela se desprendessem da linha, então era prenúncio de que os guerreiros com esses nomes tinham caído no campo de batalha.

O povo ia sempre oferecer ao seu padroeiro as primeiras colheitas da agricultura.

S. Vicente atraiu mais a admiração do povo com dois factos importantes. O forte temporal de 1939, que ameaçou o reino de Lacló, só destruiu meia dúzia de casas e a Capela de S. Vicente foi inundada de água, mas não destruída. Durante a II Guerra Mundial, a aviação japonesa bombardeou Lacló. Duas casas de Avó Cristiana ficaram completamente destruídas e uma bomba caiu junto da Capela de S. Vicente, mas não causou danos de vulto. O povo, admirado com estes factos, celebra a festa do seu padroeiro com muita pompa e circunstância: rezas, cânticos, procissão, danças de ***batuques*** e outras danças tradicionais.

A procissão era muito concorrida. À frente ia a guarda de honra dos Leais Moradores de Lacló com a fanfarra; seguia-se a classe aristocrata,[2] os cantores e o povo e, no fim, os sons ruidosos dos ***batuques***. Na Semana Santa, a Capela atraia mais devotos do que a própria igreja local. Então, um dos missionários de Manatuto, que era responsável também pela Missão de Lacló, deu ordens para encerrar a Capela de S. Vicente, cuja estátua se encontra agora na Igreja de Lacló. É lamentável tal decisão, porque acabou com uma tradição que unia o povo todo.

Por associação de ideias, quando era ainda miúdo, presenciei um missionário de Manatuto a mandar queimar uma casa ***lulik*** no suco de Uma-Kaduak Lacló.[3] Isto não me agradou. Na minha vida de missionário de 12 anos, trabalhando em seis concelhos e em mais de 4 dezenas de missões, sempre procurei manter boas relações com os ***luliks-nains***, desde a fronteira, passando pelos ***tatagasis*** de Catrai-Leten e Catrai-Craik (Letefoho), passando pelo Hatu-Builico, Maubisse, Watulari, até ao Mundo Perdido. Em Soibada, até ajudei o casal CAMPAGNOLO, que estava a fazer investigação sobre as crenças tradicionais ou ***luliks*** em Timor Leste.[4]

2 A aristocracia local das linhagens de Timor designa-se por *dato*.

3 Acerca da importância destas casas sagradas na organização das linhagens e na sacralização do seu espaço territorial, consulte-se SOUSA, Ivo Carneiro de & CENTENO, Rui – *Uma Lulik Timur. Casa Sagrada de Oriente*. Porto: Universidade do Porto/Sociedade Porto 2001/CEPESA, 2001.

4 O P. Francisco Fernandes refere-se ao casal de antropólogos Maria Olimpia Lameiras Campagnolo e ao seu marido Henri Campagnolo. É possível que, no desenvolvimento do texto do nosso autor, se trate de uma alusão concreta às investigações que concretizaram o trabalho *Les modes de cuissan des fataluku de Lórehe à Timor Oriental (contribution*

A Semana Santa em Lacló era sempre celebrada com alegria e grande afluência do povo. Havia dois pólos de atracção: a Capela de S. Vicente e a casa da Avó Cristiana dos Reis da Cunha e a sua Irmã Luzia. A casa da Avó Cristiana tinha tanto espaço à sua volta que até dava para jogar futebol, sendo também a casa do primeiro sacerdote de Timor, **P. Jacob dos Reis e Cunha**, parente da avó Cristiana.

Durante o tríduo da Semana Santa, o povo às centenas vem entreter-se com os tradicionais jogos de Lacló **Binis e Turun,** aproveitando o muito espaço que oferecia a casa da Avó. E quando o coro cantava o último canto – pois as cerimónias eram muito longas – o ***matita*** ou ***meirino*** (em Lacló era sinónimo de sacristão) tocava o ***matraca***, e então centenas de homens já vinham munidos com um ramo fresco de coqueiro ou palmeira e começavam a bater no chão. Como eram centenas a bater, o ruído era ensurdecedor e levantava nuvens de poeira. No dia seguinte, viam-se covas por todos os lados à volta da casa. Este ritual repetia-se durante as três noites de tríduo pascal, isto é, Quarta-Feira-Santa; Quinta-Feira Santa e Sexta-Feira Santa, e destinava-se a espantar Judas, o traidor, e outros algozes que procuravam Cristo para O prender.

O SR. P. JACOB DOS REIS E CUNHA PRIMEIRO SACERDOTE DE TIMOR NATURAL DE LACLÓ

Os Padres Gregório Barreto e Jacob dos Reis e Cunha são os únicos nomes que os documentos mencionam durante toda a missionação dominicana.[5] Sobre o primeiro, os documentos disponíveis são lacónicos quanto à sua formação, filiação e naturalidade. Apenas Afonso de Castro informa que o P. Gregório Barreto desempenhou um papel importante em manter a paz e a ordem em Larantuca, quando os Larantuqueiros se recusaram a aceitar a soberania holandesa, como consequência do acordo celebrado com Portugal, através do Plenipotenciário Régio Lopes de Lima e a Holanda em 1851. O P. Abílio Fernandes, por sua vez, esclareceu que, desde Fevereiro de 1856, vinha exercendo o cargo de Superior das Missões de Timor, um sacerdote timorense, Sr. P. Gregório Barreto, que, mais tarde, pelos revelantes serviços prestados, foi elevado às honras de Cónego da Sé de Macau.

Quanto à história do P. Jacob dos Reis e Cunha, abundam documentos, quer de fontes eclesiásticas, quer civis. Era natural do Reino de Lacló, onde nasceu a 25 de Agosto de 1934, sendo filho de Dom Paulo Soares dos Reis e Cunha e de D. Sebastiana Doutel dos Reis da Cunha. Por ser filho de um Régulo foi enviado para estudar em Portugal. Primeiramente em Santarém e, depois, por portaria do Ministério da Marinha, de 11 de Setembro de 1858, foi admitido no Real Colégio de Cernache de Bonjardim. Concluídos os estudos eclesiásticos e a Ordenação Sacerdotal em Abril de 1963, foi nomeado Missionário de Timor por Decreto Régio de 1 de Maio de 1863. Tornou-se depois o primeiro missionário timorense formado no Real Colégio, enviado a trabalhar em Timor. O Boletim do Governo de Macau, de 13 de Julho de 1863, publicou o seguinte:

> "Galera Deslumbrante com 188 soldados e 3 oficiais sahiu de Lisboa para Macau, no dia 10 de Maio de 1863. Neste navio, vem de passagem para Timor como missionário, auxiliado pelo Governo, o P. Jacob dos Reis e Cunha, filho de um dos Régulos daquela possessão."

Sendo de família real, o P. Jacob gozava de grande influência junto de vários reinos da Contracosta, a Banda-Fora ou Costa Sul de Timor, como escreveu o Dr. José Gomes da Silva em " A Voz do Crente", de 13 de Fevereiro de 1892:

à l'étude de la technique de la cuisson). In: Garcia de Orta. Série de Antropobiologia. Vol.3, nº 1/2 (1984), p. 93-113.

5 Existe alguma confusão nesta passagem. São vários os documentos históricos em que se arrolam nomes de missionários dominicanos activos em Timor e nas ilhas adjacentes desde finais do século XVI a finais do século XVIII (Veja-se, por todos, VILLERS, John – *As derradeiras do mundo: The dominican missions and the sandalwood trade in the lesser Sunda Islands in the sixteenth and seventeenth centuries*. Estudos de História e Cartografia Antiga. Memórias ; 25. In: II Seminário internacional de história indo-portuguesa: Actas / Luís Guilherme Mendonça de Albuquerque, Inácio José Guerreiro. Lisboa : IICT. Centro de Estudos de História e Cartografia Antiga, 1985, p. 571- 600). Por isso, o P. Francisco Fernandes deveria querer referir certamente os primeiros missionários oitocentistas em trabalho na parte oriental de Timor após a restauração das missões.

> "O Pe Jacob, parente próximo por sanguinidade da Rainha de Betano, tem uma poderosa influência sobre muitos chefes de Contra-Costa".

D. Hipólito dos Reis Hornay, Régulo do Reino de Barique, e D. Domingos dos Reis Amaral, Régulo do Reino de Luca, eram tios do sacerdote.

No contexto de aliança entre alguns reinos de Timor, um membro de Família REIS da CUNHA de Lacló foi para o Reino de Luca, deixando como descendentes a família real de Luca: REIS AMARAL. Outro foi para o Reino de Barique, deixando igualmente como descendentes a família real de Barique: REIS HORNAY. E em Lacló ficaram **Reis da Cunha e Reis Noronha**. Assim, nos reinos de Banda-Fora, desde Luca, Barique, Clacuc, Alas, Bubursuçu, Dotic, Tutuluro e Betano, o

(Tetum Térik)

Webico, Wehali eh Wetano
We sanak tolo, eh we liman tolo
Súli mutuk nakfilak ba mota bot
Mota bot loke dalan tuka ba taci

(Tradução Livre)

Os reinos de Bebico, Beháli e Betano
São como três afluentes que convergem
As suas águas para a mesma ribeira
Que desliza majestosa até ao mar.

P. Jacob tinha laços de parentesco e amizade entre os Régulos locais. Em consequência, o Governo da Colónia nomeava frequentemente o P. Jacob como emissário para a concretização dos autos de vassalagem prestados pelos Régulos:

> "Os Emissários são ordinariamente o Juiz, o Delegado e o P. Jacob dos Reis e Cunha, que mostram tanta perícia nesta Comissão"

A influência do P. Jacob fazia-se sentir até à Província de Servião, onde os antigos poderosos reinos de Bebico e Beháli, destruídos e arrasados pelas armas portuguesas no século XVIII, tinham vínculos de amizade e aliança com o Reino de Betano, pertencente ao sacerdote. Essa aliança é cantada pela tradição popular no seguinte ***dadolik*** ou adágio:

Isto significa que a aliança entre os três reinos Webico, Wehali (no Timor Indonésio) e Wetano (no Timor Leste) era tão poderosa como uma grande ribeira que corre majestosa para o mar.

O Dr. José Gomes da Silva, em *A Voz do Crente*, em referência atrás seguida, escreveu que, nas horas livres de actividades pastorais, "o Pe Jacob não desgosta de fazer política à Bismark ou à Cavour em escala reduzida". E continua:

> "o P. Jacob, a cuja família pertencia o domínio das terras de Webico e Wehali, foi com muito arrojo e diplomacia verdadeiramente notável, introduzindo-se a pouco e pouco por entre os antigos rebeldes, e, conhecedor profundo dos costumes e leis Timorenses, tem conseguido lentamente a imigração de muitas famílias de Webico ou Bebico para os antigos lares que hoje constituem o reino de We ou Betano".

Ora, a sua ideia não se reduzia a reconstruir sob o nome de Betano o antigo Bebico. Ia mais longe. O P. Jacob sonhava, e com certo fundamento, na anexação do Reino de Tutuluro, que dispunha de vastos aluviões auríferos no leito das suas ribeiras. Betano daria o pão e Tutuluro daria o ouro: com estes dois elementos reunidos, o futuro reino assumiria uma importância notável em Timor. O P. Jacob pensava também em anexar Maubisse, que não era só um ***suco***, formado por povoações submissas a Tutuluro, mas também uma extensão importante de ribeira aurífera de Motasuhi.

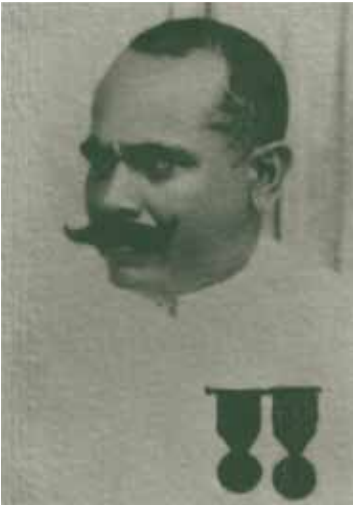
O P. Jacob serviu as Missões de Timor durante 31 anos consecutivos e faleceu em Betano, em 1894. A sua campa rasa, que se encontra na planície de **Haelocu**, servindo de baliza entre os Reinos de Betano e

Alas, constitui um centro de atracção para as populações vizinhas irem rezar (**hamulak**) sempre que se dirigem para as suas habituais fainas agrícolas, pesca ou caça.

O P. Jacob dos Reis e Cunha foi um dos três sacerdotes que trabalharam em Timor quando lá chegou o padre Medeiros.[6] E continuou a trabalhar, pois além de serem ambos formados no Real Colégio de Cernache de Bomjardim, a influência que o P. Jacob exercia sobre os régulos foi muito útil para os convencer a contribuirem para criar um clima de estabilidade e de paz em Timor.

CORONEL LUIS DOS REIS NORONHA RÉGULO DE LACLÓ

O Coronel Luís dos Reis Noronha foi um dos **Liurais** mais conhecido na História de Timor. As suas qualidades e talentos brilharam em diferentes facetas da sua vida, quer como governante, militar, cidadão, pai e cristão. Bom pai de família, deixando seis filhos todos bem educados e orientados nos tempos deficeis em que se vivia em Timor. Era muito amigo do povo de Lacló. Muito esmoler e a sua dispensa estava sempre aberta para todos os nativos de outros reinos que iam ao posto de Lacló, levando correio ou prestando qualquer outro serviço.

6 O nosso autor segue e sumaria a sua própria obra resultado de uma tese de Mestrado em História: FERNANDES, Francisco Maria – *D. António Joaquim de Medeiros (Bispo de Macau) e as Missões de Timor.* 1884-1897. Macau: Universidade de Macau, 2000.

D. LUIS DE NORONHA

Durante as festas de Páscoa e Natal, D. Luís, aproveitando a concentração do povo, costumava oferecer-lhe um bom almoço ou jantar. E o próprio D. Luís é que ia servir, dizendo que se durante o ano o povo o serviu, ao menos nessas ocasiões teria muito gosto em servir pessoalmente o povo. Foi um prestigioso Régulo que soube valorizar o seu povo e dignificar o nome de Timor nos tempos tão difíceis como conturbados que se então se viviam. A sua figura era sobejamente conhecido por Governadores, Administrativos, Militares e Missionários que passaram por Timor.

Vamos, por iso, reproduzir nestas páginas o testemunho de alguns dos seus admiradores, como os Governadores Manso Preto e Óscar Ruas. Militares como o Capitão Costa Branco, Missionários como o P. Abílio José Fernandes, Superior das Missões de Timor e o P. Ezequiel Eanes Pascoal e Administradores como José Augusto Rebelo e Manuel Ferreira.

Armando Pinto Correia, no *Gentio de Timor*,[7] traça, em breves mas expressivas linhas, o perfil desse exemplo de Portugueses a quem, pela sua bravura e lealdade, largamente demonstradas em numerosas campanhas, foi concedida a medalha de Valor Militar. Diz o malogrado Administrador de Baucau, que nenhum Governador saia desta Província sem se despedir desse timorense, inteligente e culto, que tanto e tão valiosos serviços havia prestrado ao País. Seguindo o P. Abílio José Fernandes, Superior das Missões de Timor, num artigo publicado no Boletim Eclesiástico da Diocese de Macau e Timor, sob o título de *A Saudosa memória do Coronel-Régulo D. Luís dos Reis Noronha*, pode ler-se o seguinte elogio:

> Dom Luís dos Reis Noronha era um homem inteligente, afável, de maneiras distintas, generoso e hospitaleiro. Ninguém passava por Lacló, cujo posto chefiava, que o não fosse cumprimentar.

D. Luís dizia ao P. Abílio José Fernandes "*Se hoje fosse preciso, com maior prazer derramaria o meu sangue por Portugal*". Trabalhando quase até aos últimos momentos, o Coronel Luís faleceu em Dili, sendo transladado para Manatuto a bordo da lancha "Liquiça". O Governador determinou que fosse nacional o seu préstito. O cortejo saiu da Igreja de Dili para o cais. À direita seguia o Juiz, à esquerda o Chefe dos Serviços de Administração Civil e atrás os restantes Chefes de Serviços de Repartições Públicas, acompanhados pelos funcionários Públicos. À frente marchava uma força militar, que prestou as honras de estilo. O caixão contendo os restos mortais desse grande Português, que tanto amara a Pátria, foi coberto com a Bandeira Nacional, que tremulava a meia haste nos edifícios e na lancha. Antes desta largar a lancha para Manatuto, o Governador disse:

> "Em meu nome, em nome desta Colónia e em nome de Portugal, digo o último adeus ao Coronel D. Luís dos Reis Noronha.
> A sua morte é um mal irremediável, para o qual só restam as nossas saudades.
> Faço votos para que o exemplo da sua vida honrada e cheia de dedicação para com Portugal seja seguido pelos seus conterrâneos.
> Os nossos derradeiros agradecimentos pelos muitos serviços prestados à Pátria e a nossa admiração por esse Homem que sempre soube respeitar a Bandeira das Quinas, que há mais de quatro séculos protege e acarinha o rincão que o viu nascer.
> Mais uma vez o último adeus ao D.Luís de Noronha"

José Augusto Rebelo, sincero amigo desta terra que, incansavelmente, muito tem dado a conhecer Timor, a sua gente e as suas lendas na Imprensa regional da "Metrópole", declarou, num dos numeroso artigos publicados no jornal "Notícias de Gouveia" (Março de 1950) que, depois da recuperação de Timor, um dos Superiores das Missões afirmou, entre outras coisas, a respeito de D Luís o seguinte:

> Chefe de família exemplar, educou os seus filhos irreprensivelmente no amor de Deus e da Pátria e, como viúvo, teve sempre um comportamento que não mereceu reparos. Dele se conta que, falecendo-lhe um filho em Lisboa, onde estave a seguir os estudos e tendo-lhe recomendado que não enviasse à Metrópole outro filho, conforme ele tencionava fazer, pois poderia morrer lá também, o Coronel Luís retorquiu que "morrer, morria-se em qualquer lado e só em Lisboa é que meu filho poderia ter aprendido alguma coisa e tornar-se um Português às direitas".

7 CORREIA, Pinto Armando – Gentio de Timor. Lisboa: Imprensa Lucas: 1935. Esta obra do capitão Armando Pinto Correia, administrador colonial em Baucau, ainda se mostra actualmente um dos melhores textos etnográficos sobre a região oriental de Timor Leste, recolhendo com competência materiais e informações fundamentais para uma antropologia cultural do território.

Sempre pronto a colaborar, o Coronel Luís tomou parte na repressão da revolta de Lautém, como capitão de moradores.Tomou parte também no combate do governo colonial contra a revolta de Oecusse. Em Suai, desembarcou debaixo de uma chuva de balas, seguido pelos bravos moradores de Lacló. Em 1912, na difícil campanha das célebres guerras de Manufahi, lá estava ele à frente dos heróicos moradores de Lacló.[8] Escolhido sempre para enfrentar as missões arriscadas, desempenhou essas missões com o maior sangue frio e coragem, que lhe alcançaram numerosos louvores. Assim, passados alguns anos sobre a última campanha em que ele e os seus moradores de Lacló se cobriram de glória, concorreu com sucesso para manter a ordem e a paz, fazendo respeitar a Bandeira das Quinas que há mais de quatro séculos protegia e acarinhava o rincão que o viu nascer. Continua ainda José Augusto Rebelo, no jornal "Notícias de Gouveia" (Março de 1950), explicando que, depois da reocupação de Timor, um dos filhos do Herói requeria ao Governo a autorização para continuar a possuir uma arma oferecida ao seu Pai pelo Governo. O então Capitão Costa Branco, Chefe da Repartição Militar, exarou no requerimento a seguinte honrosa informação:

> "Trata-se do filho do célebre Régulo indígena do Reino de Lacló, coronel da segunda linha, Luís de Noronha, cujo nome é respeitado, senão em todo Timor, pelo menos no Leste da Colónia. Nas condições em que lhe foi dada pelo Governo da Colónia, nos calamitosos tempos da ocupação em que este régulo desempenhou um papel proeminente a favor da soberania de Portugal, e atendendo ao nulo valor militar de tal arma, é justíssima a pretensão do requerente que, na posse da mesma e a sua transmissão aos sucessivos herdeiros, ficarão como uma lembrança daquele que foi um dos maiores Amigos de Portugal."

8 As guerras de Manufahi encontram-se demoradamente descritas e estudadas na obra de PÉLISSIER, René – *Timor en guerre. Le crocodile et les Portugais* (1847-1913), Orgeval: Pélissier, 1996.

Esta informação mereceu o seguinte despacho do Governador Óscar Ruas: "*Autorizo a posse uma vez que se trata de prémio concedido ao valente Coronel Luís Noronha.*" Recorde-se, por fim, que D. Luís dos Reis Noronha, filho de Cristóvão dos Reis e Luisa Paula Noronha, nasceu em 8 de Dezembro de 1878 e faleceu em 14 de Fevereiro de 1935. Manuel Ferreira, na "Voz de Timor" oferece-nos este esclarecedor "in memoriam" do coronel Luís que, publicado pelo P. Ezequiel Pascoal no "*Boletim Eclesiástico da Diocese de Macau e Timor*" importa aqui acompanhar:

Os heróis que , na vida, a fronte aureolaram
Com rútilo esplendor de troféus de vitória
Não morrem no sepulcro-as páginas da história
Lembram às gerações os louros que ceifaram

Nem se findam na tumba aqueles que enxugaram
Mil lágrimas de dor. Eterno é a sua glória!
Gravaram para sempre o nome na memória
Dos povos que na vida acarinharam

Também tu foste herói. Uniste no teu peito
Da lei de Jesus Cristo o mais lindo preceito
Amai-vos mutuamente—ao bélico valor.

À sombra, pois,da Cruz repouso descansado...
Portugal não esquece o seu leal soldado,
Deus há-de dar-te o céu,teu povo eterno amor

VIII.

A LENDA DO URAN UÁKI

ou “Grande Panela” (A lenda de Origem do Mundo)

Contam os ***lia-nains*** da região de Lacló (D. Cristiana dos Reis da Cunha, avó do autor, e os velhos Ambene ou Bendito, Amlete e outros) que, no princípio dos tempos, Timor era o centro do Universo. O Céu e a Terra, diziam eles, uniram-se em Timor, que se assemelhava a uma panela gigantesca ou **uran-wake**, na língua de Galolen,[1] que tinha como conteúdo o próprio universo com os seus habitantes, os seus rios, as suas montanhas, os seus campos, vales, animais e aves. Numa palavra, Timor foi o centro da criação. E esse gigantesco **uran** é o próprio Timor, que funciona como recipiente de todo o universo. E o céu era uma espécie de tecto ou a tampa dessa panela gigante que, por sua vez, estava assente sobre uma plataforma formada pelas montanhas Cúri e Maneo (do Reino de Lacló), Maubere (do Reino de Laclúbar), Matebian (do Reino de Baguia), Ramelau (do Reino de Same) e Mano Coco (do Reino de Ataúro). Havia alegria, abundância e paz nesse universo de **uran wake**.

Deus deu então uma lei ao casal mais velho desse universo de ***uran wake***. O casal **Lacoloik** e **Cololoik** recebeu a mensagem de Deus para manter e continuar num clima de paz e de harmonia esse gigantesco **Uran**. Deus disse a esses primeiros habitantes do Universo, sob a guarda do Lacoloik e Cololoik, que cada pessoa deve comer só um grão de arroz por dia, para além de frutas disponíveis, e que esse arroz deve ser descascado à mão. Deus ordenou também que não se podia descascar o arroz em grande quantidade, com a intenção de o reservar para os dias seguintes, mas apenas o suficiente para o consumo de cada dia. Havia, porém, uma velha chamada **Birúbi** que, cozinheira do ***Liurai Amak***, tinha muitos familiares a comer diariamente em sua casa. O descasque de arroz feito à mão todos os dias tornou-se muito trabalhoso para esta velha Birúbi. Resolveu, por isso, arranjar um

1 Designa-se também por Galoli. O sacerdote de Macau Manuel Maria Alves da Silva dedicou-se nos finais do século XIX ao estudo da língua galoli, tendo publicado as seis seguintes obras: *Método para Assistir à Missa em Galoli* (Macau, 1888); *Noções de Gramática Galoli* (Macau, 1900); *Compêndio em Galoli de Orações quotidianas* (Macau, 1902); *Catecismo de Doutrina Christã em Portuguez e Galoli* (Macau, 1903); *Evangelhos das Domingas e Outras Festas do Ano em Portuguez e Galoli* (Macau, 1904); *Dicionário Portuguez-Galoli* (Macau, 1905).

processo para facilitar esse trabalho. Birúbi foi ao mato da propriedade do Liurai Bai-Ibik, cortou um bom tronco delgado para servir de ***alo*** ou pilão e um outro tronco de grande diâmetro para fazer um **nessun** ou almofariz. Depois, **Birúbi** deitou uma grande quantidade de arroz com casca dentro do ***nessun*** ou almofariz e começou a pilar o arroz. Ao levantar o pilão (**o alo**), **Birúbi** atingiu a tampa da panela que era o céu.

O acto praticado pela Birúbi quebrou a harmonia do Universo. E, assim, o céu desprendeu-se e separou-se da gigantesca panela e subiu para as alturas, onde ainda hoje se encontra. E a lua não é mais do que o buraco feito pela ponta de pilão (o alo) da velha Birúbi. E o Sol é a antiga fogueira que servia para transmitir mensagens entre os habitantes da Terra. E as estrelas não são mais do que os grãos de arroz que se espalharam pelo firmamento. Pois a tampa da panela - que é o próprio céu - ao elevar-se para as alturas, devido à pancada dada por Birúbi com o **alo** arrastou consigo os grãos de arroz que se espalharam pelo firmamento, para além de ter provocado o desequilíbrio no universo. Algumas das montanhas que serviram de plataforma em que assentava o céu deslocaram-se do seu lugar original. O Matebian foi para Lorosae e o Ramelau para Loromonu. Apenas os montes Maubere, Cúri e Maneo ficaram nos seus lugares originais (Maubere no posto de Laclúbar; e Cúri e Maneo no posto de Lacló) enquanto o Manucoco foi formar a ilha de Ataúro. Como consequência da deslocação das montanhas, destruiu-se a plataforma primitiva e, por isso, a "panela-universo" tombou com a boca dirigida para Loromonu, atraído pelo Monte Ramelau que fica no Concelho de Suro. E a gigante panela partiu-se em vários bocados. O bocado maior formou Timor Loromonu e o menor o Timor Lorosae.[2] Os outros bocados mais pequenos deram origem às ilhas de Ataúro, Alor, Kissar, Weter, Dalahito e as outras ilhas do Mundo, razão por que, em Dalahito e Kissar, há ainda pessoas que falam Galolen, assim como em Ataúro.

Os rios que saíram da "panela-universo" original formaram os oceanos, e os regatos formaram as ribeiras de Timor, sobretudo as duas ribeiras de Lacló: Lacló Norte e Lacló Sul, Loes, Sumace, Carau-ulun e muitas outras. A ribeira de Lacló Norte (que é a segunda maior ribeira de Timor Leste em termos de volume de água e a primeira em termos de comprimento) nasce em Aileu e Maubisse (na direcção de Loromon), passando pelo Reino de Lacló e tem a sua foz em Manatuto. Diz a lenda que as suas águas começaram a inundar os reinos de Lacló, Licore, Ilíheu e Manatuto. Então, estes reinos mandaram mensssageiros até Aileu e Maubisse, pedindo-lhes o favor para arranjar um sistema capaz de controlar o volume das águas, a fim de evitar tais inundações.[3] Os reinos de Aileu e Maubisse começaram plantar matas de inhame da água (ou **Huti we** em Galolen), à volta da nascente da Ribeira de Lacló, sobretudo em Erlihun Maubere (uma lagoa na região de Kaimauk), e conseguiram controlar o volume das águas. E o ***huti*** ou ***hutu-we*** é também o nome pelo que são hoje conhecidos colectivamente os habitantes de Aileu e Maubisse, em particular, bem como, em geral, todos aqueles que falam Manbae, os quais são conhecidos como ***kaladi***[4] em Tetum e são conhecidos pelos povos de Lacló e Manatuto e Laleia como ***huti*** ou ***hutu-we*** (inahme de água ou atar água). E, de facto, nas regiões de dialecto Galolen (donde é originária esta lenda), sobretudo Manatuto, assim como em algumas regiões limítrofes como ocorre nos sucos de Laclúbar, Fúnar e Sanan-Nain (em Tetum significa dono de panela) ou Uran-Obun (ambos os nomes significam em galolen donos de panela), os habitantes são especialistas em trabalhos de cerâmica, especialmente na produção de panelas muito grandes e resistentes.

A lenda de **uran-wake** ainda inspira os **lia-nains** de Lacló a manter

---

2 Esta divisão entre a Timor Lorosae, a parte oriental da ilha, e Timor Loromonu, as regiões ocidentais, persiste como uma das cesuras culturais mais importantes do território, tendo sido tristemente agitada e manipulada durante os acontecimentos políticos recentes que, progressivamente mais violentos ao longo de 2006, obrigaram à demissão do primeiro-ministro, Mari Alkatiri, e à recomposição do actual elenco governativo.

3 Esta parte «aquática» do mito Uran Waki faria as delícias dessa demorada colecção de estudos que, ao longo do século XIX e nas primeiras décadas do século passado, foram interpretando as sociedades asiáticas enquanto sociedades fundamentalmente «hidráulicas», obrigadas a organizar poderes centralizados e despóticos indispensáveis para assegurarem um forte controlo do acesso e da distribuição dos recursos fluviais. Convocada tanto na teoria de Marx sobre o «modo de produção asiático» como nos trabalhos de Max Weber sobre o «despotismo oriental», a tese ganharia sistematização com o célebre trabalho de K. Wittfogel, *Oriental Despotism.* New Haven: Yale University Press, 1957.

4 A oposição Kaladi – Firaku constitui uma outra manifestação ainda mais especializada dessa contradição maior entre loromonu e lorosae, as populações ocidentais de Timor Leste, unificadas em torno do tetum, em oposição às populações orientais, reunidas à volta de várias línguas e dialectos de influência melanésia de que uma das línguas mais faladas é o makassae. Actualmente, descobre-se que é comum a interpretação da oposição Kaladi – Firaku mobilizando tanto a herança colonial quanto da resistência política à invasão indonésia. Assim, é frequente explicar-se «kaladi» como o conjunto das populações ocidentais que se mantiveram «caladas» perante a dominação colonial e a ocupação indonésia, contrastando com a coragem dos «firaku» que souberam virar as costas (em rigor, a sua parte terminal...) e resistir ao colonialismo e à agressão estrangeira.

a ideia de que aquilo que se considera estrangeiro, **malae** ou **taci-balo**, com as suas cidades e suas gentes, os seus barcos, etc, encontra-se dentro de Timor, que continua a ser a grande panela que tem dentro de si ou no seu conteúdo todos os povos do Universo. Mas, em rigor, os ***lia-nains*** de Timor só identificam os seguintes povos estrangeiros que haviam entrado em contacto histórico com os Timorenses: o **malae-mutin** ou **dae-buti**, o Português, ***cina*** ou Chinês, ***dai-metan*** ou ***kábar*** para Africano, Árabe e Canarim de Goa ou, no geral, Indiano. Afigura-se estranho que os **lianains** nem sequer mencionem os Australianos e outros povos vizinhos.

TIMOR É O PRÓPRIO UNIVERSO

Diziam os ***liannains de Lacló*** que os estrangeiros se encontravam dentro de Timor com características especiais e dimensões bem diferentes das dos Timorenses. Explicavam igualmente que, quando os barcos saíam de Dili para rumarem a Portugal, à China ou à Índia, durante a noite eram obrigados a regressar para Timor (ou para o seu interior) e entravam misteriosamente pelo Subão (o desfiladeiro da costa norte de Timor, situada entre Manatuto e We-hauk). O topónimo Subão etimologicamente deriva da palavra ***suban*** que, em língua Galolen, pode significar esconder-se e esconderijo ou impedir alguém de ver alguma coisa (a ideia de **matan-helik**). Daí que os barcos saídos de Dili com destino ao estrangeiro acabassem todos por regressar a Timor, entrando pelo **Suban** para retornarem ao interior timorense. Recorde-se ainda que existem dois Subões: o Subão Grande e o Subão Pequeno, correspondendo respectivamente aos nomes em Galolen de **Suban wake** e **suban aut**. Por sua vez, o **Suban geon** (**geon** significa garganta) esclarece a porta principal impedindo os timorenses de observarem a entrada e saída de tais barcos e, ao mesmo tempo, interditando os estrangeiros de ver os Timorenses quando saíam pelo **Suban Geon**.

Esta lenda das gentes de Lacló tem uma dimensão tão ampla a ponto de considerar Timor como centro do todo o Universo, isto é, que todo o Universo existe dentro de Timor, assemelhando-se a uma grande panela dentro da qual se encontram todos os povos da Terra. E também explica com interesse antropológico os nomes dados a alguns povos de Timor, como ***huti-we*** (Inhame de água), ***Sanan-Nain*** ou ***Uran-Obun*** (Donos de Panela), e Aaúro (***ata-ubus*** que, em Galolen, significa os servos que vivem na montanha). Ajuda ainda a explicitar o sentido devários topónimos, usos e costumes, tradições e práticas cultriais, pelo que mereceria mais atenção da investigação especializada.

Por fim, explica esta legenda que os Montes Cúri e Maneo, que conseguiram permanecer na sua posição original, foram naturalmente abençoados por Deus com frondosas florestas, banhados por mar rico em peixe e neles agora foram descobertas também ricas reservas de mármore.[5]

5 Sobre este tema pode consultar-se o sumário geral de GRUNAU, Hans R. – *Geologia da parte oriental do Timor português : Nota abreviada*. In: Garcia de Orta. Lisboa, Vol. 5, nº 4 (1957), pp. 727-737.

IX.

TIMOR SUPERSTICIOSO

Com as suas altas e escarpadas montanhas, a Ilha de Timor encontra-se revestida de rica vegetação e recebe chuvas torrenciais durante a maior parte do ano, alimentando muitas ribeiras e regatos, tudo influenciando a alma do timorense, dando-lhe um sentido de dependência à mãe Natureza. Ao mesmo tempo, as aves de Timor alegram a Ilha, com os seus gorgeios, durante o dia e a noite, regulando assim o tempo do timorense que sabe, pelo cantar de determinados pássaros, as horas diárias, podendo mesmo afirmar-se que o cantar dos pássaros é o relógio natural dos timorenses. Somando a estes factores o seu isolamento de outros povos, a sua insularidade, parece de destacar que a exuberância da natureza tende a modelar o carácter do timorense, contribuindo finalmente para influenciar a sua maneira de ser, de pensar e estar, numa dependência quase total da Mãe Natureza.

Esta dependência gera quase naturalmente a crença na existência de um Ser superior, o **Lúlik** – o Sagrado, o intocável. O **Lúlik** é venerado como ente tutelar que exerce forte influência na vida do timorense, como bem afirma Margaret King, antropóloga australiana que fez investigações durante algum tempo nos concelhos de Los Palos e Viqueque:

> «The belief in Lulik, compounded partly of ancestor-worship, partly of spiritism, penetrates every corner of Timorense existence, influencing action on all possible aspects of life in a way impossible to conceive in our materialistic society. If we can accept a definition of the word –religion- as being essentially something of mind, body, spirit, controlling our actions through the equivalent belief, awe, or reverence,obedience to be directed at some power termed –God- which in turn represents what we to be necessary for our welfare and survival, then it is accurate to record the

belief of Lulik as religion of the Timorese (....)»[1]

Nestas poucas linhas, Margaret King dá-nos a ideia do que é **Lúlik**, a influência e domínio que exerce em todos os aspectos da vida do timorense, pelo que se pode ler esta noção como enformando uma religião. Quer-nos parecer que os timorenses admitem o conceito de um Lúlik supremo, mas que se manifesta aos homens de diversas maneiras e formas. Com efeito, o Lúlik é entendido pelo povo como uma moeda de duas faces, actuando como princípio do Bem /Benigno/protector, mas também como princípio do Mal/disciplinador/destruídor. Como princípio do Bem, o Lúlik é conhecido geralmente como **Rai-Naen** (Senhor da Terra), o protector, o defensor e, na prática, o Rai-Naen manifesta-se através de, ou encarna-se nalgum animal, pássaro ou árvore. É ao **Rai-Naen**/Lúlik que o povo recorre, pedindo a protecção para as suas actividades agrícolas, a fertilidade dos campos, provendo as suas necessidades e aplacando as suas angústias. Nas regiões em que se pratica intensivamente a cultura de arroz, como na região de Galolen e sobretudo nos reinos de Lacló, Licore, Iliheu, Manatuto, Laleia, Cairui e Bemasse, o **Rai-Naen** é conhecido pelo nome de **Sarim**/ **We-obun** (Senhor ou dono da água), que é venerado com o ritual próprio, geralmente no início e no fim da época de lavoura. E como na cultura de arroz o búfalo é o elemento indispensável, ele também precisa de protecção do "**Sarim**", tendo um ritual próprio que se destina a benzer o pachorrento búfalo, antes e depois da época das lavouras, respectivamente com as cerimónias de radin-karau (benzer o búfalo) e hase-karau-en (lavar as patas dos búfalos, no fim da época agricola). Esta prática estende-se também às regiões de Baucau, Bucóli e a outras áreas da região de Baucau.

Este **Rai-Naen**/protector encarna-se também em pássaros, que anunciam a chegada da época da chuva, previnem a aproximação de pássaros destruidores de colheitas e marcam as horas ao camponês. Segundo a mitologia timorense, existe um pássaro colorido que, chamado **Sakoko**, tem o dom de tomar a forma de outros animais, incluindo a do homem. Os lavradores e o povo em geral explicam que os cavalos brancos, búfalos brancos, galinhas brancas ou leitões brancos são descendentes de Sakoko. É curioso que a lenda de Sacoco se estenda até às regiões de língua Fataluco onde, em vez de Sacoco, se crê numa cobra verde Akka, que pode tomar tambémn forma antropormófica. Explica-se igualmente que os Timorenses de pele branca e cabelos louros (os albinos) são descendentes de Akka ou Sakoko. Ora, sendo o timorense extremamente supersticioso, esta crença no Lúlik/Rai-Naen/protector/benigno tem por missão geral proteger e ajudar em todas as actividades humanas quotidianas.

Acredita-se também no Lúlik/destruidor/disciplinador/buan (bruxo ou feiticeiro), que tem o poder destruidor ou o poder de punir os infractores das leis tradicionais e os larápios. E, assim, o Lúlik/Rai-Naen/disciplinador manifesta a sua presença através de Horok que, na prática, pode ser representado por uma cabeça de búfalo, ou porco, ou algum instrumento de punição, tal como o chicote ou a palmatória, que geralmente aparecem junto de plantações de café ou coqueiros e outros pomares, como mangueiras e laranjais. A presença desses símbolos significa que essas propriedades ou plantações ficam sob a custódia de Lúlik/Rai-Naen que pode punir os infractores. É o que se demonstra na seguinte passagem de um dos estudiosos mais esclarecidos, Dr. Francisco Menezes, sobre esta temática tradicional da religiosidade popular Timorense:

> «Um dos casos típicos de protecção de propriedades por via mágico-religiosa era da utilização do Hórok ou objectos como catanas, ramos de certas árvores, cordas,etc que se dependuravam na cerca de uma propriedade ou uma árvore, depois de se fazerem ritos para a captação de Lúlik, que passava a localizar-se no objecto escolhido, protegendo a propriedade contra intrusos e gatunos que receavam que a catana lhes cortasse os corpos -e até as almas- ou que o ramo os fustigasse ou que a corda os prende como nós, etc.».[2]

1 O nosso autor segue, nesta secção, a obra de KING, Margaret – *Eden to Paradise.* London: Hodder and Stoughton, 1963.

2 O Padre Francisco Fernandes acompanha agora a obra sempre actual de MENEZES, Francisco – *Encontro de*

No célebre *"O Arquipélafo Malaio"* do grande naturalista do século XIX Alfred Russel, a sua estada em Timor permitiu-lhe testemunhar directamente estas práticas ancestrais de protecção mágico-relgiosa, explicando que

> «The native Timorense have a costum called Pomali which exactly resembles the taboo of Polynesian islanders, and is very strictly maintained. It preserves intact any place or article to which it is applied. A few palm-leaves stuck outside a garden, to indicate that it is guarded by the pomali are more effectual in preserving its products than, among us are the spring-guns, man-traps, or warning to trespassers»[3]

Não admira que um povo dotado desta prodigiosa imaginação sacral, vivendo no seio de uma natureza que o chama constantemente para a omnipresença de Marómak-Lúlik-Rai-Naen, assinalada e reverenciada nas fontes, bosques, montes e vales e até nos animais, encontre a sua vida pautada e marcada pelo culto prestado aos Lúliks, a que se deve somar também o constante culto aos seus antepassados. O Timorense acredita na vida do além. Acredita também que as montanhas são o habitáculo dos defuntos ou os *Matebians*. E, assim, os montes de Ramelau, Kablaki, Cúri e o grande Matebian são os habitáculos tradicionais dos antepassados defuntos. Ao longo do ano, regularmente, esses defuntos são lembrados e venerados com especiais cerimónias que vão desde o *estilo*[4] até aos simples rituais e ofertas votivos de géneros alimentícios.

Culturas em Timor-Leste. Lisboa, s.n., 2002. Esta obra editava a tese de licenciatura do seu autor, concluída em 1968, e apresentada ao Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas da Universidade Técnica de Lisboa (MENEZES, F.X. – *Contacto de culturas no Timor português. Contribuição para o seu estudo*, Tese, Instituto Superior das Ciências Sociais e Políticas, Lisboa, 1968). Falecido em 2004, em Lisboa, Francisco Xavier Aleixo Santana de Menezes nasceu em Goa, em 1929, tendo-se destacado como como um antropólogo e sociólogo que estudou demoradamente o mundo cultural de Timor Leste.

3 WALLACE, *ob. cit.*, p. 208.

4 O *estilo* categoriza um festival religioso ou civil organizado e complexo, reunindo manifestação cultuais, religiosas, sociais, musicais, dança e representação. Os *estilos* religiosos a que se refere o P. Francisco Fernandes especializaram uma gama ainda mais vasta de manifestações colectivas cruzando a peregrinação, o voto, o culto, a oração, a oferenda e o sacrifício. Não existe um estudo sistemático sobre o *estilo* nas manifestações religiosas tradicionais dos povos timorenses, mas ainda assim pode acompanhar-se com vantagens algumas descrições e perspectivas propostas em CORREIA, *ob. cit.*, pp.25-135.

X.

TIMOR «INACESSÍVEL»

A Ilha de Timor, diminuta na sua área geográfica, mas pródiga em recursos naturais, é habitada por um povo[1] que tentou ultrapassar todos os desafios que surgiram ao longo da sua História, desde a era pré-colonial até à aurora do terceiro milénio.

Os impérios que, ao longo dos séculos, surgiram na Insulíndia, tais como Srivijaia na ilha de Sumatra, no século X, bem como o Majapahit na ilha de Java, não tiveram nenhum vestígio cultural, político ou religioso em Timor.[2] Depois, já no século XIV, o poderio naval dos Mings que dominou desde a Insulíndia até às costas da África Oriental, incluindo o Mar Vermelho e o Golfo Pérsico, também não afectou Timor, enquanto as diversas regiões de Sudeste da Ásia, tais como Java, Sumatra, Malaca ficaram transformadas em estados tributários dos Mings. Timor ficou, assim, livre do domínio do império do meio, cujos comerciantes apenas visitaram a Ilha para fins comerciais centrados no trato do sândalo, mas não para fins políticos, no caso os de cobrar tributos para o Imperador Ming, como tinha acontecido com as outras ilhas da Insulíndia.[3]

---

1 Trata-se naturalmente de uma generalização para referenciar o conjunto dos habitantes de Timor. Em termos antropológicos, não se afigura rigoroso frequentar apenas o singular «povo», sendo antes preferível falar de «povos» e «culturas» de Timor no plural. Ajuda a compreender esta especialização o trabalho já referenciado *Povos de Timor, Povo de Timor: Vida - Aliança - Morte – Catálogo. Peuples de Timor , peuples de Timor: Vie - Alliance - Mort – Catalogue.* Peoples of Timor , peoples of Timor: Life - Alliance - Death – Catalogue. Lisboa : Fundação Oriente : IICT, s.d.. - 167 p.

2 Fundado à roda de 1293 para se desintegrar em 1478, organizado a partir da região onde actualmente domina a cidade javanesa de Yogiakarta, este império poderoso do Majapahit tem sido explicado pela historiografia da especialidade como um centro de dominação tributária e simbólica de amplas regiões insulares do arquipélago malaio-indonésio, incluindo a ilha de Timor. Este tema tornou-se, porém, objecto de profunda manipulação política, sendo frequente encontrar-se em textos e manuais de história indonésios a reivindicação de que a ilha de Timor integrava o império do Majapahit, assim se justificando a sua anexação com as lições da história. Em rigor, estes tipo de reinos hindu-budistas organizavam-se não em unidades espaciais, mas antes em torno da rede e da estrutura hierárquica dos santuários regionais e locais que eram tributários de um santuário central dominado pela família real e pela sua sociedade de corte. Não é, assim, possível «integrar» a ilha de Timor neste tipo de aparatos religioso-políticos, conquanto não seja de excluir que alguns «reinos» timorenses pudessem ter prestado formas simbólicas de tributo a estes tipo de Estados. Para além do breve sumário histórico proposto em MULJANA, Slametmuljana – *Story of Majapahit*. Sinagapore: Singapore University Press, 1976, interessa visitar as investigações mais especializadas de TAYLOR, Keith W. – *The Early Kingdoms: Majapahit*, e HALL, Kenneth – *Economic History of Southeast Asia: Singhasari* (1222-1292) *and Majapahit* (1293-1528). In: TARLING, Nicholas (ed.), *The Cambridge History of Southeast Asia,* Vol.I.1, Cambridge: UP, (1992) 1999, pp.176-181 e pp.215-226.

3 Acerca da circulação comercial do sândalo branco de Timor na China Ming, veja-se, por todos, o artigo de PTAK, Roderik – *O transporte do sândalo para Macau e para a China durante a dinastia Ming*, in «Revista de Cultura», nº. 1, Macau, 1987, pp. 36-45.

O facto da localização da Ilha de Timor a colocar fora das grandes linhas de navegação da época, somado ao aspecto agressivo e austero da sua geografia física não atraíam nem encorajavam a aproximação dos estranhos, o que constituía uma defesa natural contra o acesso de forasteiros. A insularidade de Timor foi, de facto, uma barreira importante contra a entrada de estranhos. É óbvio que as suas costas escarpadas e banhadas por um mar tão agitado não possibilitavam uma navegação fácil nestas épocas mais remotas. Tudo isto, acrescido ainda do carácter irrequieto e independente do timorense, transformou a Ilha numa autêntica fortaleza inacessível. Somente a muito custo, alguns povos conseguiram penetrar no território insular, mas muito poucos conseguiram permanecer por séculos em Timor.

Habituado a levar uma vida livre e despreocupada, o timorense não consente conviver com qualquer povo que procure espezinhá-lo, sobretudo aqueles povos que pretendem despersonalizá-lo física e moralmente. A determinação em resistir estoicamente perante o domínio javanês,[4] bem testemunha que nenhuma força exterior, por superior que pareça, poderá dominar facilmente o timorense sem o seu consentimento. Tal resistência é tanto mais surpreendente quanto mais tirânica e violenta for a força do inimigo, como ficou sobejamente demonstrado durante a luta pela libertação da ocupação indonésia que, sem qualquer apoio militar estrangeiro, conseguiu resistir mais de duas décadas ao poder de uma das maiores potências da Ásia.

O timorense tem todo o fundamento para bater o pé contra quantos o pretendem despersonalizar e dominar, pois o solo é suficientemente fértil e pródigo em providenciar, sem grande esforço de trabalho, recursos para a sua sobrevivência. E isto deu-lhe o sentido de autonomia perante o estranho. Por outro lado, as cadeias sucessivas das suas montanhas, os vales profundos e as florestas, as ribeiras caudalosas e as grutas espalhadas pelos montes, oferecem-lhe um refúgios naturais quase expugnáveis em caso de uma agressão vinda do exterior. Desses santuários naturais souberam tirar partido os guerrilheiros que resistiram mais de vinte anos à agressão indonésia. Assim, o timorense sente-se seguro e independente em relação ao intruso dentro do seu universo. Paralelamente, o timorense cultiva e aprecia, entre outros valores, a franqueza e a lealdade, o mútuo respeito e a tolerência, a coragem e a valentia, a justiça e uma hospitalidade sem limites. Procura sempre ser amigo dos seus amigos e não hesita em dar a sua vida em defesa do amigo, mas também, em contrapartida, não tolera aqueles que tentam espezinhá-lo.

4 Esta referência à ocupação militar e ilegal indonésia, entre 1975 e 1999, como «dominação javanesa» generalizou-se entre a resistência nacionalista timorense, acusando sobretudo o poder político centrado na capital da República, Jakarta, como uma oligarquia javanesa que tanto ocupava brutalmente Timor Leste quanto oprimia as outras ilhas indonésias. Esta dimensão da influência das culturas políticas tradicionais javanesas na construção ideológica do Estado contemporâneo independente da Indonésia pode seguir-se na investigação sempre referencial de GEERTZ, Clifford – *The Religion of Java.* Chicago: University of Chicago Press, (1960), 1976. Actualiza e amplia algumas das sugestões agitadas pela obra do grande antropólogo americano a cuidadosa investigação de FIC, Victor M. – *From Majapahit and Sukuh to Megawati Sukarmoptri: Continuity and Change in Pluralism of Religion.* New Delhi: Abhinav Publications, 2003.

XI.

TIMOR VISTO PELOS HOMENS

A Ilha de Timor foi baptizada, ao longo da sua História, com nomes muito castiços e crismada mais tarde com imagens muito sugestivas, ou *clichés*, apropriados para caracterizar a sua posição geográfica, o exotismo da sua flora e fauna, sobretudo a sua condição sócio-cultural, política e económica.

Os Malaios chamam-lhe *Timur*, que significa Leste/Oriente, pois é precisamente a ilha mais oriental do arquipélago das Pequenas Sundas. Recorde-se que os pontos cardeais em malaio são os seguintes:

Utara significa norte.	E em Tetum: *táci-feto*
Selatan equivalente ao sul.	E em Tetum : *Táci-Mane*.
Timur é mesma coisa que Oriente.	E em Tetum: *Lorosae*.
E *barat*: Ocidente.	E em Tetum: *Loromonu*

Na era dos Descobrimentos Portugueses, Luís de Camões, em elevada inspiração poética, canta, em sons altissonantes, num dos cantos d'*Os Lusíadas «a Ilha que o sol em nascendo vê primeiro»*. Portanto, o Vate queria designar em Timor a ilha mais oriental do imperío português que ele próprio foi forçado a frequentar. E em relação ao seu produto mais conhecido e procurado pelos comerciantes lusos vindos de Malaca, que era o sândalo, Camões voltou a cantar no seu grande texto épico:

> «Ali também Timor, que o lenho manda e sândalo salutífero
> e cheiroso».[1]

Na mesma época, o grande botanista e cientista que foi Garcia de Orta referia que *«o Sândalo nasce acerqua de Timor, onde ha maior*

1 CAMOES, Luís de – *Os Lusiadas*. Lisboa: em casa de Antonio Gonçalvez, 1572, Canto X, Estância CXXXIV: «Ali também Timor, que o lenho manda/ Sândalo, salutífero e cheiroso;/ Olha a Sunda, tão larga que uma banda/ Esconde pera o Sul dificultoso;/ A gente do Sertão, que as terras anda,/ Um rio diz que tem miraculoso,/ Que, por onde ele só, sem outro, vai,/ Converte em pedra o pau que nele cai.»

cantidade...».[2] Mais tarde, Pedro Teixeira, em 1610, explicava numa linguagem pejada de castelhanismos que o sândalo *«Cogese in Thimor Isla distante quinientaas leguas de Malaca»*.

Os portugueses identificaram muito rapidamente o lucrativo comércio do sândalo timorense, logo após a conquista de Malaca, em 1511, sob a férrea direcção Afonso de Albuquerque. Assim, o jovem piloto do poderoso governador do "Estado da Índia", Francisco Rodrigues, escrevia já à volta de 1512 que Timor era *«a Ilha da sunda honde nace ssamdallo»*.[3] Também Rui de Brito, capitão português de Malaca, escrevia em 1514 a Afonso de Albuquerque e ao rei D. Manuel que Timor *«he hua ylla alem de java, tem muytos sandallos, muyto mel, muyta cera.»*[4]

Alguns viajantes e aventureiros oriundos doutros horizontes europeus sublinharam também a importância do sândalo timorense, o «melhor do mundo» e muito apreciado nos mercados chineses tanto como fragrante como enquanto incenso funerário. É o caso, em 1704, do capitão escocês Alexandre Hamilton, escrevendo peremptoriamente: *«The product of the Island is sandal-wood, the best and the largest in the world, which is a great commodity in China»*. Já o famoso botânico inglês Alfred Russel Wallace prefere falar de uma *«Oceanic island in miniature»*.[5]

Na era colonial portuguesa, Osório de Castro, por sua vez, descreveu Timor em livro belíssimo como «a Ilha verde e vermelha de Timor».[6] Teófilo Duarte, outro governador colonial, agora influenciado pelas dificuldades que então se viviam em Timor, chama-lhe mais dramaticamente *«Ante-câmara do Inferno»*.[7] Hélio Felgas afirma que Timor *«é uma colónia sem colonos»*.[8] O grande historiador Inglês Charles Ralph Boxer, no seu livro Os Fidalgos do Oriente, chama a Timor a *«Ilha Turbulenta»*.[9] Cal Brandão descreve Timor como terra de degredados e de febre, mas não deixando, todavia, de revelar a sua admiração pela natureza timorense: Timor era um mar de luxuriante vegetação, dum conjunto todo em verde, rica na cambiente de tonalidades.[10] O título do livro de Palma Carlos esclarecia, por sua vez, *Eu Fui Ao Fim de Portugal*, querendo dizer que Timor era o fim de Portugal.[11] Ruy Cinnati, o sivicultor-poeta que canta as belezas de Timor, grande especialista da sua flora e antropólogo de paixão, sintetiza: *«As árvores e Timor são como as premissas de um silogismo, em que o terceiro termo é Portugal»*.[12]

---

2 ORTA, Garcia – *Colóquios dos Simples e Drogas da Índia*. Goa: Ioannes de Endem, 1563, D. XIV. Seguindo o texto em diálogo do nosso grande botanista do século XVI, a árvore do sândalo é apresentada como «uma nogueira, e a folha é muito verde e é feita como a da aroeira. Deita flor azul escura, e dá uma fruta verde do tamanho da cereja, e cai asinha, e é primeiro verde e depois preta e sem sabor»; acrescentando-se ainda acerca da abundância do sândalo timorenses que «são matas que não se acabam de gastar, assim de uma banda da ilha, como da outra». Infelizmente, por finais do século XVIII grande parte deste sândalo branco já tinha sido completamente desvastado, sendo hoje raríssimo. Algumas tentativas de reintrodução e reanimação da produção de sândalo estão actualmente em curso. Continua a ser fundamental sobre este tema, a leitura do trabalho de CINATTI, Ruy – *Esboço histórico do sândalo no Timor Português*. Lisboa: Junta de Investigações Coloniais, 1950.

3 O livro manuscrito realizado pelo jovem piloto Francisco Rodrigues, membro da primeira expedição portuguesa às Molucas, em 1512, reunindo mapas e desenhos que organizam a primeira cartografia europeia do Sudeste Asiático terá sido realizado entre 1511 e 1515, tendo sido enviado nesta data incompleto de Cochim para Lisboa. O precioso original manuscrito guarda-se actualmente na biblioteca da Assembleia Nacional de França, em Paris. Uma das páginas do Atlas deste livro manuscrito apresenta a primeira representação cartográfica da ilha de Timor com esta exacta legenda: «A Jlha de timor homde nace o ssamdallo» (Bibliothèque de l'Assemblée Nationale de France, *Livre Manuscript de Francisco Rodrigues*, fl. 37). Visite-se o nosso estudo sobre este mapa e a representação do Sudeste Asiático na obra de Francisco Rodrigues em SOUSA, Ivo Carneiro de – *New Images. Sketching Southeast Asia in the 'Book' of Francisco Rodrigies* (1511-1515). In: SOUSA, Ivo Carneiro de & GARCIA, J.M. – *Discussing the first Portuguese Maps with the Philippines*. Lisboa, CEPESA, 2005, pp. 54-71.

4 Esta informação de Rui de Brito Patalim, capitão de Malaca, é referencial visto que estabelece uma cronologia para as primeiras visitas comerciais portuguesas à ilha de Timor, concretizadas em 1515, ao mesmo tempo destacando o seu interesse económico, somando ao trato central do sândalo a cera. De facto, a cera foi o único produto original de produção local que organizou a mais durável exportação timorense, vendendo-se ainda para destinos estrangeiros nos últimos anos de presença colonial portuguesa. A cera era especialmente demandada pelas indústriais têxteis javanesas do *batik*, um pano tradiconal feito pelo método do ikat, depois decorado e colorido geralmente a quente com cera de várias cores. Continuam os panos de batik a oferecer aos turistas que visitam hoje a Indonésia um dos seus produtos mais característicos, verdadeiramente luxuoso sempre que opta por uma base de seda. Os portugueses estabelecidos em Malaca que haviam já contactado com os ikat indianos devem ter encontrado nos mercados da cidade volumes importantes de batik javaneses, identificando a sua composição, produção e circulação comercial. Sobre a documentação dos primeiros contactos comerciais portugueses com a ilha de Timor pode concultar-se SMITH, Ronald Bishop –*The first age of Portuguese embassies, navigations and peregrinations to the kingdoms and islands of Southeast Asia* (1509-1521). Bethseda, 1968. As informações documentais reunidas por este autor passaram depois para PTAK, Roderik, *ob. cit*., p. 38 e GUNN, Geoffrey C. – *Timor Loro Sae: 500 anos*. Lisboa: Livros do Oriente, 1999, p. 60.

5 WALLACE, *ob. cit.*, p.52.

6 CASTRO, Alberto Osório de – *A Ilha Verde e Vermelha de Timor.* Lisboa : Agência Geral das Colónias, 1943.

7 DUARTE, Teófilo – *Timor, ante-camara do Inferno?!*. Lisboa: s.n., 1930.

8 FELGAS, Helio A. Esteves – *Timor Português*. Lisboa : Agência Geral do Ultramar, 1956.

9 BOXER, Charles R. – *Fidalgos in the Far East (1550-1770). Fact and Fancy in the History of Macao*. The Hague: Martinus Nijhoff, 1948. Não deixe de ler outras duas investigações do grande historiador britânico com interesse para história colonial de Timor: BOXER, Charles R. – *Francisco Vieira de Figueiredo e os portugueses em Macassar e Timor na época da restauração 1640-1668.* Macau: s.n., 1940; BOXER, Charles R. – *O Coronel Pedro de Mello e a sublevação geral de Timor em 1729-31*. Macau: s.n., 1937.

10 BRANDÃO, Carlos Cal – *Funo (Guerra em Timor)*. Lisboa: Edições AOV, 1992.

11 CARLOS, Rui Palma Carlos – *Eu Fui ao Fim de Portugal*. Queluz: Literal, 1980.

12 CINATTI, Ruy – *Motivos artísticos timorenses e a sua integração*. Lisboa : Instituto de Investigação Científica Tropical/ Museu de Etnologia, 1987.

Os veterinários coloniais deram também a sua achega, chamando a Timor *«terra de lagartos voadores»*, enquanto os apreciadores de café a apresentavam a ilha simplesmente como «terra de bom café».

O ex-comando da II Guerra Mundial em Timor e escritor australiano Cliff Morris chama-lhe *«Sleeping crocodile»*,[13] preferindo o historiador francês René Pelissier definir Timor como «Crocodile oblique».[14] O investigador Geoffrey G.Gunn prefere falar mais recentemente de Crocodile-shape Island.[15]

Em termos mais formais, durante a administração colonial portuguesa, Timor era conhecido oficialmente por "Colónia", "Território de Timor" ou "possessão portuguesa na Oceania". Era conhecida também por Timor-Dili, para se diferenciar de Timor-Cupão, ou Timor ocidental, ontem holandês, hoje indonésio.

Depois da Revolução do 25 de Abril, o ideário político da FRETILIN optou pela designação que ainda hoje prevalece oficialmente de *Timor-Leste*, binómio carregado de conteúdo político. E como a FRETILIN também passou a identificar o timorense com o termo *«Maubere»*,[16] não se teria lembrado de designar Timor como a Terra do *Maubere* ou *Mauberain*, já que Rai em Tetum significa terra.

Quando se deu a guerra civil entre os partidos políticos timorenses, em 1975, os refugiados que iam chegando ao Timor Indonésio eram designados como originários de TIM-POR, ou seja, a abreviatura de Timor Português. E quando Timor foi unilateralmente anexado pela Indonésia, passou a ser conhecido como TIM-TIM, isto é, Timor-Timur, ou Oriente-Oriente, distinguindo-se do Timor-barat, a parte ocidental da ilha de Timor com capital na cidade de Kupang, antigo domínio colonial holandês e, depois, sede de uma província da República da Indonésia.

Agora que Timor se tornou numa nação independente reconhecida internacionalmente, designa-se oficialmente República Democrática de Timor Leste (RDTL), mas aparece também popularmente crismada com o pomposo nome de *Timor Lorosae*, *«Timor do Sol Nascente»*.

Durante a longa luta de resistência dos timorenses à ocupação indonésia, entre 1975 e 1999, e depois durante o processo de transição para a Independência, muitos autores apresentaram Timor Leste com epítetos dramáticos. Assim, James Dunn intitulou o seu livro *Timor, A People Betrayed*.[17] A jornalista Jill Joliff falava de *Timor, Terra Sangrenta*.[18] O Cor. Piloto-Aviador, Morais da Silva, no seu livro *Abandono e Tragédia*, sublinha «A Terra Mártir de Timor». E o jornalista Luís Veladas, que viveu a tragédia ocorrida antes e depois do *Referendum*, chamou a Timor *Terra Sentida*. Igualmente viveu essa tragédia o jornalista Álvaro Morna, que reconheceu Timor desse tempo triste como *Timor, uma Lágrima de Sangue*.

O poeta maubere, Inácio de Mousa, no seu livro *Timor-Leste, Poemas de Cativeiro e da Diáspora* oferece-nos talvez a mais sublime definição de Timor Leste: Timor é Amor. Vale a pena seguir o seu belo poema:

TIMOR É AMOR

1
Timor
É amor
É luz
É cor
Num cair de tarde,
Ao sol-pôr
E na saudade

13 MORRIS, Cliff – Timor: Legends and Poems from the Land of the Sleeping Crocodile. Mulgrave: Waverly Offset Publishing, 1984.

14 PELISSIER, *ob. cit.*

15 GUNN, *ob.cit.*

16 Esta noção de «maubere» divulgou-se principalmente com a interpretação anti-colonialista da história de Timor Leste publicada pelo antigo dirigente da Fretilin ARAÚJO, Abílio de – *Timor Leste: os Loricos Voltaram a Cantar: Das Guerras Independentistas à Revolução do Povo Maubere*, Lisboa: s.n., 1977. Este conceito efectivamente carregado de sentido político, literalmente a traduzir como «pé descalço», originou a criação em Lisboa de uma Comissão para os Direitos do Povo Maubere que publicou de 1980 a 1985 o boletim *Funo*, e entre 1986 e 1990 um jornal de *Informação Timor-Leste*. Boletim da Comissão para os Direitos do Povo Maubere.

17 O P. Francisco Fernandes refere-se ao livro de DUNN, James – *Timor: A People Betrayed.* Queensland: Jacaranda, 1996. Do mesmo autor existe também o texto *The Timor Affair in International Perspective*. In: *East Timor at the Crossroads: The Forging of a Nation*. Peter Carey & G. Carter Bentley (eds). Honolulu: University of Hawai'I, 1995, pp. 59-72.

18 O nosso autor recorda o título marcante da corajosa obra de denúncia de JOLLIFFE, Jill – *Timor Terra Sangrenta.* Lisboa: O Jornal, 1989. Anterior a este texto traduzido em português encontra-se: JOLLIFFE, Jill. *East Timor: Nationalism and Colonialism*. Queensland: University of Queensland Press, 1978.

2
A Ilha
Que nós cantamos amamos
choramos
e inventamos
não cabe neste verso:
é maior do que o universo

3
Que Nossa Senhora de
Aitara
te guarde
e o comboio da Libertação
não tarde...

(Na verdade, Inácio, a Sra. de AITARA ouviu a prece do Poeta: de facto, o combóio da libertação não tardou).

A ladaínha dos nomes se calhar não vai ficar por aqui. Uma vez que Timor Leste está a inaugurar o capítulo mais brilhante da sua História, com a Independência, certamente que o rol dos nomes irá ficar mais acrescido, pois Timor electriza a imaginação e fantasia dos curiosos.

XXII.

A IDENTIDADE DE UM POVO

A história dos povos, sobretudo daqueles que pugnam pela sua liberdade e identidade política, procura investigar, recolher e codificar uma série de elementos que servem depois como seu ponto de referência para se distinguirem e diferenciarem de outros povos. Historiadores, antropólogos, etnólogos, políticos e académicos, numa palavra, a intelligentsia de um povo em geral, procuram, através da análise da alma desse mesmo povo, codificar os valores do seu subconsciente colectivo e nacional, dando-lhe cor, forma e movimento, a fim de estimular, motivar e projectar o povo para o futuro.

Inspirado na história dos povos que têm mais relacionamento com o povo timorense, tal como Portugal (com quem Timor tem laços históricos e culturais rpofundos), ou a vizinha Austrália (com quem Timor Leste partilha uma inevitável vizinhança) notemos que os epítetos que servem para caracterizar a identidade desses povos surgiram em épocas diferentes, conotados com mudanças ou mutações mais importantes operadas ao longo da sua história.

Assim, no caso de Portugal, relembre-se que o Português começou por ser o *Lusitano* dos Montes Hermínios, irrequieto e belicoso pastor, quando alguém lhe tenta tirar aquilo que é seu. Esse Lusitano, inicialmente um povo *pastoril*, passou depois a ser um povo *lavrador*, quando desce para as planícies para se dedicar à cultura e amanho da terra. E, no fim, familiarizou-se com o rio, depois o mar, e passa a ser pescador também. Finalmente, chegou a ter a consciência de que tinha uma terra a defender e fez-se então *herói*. Também ambiciona alargar as fronteiras da sua terra - surgindo então como um povo *conquistador*. Tendo conseguido uma vida estável, sonha em escrever. Fez-se então *trovador* e *poeta*. Uma vez consolidada a sua independência política, o Lusitano-Português sonha em perscrutar o mar azul e infinito, ansioso por saber o que está para além do mar. Fez-se então *investigador, cronista, cientista, cartógrafo* e, finalmente, *navegador* e *descobridor*. E ao desenvolver as suas potencialidades de adaptação a outros climas, passou a ser *botânico, missionário, humanista* e *colono*. Vemos que

estes qualificativos da identidade do Povo Português não surgiram todos ao mesmo tempo, mas foram surgindo ao longo da História, como resposta a dar aos desafios que as diferentes gerações tinham que enfrentar.

Quanto à nossa vizinha Austrália, que tem uma história mais recente, ainda não possui uma identidade bem definida. Teve uma origem humilde. Foi colónia penal da coroa Britânica. Os fundadores da gigante Austrália estavam conotados com as classes mais subalternas ligadas à criminalidade, uma classe social rejeitada pelo próprio país dos seus ancestrais. Com o tempo, os descendentes desses *«convicts»* foram-se revelando como criadores de gado, agricultores e muito entusiasmados com tudo o que se relaciona com o desporto. E hoje primam por se imporem nas competições internacionais desportivas em qualquer modalidade. Mas o que vem de origem - a *génesis* - ficará para sempre ligado à maneira de ser e de actuar do povo australiano, o «aussie». Marcado pelas suas origens, ainda hoje, o povo australiano continua a demonstrar uma aversão pelas autoridades da ordem como a Polícia, os militares e parlamentares, e não se mostra disposto a colaborar com esses poderes autoridades, e até dá guarida e protecção aos criminosos procurados pelas autoridades. São avessos às formalidades e protocolos, detestam tanto trajes de cerimónias quanto os seus antepassados Britânicos, aos quais dão o nome prejorativo de POMS, os *«Prisoners of His Majesty»*. O australiano é um povo que prima pela liberdade individual. É um democrata nato, mas não é muito sociável, antes se mostra introvertido.

A REACÇÃO DOS TIMORENSES EM RELAÇÃO AOS ESTRANHOS

Uma tentativa de analisar e avaliar, à luz do contexto histórico, social e cultural de Timor, a reacção e a resposta que o timorense dá aos estranhos que, ao longo dos séculos, tentaram aportar na sua Ilha, pode fornecer-nos algumas componentes da identidade do timorense. A sua postura e actuação para com os estranhos, em defesa da sua dignidade, liberdade, honra, assim como a sua maneira de ser, *forjam e modelam a sua identidade* como uma nação em potência que virá a afirmar-se na aurora do terceiro milénio.

No primeiro contacto com os estranhos ou intrusos, a reacção do timorense é caracterizada pela suspeita, cautela e desconfiança, que o colocam numa posição de defesa, segundo a sua tradicional estratégia *«tito hodi haré took»* – espera para ver ou «wait and see». Curioso por natureza, cedo ou tarde acaba por descobrir as intenções, qualidades e defeitos do forasteiro e, a partir daí, toma posição. Se ele se certifica que o estranho chega com boas intenções e comunga os mesmos valores, então o timorense enceta um relacionamento amigável, que visa criar um clima de entendimento e convivência pacífica dentro do seu conceito *«ema diak, ita nia belu»*. O timorense começa a criar um clima amistoso, que culmina com a celebração do ritual *«Hemu Ran»*, um ritual de aliança que testemunha e afirma uma eterna amizade com o estranho através do juramento de sangue. Caso contrário, dificulta a permanência do estranho, criando um clima hostil e conflituoso, dentro da estratégia de hostilidade *«hamout tiha sira, ou harauk tiha sira»*, isto é, destruí-los.

Este tem sido o comportamento do timorense ao longo da História em relação aos forasteiros. E, consequentemente, um dos passos a dar neste sentido é tentar investigar se no passado teria havido algum contacto de qualquer natureza com os vizinhos da Região. Ou será que a configuração geográfica acidentada e agreste da Ilha, que constitui, por assim dizer, a sua defesa natural, bem como, por outro lado, a abundância de recursos naturais, que asseguram a sua auto-suficiência e independência dos mercados exteriores da época, e, finalmente, o temperamento indómito e irrequieto dos timorenses, teriam inviabilizado a entrada de estranhos na Ilha? Argumento a favor desta posição é a própria ausência na Ilha de quaisquer vestígios ou influência Hindu, Islâmica e Budista, presenças que dominaram todo o arquipélago em que Timor se encontra inserido:

> «Timor did not come under the aegis of the early Javanese/Islamic principalities and, historical conjecture

> notwithstanding, Indo-Javanes and Islamic influences barely can be noted, except in so far as Dutch hegemony later effected the spread of some ideas, particularly in the political domain, to western (now Indonesian) Timor. East Timor, under Portuguese rule, was largely exempt from those influences».[1]

Os contactos comerciais da época pré-colonial ter-se-iam limitado apenas às zonas ribeirinhas da costa norte e não tinham algum entreposto ou base permanente na Ilha. Há documentos provando que a China Imperial já no século XIII tinha estabelecido contactos mercantis com Timor, comprando sândalo, que era muito apreciado na China para fins religiosos, nos pagodes e nos palácios imperiais. Assim, na China, a referência mais antiga que se fez ao comércio de sândalo de Timor é da dinastia do Imperador YUAN, no século XIII, referindo que as *Timor's mountains do not grow other trees but sandalwood which is most abundant*.[2] Os navegadores gujarates e outros da região do Índico teriam também ido a Timor em demanda do precioso lenho. Estes são os contactos esporádicos que a História registou antes da chegada dos europeus, Portugueses e Holandeses, nos séculos XVI e XVII.

1 DUNN, *ob. cit.*, p. 3.
2 GUNN, *ob. cit.*, p.7.

XIII.

A ERA COLONIAL. A ADMINISTRAÇÃO PORTUGUESA

Sendo os Portugueses os primeiros europeus que conseguiram aportar nestas paragens do Oriente e os últimos a sair, deixaram várias obras escritas, compêndios e livros, monumentos, marcos e, sobretudo, comunidades lusófonas locais que testemunham a presença e actividades desenvolvidas pelos Portugueses na Ásia. Em relação a Timor, destaca-se uma obra que foi pioneira na historiagrafia da Ilha. O livro do governador colonial Afonso de Castro, *Possessões Portuguesas na Oceania*, oferece uma perspectiva global da História de Timor que vai desde a presença dos Dominicanos em Solor, passando pelo seu desembarque em Lifau em 1552, concluindo em 1863, o início do governo em Timor do autor da obra.[1] É uma história de carácter predominantemente político e administrativo, pois trata sucintamente da administração dos governadores de Timor desde 1702 até 1863. Sendo uma obra pioneira no género, o livro *Possessões Portuguesas na Oceania* ocupa um lugar de relevo na historiografia timorense, pelo facto de não ter precedentes que tratem sistematicamente um período tão longo da História de Timor. Esta obra serve, ao mesmo tempo, de referência para historiadores posteriores de Timor que só começaram a surgir timidamente a partir da primeira metade do século vinte.

Antes de Afonso de Castro, as memórias e cartas escritas dos Dominicanos são mais fontes de informação do que trabalhos de carácter histórico propriamente dito, visto que os seus autores viveram a própria realidade dos acontecimentos narrados. São, por isso, coevos dos factos tratados. Sendo o estabelecimento dos Portugueses em Timor feito primeiramente através da Cruz, segue-se, obviamente, um domínio espiritual e teocrático, em que os frades Dominicanos conquistaram cristãos para a Igreja e também vassalos para a Coroa.[2] Decorrido mais de um século e meio, foi a vez da ocupação formal

---

1 CASTRO, *ob. cit.*

2 Sobre a circulaçao dominicana em Solor, Timor e ilhas adjacentes, veja-se a documentação reunida por SÁ, Artur Basílio de – *Documentação para a História das Missões do Padroado Português do Oriente: Insulíndia*. Lisboa. AGU, 1958, 6 vols.

pela Coroa Portuguesa, que nomeou e mandou para Timor o primeiro Governador, em 1702. A partir daí, a política do alargamento e de consolidação da soberania portuguesa processa-se à custa de muita luta, quer contra alguns régulos timorenses, quer contra os holandeses, que tinham ocupado uma parte de Timor (Kupang ou Cupão, em 1653).

Tendo sido uma constante histórica as sublevações em Timor, a presença portuguesa tinha que ser também de cariz militar. De facto, era difícil encontrar algum governador de Timor que não fosse militar, porque tinha primeiramente de enfrentar problemas relacionados com a segurança. Donde se conclui que a ocupação de Timor era estruturada e orientada para sucessivas campanhas de pacificação, em detrimento de uma política de fomento agrícola, económico e educacional que, para os governadores coloniais de então, não passava de uma preocupação secundária e periférica. Com efeito, a «mania» das revoltas de alguns dos régulos timorenses não permitia aos governadores o tempo suficiente para se preocuparem com programas de fomento agrícola para melhorar a vida da Colónia. Uma das poucas actividades de certo valor económico de então permanecia o comércio de sândalo, cujo crescimento e produção não exigem trabalho ao timorense, que só se limita a abatê-lo. No entanto, pelos finais do século XVIII, praticamente já não existia sândalo em abundância.

A leitura da obra de Afonso de Castro leva-nos a questionar como é possível reconciliar a debilidade da presença portuguesa com o espírito irrequieto e indómito dos Régulos de Timor, situado nos antípodas de Portugal. Leva-nos mesmo a perguntar: como seria possível que uma administração desprovida de recursos humanos e materiais tenha conseguido sobreviver em Timor quando as sublevações eram tão frequentes? Uma resposta racional e plausível a estas perguntas deve passar por uma análise sucinta dos factores que contribuiram para desestabilizar a Ilha através dos séculos.

Podem ter havido vários factores que alimentaram este clima belicoso, tais como os desmandos de um ou outro governador, as intrigas dos holandeses, a ausência de um canal de comunicação entre a autoridade colonial e o povo, entre outras causas. Mas a razão fundamental da conflitualidade, a nosso ver, reside sobretudo na própria estrutura sócio-política da sociedade tradiconal timorense. Antes da chegada dos portugueses, Timor era formado por vários reinos que, embora submissos ao Imperador de Webico-Wehali, praticamente tinham uma vida independente. Cada reino era cioso de guardar as suas fronteiras invioláveis, transformando Timor num autêntico mosaico de mini-estados independentes que, através de casamentos, formaram uma rede de alianças entre diversos reinos para se defenderem melhor na hora da luta. Na realidade nunca houve uma unidade política entre os regulados de Timor. Por outro lado, a abundância de terras e de recursos naturais, combinada com a ausência de animais ferozes, facilitava a tendência de uma população dispersa para a procura de melhor pastagens e água para o seu gado, nos lugares onde não houvesse interferências de terceiros. Quanto mais esquecido e afastado das autoridades - coloniais e tradicionais - melhor seria, pois o timorense pouco ou nada espera das autoridades, que mais se preocupam em exigir-lhe o cumprimento do seu dever do que em lhe fazer ver que ele também tem os seus direitos.

Tendo em conta também que, historicamente, tanto os timorenses como os *larantuqueiros*,[3] habituados, durante mais de um século e meio, ao regime dos Dominicanos em que virtualmente tinham liberdade de acção, não iriam com facilidade aceitar de bom grado uma autoridade que iria restringir-lhes essa mesma liberdade, com leis e novos códigos que iriam condicionar a sua maneira de pensar, ser e agir. Daí que os irrequietos régulos, ora instigados pelos holandeses, ora descontentes com os desmandos de um e outro governador, criassem sempre um constante clima de insegurança em Timor, a ponto de a intranquilidade se tornar o estado normal da vida, e o sossego a excepção que confirma a regra. Entre os momentos mais críticos, salientemos a recusa das famílias reais dos *larantuqueiros* «Hornais» e «Costas» em aceitar governadores nomeados pelo Vice-Rei da Índia. Mesmo que viessem depois a aceitá-los, os Costas e Hornais, instigados pelos holandeses, criaram sérios problemas aos governadores que foram residir em Lifau.

3 O termo *larantuquerios* refere-se aos mestiços que reivindicavam uma identidade portuguesa em Larantuca, na parte oriental da ilha das Flores, perto de Timor. Identificados pelos holandeses como “topassen” ou “portugueses negros”, estes larantuqueiros constituíam um punhado de famílias cristianizadas que, graças aos tratos, poder militar e abundante escravatura foram fundamentais na erecção da fortaleza de Lifao, nas décadas finais do século XVI, no actual enclave de Oecussi, concretizando a primeira fixação em nome da longínqua coroa portuguesa em solo timorense.

Assim, o recém-chegado Governador Teles de Meneses foi forçado a abandonar Lifau e a dirigir-se para a parte leste da Ilha, à procura de um lugar mais seguro. Foi a fundação da cidade de Dili, em 1769.

Depois desta ligeira digressão histórica, podemos reformular a pergunta anterior da seguinte maneira: não obstante o carácter rebelde e independente do timorense, que está na origem de lutas contínuas; não obstante a falta de recursos humanos e materiais para abafar tais revoltas e afirmar o domínio luso, *como é que a soberania portuguesa conseguiu sobreviver durante séculos, e só deixou Timor porque e quando queria?*

Uma resposta que parece sensata deve passar por uma análise da conduta oficial do Governo colonial em relação ao timorense. A estratégia generalizada era a de explorar as rivalidades existentes entre os diversos regulados, para se impôr como árbitro, levando os reinos vassalos - os tradicionais *leais moradores* – a apoiar o governo colonial contra os reinos sublevados. A política adoptada por vários governadores foi tentar governar com brandura e prudência, usando a táctica de «*laissez faire*», a fim de cativar a simpatia e o coração do nativo. Outro factor importante foi a presença providencial dos Dominicanos em Timor, a qual preparou o ambiente e os condicionalismos para a aceitação do poder político. O timorense descobriu que os homens da administração tinham o denominador comum com os frades: falando a mesma língua, partilhavam a mesma religião, os mesmos usos e costumes e a mesma etnia. Mas o factor mais importante para criar um clima político estável afigura-se-nos basear-se no seguinte processo: é um facto histórico que, tirando um ou outro caso, o procedimento humano e leal dos portugueses se consubstanciou no respeito pela tradição e valores timorenses. Esta postura política foi um dos factores que conquistou o coração dos timorenses, porque representava um valor que falava mais alto do que quaisquer fomentos melhoramentos materiais.

Com efeito, a presença portuguesa, mais do que nos monumentos de pedra e cal, encontra guarida no sentimento e mentalidade do timorense. Ela identifica-se com a Igreja Católica, que é a herança mais valiosa deixada por Portugal, e traduz-se no culto que o povo timorense nutre pelo símbolo de Portugal. O próprio Afonso de Castro reconhecia a influência e a contribuição da Igreja na implantação da presença portuguesa em Timor, sublinhando que

> «A catechese é um grande meio de civilização, e em Timor, aonde nos falta e faltará a força para dominarmos aquelle povo, devemos servir-nos da palavra para fazer as conquistas, que a espada não pode fazer. Pela catechese fundámos a colónia, e pela catechese devemos sustentá-la».

Estas afirmações permitem concluir que o pensamento de Afonso de Castro destacava o papel aglutinador da Igreja na implantação da presença portuguesa em Timor e na sua consolidação através das gerações. Além disso, a razão de ser da colonização portuguesa, não dependia apenas da *manu militari*, se bem que toda a administração portuguesa mobilizasse governadores e pessoal de matriz castrense. Toda a estratégia política colonial portuguesa em Timor era caracterizada por um humanismo cristão, de justiça e tolerância, indiscriminação social, respeito pelos valores e estruturas tradicionais de Timor.

Não obstante todas estas vantagens, nem sempre os portugueses tiveram uma administração pacífica em Timor, pois não houve nenhum governador que tivesse uma governação livre de revoltas e sublevações, a ponto de um dos grandes governadores de Timor, o nosso Afonso de Castro, ter afirmado que «*em Timor, a guerra é normal e a paz é uma excepção*». Uma situação que, no século XIX, se ampliava tanto com a interferência e intriga dos holandeses como com o natural espírito belicoso e indómito dos *Liurais*. Observador de Timor na segunda metade de Oiticentos, o naturalista Alfred Russel conclui mesmo que «*The Timorese retain their independence virtually, and appear to despise as well as dislike would-be rulers, whether Portuguese or Dutch…*»[4] A estes dois factores devem ainda somar-se os desmandos de alguns governantes coloniais e a inexistência de canais de comunicação e diálogo entre o Liurai e a autoridade colonial, entre o colonizador e o colonizado, entre o governante e o governado, sendo o único canal

4 WALLACE, *ob. cit.*, pp. 204-205.

de comunicação o administrativo, apropriando todos os poderes: económico, militar, judicial e legislativo, geralmente representado por um militar de patente de sargento ou tenente, que nem sempre era competente, humano e responsável. Quando assim é, o detentor desse poder, em vez de ser árbitro na solução de problemas, passa a desempenhar o papel de um jogador oponente. Em vez de ser juiz nas contendas, passa a ser acusador, tomando partido, quando devia ter desempenhado o papel de reconciliador. Nestas circunstâncias, o outro parceiro (o *Liurai*, o *povo* e o *colonizado*) fica desprovido de um canal para fazer ouvir a sua voz. E a partir daí, vê bloqueado o seu caminho para defender a sua causa e fazer ouvir a sua voz, que é muito importante na tradição timorense. Quando o processo de diálogo chega a esse ponto, isto é, quando o Liurai (o governado, o povo) não consegue dialogar com os agentes da autoridade colonial e não consegue fazer ouvir a sua voz junto dos detentores de poder, então o problema agudiza-se, e só há um caminho a tomar: fazer justiça pelas próprias mãos. As diversas sublevações e revoltas que se registaram na História de Timor podem ser entendidas e explicadas dentro desta perspectiva cruzando vários factores, mas destacando a oposição entre poderes tradicionais e poder administrativo colonial.

A maioria das rebeliões nem sempre era de carácter político, isto é, dirigida contra a soberania portuguesa, pois eram geralmente movimentos fragmentários, isolados e localizados, não tendo poder de mobilização geral nem perseguindo algum objectivo político claramente definido. Dir-se-ia que eram antes ajustes de contas, que visava reclamar a justiça, ou protestar contra o aumento da finta ou imposto, ou repôr a autoridade de algum Liurai que tinha sido humilhado pela autoridade colonial. Era, no fundo, uma rejeição de alguns dos representantes da Soberania, pois há factos históricos que fundamentam este ponto de vista.

Um destes factos atesta que quase todas as revoltas ou rebeliões ocorridas em Timor terminaram quase sempre em reconciliação, com a chegada de um novo governador. E os *Liurais* (Régulos) sublevados não hesitaram em prestar-lhe vassalagem, o que prova que a rebelião não foi contra a soberania portuguesa, mas contra alguns agentes da soberania. Por outras palavras, não foi contra a Nação, mas contra um ou outro dos seus representantes, como ajuste de contas, caso contrário os Liurais rebeldes não teriam pensado em prestar vassalagem ao recém-chegado Governador, o representante máximo da soberania portuguesa. E as rebeliões, exceptuando dois casos, eram geralmente fragmentárias e não chegaram a mobilizar a maioria dos reinos.

Mais tarde, com a difusão da Igreja pelo interior da Ilha, alguns missionários também foram solicitados, quer da parte do Governo, quer do povo e dos Liurais, para servir de elemento de reconciliação, outro facto que confirma o ponto de vista aqui exposto.

Durante a II Guerra Mundial, ao contrário das colónias holandesas ou Indias Orientais, que se revoltaram contra a Holanda reclamando a independência, Timor não fez o mesmo contra Portugal; pelo contrário, os timorenses defenderam e protegeram os portugueses contra a perseguição e violência dos Nipônicos. E mais: não se esmoreceu o tradicional respeito e culto que os timorenses nutrem pelo símbolo de Portugal: a Bandeira das Quinas. E alguns régulos timorenses deram a vida em defesa do símbolo de Portugal.

Outro argumento importantíssimo: a Administração Portuguesa, sem significantes efectivos militares, conseguiu estar em Timor durante séculos e deixou Timor por livre vontade, ao passo que a Indonésia tinha uma presença militar maciça em terra, ar e mar e não conseguiu ficar sequer um quarto de século.

XIV.

RELAÇÕES HISTÓRICAS ENTRE MACAU E TIMOR

(contexto comercial, sócio-cultural e missionário)

A fragância do sândalo, considerada pelos antigos como panaceia para múltiplos necessidades e utilizado tanto como perfume como sabão, projectou, desde o século XIII, o nome de Timor para além do espaço geográfico em que se encontra inserido. A China que, ontem como hoje, revela um olfacto muito apurado para o mundo das fragâncias, foi o primeiro país a aventurar-se até Timor ainda no século XIII, em demanda do sândalo odorífero, possivelmente no tempo do Imperador Youngle. Com efeito, um documento chinês da época diz o seguinte:

> "Timor's mountains do not grow other trees but sandlewood, which is most abundant. It is traded for silver, iron, cups of porcelain, cloth from Western countries and colored taffetas".[1]

O sândalo de Timor passou, desde então, a ser um dos produtos de luxo mais procurados pela China Imperial, a fim de perfumar os pagodes e palácios imperiais. O óleo era aproveitado para fazer perfumes e a madeira para confeccionar mobílias de aparato. No tempo dos Imperadores Ming, principalmente no do Imperador Youngle, uma poderosa armada chinesa, sob o comando do Almirante Cheng He, o 'Vasco da Gama Chinês', navegou pelos mares da Insulíndia e, atravessando o Estreito de Malaca, foi até à India, explorando a costa oriental da África e do Mar Vermelho. E não foram mais além porque não lhes interessava. Possivelmente, por essa altura, a armada do Almirante Cheng He teria visitado também Timor, para comprar o sândalo tão apreciado pelos Imperadores Chineses.[2]

---

1 GUNN, ob. cit., pp 51-53.; PTAK, *ob. cit.*

2 Não é provável a visita da ilha de Timor durante as várias expedições marítimas de Cheng He. Não se documenta qualquer interesse pela Indonésia Oriebntal nestas navegações ligadas à afirmação do poder imperial chinês e à reunião de estados tributários. Actualmente, as viagens de Cheng He encontram-se envolvidas em larga polémica com a publicação da obra de Gavin Menzies *1421: The Year China Discovered America* (London: Bantam Press, 2002), sugerindo a «descoberta» do Barsil e da América durante estas expedições chinesas que teriam chegado tão longe como os Açores.

Depois dos navegadores chineses, chegaram também a Timor os comerciantes Zurates do Sul da India à procura do sândalo. E com a tomada de Malaca em 1511, por Afonso de Albuquerque, os navegadores lusos, atraídos pelo aroma do sândalo, teriam descoberto Timor, cerca de 1520. A partir daí, os portugueses controlaram o comércio do sândalo de Timor. Os poetas, cronistas, os botânicos e os viajantes europeus aludem à importância do sândalo odorífero. Camões canta, como vimos, em sons altissonantes, nos versos de *Os Lusíadas*: *'A Ilha que o lenho manda, sândalo odorífero e cheiroso'*. Garcia de Orta traça com mão de mestre a vida do sândalo, Duarte Barbosa e Tomé Pires falam de florestas de sândalo e até um farmacêutico italiano, António de Musa, afirmou: *'o sândalo aos Portugueses o devemos'*.

Sem perder tempo, Afonso de Albuqerque concebeu a genial ideia de criar o Império Português no Oriente, com capital em Malaca, donde partiram rotas de navegação para a China, o Japão e o arquipélago da Insulíndia. Com o estabelecimento dos portugueses em Macau, por volta de 1555, Macau passou a desempenhar também a função de estratégico interposto comercial de sândalo com a China, então a principal consumidora do lenho odorífero.

A Cronologia da História de Macau do século XVIII, compilada pela Dra. Beatriz Bastos da Silva, diz o seguinte: *'O Senado de Macau foi realista em declarar que a Cidade não podia sobreviver sem o sândalo de Timor, pois faltando o comércio de sândalo a Cidade ficará totalmente arruinada. Pois toda a Cidade lucra com o sândalo, desde o Capitão-Geral até as viúvas e órfãos'*. Como consequência deste comércio, uma significante comunidade macaense passou a residir em Larantuca, na Ilha de Flores, vizinha de Timor e possivelmente havia relações matrimoniais entre a colónia macaense e os naturais. Tal é o caso de Lourenço Lopes, oficial do Exército, que casou com uma timorense, filha do Régulo Mateus da Costa de Lifau.

A QUEDA DE MALACA

A tomada de Malaca pelos holandeses, em 1641, abalou os alicerces do Império Português no Oriente. Macau, Timor e Solor, desemparados pelo Estado da Índia e pela metrópole, tiveram que enfrentar sozinhas as ameaças dos holandeses. Antes da chegada dos holandeses, Timor não tinha nem precisava de um governo formal, pois quem lá governava era o Superior-Geral dos Frades Dominicanos. Mas em 1653, os holandeses ocuparam a parte ocidental de Timor, para nunca mais saírem, e começaram a fazer sortidas contra a parte Oriental. Foi nessa altura que os Dominicanos apelaram a Macau para estabelecer um governo formal em Timor, a fim de enfrentar os novos desafios.[3]

Nesse tempo crítico e agitado, o primeiro Governador de Timor foi um ex-governador de Macau, o macaense António Mesquita Pimentel, que embarcou para Timor na fragata de Nossa Senhora da Conceição de Pangim e que aí foi recebido com entusiasmo pela população. Mais tarde, outro antigo governador de Macau, o macaense André Coelho Vieira, viria a substituiu-lo. Nessa fase incipiente de estabelecimento do Governo colonial em Timor, Macau serviu de interlocutor e mediador entre Timor e o Estado da India, com sede em Goa, e o reino. Charles Boxer, um dos mais importantes estudiosos da presença Portuguesa no Oriente, escreve a propósito deste tema que

> "Durante as perpétuas lutas em Timor, a ajuda era sempre proveniente de Macau, que raramente falhava quando era necessária".[4]

---

3 A «tese» do Padre Francisco Fernandes mostra-se, no geral, acertada e compreensível, mas concretiza um largo salto cronológico que importa esclarecer. Com efeito, a formalização de uma capitania designada «das ilhas de Solor e Timor» dá-se ainda com Filipe II que, ao nomear o primeiro capitão desta entidade político-institucional, passou para o domínio da coroa os direitos que tinham sido exercidos pelos dominicanos em carta régia de 1583 (Instituto dos Arquivos Nacionais/Torre do Tombo, *Chancelaria de Dom Filipe I*, Livro 15 de Doações, fls. 28-28v.; Livro 28 de Doações, fls. 81-81v. – nº 383; Cf. SOUSA, Ivo Carneiro de – *Philip II, King of Spain and Portugal, and the relations between the Philippines and Timor.* In: Revista de Cultura, Edição Internacional, Macau, 7 (2003), pp. 59-67).

4 BOXER, *ob. cit.*

O auxílio de Macau a Timor foi além do que se esperava, a ponto de chegar a sensibilizar o então governador António Hornay para mandar a Macau um donativo de vários géneros para reparação de fortalezas, sobretudo a da Barra. Ao mesmo tempo, estabelece-se o período áureo do comércio de sândalo à roda de 1630, data em que os lucros andavam por volta de 150 a 200 por cento, pois os mercadores de Macau compravam o sândalo por um terço do preço a que o compravam os comerciantes estrangeiros. Além do sândalo, também seguiam para Macau outros produtos, como cera, madeira, milho e até escravos. Nesta primeira fase, as relações entre Macau e Timor eram dominados por este nível comercial.

O PAPEL FUNDAMENTAL DE MACAU DEPOIS DA QUEDA DE MALACA

Após a queda de Malaca, em 1641, Timor não tinha uma situação política estável. Tornou-se uma espécie de cobaia para experiências políticas de ajustamentos da parte do Governo Central, pelo que, no século XIX, apenas num espaço de tempo de 22 anos, Timor sofreu mais de cinco mudanças substanciais de situação e estatuto políticos. Primeiro, desde 1836 a 1844, Timor e Solor começaram por estar dependentes do Governo de Estado da India. Mas, em Setembro de 1844, passaram a ficar dependentes de Macau. Passados 6 anos, isto é, em 1850, Timor e Solor voltaram a formar um Governo Autónomo. Inesperadamente, 6 anos mais tarde, em 1856, Timor e Solor voltaram a depender de Goa. Finalmente, esta experiência terminou em 1866, quando Timor e Solor voltaram outra vez a formar com Macau um só Governo, sendo o Governador de Timor formalmente dependente de Macau.[5] E a partir daí, com o apoio de Macau, a economia de Timor ganhou dinamismo, com o aparecimento de café no mercado de exportação, somando-se às exportações tradiconais de sândalo, cera e madeira.[6]

Também como consequência da queda de Malaca, a Igreja de Timor, que dependia de Malaca e Goa, ficou abandonada durante 40 anos. É preciso esperar pelas décadas finais do século XIX para, em 1877, se ver raiar a aurora que pôs termo a esse abandono: a Santa Sé resolveu transferir as Missões de Timor da Jurisdição da Arquidiocese de Goa para a Diocese de Macau. Se ao longo da história da difusão do Evangelho na Ásia, Macau tem sido o farol que projecta a luz da Fé em todo o Extremo Oriente, a partir do último quartel do século XIX Macau salvou também o catolicismo em Timor. De facto, foi a Diocese de Macau que entrou em força com recursos financeiros, materiais e humanos para reabilitar as Missões de Timor. Sob a orientação do Bispo António Joaquim de Madeiros, Macau conseguiu triunfar onde outras falharam. Construiram-se escolas e igrejas, ensaiaram-se explorações agrícolas com o objectivo de reabilitar as missões e projectá-las na senda da promoção sócio-cultural e humana do povo de Timor.

Em consequência, começaram a vir jovens de Timor para estudar em Macau, sobretudo no Seminário de S. José, no Liceu Infante D. Henrique e na Escola Comercial. E esses antigos estudantes de Macau formaram parte importante da classe intelectual de Timor antes da ocupação da Indonésia. Mais de 30 sacerdotes timorenses que actualmente trabalham em Timor, tal como o autor, estudaram em Macau, e foram alunos aproveitados. Os secretários-gerais dos três principais partidos políticos que surgiram em Timor, em 1975, eram antigos alunos do Seminário. O primeiro Presidente da República de Timor Leste, o Sr. Francisco Xavier de Amaral, era ex-aluno do Seminário de S. José.

Antes ainda, um dos peritos de telecomunicação que se tornou herói durante a II Guerra Mundial, ajudando os australianos na batalha do Pacífico, Patrício José da Luz, era um antigo aluno do Liceu de Macau. Patrício veio a ser o herói mais galardoado na II Guerra Mundial, sendo agraciado pelos Estados Unidos, Grã-Bretanha, Austrália, Portugal e Nova-Zelândia.

Entre os timorenses que vieram estudar em Macau, um ficou muito conhecido: Pedro José Lobo, exercendo funções políticas elevadas

5 GUNN. *ob. cit.*, pp. 120-124.

6 Um sumário mais actualizado das relações históricas entre Macau e Timor pode encontrar-se em SOUSA, Ivo Carneiro de – *Para a História das Relações entre Macau e Timor (séculos XVI-XX)*. In: 'Revista de Cultura', Edição Internacional, Macau, 18 (2006), pp. 13-22.

no território macaense e tendo mesmo sido um dos mais influentes políticos do seu tempo.

Em relação à comunidade chinesa em Timor, até Abril de 1975, elevava-se a cerca de 10 mil pessoas, na sua maioria significativamente provenientes de Macau, mas também Cantão e, menos expressivamente, de outras partes da China. A comunidade chinesa de Timor falava Hakka e nunca teve problemas com os timorenses nem com as autoridades portuguesas. Só tiveram verdadeiramente problemas com os indonésios, que fuzilaram milhares de chineses de Timor. Em 1976, na qualidade de Presidente dos Refugiados de Timor em Atambua (Timor Indonésio), ainda ajudei mil chineses a serem evacuados para Portugal pela Força Aérea Portuguesa, ao abrigo de uma negociação especial entre Portugal e Indonésia, que autorizou a repatrição de 4 mil refugiados do então Timor Português, incluindo esse milhar de chineses. Mais não foram evacuados, porque Jacarta não autorizou. O sucesso dessa negociação de repatriamento deve-se ao então CEMFA da FAP (Força Aérea Portuguesa), Gen. Morais da Silva que, em 1976, foi para os refugiados timorenses o que o Moisés da Bíblia foi para os judeus, salvando-os da escravatura dos Faraós. Os chineses em Timor eram, no geral, benvindos por todos, porque criaram postos de trabalho para a população e revelaram talento e profissionalismo no desenvolvimento e controlo da vida económica de Timor, sobretudo no sector de importação e exportação. Na vida social social, os chineses integraram-se em Timor através do matrimónio e da amizade, sem discriminação de espécie alguma.

Um dos chineses de Timor Leste que se tornou célebre foi o Coronel Chung, um distinto oficial das Forças Armadas Portuguesas e um dos militares mais louvados e galardoados antes do 25 de Abril.

Era política do Governo de Macau, recorde-se, desterrar presos do território para Timor, sempre que passava por Macau um barco português com rumo a Timor. Esses presos, uma vez em Timor, só cumpriam a pena de um mês na cadeia, a não ser em algum caso excepcional, e depois ficavam livres, contribuindo com o seu trabalho para promover a economia local. Assim se criava mais um laço de relações entre Macau e o Timor Oriental.

ADMINISTRAÇÃO DO GEN. VASCO ROCHA VIEIRA E OS TIMORENSES EM MACAU

Os timorenses jamais esquecerão o apoio incondicional que Macau prestou aos refugiados de Timor, desde o eclodir da crise político-militar em 1975, mas sobretudo durante a última Administração Portuguesa, entre 1990-1999, sob a chefia do Governador Gen. Vasco Rocha Vieira. Centenas de refugiados timorenses, impedidos pela Imigração Australiana de entrar na Austrália e impossibilitados economicamente de viajarem até Portugal, encontraram guarida e protecção em Macau, que os recebeu com o calor humano e amizade. Em Macau, encontraram um clima de paz, um ambiente propício para trabalhar, estudar desde o primário até ao universitário, para poderem construir o seu futuro. A expensas do Governo de Macau, os refugiados timorenses tiveram acesso aos diferentes níveis de escolaridade.

Antes da transferência de Macau para a República Popular da China (RPC), no final de 1999, a situação de mais de mil refugiados que passaram por Macau foi resolvida de uma maneira sem precedentes. A Administração ajudou na passagem de mais de trezentos refugiados como imigrantes para a Austrália, ao abrigo de um programa de reunião de famílias, a maioria repatriada para Portugal e uns cento e tal regressaram para Timor, a bordo de um aparelho da AIRMACAU, pago pela Administração. Trabalhei com refugiados desde 1975-1977 em Timor Indonésio e, depois no Vale de Jamor, perto de Lisboa, desde 1977-78, e finalmente na Austrália, entre 1978-1989, mas foi em Macau que encontrei a melhor colaboração e apoio para resolver a situação de quem é refugiado de uma maneira a todos os títulos louvável.

Depois da independência de Timor, e após o retorno de Macau para a soberania chinesa, os laços históricos entre Macau e Timor continuam a reforçar-se, pelo facto de Macau continuar a receber nas suas universidades os estudantes timorenses e de Timor Lorosae ter tido o privilégio de receber um contigente das Forças Armadas da Paz da China que, pela primeira vez, integrou Forças Internacionais da Manutenção de Paz da ONU. E a RPC, que está a encetar uma

estratégia política para se afirmar como uma super-potência na Região da Ásia-Pacífico, encontra certamente em Timor um aliado, já que a China sempre apoiou Timor na sua luta pela libertação. Macau e a China terão, por isso, um lugar especial na reconstrução da nova nação de Timor Lorosae, pois Timor Leste oferece potencialidades para os investidores macaenses e chineses, nomeadamente na área da exploração turística, na pesca, na construção de infa-estruturas, nos transportes marítimos, aéreos e na indústria petroquímica.

Sendo a História a mestra da vida, se a História reza que Macau e a China contribuiram no passado para o desenvolvimento económico, cultural e social de Timor, esperemos que Macau e a China continuem no futuro a sua missão histórica na reconstrução e promoção de Timor Lorosae.

XV.

TIMOR E A II GUERRA MUNDIAL

O avanço imparável das forças nipónicas pelo Sudueste da Ásia, dominando tudo e todos à sua passagem e esmagando o mito da invencibilidade da Royal Navy, simbolizado na queda de Hong-Kong e, principalmente, de Singapura, que se considerava inexpugnável, foi um sério aviso para a Austrália como sendo o próximo alvo. Perante uma iminente invasão da Austrália, os estrategistas australianos descobriram o valor geo-estratégico de Timor. Assim, para deter o avanço vitorioso das forças nipónicas, a Austrália resolveu fazer a sua guerra no solo timorense, que serviu como escudo para a defesa do território australiano e, para os japoneses, como trampolim para tentarem invadir a Austrália. Ao implementar a sua estratégia de pre-emptive attack, violando a lei internacional e desrespeitando a neutralidade de Portugal, uma força especial da Austrália e da Holanda desembarcou em Dili, contra a vontade do Governador da colónia. Como é óbvio, esta decisão unilateral da Austrália transformou Timor num campo de batalha, com todos os riscos e perigos que flagelaram o povo timorense durante quatro anos.

De facto, Timor viria a pagar caro em vidas humanas e em destruição das suas infra-estruturas por uma guerra que nada tinha a ver com Timor ou Portugal. Sessenta mil timorenses perderam a vida[1] e as suas vilas e aldeias foram completamente arrasadas, incluindo a linda Catedral de Díli, que era considerada a mais bela do Oriente com apenas, na altura, dez anos de serviço.

Toda esta tragédia que desgraçou o povo de Timor durante quatro anos foi para salvar a Austrália que, deliberadamente, planeou atrair a marcha dos Japoneses para Timor. Informado da presença de um contingente militar australiano em Timor, o Japão justificou a sua invasão com uma divisão de tropas, superando largamente os 600 comandos

---

1 É muito difícil avaliar rigorosamente a mortalidade provocada pela invasão e ocupação japonesas de Timor Leste durante a II Guerra Mundial. 60.000 é o número normalmente adiantado, mas trata-se claramente mais de uma qualidade, de um substantivo, do que de um quantitativo rigoroso. Seja como for, todos os estudos demográficos de Timor Leste registam um forte recuo demográfico depois do conflito mundial, pelo que a mortalidade se deve ter cifrado em várias dezenas de milhar de mortos, sobretudo entre a população de Díli, Baucau e do leste timorense.

australianos de companhias 2/2 e 2/4. Se não fosse a ajuda incondicional e a coragem do povo timorense, nenhum soldado australiano, por mais valente que fosse, voltaria com vida para a Austrália. E se as Forças Australianas que operaram em Timor sofreram apenas 40 baixas, e se tinham a honra de ser a única frente que em todo o teatro da guerra do Pacífico não se rendeu às Forças Nipônicas, isto deve-se à ajuda incondicional do POVO de TIMOR. Os antigos combatentes australianos sabem disso. O bom povo australiano sabe disso, os meios de Comunicação social australianos sabem disso. Toda a gente da Austrália sabe disto, excepto o actual governo de Camberra, pois, a avaliar pela maneira como explorou ganançiosamente os recursos naturais do Mar de Timor, ignorando totalmente o direito de Timor e sobretudo o sacríficio que o povo de Timor tinha feito pela defesa e integridade da Austrália, durante a II Guerra Mundial.[2]

Não se pretende aqui tratar nem desenvolver a temática da II Guerra Mundial em Timor, pois felizmente houve portugueses e australianos que nos mimosearam com bons livros, tais como, entre outros:[3] Governador Ferreira de Carvalho, "Relatório dos Acontecimentos de Timor, 1942-45", Lisboa, 1972; Dr. Carlos Cal BRANDÃO, "FUNO-Guerra em Timor", Porto, 1946; António de Oliveira LIBERATO, "Os Japoneses Estiveram em Timor", Lisboa, 1951; José Duarte SANTA, "Australianos e Japoneses em Timor na II Guerra Mundial 1941-45", Lisboa, 1997; José Duarte SANTA, "Diário de um Prisioneiro"; José dos Santos CARVALHO, "Vida e Morte em Timor, durante a II Guerra Mundial", Lamego,1972; Cacilda dos Santos Oliveira LIBERATO, "Quando Timor foi Notícia", Braga, 1972; Carlos VIEIRA da ROCHA, "Timor-Ocupação Japonesa Durante a II Guerra Mundial" Lisboa, 1995 (um ensaio exaustivamente bem documentado); Bernard CALLINAN, "Independent Company – The Australian Army and Portuguese-Timor, 1941-1943", Australia,1953; D.C.DOIG, "A History of the 2dn Independent Company and 2/2 Squadron 1986";

As obras acima referidas abordam toda a situação da Guerra que se desenrolou em Timor. A nossa intenção é apenas acrescentar algumas informações que reputamos relevantes, muitas vezes quase esquecidas sobre factos e figuras importantes de Timor Leste durante o segundo conflito mundial.

P. JAIME GARCIA GOULART, ADMINISTRADOR APOSTÓLICO DE TIMOR

O Rev. Jaime Garcia Goulart, natural de Ilha do Pico, nos Açores, estudou no Seminário de S. José de Macau e, porque gostava de trabalhar nas Missões de Timor, para lá foi como missionário quando ainda era seminarista. A 4 de Setembro de 1940, pela Constituição "Solemnibus Conventionibus" do Papa Pio XII, foi finalmente erecta a Diocese de Dili. Deu-se, assim, a sua separação da Diocese de Macau, a 18 de Janeiro de 1941, data em que foi nomeado o P. Jaime Garcia Goulart como seu primeiro Administrador Apostólico, com faculdades de Bispo residencial. Logo à nascença, a Diocese teve como seu baptismo a II Guerra Mundial no Pacífico, a experiência mais amarga que destruiu vidas e bens em todo Timor. Assim, para evitar o pior, parte do pessoal missionário retirou-se para as missões montanhosas de Soibada, Ossu, Alas e outros locais mais remotos. Os Japoneses não tinham simpatia para com os Missionários de Timor e, sobretudo, pelo seu Administrador Apostólico, P. Jaime, porque prestara serviços religiosos aos militares australianos católicos e, sobretudo, porque emprestara a viatura da Diocese para levar um piloto aviador ferido a embarcar para a Austrália. Por isso, o P. Jaime Goulart evitava o encontro com os japoneses.

Infelizmente, uma força japonesa invadiu a residência missionária da Missão Católica de Ossu, onde se encontrava o P. Jaime e outros missionários, e como era natural perguntaram pelo paradeiro dos australianos. O P. Goulart respondeu que nada sabia do paradeiro dos

2 Estas palavras devem ser lidas no contexto anterior ao referendo da independência de Timor Leste, em 1999, visto que a partir desta data os sucessivos governos australianos têm vindo a apoiar a construção nacional do novo Estado independente da República Democrática de Timor Leste. Tem, no entanto, razão o P. Francisco Fernandes quando denuncia a colaboração dos governos australianos com a Indonésia durante a sua ocupação do território de Timor Leste, tendo mesmo sido um dos poucos Estados que reconheceu a integração de Timor na Indonésia.

3 As informações bibliográficas adiantadas pelo P. Francisco Fernandes são suficientemente detalhadas para que seja necessário completá-las. O leitor interessado em alargar a informação sobre a situação de Timor Leste na Segunda Guerra Mundial pode sempre recorrer ao indispensável reportório biliográfico de SHERLOCK, Kevin – A Bibliography of Timor : including East (formerly Portuguese) Timor West (formerly Dutch) Timor and the Island of Roti / Kevin Sherloch. Canberra: The Australian National University, 1980.

australianos e nem tão pouco estava interessado em saber. Mas, por uma coincidência infeliz, tocou o telefone da residência missionária e um japonês apressou-se a atender a chamada. Era uma chamada de australianos que queriam perguntar a D. Jaime onde se encontravam os japoneses. E estes, muito furiosos, levantaram a voz contra o P. Jaime dizendo: "dizes que não sabias nada dos australianos, mas afinal eles telefonaram-te para se informarem sobre a nossa vinda a Ossu". O P. Jaime respondeu que não tinha culpa que alguém lhe pedisse alguma informação, só teria culpa se tivesse dado informação aos australianos sobre a presença dos japoneses. E o nosso P. Goulart teve provavelmente mais do que muita sorte de receber apenas uma lambada de um oficial japonês.

Sigamos o grande historiador de Macau e da presença missionária portuguesa no Oriente, Sr. P. Manuel Teixeira e colega de P. Jaime Garcia Goulart, esclarecendo acerca deste tema que

> «Quando rebentou a II Guerra Mundial, o Administrador Apostólico ordenou que todos os missionários continuassem no seu posto. Mas quando foram fuzilados alguns sacerdotes, deu ordens para que todos partissem com ele para Austrália.
> Da Austrália, o Administrador Apostólico pediu à Santa Sé a sua resignação, declarando-se o único culpado da saída dos padres. O Papa respondeu promovendo-o a Bispo de Dili.
> D Jaime voltou a Timor no fim da guerra e teve que ressuscitar a sua Diocese das cinzas da destruição. (...)
> D. Jaime pediu depois à Santa Sé a nomeação de um bispo co-adjutor. Foi-lhe dado na pessoa de D. Ribeiro, a quem D. Jaime disse à chegada: 'Dou-lhe todos os poderes do Bispo efectivo e considere-me como seu condutor'.
> Ao ver que este não estava ainda satisfeito, D. Jaime resignou-se, antes que rebentasse o escândalo das desinteligências episcopais e partiu para os Açores em 1967».[4]

4 In o *CLARIM*, 23-4-1997.

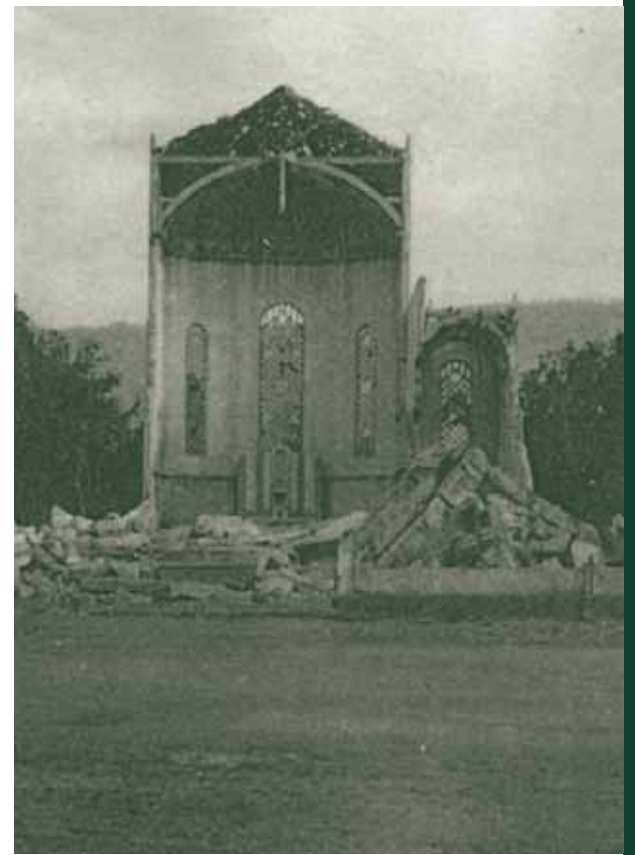
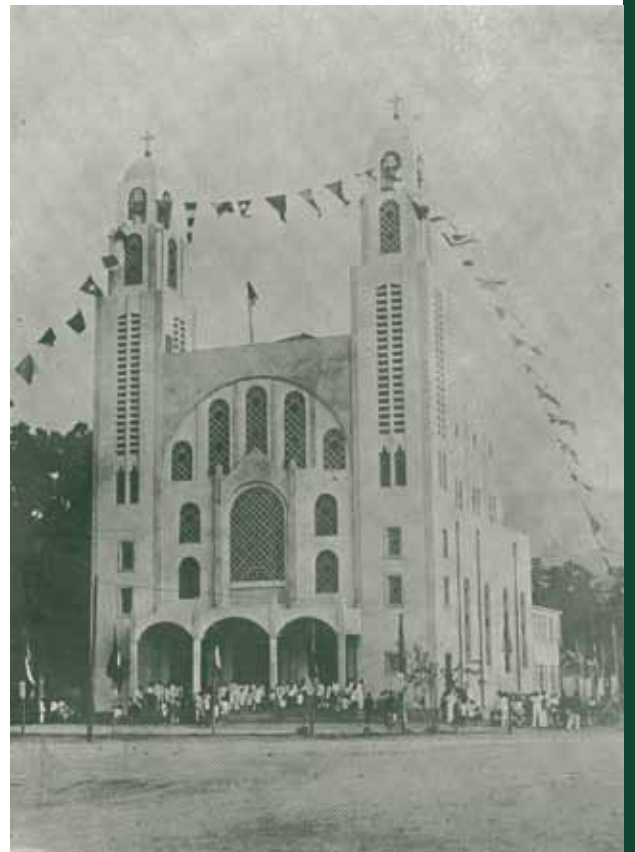



Fig. A Catedral de Díli, inaugurada em 1935 e destruída dez anos depois pela invasão militar japonesa de Timor Leste.

Finda a guerra, registaram-se baixas significativas entre os sacerdotes que resolveram ficar em Timor durante o conflito. Foram fuzilados pelos japoneses os seguintes religiosos: P. António Manuel Pires (Freixo de Espada à Cinta); P. Norberto Oliveira Barros (Açoriano); P. Abílio José Caldas (Timorense), morto pela "coluna negra" das forças pró-japonesas; P. Francisco Madeira Freixo de Espada à Cinta), que morreu no mato. Apenas sobreviveram os seguintes sacerdotes: P. Carlos da Rocha Pereira (Açoriano); P. Alberto da Ressureição Gonçalves (Transmontano) e os 3 Padres Freixonistas P.Augusto Norberto Parara, P. António Manuel Serra e P. Júlio Augusto Ferreira.

Além das baixas em vidas humanas acima referidas e entre o povo em geral, a Diocese de Dili perdeu 74 edifícios, entre os quais a linda Catedral de Dili, inaugurada em 1935 por D. José da Costa Nunes e destruída pelso Japoneses em 1945. Durante a ocupação japonesa foram arrasadas muitas capelas, igrejas, escolas e residências missionárias, colocando a Irega católica de Timor Leste em situação de grande debilidade em recursos humanos, edifícios e equipamentos religiosos.

D. Jaime foi ordenado bispo a 28 de Outubro de 1945, em Manly, arredores de Sydney, regressando da Austrália para Timor a bordo do navio "Cuanza" com uma equipa de 12 padres, composta por 5 sobreviventes em Timor e 7 que se haviam refugiado na Austrália, a saber: Januário Coelho da Silva (Açoriano); Porfírio Rodrigues Campos(Macaense); Manuel Luís Silveira (Açoriano); Ezequiel Enes Pascoal (Açoriano); Jorge Barros Duarte (Timorense) e José Calisto Guterres (Macaense), enquanto o P. Artur Basílio de Sá (Freixo de Espada à Cinta) seguiu directamente de Austrália para Portugal como procurador da nova Diocese. Foram estes heróicos missionários e algumas religiosas canossianas que, sob a égide de D. Jaime Garcia Goulart, ressuscitaram, em 1945, a Diocese Diliense das ruínas da guerra. D. Jaime, movido pelo moto das suas armas: *Vince in bono malum*, era o bispo mais indicado para salvar as gentes de Timor, que pagaram à guerra um tributo elevadíssimo: 60.000 timorenses perderam a vida, incluindo 4 sacerdotes e mais de 4 000 católicos.

Para se fazer uma ideia do trabalho desenvolvido por D. Jaime, basta saber que quando tomou posse da Diocese contava apenas com 12 sacerdotes, 15 religiosas e talvez uns 30.000 católicos; quando deixou a Diocese, em 1967, o número de católicos subiu para 152.151, apoiado no trabalho de 60 sacerdotes, vindos de Goa, Portugal, Macau e mais 10 sacerdotes timorenses, ordenados em Timor, pois a partir de 1963 começou a ordenação de sacerdotes locais depois da guerra, pelos menos 3 por ano saídos das duas dezenas de seminaristas do Seminário de S. José de Macau. Assim, entre 1945 a 1955, a Igreja em Timor fez progressos extraordinários em todo o Oriente.

Diziam os missionários de Timor, Jorge Barros Duarte e Ezequiel Enes Pascoal, que D. Jaime Garcia Goulart, tanto como homem e como bispo, fora uma personalidade invulgar. Conheci D. Jaime como seminarista e, sobretudo, como sacerdote, pois trabalhei ainda quatro anos durante o seu episcopado. Era um bispo simples, popular e conhecia bem Timor e as suas gentes. Era um prelado dotado de bom humor, mesmo nas horas de contrariedade. Já vimos como ele enfrentou a fúria dos japoneses sempre com calma. Deste Bispo contam-se muitas anedotas, mas apenas conheço pessoalmente três. Ouçamo-las.

Numa das suas visitas pastorais pelas regiões de Timor, o *jeep* do Bispo ficou entalado num lamaçal e foi difícil sair dali. Então, D. Jaime, mais dois missionários e um engenheiro de Obras Públicas, que eram passageiros do *jeep*, tentaram rebocar o carro, mas este mostrou pouca vontade e força para sair daquele lamaçal. Nisto, o Engenheiro perguntou ao D. Jaime:

"Afinal,quantos cavalos tem o jeep?"

A resposta pronta de D. Jaime: "neste momento, só tem 4 cavalos, que o estão a rebocar".

Na década de 1950, como havia falta de professores no Seminário de N. S. de Fátima de Dare-Timor, D. Jaime, além do munus de Bispo, deu também o seu contributo como professor do Seminário e, para desenvolver o conhecimento dos seminaristas, durante o serão (recreio depois do jantar), os seminaristas podiam fazer perguntas aos professores para esclarecerem as suas dúvidas sobre determinados

assuntos ou temas. Por essa altura, os técnicos americanos da NASA estavam atarefados com a primeira viagem do Apolo XI à Lua. Houve um seminarista que perguntou a D. Jaime durante o habitual serão:

"Sr. Bispo, haverá gente na Lua?"

Resposta rápida de D. Jaime: "Não deve haver gente na Lua, mas há gente na Terra com a cabeça na Lua".

E explodiram gargalhadas dos presentes.

Um outro aluno perguntou ainda: "Sr. Bispo, qual é a distância que vai da Terra para a Lua?"

Ao que D. Jaime respondeu: "Eu não sei bem qual é a distância que vai da Terra para a Lua. Mas tenho a certeza de que é a mesma distância que vem da Lua para a Terra".

E mais gargalhadas que explodiam nesses benditos serões..

D. Jaime era um bispo, afinal, muito simples e um homem acessível a todos. E vários sacerdotes foram atraídos para Timor pela simplicidade de D. Jaime, como foi o caso de alguns sacerdotes de Bragança, P. Agostinho Gonçalves Rapazote e P. Acácio.

O HERÓICO OFICIAL, TENENTE MANUEL DE JESUS PIRES

O Tenente Manuel de Jesus Pires que, como Administrador do Concelho .em Timor, era conhecido em toda a zona leste da Ilha, granjeou o respeito dos timorenses. O massacre do Administrador de Manatuto, Dr. Mendes de Almeida, do Chefe do Posto Augusto Pereira Padinha e do deportado António Dias pelos japoneses, deu justificação ao Tenente Pires para lutar contra aqueles que massacraram os portugueses. Resolveu embarcar para a Austrália, pondo em segurança os seus filhos, para depois se dedicar à libertação de Timor, pois afirmou que, como oficial do Exército Português, tinha que regressar para libertar um Timor ocupado. E, para isso, entrou em contacto com o Gen. MacArthur, Comandante-Chefe das operações de todo o Pacífico, apresentando-lhe o plano para a libertação de Timor e a evacuação daqueles que quisessem refugiar-se na Austrália.

Nas respostas do Gen. MacArthur ao Tenente Pires transparecia, nos primeiros anos de Guerra, a incapacidade militar americana perante a superioridade da ofensiva nipónica no Pacífico. Com ou sem apoio americano, o Tenente Pires, já na idade de reforma, resolveu embarcar num submarino australiano no Porto de Fremantle, na Austrália Ocidental, com destino a Timor, a fim de organizar as bolsas de resistência. Num Timor já abandonado pelas tropas australianas, o Tenente Pires viria a cair gloriosamente na Terra que ele tanto amou.

Com a evacuação dos comandos australianos, os timorenses ficaram à mercê da crueldade dos nipónicos. Mas, tal como o heróico Tenente Pires, houve timorenses que, recorrendo aos conhecimentos técnicos de comunicação e transmissão, tentaram defender a sua Terra. Patrício José da Luz, filho de pai macaense e de mãe timorense, foi um desses heróis.

No ANZAC Day, membros da Comunidade Timorense de W.A (Western Australia) costumam ser convidados pelos Diggers para tomar parte nas cerimónias militares.
Em 2004, D. Judith Lemos Pires, nora do heróico Tenente Pires, foi convidada de honra para depôr um ramo de flores no monumento dos heróis.

RÁDIO-TELEGRAFISTA PATRÍCIO JOSÉ DA LUZ

Estudou em Macau, onde adquiriu os seus conhecimentos de Rádio-Telegrafista, e com a guerra foi para a Austrália, para receber treinos de Comando e regressou à sua terra, já abandonada pelas forças australianas. Patrício conhecia bem as montanhas e as gentes de Timor, pois, nos tempos livres da sua vida de funcionário público, Patrício andava pelos montes e vales à caça de veados. Patrício reunia talento e capacidade para infligir as maiores baixas aos japoneses, porque montou uma rede de espiões e informadores nos pontos estratégicos de Timor para o informarem sobre a deslocação e concentração de tropas japonesas dentro da Ilha, bem como a entrada de navios no Porto de Dili. E bastava uma comunicação de Patrício para o Quartel-General dos aliados em Darwin, para, dentro de uma hora, os japoneses serem flagelados pelos bombardeiros Hudsons da Royal Australian Airforce e as suas embarcações começavam a meter água no Porto de Dili. Nos últimos anos da guerra, o Japão perdeu o domínio aéreo nos céus de Timor, onde as asas australianas e americanas voavam mais livremente.

Patrício contou-me um acontecimento quase anedótico. Certo dia, avistou ao largo de Baucau uma armada japonesa que, composta de porta-aviões, couraçados e cruzadores, teria vindo das ilhas da Indonésia, rumando possivelmente para a Austrália. E, como de costume, Patrício prontamente informou o Quartel-General de Darwin. Mas, os militares australianos gozaram com os conhecimentos navais do Patrício, perguntando-lhe onde é que Patrício tinha adquirido os seus conhecimentos, se na Escola Naval de Lisboa ou de Londres. Patrício, ofendido com esta brincadeira, interrompeu a comunicação para a Austrália. E mesmo assim, como bom profissional, Patrício pediu ao Tenente Pires para comunicar ao cônsul australiano sobre a presença da armada inimiga. O Tenente Pires comunicou, mas os australianos ignoraram a informação. E a Austrália pagou cara esta brincadeira, pois 24 horas depois Darvin foi bombardeada por mais de três centenas de caças da aviação naval japonesa.

A partir deste incidente dramático, as mensagens de Patrício, mesmo as mais insignificantes, eram escrupulosamente escutadas pelo Alto Comando Aliado. A avaliar pelos destroços de dezenas embarcações que se viam no Porto de Dili depois da guerra, e centenas de soldados japoneses vítimas de bombardeamento aéreo australiano, pode concluir-se que o telegrafista timorense José Patrício da Luz contribuiu para causar consideráveis baixas aos japoneses. Era temido e procurado pelo inimigo, mas Patrício escapava-se à perseguição nipónica e foi o único herói que sobreviveu à guerra, ficando em Timor até a rendição dos japoneses. Mais do que qualquer australiano, Patrício foi galardoado com oito condecorações e gozava de privilégio especial na Austrália. Possivelmente, Patrício foi mesmo o civil mais condecorado na Guerra do Pacífico, pois não era fácil ser condecorado com oito medalhas.

ADMINISTRADOR JOSÉ DUARTE SANTA

O Administrador José Duarte Santa, timorense de ascendência lusa, era oriundo de uma família muito conhecida em Timor. Conhecia a fundo os usos e costumes de Timor, a mentalidade e psicologia do timorense. Por isso, durante o tempo conturbado da guerra, foi o braço direito do heróico Eng. Canto Resende, homem forte que defendeu os interesses dos portugueses junto das autoridades japonesas. Foi igualmente o director do Campo de Concentração dos Portugueses de Liquiça, onde, violando a lei da neutralidade, os japoneses restrigiram a liberdade de acção e movimento dos portugueses.

Ao exercer as suas funções, muitas vezes Santa tinha que entrar em colisão com os japoneses. E isto custou-lhe, porque foi desterrado para a insalubre Ilha de Alor, juntamente com o Eng. Canto Resende, o Tenente Liberato e Duarte, Gerente do BNU de Dili.

O Administrador Santa escreveu toda a dolorosa trajectória de desterro num livro intitulado *Australianos e Japoneses em Timor na II Guerra Mundial 1941-1945*. Neste livro encontram-se documentadas as memórias de guerra, sofrimento, angústia e agonia de portugueses e da população de Timor em geral, particularmente dos quatro portugueses desterrados, acima referidos, longe de tudo e de todos, sem contactos com ninguém, longe dos seus familiares, entregues a si, até esquecidos pelo próprio governo da colónia. Este livro mostra o filme do dia-a-dia de quatro portugueses, durante 14 meses de cativeiro, marcados pela fome, a angústia, a agonia e a morte. O Eng. Canto Resende e o Gerente Duarte do BNU sucumbiram a esse horrível martírio em terras de Kalabahi (Alor). Os dois sobreviventes, hoje também falecidos, Santa e o Tenente Liberato, continuaram o seu Calvário, percorrendo os campos de concentração de Kalabahi, Welai, Kelese, Maikoada, Peytoka, Batululo e Erana, todos localizados na Ilha de Alor. Foram condenados inocentemente, sob o pretexto de que as palavras dos quatro Portugueses feriram o brio do Exército Imperial Nipónico, acusações demasiado vagas e generalizadas para serem válidas, não merecendo qualquer consideração. Foram simplesmente condenados sem julgamento nem justificação. Santa, não obstante a oportunidade de poder embarcar para a Austrália (para onde seguiu toda a sua família), resolveu ficar em Timor, a convite do seu amigo Eng. Canto Resende. O seu livro foi escrito 41 anos depois do cativeiro, para a geração actual e futura poder apreciar a inocência desses destemidos portugueses, martirizados numa guerra que nada tinha a ver com Portugal e Timor.

O livro do Administrador Santa deve ser lido sob a perspectiva de como os que mais defenderam Timor e mais dignificaram o nome de Portugal foram os que mais sofreram, vivendo em cativeiro, numa ilha insalubre, longe de tudo e de todos.

O Sr. Administrador José Duarte Santa já serviu a sua terra Timor como funcionário da Admnistração Pública, defendendo-a durante os anos de guerra com determinação, e agora projecta Timor com a sua pena expressa no seu livro. Descanse na paz do Senhor quem muito já serviu a Terra que lhe serviu de berço.

O POVO TIMORENSE ENTRE DOIS FOGOS

O Povo Timorense foi martirizado numa guerra que não era sua, porque os beligerantes, desrespeitando a neutralidade de Portugal, escolheram Timor como o campo de batalha. O sofrimento do Povo de Timor foi imenso. Muitos timorenses foram martirizados e os seus chefes, tais como D. Aleixo Corte-Real, D. Jeremias Amaral, Liu rai Bere-Talo de Maliana, D. Paulo de Ossoroa e tantos outros régulos e o povo.

Entre os timorenses martirizados destaque-se LUÍS DOS REIS NORONHA JR., meu padrinho de baptismo. Escrevia Dr. Carlos Vieira da Rocha, no seu livro *TIMOR - Ocupação Japonesa durante a Segunda Guerra Mundial*, o seguinte a propósito deste herói:

> «Um dos chefes timorenses que se mantinha fiel era LUÍS NORONHA, cujo pai, o Régulo major de 2 linhas Luís dos Reis Noronha, havia prestado bons serviços nas últimas guerras e fora condecorado com a medalha de valor militar, e, como recompensa, o filho foi educado na Casa Pia; e o rapaz, ao regressar foi nomeado aspirante de Alfândega de Dili. Com a chegada dos Japoneses, abandonou o seu lugar, vestiu a "lipa" e foi refugiar-se nas montanhas com a sua gente e por diversas vezes repeliu o inimigo. Tendo sido aprisionado, puseram-no a trabalhar como carregador em Dili, onde sofreu fome e maus tratos, tendo acabado por morrer».[5]

Outro caso a citar é o de José Carvalho, também educado na Casa Pia, e que mostrou grande fidelidade aos portugueses. Deslocava-se aos postos de Viqueque e Ossu, trazia informações, bem como sabão e açúcar das cantinas militares dos japoneses.

O soldado João Vieira, antigo caçador mestiço, organizou uma guerrilha, composta de antigos criados, e actuou na costa norte, nas regiões de Lacló, Manatuto, Laleia e Vemasse, atacando acampamentos das "colunas negras", forças locais fiéis aos invasores japoneses.

5 ROCHA, Carlos Vieira da – *Timor: Ocupação Japonesa Durante a Segunda Guerra Mundial*. Lisboa, Sociedade Histórica da Independência de Portugal, 1996, p. 127.

OS IRMÃOS MADEIRA: EVARISTO, JÚLIO e D. MARIA MADEIRA, esposa de Júlio

(Fotos cedidas por Diamantino Madeira (a primeira foto)
e as duas últimas por Frank Carvalheira)

Júlio Madeira, um mestiço timorense, que tinha plantações de café no Concelho de Ermera foi outros dos resistentes à ocupação nipónica. Quando os japoneses começaram a maltratar os timorenses e a massacrar os portugueses em Aileu, incluindo o seu irmão Evaristo, Júlio resolveu pegar em armas e, como era um atirador exímio, em breve formou aquilo que os australianos chamaram a Brigada Internacional, composta por alguns deportados políticos, a própria esposa de Júlio e alguns amigos e afilhados, tais como Adão Exposto, Domingos Madeira, Alfredo Veríssimo da Silva, entre outros.

Júlio conhecia tão bem o espaço da sua actuação como guerrilheiro como o tubarão conhece o seu território marítimo, atacando de surpresa os seus inimigos. E as armas e munições eram fornecidas pela Austrália, pois Júlio era admirado pelos australianos por ter ajudado os comandos dos Capitães G. Laidlaw e Tom Nisbet a fazer com sucesso alguns ataques ou "raids" às posições japonesas em Dili.

Informado pelo Régulo Freitas de Bazartete de que os japoneses se reuniriam aí para planearem dois massacres contra os portugueses

em Liquiça e Aileu, sem perder tempo, Júlio marchou com a sua Brigada para Bazartete. E os japoneses, colhidos de surpresa, foram completamente liquidados. À frente da "Brigada Internacional", Júlio ficou famoso por ter causado baixas consideráveis às colunas japonesas que se dirigiam para as zonas montanhosas de Ermera e Railaco. Entre as suas vítimas, dizem que estava incluído um dos "tigres de Malásia", um dos mais arrojados comandantes do Exército imperial nipónico que participou na tomada de Malásia e Singapura. A morte deste oficial enfureceu os japoneses, que não conseguiram dominar Júlio Madeira pelas armas, fazendo pressão diplomática sobre o Eng. Canto Resende, homem forte do Governo de Timor, para convencer Júlio Madeira a render-se. O Eng. Canto respondeu que só iria executar essa missão difícil se os japoneses prometessem respeitar a integridade física de Júlio Madeira, após a rendição. E o herói, por sua vez, prometeu que só se renderia às Autoridades Portuguesas e mais ninguém. Assegurados os compromissos assumidos pelo Eng. Canto e os japoneses, o herói rendeu-se e os inimigos saudaram-no com respeito e admiração pela sua actuação heróica. Ainda cheguei a conversar com Júlio sobre as suas aventuras de guerrilheiro, quando era missionário na Missão Central de Ermera em 1965-66.

O INCIDENTE do H.M.A.S "VOYAGER" NO PORTO DE NUTUR-BETANO

A fragata da Royal Australian Navy "Voyager" trazia reforços para Timor para evacuar os feridos e doentes, mas as manobras de noite no porto natural de Nutur-Betano encalharam-no.

O porto de Nutur, a praia de Mota-Kelan e Kirás eram os ancoradouros mais procurados e, por isso, mais frequentados pela marinha australiana. Nutur e Kelan pertenciam à jurisdição do Régulo de Betano, João Baptista Guterres Fernandes, o meu pai, enquanto Kirás era da jurisdição do meu primo, Salvador Fernandes, Régulo do Reino de Clacuc .

A pedido do heróico Tenente Pires, os Régulos da Costa Sul deram o seu apoio aos australianos. Em cumprimento desse pedido, meu Pai forneceu cavalos e homens, a fim de pôr a tripulação da fragata em segurança, aguardando a chegada de outra unidade da marinha para ser evacuada para Darwin. E tudo correu muito bem. Só correu mal com a chegada das tropas japonesas a Nutur - surpreendidas com a presença de Voyager, queriam saber onde se encontrava a guarnição. E foram informadas que já tinha regressado à Austrália. Quando vieram a saber que meu Pai tinha dado ordens para ajudar os australianos - porque Portugal era neutro - os japoneses começaram a espancá-lo, forçando-o a beber água salgada. Em consequência destes maus tratos, o meu pai veio a morrer meses depois. Um irmão meu, José Valoroso, ao ter conhecimento do estado do meu pai, alinhou-se com os australianos e morreu em combate.

A RESISTÊNCIA SOB AS ORDENS DO TENENTE PIRES

Os Australianos começaram a guerra em Timor para os Timorenses a concluírem, pois as companhias de 2/2 e 2/4 foram evacuadas para Austrália antes de terminar a guerra. É caso para dizer que foram criar problemas para os Timorenses resolverem. Perante a retirada da Austrália, o Tenente Pires, sem meios humanos nem materiais, resolveu criar uma estratégia para libertar Timor do poder de uma divisão de Exército Imperial Nipônico. Frustrados os apoios que ele pediu ao Gen MacArthur, o Tenente Pires tinha que contar só com os seus limitados recursos. Para isso, pediu a colaboração das autoridades tradicionais e, ao mesmo tempo, tentou organizar bolsas de resistência.

O primeiro grupo da Resistência era formado pelo aspirante-administrativo Tinoco, o telegrafista José Patrício da Luz, João Vieira e dois australianos, sendo um elemento da Inteligence e o outro telegrafista. Para além deste grupo de combate, o Tenente Pires tinha vários timorenses treinados como comandos em Frazer, Australia. E os primeiros a embarcar a partir daqui para Timor foram o Chefe Paulo de Ossoroa, Cosme Soares e Sancho. Além disso, o Tenente Pires tinha quatro dezenas de jovens voluntários timorenses que se ofereceram

para treinar como para-quedistas para serem depois lançados em Timor. Mas como os japoneses já ocupavam Timor com ajuda das "colunas negras", os primeiros paraquedistas lançados foram todos mortos e posteriores lançamentos de paraquedistas foram cancelados. O Tenente Pires, movido pelo amor a Timor, tentou fazer aquilo que a Austrália não conseguiu fazer: lutar pela libertação de Timor.

O grupo do Tenente Pires caiu gloriosamente no campo de batalha, apenas sobrevivendo o telegrafista JOSÉ PATRÍCIO DA LUZ, cuja contribuição para a Resistência já acompanhámos. A Austrália reconheceu o mérito dos timorenses caídos em combate e no monumento nacional erguido na base naval da Marinha Australiana, em GARDEN Island, na Austrália Ocidental, os nomes dos heróis timorenses foram gravados entre os heróis aliados, no seu Quadro de Honra.

XVI.

A CONJUNTURA POLÍTICO- IDEOLÓGICA DA INDONÉSIA. A INVASÃO E OCUPAÇÃO DE TIMOR (1975-99)

Desde a década de 1960, o poder de decisão dentro da ABRI (Forças Armadas Indonésias) era dominado e controlado por oficiais chamada ala dos “falcões”, que eram treinados e mentalizados para aventuras militares de certa envergadura. Como na Indonésia de então a decisão dos militares prevalecia sempre sobre a decisão dos políticos, pode-se concluir daqui que a influência dos oficiais “falcões”, sob as ordens do megalómeno Presidente Sukarno, sustentou o sonho de criar uma super-Indonésia englobando a própria Malásia e estendendo-se até ao actual Irian Jaia, na parte ocidental da grande ilha da Nova Guiné. Sukarno, o herói da luta da independência e primeiro presidente da República da Indonésia, foi alimentando estes sonhos de expansão territorial da Indonésia à custa dos territórios vizinhos, mas nunca expressou qualquer interesse político formal em anexar o chamado “Timor Português”. Ao contrário, visitou mesmo triunfalmente Portugal em 1961 e parece ter-se entendido bastante bem com o Dr. Oliveira Salazar, por quem nutria mesmo indisfarçada admiração.[1]

Havia nas fileiras das Forças Armadas de Sukarno importantes e influentes oficiais falcões como Suharto, Ali Moertopo, Benny Murdani, Panggabean, Dading Kalbuadi, Yoga Sugana e vários outros que formavam a equipa que, em 1962 a 63, tomou a parte ocidental da Papua Nova Guiné,[2] baptizada mais tarde com o nome de Irian Jaya para passar a ser nova província da República Indonésia. A mesma equipa, entusiasmada com o triunfo na Nova Guiné, lançou também uma campanha militar contra a Federação de Malásia, a tristemente célebre “confrontasi”.[3] Mas, como as forças armadas de alguns países

---

1 SOUSA, Lurdes, *ob. cit.*

2 Uma perspectiva geral sobre o conflito político em torno da parte ocidental da Nova Guiné, o Irian Jaya, ganha-se com a leitura de JONES, Matthew – *Conflict and Confrontation in South East Asia. Britain, the United States and the Creation of Indonesia*. Cambridge: CUP, 2002.

3 Sobre este problema não deixe de se consultar a antologia de documentos Confrontasi : the Indonesia-Malaysia dispute, 1963-1966. Kuala Lumpur: Published for the Australian Institute of International affairs, 1974. Veja-se também, por todos, POULGRAIN, Greg – *The Genesis of konfrontasi: Malaysia, Brunei, Indonesia (1945-1965)*. London: C. Hurst, 1998.

membros da Commonwealth, tais como a Grã-Bretanha, a Austrália e a Nova Zelândia vieram em apoio da Federação da Malásia, a Indonésia teve que se retirar, para não ser humilhada. Jacarta recuou nas suas ambições expansionistas no caso da Malásia, mas continuava a procurar alimentar a sua estratégia expansionista contra os vizinhos mais fracos.

Toda esta actuação militar e postura política da Indonésia podem considerar-se como a causa remota da invasão de Timor Leste, um processo muito complicado de explicar, mas em que sobressaiem as responsabilidades da administração à época, a administração portuguesa.

A POLÍTICA DE ABANDONO DO PORTUGAL ABRILINO

A partir de 1974, o destino político de Timor dependia da actuação e procedimento de quatro protagonistas: Portugal, Indonésia, Austrália e, naturalmente, o próprio Timor Leste influenciaram directa ou indirectamente o processo da descolonização. E qualquer actuação radical e desastrosa de um destes protagonistas pode ser considerada como o factor fundamental concorrendo para a posterior invasão indonésia de Timor.

À partida, Portugal, embora tivesse todo o direito e a razão a seu favor, na realidade, porém, revelou uma posição indecisa e fragilizada, não só pela crise política interna, mas também pelos problemas relacionados com a descolonização das colónias africanas. A indecisão e a indefinição da parte de Portugal em 1974-1975 levaram o povo timorense a aperceber-se de que o Governo Português de então não tinha nem vontade política nem, muito menos, capacidade para resolver com sucesso o futuro de Timor. Os responsáveis pela descolonização limitaram-se a aplicar o mesmo critério para todas as colónias, tal como o médico que prescreve indiscriminadamente a mesma receita para todos os doentes, sem ter em consideração os sintomas característicos de cada paciente. A actuação de um tal médico seria desastrosa, iria matar mais doentes do que salvá-los.

Esqueceram-se as autoridades portuguesas saídas da Revolução de que, ao contrário das colónias africanas que lutaram em armas pela sua independência, Timor, antes do 25 de Abril, não tinha nenhum movimento emancipalista. Aquela plêiade de portugueses que conhecia bem a mentalidade e a aspiração da maioria do povo de Timor – como Alves Aldeia, Morais da Silva, Níveo Herdade, Sales Grade, Chung, Magiolo Gouveia, Leiria, académicos como Luís Thomaz, Cravo Cascais, Ângelo Correia, Pinadas Lourenço, Henrique de Jesus e Rui Cinatti – e os antigos quadros da Administração Portuguesa, bem como muitos outros, foram simplesmente postos de lado na resolução do problema político da descolonização de Timor.

O autor destas linhas fez parte de uma delegação de timorenses que teve uma audiência com o Coronel Níveo Herdade, a fim de o convencer a aceitar o cargo de Governador de Timor, após a saída do então Governador Fernando Alves Aldeia. A resposta do Cor. Níveo Herdade deixou a delegação completamente frustrada, ao afirmar que os portugueses queridos pelos timorenses para governarem Timor não tinham o apoio de Lisboa. E assim, o destino de Timor foi entregue aos jovens oficiais do MFA, radicalmente revolucionários e desprovidos de uma visão política para Timor, o que se reflectiu na maneira irresponsável como conduziram a indesejada descolonização. Longe de encontrar uma solução viável e satisfatória para Timor, ainda complicaram mais o problema com a sua ideologia radicalmente revolucionária e esquerdista, dando mais munições a Jacarta. Não se importavam com as implicações que estavam a criar no espaço geográfico onde Timor se encontra inserido, dominado pela Indonésia do ditador Suharto com as suas ligações conhecidas aos Estados Unidos e a sua oposição a tudo o que tivesse minimamente a ver, mesmo que longinquamente, com "marxismo" e "comunismo".[4]

---

4 Recorde-se que, em 1965, o golpe de Estado que colocou Suharto no poder e afastou definitivamente Sukarno se fez contra a influência do Partico Comunista Indonésio (PKI) acusado de influenciar o último governo do país e de preparar um golpe de estado para transformar a Indonésia num país comunista. Permanece obra de referência sobre as transformações políticas que, em 1965, concretizariam a tomada do poder pelo general Suharto o estudo de SIMON, Sheldon W. - *The Broken Triangle: Peking, Djakarta, and the PKI.* Washington: Johns Hopkins Press, 1969.

A FIRME POSIÇÃO DE JACARTA A RESPEITO DE TIMOR

A Indonésia astuciosamente tirou dividendos dessa política arbitrária e indecisa de Portugal, para em seguida consolidar os fundamentos do seu interesse político em relação a Timor. Antes da reunião em Lisboa com as autoridades portuguesas, a Indonésia, conseguindo o apoio de Austrália, já tinha uma política bem definida de que existiam duas soluções aceitáveis para o futuro de Timor: a confederação com Portugal ou a integração na Indonésia.

Foi isto que o chefe da Delegação da Indonésia, Gen. Ali Moertopo, afirmou em Lisboa, em Outubro de 1974, e, infelizmente, ninguém o contestou. Depois da reunião com as Autoridades Portuguesas, a Delegação da Indonésia saía com a sua posição mais reforçada face às declarações do então Primeiro-Ministro Vasco Gonçalves, que então afirmou:

> «Era irrelevante uma coligação com Portugal, por ser uma solução contra o processo da descolonização».

Infere-se daqui que o Primeiro-Ministro bloqueou a opção que os timorenses na sua maioria desejavam tomar, como demonstra, aliás, a seguinte declaração do então Ministro da Administração Inter-territorial, Dr. Almeida Santos. Surpreendido com essa maioria de timorenses que defendiam a ligação com Portugal, este ministro na sua visita a Timor exclamou:

> «Convenço-me, não sei se por acreditarmos facilmente no que desejamos, de que a GRANDE MAIORIA DA POPULAÇÃO DE TIMOR DESEJA CONTINUAR LIGADA A PORTUGAL».

E acrescentou logo a seguir:

> «Se esse desejo vier a encontrar confirmação no resultado da consulta a que será submetida, nada poderá ser mais honrosso para os Portugueses e o seu Governo».

Infelizmente, as declarações de Almeida Santos não passavam de retórica, porque, para os indonésios, as declarações de Vasco Gonçalves, reforçadas também pelas do Presidente da República, prevaleceram. Na verdade, o General Costa Gomes, então Presidente da República, afirmou claramente que seria *irrealista pensar na independência de Timor*. O Primeiro Ministro Vasco Gonçalves bloqueou, assim, a solução da Confederação com Portugal e o Presidente da República, por sua vez, bloqueou a independência de Timor. E, no entender dos indonésios, as afirmações do Presidente da República e do Primeiro Ministro expressavam a nova política oficial de Portugal em relação a Timor, sendo as suas declarações, por isso, soberanas. Baseado nas declarações acima referidas, o General Ali Moertopo, que era o cérebro e arquitecto do processo da integração de Timor na Indonésia, concluiu que só existia uma saída para Timor Leste: a integração na Indonésia, sendo a decisão do General Ali Moertopo igualmente "soberana".

O destino de Timor foi, assim, traçado pelas declarações mais do que desastrosas dos dois mais altos órgãos da Soberania Portuguesa: o Presidente da República e o Primeiro-Ministro.

A GUERRA FRIA E AS SUAS CONSEQUÊNCIAS

A partir daqui, Jacarta começou a mobilizar a sua influência para levar a água ao seu moinho, porque, infelizmente para Timor, a conjuntura regional e internacional corria de feição para as pretensões da Indonésia, apresentada, no cenário da Guerra Fria, como o aliado mais importante dos EUA no Sudeste da Ásia. Recorde-se que a estratégia Americana para a região assentava na *"US deterence strategy"*, visando

deter e travar a expansão comunista como consequência da chamada "Doutrina de Dominó" em que, partindo do Vietname e do Camboja, o comunismo tentava espalhar-se a todo o Sudeste Asiático.

A Indonésia pretendeu mostrar aos americanos que era anti-comunista e passou a desencadear uma perseguição feroz a todos os indonésios rotulados como "vermelhos". E assim, a derrota das forças militares pró-PKI (Partai Komunist Indonesia) foi saudada com entusiasmo pela Administração Norte-Americana. O Secretário de estado Dean Rusk declarou, após a subida ao poder de Suharto e a violenta repressão dos simpatizantes comunistas que *«se a decisão de eliminar o PKI dependesse do apoio concedido pelos Estados Unidos, não nos esquivaríamos a considerar as modalidades de uma acção Americana»*.

A humilhação militar americana no Vietname veio reforçar mais esse relacionamento amistoso entre Washington e Jacarta. No cenário político regional, sendo a Indonésia um membro importante da ASEAN,[5] era considerada como um parceiro importante no xadrêz político de Washington, recebendo mesmo investimentos americanos na ordem dos biliões de dólares. Sob o ponto de vista estratégico, o arquipélago da Indonésia, com as suas linhas de navegação e o seu imenso espaço aéreo, pesava muito na balança americana. Consciente dessas vantagens e pontencialidades, Jacarta encetou uma política externa orientada para mobilizar e convencer os governos da Região e a própria América para aceitar e apoiar as suas pretensões políticas sobre Timor. Os membros da ASEAN, seguindo escrupulosamente o princípio de não-interferência nos assuntos internos de outros membros ou partners, ficaram indiferentes perante qualquer actuação militar da Indonésia contra um vizinho como Timor.

No Verão de 1974, numa reunião em Townsville (Austrália), o Presidente Suharto e o então primeiro-ministro australiano Gough Whitlam encararam a possibilidade de a Indonésia anexar Timor. E a Austrália não se opôs à anexação, desde que se processasse sem o recurso à força. Lisboa entendeu nesta altura como inevitável a integração de Timor na Indonésia, embora essa solução fosse contra a vontade da maioria do povo de Timor. Enquanto a Austrália ainda tentava fazer ver à Indonésia que uma acção militar contra Timor poderia provocar a crítica internacional, incluindo a da própria Austrália, na prática não desejava por causa de Timor criar uma situação conflituosa com a Indonésia que pesava muito mais na balança dos interesses económicos e estratégicos de Camberra. Por isso, o governo australiano só receava a opinião pública do povo australiano que foi e tem sido sempre favorável à independência de Timor.

Pode afirmar-se que, em 1975, a Indonésia conseguira todos os trunfos necessários para jogar a cartada final da invasão e ocupação de Timor Leste. E por ironia da História, para além de todos estes apoios da ASEAN, USA e Austrália, surgiu um novo ingrediente a reforçar a posição de Jacarta: a importância estratégica de Timor. Os Estreitos Timorenses, conhecidos por WETER e OMBAI, chamaram a atenção dos estrategas Americanos como importantes passagens estratégicas para os submarinos nucleares Americanos do Pacífico para Indico e vice-versa. A passagem pelos Estreitos de Weter e Ombai é das mais seguras em todo o Oriente, porque os estreitos são muito profundos, o que, na altura, permitia que os submarinos americanos não fossem detectados pelos radares da então União Soviética. E Washington fez questão que tais Estreitos Timorenses ficassem nas mãos de um país aliado. E na década de 1970, a Indonésia era mais amiga dos EUA do que Portugal, por este ter saído de uma revolução protoganizada pela ala esquerda das Forças Armadas, o célebre MFA, muitas vezes conotada com Moscovo.

Em conclusão, toda a conjuntura internacional e regional favorecia as ambições de Jacarta para anexar Timor. E, por isso, qualquer tomada de posição política no Timor Português que fosse contra a tese de Jacarta, neste contexto de um período internacional tão sensível, seria considerada pelos generais indonésios como foco de instabilidade na região, servindo assim de pretexto para a sua intervenção armada.

5 A ASEAN é a associação dos países do Sudeste Asiático, organização fundada em 1967.

A ALTERNATIVA DA DESCOLONIZAÇÃO

A Revolução de 25 de Abril de 1974 em Portugal foi impecável na sua vertente militar – sem derramamento de sangue – e na vertente política implantou a democracia em Portugal e viabilizou a independência das colónias africanas. Mas o caso de Timor era diferente e não podia receber o mesmo tratamento, porque Timor nunca teve até à Revolução portuguesa movimentos políticos de emancipação. Acrescentou a este propósito um ilustre filho de Timor, P. Jorge Barros Duarte, no seu livro *Ainda Timor*:

> «O 25 de Abril floriu, para Portugal, nos cravos vermelhos das "liberdades democráticas". E para Timor?... Ali, saldou-se no vergonhoso abandono da mais portuguesa das antigas províncias ultramarinas portuguesas....».[6]

Os políticos do Portugal abrilino não tomaram a sério as implicações da conjuntura política internacional e regional da década de 1970, que era favorável à tese de anexação de Jacarta e ainda lhe deram mais munições. E minimizaram o relacionamente amigável que aproximou Washington de Jacarta, ainda mais intensamente a partir da crise militar do Vietname. Se houvesse uma visão política inteligente da parte do Portugal abrilino, a descolonização de Timor não devia ter sido implementada de uma maneira tão precipitada durante esse tempo tão conturbado e agitado. Ou podia ter sido adiada a descolonização para um futuro mais oportuno, tal como a de Macau, que em altura propícia e oportuna foi feita com dignidade, pompa e circunstância, se houvesse também uma vontade política de fazer uma descolonização genuína. Se houvesse igualmente uma visão política mais profunda, podia-se recorrer a outra alternativa. Uma vez que era notória a posição agressiva assumida por Jacarta, os responsáveis pela descolonização poderiam ter internacionalizado o caso de Timor, ou adiado para a melhor oportunidade a sua solução política, visto que se avolumaram os obstáculos que iriam inviabilizar o sucesso da descolonização, como de facto aconteceu.

6 DUARTE, P. Jorge Barros – *Ainda Timor, ob. cit.*, p. 55:

Outro factor fundamental a ter em conta na altura era que, a partir da década de 1960, Timor Leste teve uma plêiade de governadores que tentaram fazer algo pelo povo timorense. Começando pelo Coronel Filipe Themudo Barata, Coronel Alberty Correia e culminando com o último governador de antes do 25 de Abril, Coronel Fernandes Alves Aldeia, que projectou Timor para a senda do progresso como nunca antes se tinha verificado.[7] Estes últimos governadores dignificaram a sua governação e afirmaram o seu valor, dentro daquele pensamento do Professor Adriano Moreira afirmando que *«Toda a vida política, militar e administrativa, civíl e religiosa, tinha essa figura (o Governador) como centro de referência, e a crónica da vida de cada território era referida com fundamento aos períodos marcados pelo exercício de cada Governador»*.[8]

O Governador Alves Aldeia implementou uma política de ensino em que até as próprias unidades militares estacionadas nas diferentes zonas de Timor tinham as suas próprias escolas, espalhadas pelos sucos e povoações do interior da Ilha. Pode-se afirmar que, pela primeira vez na História de Timor, a escola ia à procura dos alunos e não os alunos à procura da escola, caminhando horas através das montanhas e vales, como tinha sido até aí. E pela primeira vez também, um número significativo de estudantes timorenses foi estudar em Lisboa, nos cursos universitários ou técnicos. Fomentou o governador a criação de gado bovino e desenvolveu a cultura de café. Numa palavra, Timor estava satisfeito com o governo de Alves Aldeia. Timor vivia um clima de paz genuína, que só foi perturbada pela Revolução Abrilina.

A instabilidade começou quando o Governador Fernando Alves Aldeia foi substituído, o que provocou uma frustação para os timorenses que adivinhavam a tragédia que se avizinhava sobre Timor. Portugal Abrilino exportou a Revolução que foi a *génesis* da desgraça do Povo de Timor. Em breve chegaria a Timor uma equipa do MFA que pouco ou nada conhecia das realidades sócio-culturais e históricas de Timor.

7 O contexto e as noções utilizadas nesta passagem pelo P. Francisco Fernandes parecem sugerir que teria lido a obra do último governador colonial português em Timor Leste: ALDEIA, Fernando Alves – Timor na esteira do progresso. Lisboa: [s.n.], 1973. - 75 p. : il. Trata-se de um pequeno opúsculo que, incluindo fotografias do território, publicava um *Discurso proferido na sessão de abertura da Assembleia Legislativa e da Junta Provincial,* em Díli, no dia 29 de Maio de 1973.

8 ABREU, Paradela de – *Os Últimos Governadores do Império.* Lisboa, Edições Neptuno, 1994, p. 38.

Na verdade, se por um lado a Revolução Abrilina foi útil para Portugal e para as colónias em África, porque resolveu os seus problemas, não foi benéfica para Timor porque só veio criar mais problemas, causando uma guerra tão sangrenta e desastrosa como nunca se experimentou durante os 460 anos da Administração Portuguesa. Se tivesse havido um acompanhamento genuíno do caso de Timor no campo diplomático, ter-se-ia observado que, após a humilhação militar americana no Vietname, Washington estava todo virado para Jacarta, culminando em dar-lhe luz verde para a invasão de Timor e apoio para a sua subsequente ocupação.

IMATURIDADE POLÍTICA DOS ESTUDANTES TIMORENSES

Também os nossos estudantes timorenses que estiveram em Lisboa, depois de terem sido devidamente endoutrinados pelos revolucionários do 25 de Abril, regressaram a Timor ingenuamente convencidos de que iam levar um futuro melhor para o povo do território, mas só foram antes contribuir para enterrar Timor, com as suas ideias revolucionárias e esquerdistas. Isto revela-se na ingenuidade de querer transformar de um dia para outro uma sociedade quase "feudal" como Timor, numa sociedade de cariz marxista, nas portas de uma Indonésia que se afirmava ferozmente como anti-comunista. Além disso, ignoraram que a estabilidade social e a paz em Timor dependiam de três pilares: a Igreja, as autoridades tradicionais e os administrativos.[9] E 400 anos de estabilidade, paz e ordem que se viviam em Timor deviam-se a essas três instituições seculares. Pois em toda a sua História multissecular, não houve memória de tanto sofrimento como o que se passou desde 1975 a 2000.

Os nossos 'revolucionários' destruíram dois destes alicerces que durante séculos eram responsáveis pela paz em Timor. Humilharam esses servidores de Timor com as palavras de ordem que aprenderam com sucesso em Lisboa, rotulando os Liurais e os Administrativos

9 O programa politico da Fretilin em 1974-75 pode seguir-se através da investigação de mestrado de HILL, Helen – *Nationalist Movement in East Timor.* M.A. thesis, Monash University, 1978.

de fascistas, de burgueses, de colaboradores e de colonialistas. Entendemos que um ou outro elemento das autoridades tradicionais ou administrativas não eram, de facto, desejáveis e, por isso, deviam ser saneados. Mas destruir toda uma estrutura que durante séculos deu provas da sua valia e eficácia na manutenção da ordem, paz e estabilidade de Timor revelava imaturidade, ingenuidade política e falta de uma visão nacional dos nossos académicos revolucionários.

Obviamente que tais procedimentos desses revolucionários ingénuos não contribuiram para manter a estabilidade política e social em Timor, como de facto aconteceu. Tal espírito revolucionário reflectiu-se depois na formação de partidos políticos com tendência esquerdista, contribuindo para dar mais munições aos Indonésios, que não se cansaram de repetir que não queriam ver uma Cuba nas suas vizinhanças, nem tão pouco uma potencial base que pudesse depois servir de santuário para as forças anti-Suharto. A retórica revolucionária dos estudantes alarmou toda a Região geográfica, como afirmou Dan Murphy:

> «East Timorese political leaders (in 1970s) wielded a fiery, Marxist rethoric that alarmed regional and western governments, Southeast Asia, most countries decided, didn't need a little Cuba in ist midst».[10]

A partir daqui, Jacarta manobrou habilmente o desenrolar dos acontecimentos com vista a invadir um país indefeso como era Timor Leste.

OS PRETEXTOS DA INVASÃO DE TIMOR

As "razões" ou, antes, os pretextos que a Indonésia invocou para invadir Timor Leste foram de ordem ideológica, económica e cultural. Jacarta proclamou aos quatro cantos do Mundo que não queria ver uma «Cuba» nas suas portas, referindo-se claramente à descolonização levada a efeito pelo Portugal abrilino de matriz comunista (com o Governo

10 MURPHY, Dan – *East Timor*, in: 'Far Eastern Economic Review', Feb. 11 1999.

de Vasco Gonçalves), sublinhando que a Revolução Abrilina inspirara a Fretilin (Frente Revolucionária de Timor Leste Indenpendente). Por razões de ordem económica, Jacarta alegava que Timor não dispunha de recursos naturais para ser independente. E estes argumentos eram subscritos também pelo então primeiro-ministro da Austrália Gough Whitlam. Ora o tempo e os factos vieram a demostrar que a retórica de Jacarta carecia de fundamento, quer no campo ideológico, quer no campo económico, pois não correspondiam à realidade.

Com efeito, sob o aspecto ideológico, Timor ficou com fama de comunismo, mas sem qualquer proveito. A noção de comunismo, vista sob a perspectiva de Jacarta, era demasiado primária e superficial na altura e hoje não tem cabimento. Era antes uma noção carregada de sentido político para reforçar as pretensões de Jacarta sobre Timor. As forças armadas da Indonésia, que se rotularam a si próprias como anti-comunistas, invadiram Timor com armamento russo (corvetas russas, bem como carros de assalto e espingardas automáticas AK-47), enquanto os timorenses, rotulados de marxistas pelas forças invasoras, defendiam a sua terra e nem sequer tinham uma arma russa. E, por ironia da história, na invasão e ocupação de Timor, não só foi utilizado armamento russo, mas também armamento americano, contra a claúsula do contrato indonésio-americano que autorizava o uso do mesmo só para autodefesa e não para agressão contra os vizinhos.

Hipocritamente, Washington tinha que estar coerente com a posição política tomada por Gerald Ford, dando a luz verde à invasão a Timor, dizendo que o problema era um caso doméstico da Indonésia.

Sob aspecto económico, outra vez por ironia da História, o invasor e a própria Austrália, defendendo que Timor carecia de recursos materiais para poder ser um estado independente, ficaram enriquecidos à custa do petróleo e gás natural do mar Timor, assim como com a exploração de outros recursos materiais, como o café, a madeira ou o mármore.

RAZÕES DE NATUREZA CULTURAL

Timor Leste e a Indonésia são duas entidades políticas e culturais que surgiram num contexto histórico diferente no tempo e no espaço. A Indonésia como país independente é sub-produto da II Guerra Mundial, e até o nome lhe foi dado por um Inglês. Quanto a Timor, séculos antes do período pré-colonial, já se afirmava como uma entidade histórica e tinha uma estrutura sócio-política que resistiu à cobiça dos estranhos. Na verdade, como vimos, a fragância do sândalo, então considerada como panaceia para múltiplas doenças e necessidades, projectou desde o século XII o nome de Timor para além da sua área geográfica. Diz mesmo uma fonte portuguesa do século XVI: «*He tão hermoso este sândalo pera todo o Oriente que vem a ser huma das melhores fazendas que se comerceão*».

No período pre-colonial, a actual Indonésia não era mais do que um conjunto de ilhas independentes, como Samatra, Java, Celebes, Macassar, etc, que formavam o então arquipélago da Insulíndia ou Índias Orientais, povoada por gente marítima de raça malaia e por várias povos locais. Nos primeiros séculos da Era cristã, os reinos da Insulíndia foram civilizados por navegadores indianos, portadores de Budismo e Bramanismo, da literatura sâncrista, gerando a civilização Indo-Javanesa que inspirou as grandes construções arquitectónicas como o majestoso Borobudur, na costa de Java. Mais tarde, outras religiões, como o Islão, levado por outros comerciantes, e a Cristã, por Europeus, fizeram a sua entrada nessas ilhas a partir do século XV. Ora, se houvesse algum laço histórico-cultural entre a Indonésia e Timor, tal laço devia ter sido visível nesse periodo pré-colonial. Mas os factos provam que a alegada pretensão de elo cultural com Timor carece de fundamentos históricos. Antes da era colonial, a actual Indonésia não tinha unidade política que fosse capaz de impôr a sua hegemonia sobre as restantes ilhas. A unidade política é lentamente imposta pelo poder colonial da Holanda.

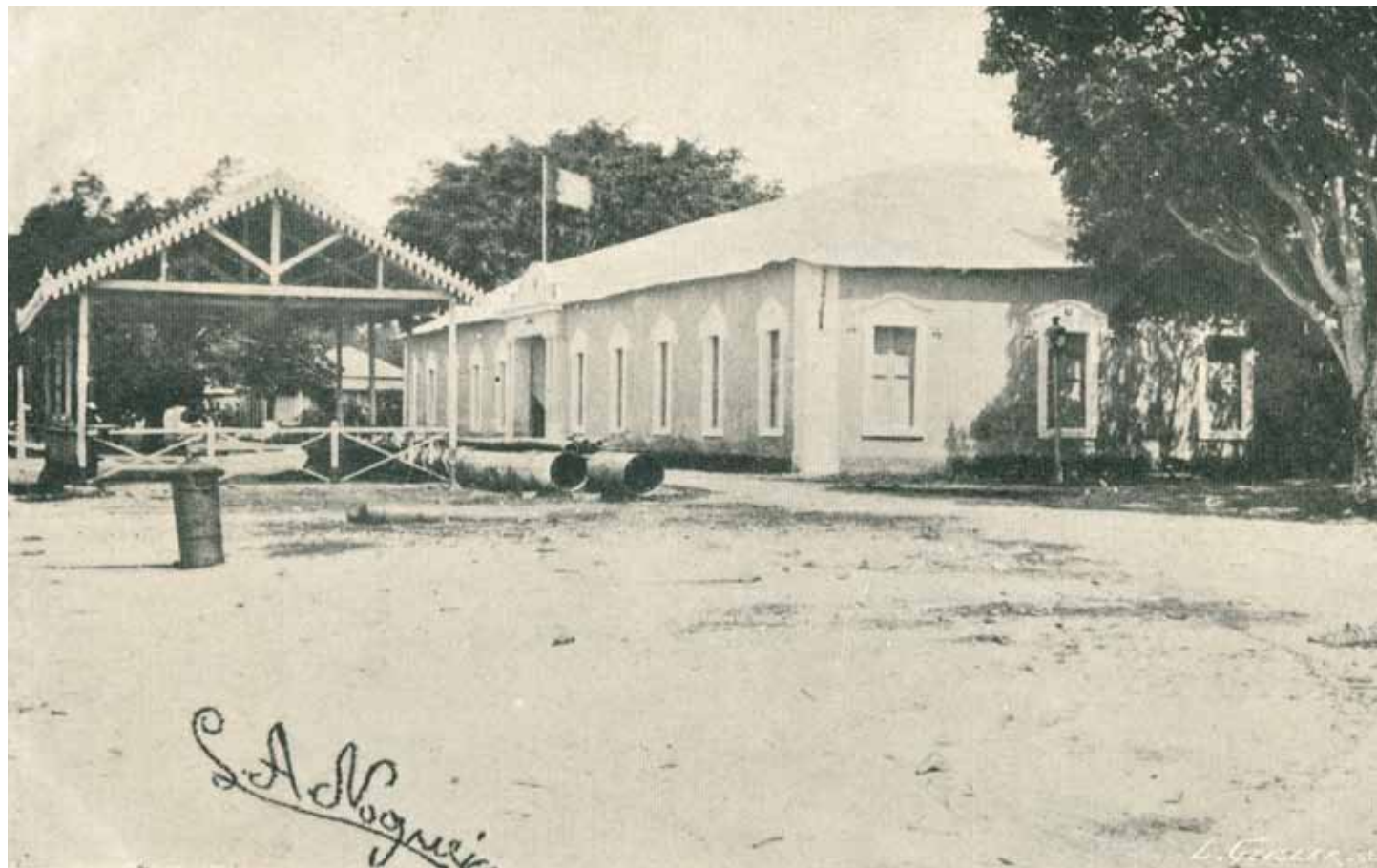
Apenas a partir do século VIII, a hegemonia dos mares foi exercida pelo reino da Srivijaia, fundado pela dinastia Lailender e cujo centro de gravidade ou epicentro se encontrava na costa oriental de Sumatra. Para poder sobreviver, o Império Srivijaia tinha que se tornar um estado feudatário e tributário da China Imperial, e assim adoptou a religião budista. A partir do século X, Srivijaia não resisitiu aos ataques dos seus inimigos e entrou em declínio, para surgir depois na ilha de Java o reino

hindu do Majapahit. Este era também um estado-satélite, feudatário e tributário dos Imperadores Mings da China. Se a China se lembrar de reclamar para si a actual Indonésia, teria mais fundamentos históricos a seu favor do que a Indonésia em relação a Timor Leste.

Tanto o Império do Srivijaia como o do Majapahit tentaram reclamar a sua soberania sobre todos os territórios que se encontravam situados a oriente de Lombok, mas tal pretensão era apenas nominal, pelo menos no caso de Timor, pois a ilha não sofreu nenhuma influência cultural Hindu, Budista ou Islâmica. Deliberadamente, Jacarta não invocou a verdadeira razão por que invadiu Timor: um Timor-Leste independente seria a desintegração da própria Indonésia, pois algumas das suas províncias mais conflituosas, como Ache, Irian Jaya e Molucas, aspirariam também à independência.

Em rigor, o pretexto da invasão de Timor foi ao encontro dos desejos dos oficiais 'falcões' do regime de Suharto, pois, além do próprio presidente, as altas patentes das Forças Armadas Indonésias, tais como os generais Alimurtopo, Bene Murdani, Dading Kalbuadi, Yoga, Sinaga e outros formaram a equipa que, como se sublinhou, em 1960m tomou a Papua Ocidental, então colónia holandesa.

Durante o tempo do Presidente Sukarno, a Indonésia actuou como Cavalo de Tróia da URSS no Sudeste da Ásia, pretendendo ser campeã anti-ocidental e anti-colonial, ameaçando a presença dos interesses dos ocidentais na Ásia. E para poder actuar mais livremente, retirou-se oficialmente de membro da ONU. Por outro lado, como as Forças Armadas da Indonésia estavam treinadas e mentalizadas para operações militares de envergadura, tinham que se "entreter" com alguma aventura militar. Assim, no princípio da década de 1960, invadiram e anexaram a antiga colónia holandesa da Papua Ocidental, baptizada por Jacarta com o nome de Irian Jaya. A mesma equipa de militares «falcões», entusiasmada com o sucesso da aventura militar na Papua Ocidental, tentou criar em 1963 uma campanha militar – o «Crush Malaysia» ou «confrontasi» – contra a Federação da Malásia. Mas, como as Forças Armadas da Commonwealth (Grã-Bretanha, Austrália e Nova Zelândia) vieram em ajuda da Malásia, a Indonésia recuou, como já tinhamos visto.

Movida pelas razões acima consideradas e, sobretudo, motivada pela estratégia de desviar a atenção da Comunidade Internacional dos problemas que afectavam o povo indonésio no campo social, político, religioso e económico, Suharto resolveu invadir Timor por terra, ar e mar a 7 de Dezembro de1975.

XVII.

RESPOSTA DE TIMOR. MISSÃO IMPOSSÍVEL

Timor Leste não dispunha de efectivos militares razoáveis em termos de armamento e homens para poder enfrentar umas das potências mais fortes do Sudeste da Ásia, como era nessa altura a Indonésia. Perante a superioridade numérica em homens e armamento, reforçada com o beneplácito dos EUA e da Austrália, Timor Leste sozinho, sem ajuda de ninguém, decidiu oferecer resistência ao invasor para defender a sua dignidade e a sua identidade histórica.

O Comandante Nicolau Lobato e o seu quartel-general, conscientes do desequilíbrio das forças militares em presença, longe de se renderem ao inimigo, como muitos pensavam, resolveram oferecer uma resistência que, como veio a provar-se, ultrapassaria toda a expectativa. Vale, por isso, a pena recordar aqui essa espécie de poema em prosa que recordou o esforço de Nicolau Lobato:

1
Forçado pelas forças nipônicas,
E antes de se retirar das Filipinas
Durante II WW, Gen. D. Mac Arthur
Prometeu aos Filipinos: <u>I Shall return</u>.

2
Confrontado com a invasão
Do Suharto em 7-12-75, o Ct Lobato
Não hesitou em aceitar o desafio:
<u>Vamos lutar e resistir embora à sós</u>

3
Mac Arthur tinha às suas ordens
Navy,Mariners, Airforce and so on.
A superioridade bélica de USA
Facilita, sem dúvida, a sua missão

4
Lobato só contava com G3, Mauzer
“Rams e Dimas” e a FALINTIL.
É o duelo entre David e Golias.
É impossível a Missão do Lobato

5
Firme no alto do Ramelau
Cte “ Alau” define a estratégia
Da luta:Gloriosa Falintil.
Resistir é vencer. Pátria ou morte

6
As nossas armas serão as armas
Dos inimigos abatidos, Se não se
Retirarem de Timor serão dizimados
Com as suas próprias armas.

7
O nosso último objectivo
É defender o nosso povo
E libertar a nossa Pátria
Da dominação estrangeira

8
A nossa recompensa será
A bênção do “Nai Maromak”
E da Mãe Celestial de Aitara.
Porque lutamos pela Justiça

9
Camaradas de armas,
Lutai com valentia.
Fé e confiança em Deus
Que é nossa a Vitória final

10
O sangue de Nicolau vitalizou a Pátria
Que antão não se afigurava viável
Mas hoje: Nação Timor Lorosae.
Cumpriu-se a Missão Impossível

RESISTIR É VENCER

Os comandantes da FALINTIL tinham que adoptar uma nova estratégia - a guerrra de guerrilha – que, com apoio da população, protegida pela configuração geográfica da Ilha (montes, grutas, montanhas e vales, ribeiras...), conseguiu neutralizar as famosas e temíveis forças especias de ABRI. Sob o ponto de vista operacional, a ABRI (Forças Armadas Indonésias), com as suas tropas de elite, tais como KKO-RPK-KOPASSUS, foi humilhada com o mais elevado número de baixas em toda a sua história militar, ultrapassando os 40.000 homens mortos ou inutilizados na guerra de Timor Leste. Tal baixa elevadíssima não estava prevista nos planos dos estrategas indonésios, que pretendiam dominar militarmente Timor em questão de dias. E, para além das baixas, houve considerável desgaste de material bélico, sem mencionar a perda do prestígio e credibilidade internacional:

> «The subjugation of East Timor’s independence moviment has cost both sides dearly: in East Timur a terrible price has been paid in lives; In Indonesia, reputation and international credebility have been the prime casualties».[1]

Donde se conclui que, sob o ponto de vista militar, económico e diplomático, a Indonésia só ficou a perder. A guerra só foi proveitosa para as finanças dos generais indonésios e para a rápida promoção dos oficiais que serviram em Timor, dando lucro aos vendedores de armas à Indonésia. Para os timorenses, a guerra contribuiu também para a consciencialização e afirmação da sua identidade nacional.

1 SCHWARZ, Adam – *A Nation in Waiting: Indonesia's Search for Stability.* Sydney: Allen & Unwin, 1999, p. 195

Como consequência da guerra, surgiu uma liderança militar, política e diplomática, a par da clandestina, liderada pela FRETILIN, para responder à agressão estrangeira, mostrando assim ao Mundo uma capacidade ímpar de resistência face a uma potência invasora superior em potencial diplomático, militar, económico e logístico.

QUAIS FORAM AS VANTAGENS DA INVASÃO?

Quais foram, afinal, as vantagens desta invasão para a Indonésia? Rigorosamente, nenhumas. O povo indonésio sofreu com esta aventura militar que teve como consequência imediata a condenação sucessiva da Indonésia pela ONU e pela Comunidade Internacional. E ficou desacreditada perante o Mundo, porque a invasão foi uma negação dos princípios do Pancasila, a filosofia do Estado Indonésio que defende o humanismo e a justiça social como a sua bandeira. Por outro lado, se no passado a Indonésia combateu contra o colonialismo holandês para ficar independente, seria uma contradição arvorar-se agora em potência neo-colonizadora no último quartel do século XX. Economicamente, a guerra constituiu um cancro para economia de Jacarta que, teimosamente, continuou a sustentar uma guerra de luxo contra Timor Leste.

A Indonésia não conseguiu o seu objectivo militar, que visava dominar e controlar Timor em tempo relâmpago, para evitar a crítica internacional. A determinação da FALINTIL de lutar contra o invasor, o acindentado do terreno, as altaneiras montanhas, os montes inacessíveis, os vales profundos e sinuosos constituíram a fortaleza natural dos timorenses contra qualquer agressão exterior, tendo evitado que a Indonésia triunfasse em Timor em questão de dias ou semanas, tal como as Forças da Coligação da América e Grã- Bretanha haveriam de triunfar no Iraque, esmagando as forças de Sadan Hussein na famosa operação da «tempestade no deserto», libertando o Kuweit na chamada primeira guerra do golfo.

A Indonésia não conseguiu dominar Timor durante um quarto de século. E quanto mais se prolongava esta campanha militar, tanto mais destruição de vidas humanas iria provocar, causando um autêntico genocídio físico e cultural do povo timorense, para além do êxodo de um significativo número de refugiados para a Austrália, Portugal e Macau. Tais refugiados vieram a formar a frente mais avançada da Resistência nacional. O facto de a Indonésia não ter dominado militarmente Timor em tempo relâmpago, como planeavam os estrategas indonésios, deu tempo aos timorenses para se organizarem na frente militar, clandestina e diplomática contra o invasor.

A diáspora timorense, apoiada por várias ONG, podia movimentar-se e mobilizar a solidariedade internacional, que passava a ser um incómodo para as representações diplomáticas indonésias no Mundo. Portugal e os PALOP começaram a ter um papel mais dinâmico na luta pela libertação de Timor. E enquanto a Resistência Timorense se mostrava agressiva e dinâmica, a guerra ia arruinando a economia da Indonésia e causando baixas consideráveis nas fileiras das forças armadas, a ABRI. Perante a Comunidade Internacional, a guerra arruinou o prestígio e a credibilidade da Indonésia que, apesar de ter recorrido a todos os meios violentos e pacíficos para conquistar a adesão dos timorenses, nunca foi aceite pela esmagadora maioria da população.

XVIII.

TOCAMOS A FLAUTA E NÃO DANÇASTES, CANTAMOS LAMENTAÇÕES E NÃO CHORASTES

Os contemporâneos de Jesus contradiziam-se, quando, por motivos opostos, criticavam Jesus e o seu precursor, S. João Baptista. O coração dos Judeus estava tão empedernido que nem João Baptista, com a sua vida austera, vivida no deserto, longe de todos, os conseguiu converter. E nem Jesus, que vivia com eles, comia e bebia com todos, incluindo os marginalizados e os pecadores, os conseguiu igualmente converter: O salmista comparou estes dois estilos de vida de Jesus e do seu precursor face à indiferença dos Judeus com estes versos:

Tocamos a flauta e não dançastes
cantamos lamentações e não chorastes

Na História recente de Timor, pode dizer-se o mesmo a respeito da indiferença dos timorenses perante os indonésios que, nem com o recurso à violência, uma política de "pão e açúcar" ou uma política de *"win heart and mind"*, conseguiram conquistar o coração dos timorenses.

No seu contacto com o estrangeiro, o povo de Timor, como vimos, toma sempre uma posição de cautela, de suspeita, *"the wait and see"*. O timorense começa sempre por observar e estudar a genuína intenção do estrangeiro. Cedo ou tarde, ele chegará a descobrir tal intenção e a partir daí o timorense define e toma a sua actuação em relação aos estranhos. Se o estrangeiro vem com boas intenções, repita/se, então o timorense começa a depositar nele a sua confiança. Caso contrário, o timorense recorrem a todos os meios ao seu dispôr para se dintanciarem do estrangeiro, rejeitando toda a colaboração "do lobo que vem com a pele de cordeiro"

A Indonésia, antes da invasão, tinha lançado a campanha de querer libertar os seus irmãos timorenses do jugo colonial português, com vista a gozarem a **merdeka** (liberdade)[1] juntamente com os seus irmãos

1 Merdeka para liberdade é um conceito fundamental na formação política da Indonésia independente. A noção agita uma dimensão claramente anti-colonial e nacionalista, funcionando também como um dos principais lugares da memória da identidade nacional e urbana indonésia, pelo que as grandes cidades, especialmente em Java, se organizam geralmente em torno de uma grande praça centralizadora baptizada precisamente «merdeka», contrastando com a

indonésios. Mas essa “libertação” foi feita ao troar de canhões e ao ribombar de bombas incendiárias que arrasaram aldeias, vilas e concelhos, transformando a edílica Ilha numa gigantesca prisão e cemitério. Antes, a paz e a liberdade eram o pão nosso de cada dia do povo. Agora vivia-se um clima de terror, de medo.e perseguição, mas o povo não se vergou às forças invasoras e ocupantes. Multiplicaram-se as operações militares, primeiro, a operasi Komodo, depois seguiram-se outras ainda mais ferozes, como a *operasi seroja* e a *operasi koemanan*. Mas essas **operasis** ou operações militares só contribuíram para distanciar ainda mais o povo timorense dos seus “auto-proclamados” libertadores de Timor. Criaram-se prisões para os nacionalistas timorenses. Planeram-se matanças e massacres dos resistentes, desde Kraras Leten em Lacluta e outras partes de Timor, como em Taci-Tolo. Mas o povo timorense continuou indomável. Construíram-se ”campos de concentração” para isolar o povo dos guerrilheiros nacionalistas. Implementou-se a política de “Transmigrasi” para aasegurar com emigrantes de Java e Madura a “Indonesinização“ de Timor. Montou-se um sistema de polícias secretas e informadores (os *babansas*) para denunciar, perseguir e torturar o povo. Mas o heróico povo timorense não se vergou nunca.

Multiplicaram-se matanças e massacres ainda mais sangrentos, como o dramático caso do massacre no cemitério de SANTA CRUZ, no dia 12 de Novembro de 1991. A crueldade desenfreada das milícias pró-indonésias não fizeram vergar a resistência do povo. Jacarta afirmava à boca cheia: *Implementamos o nosso programa de fomento para melhorar a vida económica de Timor. Chegamos a investir biliões de jutas* (uma juta=um milhão de rupias indonésias) *em Timor, mais do que noutras províncias da Indonésia...* Mas, em rigor, estes «presentes» não convenceram o povo de Timor Leste e ficaram dominantes as palavras do salmista: *Tocamos a flauta,mas não dançastes; Cantamos as lamentações e não chorastes.*

Continuava Jacarta a proclamar: *Mandamos os vossos filhos para frenquentarem as nossas Universidades e formaram-se aos milhares. Mas continuais a distanciar-vos de nós. Construimos escolas primárias e secundárias em todos os concelhos, Postos e Sucos. Criamos postos de saúde junta da população. Abrimos estradas, lançamos pontes para facilitar as comunicações.* Afinal, Tocamos a flauta, e não dançastes? Demos grande publicidade à vossa Terra no mercado internacional, ao construir o automóvel com a marca KIA-TIMUR. Porque é que *Tocamos a flauta , e não dançastes? Sendo nós muçulmanos, construimos Igrejas e Capelas, levantamos uma Catedral em Dili: E não dançastes? Sendo nós muçulmanos, em menos de 25 anos da nossa administração, convertemos mais cristãos para a Igreja Católica do que Portugal católico em 400 anos. Antes apenas 30 % da população era católica. Hoje, 93% da população é Católica e Apostólica Romana: E não dançastes? Construimos o monumento de Cristo Rei, único em toda a Asia: E não dançastes? Fizemos em Timor aquilo que não fizemos em outras províncias da Indonésia.*

E não quereis dançar?

Porquê?

A Resistência Timorense tinha a resposta: *Não dançamos nem choramos porque a nossa resposta é igual àquela que segundo uma lenda um Filósofo deu a um Príncipe que o foi visitar na sua gruta.* Diz uma legenda conhecida que certo Filósofo vivia feliz dentro de uma gruta inundada da luz do sol durante o dia, entrando em jorros, através de uma abertura natural feita na gruta e iluminada durante a noite pelo doce e suave luar. Continua a lenda que, certo dia, um Príncipe, encantado com a vida sossegada e feliz do filósofo, foi com a sua comitiva visitá-lo. Admirado com a vida despreocupada do Filósofo na gruta, o Príncipe disse-lhe: *pede-me o que desejas e dar-te-ei tudo*. E o Filósofo, sem hesitar, respondeu prontamente: *Sua Alteza, não lhe peço nada, porque estou feliz. Só lhe peço que Você e a sua comitiva se retirem dessa abertura, porque estão a tirar-me a LUZ do SOL*. Pois o Princípe e a comitiva, ao entrarem na gruta, impediram a entrada daquilo que constitui a alegria do Filósofo: Era essa Luz do Sol, da Liberdade, Paz e Alegria, que a invasão e ocupação da Indonésia privaram aos Timorenses. Impediram aos Timorenses o tesouro que antes tinham em abundância: a Liberdade, a Paz e a Alegria...

---

urbanização colonial imposta pela dominação holandesa em torno de fortalezas e edifícios administrativos normalmente colocados nas frentes marítimas. Jakarta, a antiga Batávia holandesa, apresenta-se como um exemplo paradigmático destas transformações urbanas exibindo no seu centro urbano uma colossal praça «merdeka» celebrando a independência nacional e fixando também o palácio presidencial e outros edifícios de aparato político.

XIX.

A IGREJA MÁRTIR DE TIMOR

Quando João Paulo II visitou o Perú, em 1985, uma delegação de dirigentes Índios foi entregar-lhe uma carta que dizia:

> *«Nós, os Índios de Andes e da América, decidimos aproveitar a visita de João Paulo II para lhe devolver a Bíblia, porque em cinco séculos ela não nos deu nem amor, nem paz, nem justiça. Por favor, tome de novo a Bíblia e devolva-a aos nossos opressores, porque eles, mais do que nós, precisam dos preceitos morais da Bíblia (...)»*.[1]

Quando em Outubro de 1989, o mesmo Sumo Pontífice João Paulo II visitou Timor-Leste, também foi testemunha de uma contestação protogonizada pela heróica juventude timorense. Uma contestação mais ruidosa e espectacular do que a dos Índios de Peru, porque mereceu as primeiras páginas da Imprensa Internacional e alguns jovens haveriam mesmo de sacrificar a sua vida por causa desta tomada de posição. Mas esta contestação não fora contra o Papa, nem tão-pouco contra a Igreja e, muito menos, contra os evangelizadores lusitanos. Foi apenas uma mensagem para mostrar ao Papa e à Comunidade Internacional que os Timorenses defendiam os valores proclamados pela Bíblia: Paz, Alegria, Justiça e Liberdade, princípios de que os Timorenses ficaram privados com a ocupação de Timor Leste pela Indonésia. Os jovens estudantes, moralmente apoiados pelo Clero Timorense, com quem se sintonizavam pelas mesmas ondas hertzianas, entenderam que a visita do Papa a Timor podia servir de cenário e de oportunidade para difundir e projectar as suas aspirações, tornando públicos os seus objectivos que eram de todo o Povo e da própria Igreja: a Libertação de Timor. Esta contestação foi apenas a ponta do iceberg que encobria um drama vivido pelo povo de Timor num clima de terror, violência e medo, criado por um dos regimes mais repressivos da História contemporânea.

---

1 BOFF, Leonardo – *Nova Evangelização, Perspectivas dos Oprimidos* Petrópolis: Vozes,1990, p.13.

É dentro e no seio deste cenário que actuou corajosamente a martirizada Igreja Católica em Timor Leste, exercendo pelnamente as suas responsabilidades pastorais. Tais actividades pastorais passaram a ser mais diversificadas, não se limitando apenas a funções pastorais e missionárias no campo da dilatação da Fé, do Ensino e Formação do Povo, porquanto a violência da situação política e social obrigava a Igreja a intervir no campo de assistência social, na área da defesa dos direitos do povo, com vista à sua libertação do jugo estrangeiro. Na verdade, nos momentos mais cruciais da ocupação estrangeira, a Igreja foi solicitada a intervir como a defensora, a protectora e o porta-voz do povo oprimido e indefeso, não só em Timor Leste, mas também entre a diáspora timorense (Atambua, Portugal, Austrália e Macau).

Em contrapartida, o Povo reconhecia e reconhece a Igreja Católica como a única Instituição em que pode confiar nas horas mais conturbadas da História de Timor. Esta confiança depositada na Igreja é atestada eloquentemente pela adesão em massa dos Timorenses à Igreja Católica durante a ocupação feita pela maior potência islâmica do Mundo. O Povo identificava-se com a Igreja, porque a Igreja moldou ao longo dos séculos a maneira de ser, sentir e agir dos Timorenses. E, durante a ocupação Indonésia, ambos tinham a consciência de serem alvos do agressor islâmico e vítimas de atrocidades perpretadas pelas forças da ocupação.

A magnitude do sofrimento criou entre os Timorenses um sentimento anti-Indonésio tão profundo e tão generalizado que os Timorenses rejeitaram tudo aquilo que estava associado com a própria Indonésia. A aversão pela Indonésia levou mesmo o Povo a ter mais simpatia pelos Portugueses, que levaram para Timor a Fé Evangélica, ensinando valores humanos e cristãos, tais como respeito, amizade, sinceridade, tolerância, justiça e convivência humana.

O Governo de Jacarta tentou alterar e inverter o status quo de Timor através da *indonesização* do Povo pela via da ideologia de Panca-Sila ou cinco princípios que são: *Crença num Deus, Nacionalismo, Justiça Social, Democracia e Unidade na diversidade.*[2] Esta ideologia do Estado Indonésio obrigava praticamente os Timorenses a aderirem a uma das cinco religiões reconhecidas pela doutrina política do Panca-Sila: a Religião Islâmica, Hindu, Católica, Protestante e Budista. Na perspectiva das autoridades indonésias, o Timorense que não aderisse a uma das cinco religiões mencionadas era suspeito de comunista. Consequentemente, o Timorense foi forçado a renunciar à sua tradicional religião, o Animismo,[3] que a Administração Portuguesa sempre respeitou. E, na hora de opção, os Timorenses em massa aderiram à Religião Católica que sempre esteve ao lado do Povo nos momentos bons e nos momentos difíceis. Esta tomada de posição gerou uma completa frustação entre as autoridades indonésias, porque Jacarta, ao implementar em Timor a ideologia de Panca-sila, esperava assistir à adesão em massa dos Timorenses ao Islamismo, a fim de, por um lado, fragilizar a união entre a Igreja e o Povo e, por outro lado, justificar a política de integração. Mas, infelizmente para a Indonésia, o feitiço virou-se contra o feiticeiro. Assim, a Indonésia Islâmica,[4] inconscientemente, contribuiu mais para levar os Timorenses para a Igreja Católica durante os 20 e tal anos de ocupação do que o Portugal Católico em 400 anos.

O antigo Bispo de Díli e prémio Nobel da Paz, D. Carlos Ximenes Belo, interpretava esta conversão maciça à Religião Católica como a melhor maneira de preservar e defender a identidade do Povo Timorense. Ao contrário, os convertidos à religião islámica, embora fossem

2 Acerca da importância do Pancasila no processo de indepedência e construção do estado independente da República da Indonésia, veja-se SOUSA, Ivo Carneiro de – *Pancasila, Conflitualidade e Nacionalismo na História da Independência da Indonésia*. Lisboa: CEPESA, 2004.

3 É quase normativo classificar as religiões tradicionais e populares dos povos de Timor com a etiqueta de animismo. Várias vezes discuti o tema com o P. Francisco Fernandes que, nos anos finais da sua vida, se começou a interessar também por manifestações de xamanismo que parecia ter encontrado em algumas práticas religiosas do Povo mambae. Estas instabilidades taxonómicas concorrem para demonstar a dificuldade em sumariar práticas religiosas complexas cruzando cultos ictónicos dos antepassados com formas organizadas de sacralização hierofánica dos elementos naturais e cósmicos. Ocorre ainda que, como se sublinhou, nestas religiosidades tradicionais timorenses não se recenseia a distinção entre sagrado e profano fundamental, nomeadamente, na organização das grandes religiões do Livro – Judaísmo, Cristianismo e Islamismo –, antes domina uma sociocosmologia em que verdadeiramente tudo apresenta uma dimensão sacral desde a casa à natureza, do trabalho às relações de parentesco. Nestas condições, convocar as nossas formas de classificar o sagrado e o religioso ligadas a sistemas religiosos também teológicos não permite mais do que marginalizar as religiões tradicionais dos povos de Timor sob as noções normalmente agitadas de «animismo» e, pior ainda, «superstição».

4 Ressalve-se que, apesar da esmagadora maioria da população ser islâmica, a República da Indonésia não é um estado islâmico e, mais ainda, os princípios do Pancasila foram largamente anunciados e difundidos por Sukarno e pelo Partido Nacionalista Indonésio precisamente para evitar uma independência dominada pelos partidos e princípios islâmicos. Consulte-se novamente SOUSA, *ob. cit. e Pantjasila. Trente anées de debats politiques en Indonesie.* Paris: Editions de la Maison des Sciences de l'Homme, 1980.

remunerados com bens materiais e lugares de chefia na administração, foram sempre muito reduzidos, porque o povo associava essa religião ao regime que inundou Timor com um dilúvio de tragédias. Se bem que os motivos da conversão não fossem fundamentalmente religiosos, o alinhamento do povo com a Igreja Católica (fortemente influenciado pelo Clero) era um sinal evidente de que o povo confiava mais na Igreja, embora materialmente pobre, do que no Governo Indonésio que prometeu mundos e fundos.

Recorde-se que, durante a ocupação, oficialmente a Igreja de Timor dependia directamente de Roma, que nomeou um Administrador Apostólico para o Governo da Igreja. E o primeiro sacerdote a exercer esta função nesse tempo de isolamento e de abandono foi Monsenhor Martinho da Costa Lopes que, com coragem e determinação, cumpriu a sua missão profética de denunciar atrocidades e violências que eram o pão nosso de cada dia do povo.[5] Monsenhor Martinho da Costa Lopes, consciente do risco da própria vida, não hesitou em espelhar pelo mundo a voz do povo oprimido, denunciando pela primeira vez o clima de atrocidades, violências e injustiças que se vivia em Timor sob a oupação Indonésia. A voz do Monsenhor foi ouvida em todo o mundo livre. Como reacção, a Indonésia moveu uma campanha para fazer desacreditar o representante da Igreja em Timor. Infelizmente, a Santa Sé, fortemente influenciada pelos católicos da Indonésia, nem sempre sintonizava com o grito do povo de Timor, veiculado através do Chefe da Igreja. E, assim, Monsenhor Martinho da Costa Lopes recebeu como "prémio" da sua tomada de posição uma forçada resignação. Passados poucos anos, morreu abandonado em Lisboa. Em sua substituição, foi nomeado o jovem missionário salesiano Carlos Filipe Ximnenes Belo como Administrador Apostólico de Timor.

As circunstâncias vividas em Timor forçaram igualmente Mons. Ximenes Belo a tomar uma forte posição em defesa de Timor Leste como o seu antecessor. Inteirado das realidades vividas pelo povo, Ximenes Belo corajosamente apelou às Nações Unidas através de um documento escrito para a realizxação de um referendo, que seria a solução mais adequada e viável para pôr termo à guerra em Timor. Ora, esta tomada de posição de Mons. Belo fez ruir por terra, perante a Comunidade Internacional, a política de Jacarta, que tinha afirmado ter o povo timorense livremente escolhido a integração na Indonésia. O Governo Indonésio pressionou o Núncio Apostólico de Jacarta para chamar Ximenes Belo à ordem, dizendo que aquilo que tinha escrito era uma opinião pessoal, mas Belo manteve a sua posição e o clero de Timor assinou um documento de apoio ao seu pastor. Com determinação e firmeza, a Igreja, primeiro com Mons. Martinho da Costa Lopes e, depois, com D. Ximenes Belo, lançou uma estratégia pastoral que visava criar estruturas e condições para Timor poder sobreviver física, social e culturalmente.

A adesão em massa do povo à Igreja Católica levou mesmo Mons. Lopes a pedir à Santa Sé para autorizar a utilização de tétum como língua oficial da liturgia, bloqueando assim o recurso à língua indonésia ou bahasa-indonésia. No campo das vocações, graças a Deus, os candidatos enchiam os Seminários e Conventos, ordenando-se muitos sacerdotes e formando-se muitas religiosas como nunca antes acontecera. Sacerdotes Diocesanos, Jesuítas, Salesianos e Religiosas Canossianas responderam à chamada do Senhor nesse momento tempestuoso na sua Vinha de Timor Leste. A Igreja estava agora fisicamente presente em todo Timor e isso promoveu a confiança do povo em melhores para o seu futuro. Criaram-se mais paróquias e escolas para servir o Povo do Senhor, bem como casas de acolhimento para as crianças órfãs da guerra. À medida que a Igreja ia crescendo em número e qualidade, as forças de ocupação já não dispunham de argumentos para competir com a Igreja católica, senão recorrendo à violência e força para a fazer intimidar. Jacarta chegou até à conclusão de que a Igreja Católica constituá o maior obstáculo para a política da Integração de Timor na Indonésia e, a partir daí, concentrou todas as suas baterias contra a Igreja.[6]

---

5 Uma bem conseguida biografia de Monsenhor Martinho da Costa Lopes encontra-se na obra de LENNOX, Rowena – *Fighting Spirit of East Timor: The Life of Martinho Da Costa Lopes.* London: Zed Books, 2000.

6 Entre as obras que têm vindo a investigar o papel fundamental que teve a Igreja Católica de Timor Leste na resistência à invasão indonésia e na formação de um amplo sentimento nacional, visitem-se, entre outras, ARCHER, Robert. 1995. *The Catholic Church in East Timor.* In: East Timor at the Crossroads, *ob. cit*., pp. 120-133; CROWE, Louise – *The Impact of the Indonesian Annexation on the Role of the Catholic Church in East Timor, 1976-95.* M.A. thesis, Northern Territory University, 1996; KOHEN, Arnold S. – *The Catholic Church and the Independence of East Timor.* Bulletin of Concerned Asian Scholars, 32(1-2), 2000, pp. 19-22.

Ordens superiores determinaram o enceramento do Externato de S. José, única instituição que teve a coragem de ensinar o Português e onde os jovens ganharam ânimo e coragem para se baterem pela libertação de Timor. As autoridades da ocupação passaram a considerar todas as actividades relacionadas com a Igreja como actividades anti-indonésias. Exemplo disso descobre-se na missa celebrada na Igreja de Motael, em sufrágio de um estudante morto pelos Indonésios e a subsequente romaria para o Cemitério de Santa Cruz, que terminou no maior banho de sangue ocorrido em Díli, em 12 de Novembro de 1991, um dos eventos largamente difundidos através do mundo pelo intrépido jornalista americano Max Stalh e que constituiu um ponto de viragem na história da Resistência. Tudo isto se deveu ao apoio e ao trabalho dos destemidos missionários diocesanos, religiosos e religiosas, catequistas e professores que continuam a dar o corpo ao manifesto. A residência do Bispo de Díli e dos sacerdotes passou a ser o santuário dos jovens timorenses perseguidos e procurados pelas forças da ocupação.

Dentro deste contexto sobressaem também os Jesuitas, na pessoa dos reverendos padres João Felgueiras e Martins, não obstante todos os obstáculos montados - incluindo a colocação de um ilustre jesuita javanês, *informador de Jacarta*, na Residência dos Jesuitas em Dili - para bloquear e informar as autoridades competentes, assim como a fuga de informações para o mundo Livre. Mas os Reverendos padres Felgueiras e Martins foram mais astutos que o BAKIN (os Serviços Secretos Indonésios), pois conseguiram contornar o obstáculo – a presença permanente do colega — e assim mantiveram sempre operacional o seu canal de comunicação com o mundo livre. Num tempo pesado de luta e isolamento, as informações eram altamente úteis para a Resistênciae para a denúncia internacional da situação de Timor Leste. E quando tudo parecia mergulhado num total silêncio, conseguimos sempre através dos Jesuitas saber algo de Timor Leste nos momentos mais cruciais.

Finalmente, o mundo livre veio a reconhecer o trabalho desenvolvido pela Igreja Timorense, atribuindo o Nobel da Paz ao Pastor da Igreja mártir de Timor D. Carlos Filipe Ximenes Belo.[7] A Resistência Timorense somou ainda mais pontos com a atribuição simultânea do Nobel da Paz a dois líderes timorenses: o Bispo Belo e José Ramos Horta, que lutou incansavelmente no exterior pela libertação de Timor. Enquanto Timor ia ganhando a compreensão, simpatia e apoio do mundo livre, a Indonésia ia perdendo a credibilidade internacional, agravada com a crise económica interna, caminhando iremediavelmente para a instabilidade política. Foi o princípio do fim da ditadura da Nova Ordem do temível Suharto.

A Indonésia estava consciente de que só encontrara frustração e reveses na sua política desumana em dominar o povo de Timor Leste. Para salvar a face da nação Indonésia, e para evitar uma balcanização da própria Indonésia, surgiram políticos mais esclarecidos do calibre de um Habibie que, com surpresa de todos, deu a Timor a oportunidade de decidir por uma autonomia mais alargada, com a República da Indonésia, ou a recusá-la e caminhar para a independência política. A implementação dessa decisão do esclarecido Presidente Habibie, não obstante os riscos e perigos eminentes, levou o povo de Timor Leste a desligar-se da Indonésia no célebre referendo de 1999 supervisionado pelas Nações Unidas. Esta vitória deve-se também à Igreja católica, que andou a par e passo com o povo de Timor Leste na sua caminhada dolorosa.

Foi a Igreja que deu o corpo ao manifesto, pois sempre esteve ao lado do povo nos momentos bons e nos momentos tempestuosos. Foi a única instituição timorense que sobreviveu durante a ocupação estrangeira, revelando a sua perenidade em Timor. Esta Igreja foi trazida pelos navegadores lusos do século XVI, implantada pelos Dominicanos durante séculos, e mais tarde amparada por bispos da estirpe de um Joaquim Madeiros, de um Costa Nunes, de um Jaime Garcia Goulart, de um José Joaquim Ribeiro, do esquecido Martinho da Costa Lopes ou do nosso Carlos Filipe Ximenes Belo. Agora, com a independência restaurada, Barca de Pedro em Timor navega num mar calmo e sereno,

---

7 A história da corajosa acção pastoral, cultural e política de D. Carlos Filipe Ximenes Belo na resistência à ocupação indonésia e na defesa dos valores culturais de Timor Leste percebe-se ainda melhor com a leitura de KOHEN, Arnold S. – *From the Place of the Dead: The Epic Struggles of Bishop Carlos Ximenes Belo of East Timor, Winner of the Nobel Prize for Peace, 1996*. New York: St. Martin's, 1999.

sob a direcção de dois grandes timoneiros: D Basílio de Nascimento, na diocese de Baucau, e D. Alberto Ricardo da Silva, à frente da diocese de Díli. Esta Igreja é, afinal, obra de Deus e dos Homens; dos Missionários vindos da Nobre Nação LUSITANA, da GOA DOURADA, de MACAU, esse FAROL DE EVANGELIZAÇÃO NO ORIENTE, mas também de ESPANHA, da ITÁLIA e das Filipinas, mas sendo obra maior desses FILHOS da *Ilha que o Sol em nascendo ve primeiro.*

É, por isso, justo deixar em seguida esta modesta contribuição para a história da Igreja católica de Timor Leste, arrolando as ordens religiosas e o nome dos sacerdotes activos no território antes da brutal ocupação indonésia.

MISSIONÁRIOS FORMADOS NO COLÉGIO DAS MISSÕES EM CERNACHE DE BOM JARDIM:

P. Francisco Xavier de Malo (chegou a Timor em 1877-1899)
P. Manuel Alves da Silva(chegou a Timor em 1877-1910)
Pe Sebastião Maria Aparício da Silva (chegou a Timor em 1877-1910)
P. Manuel
P.Carlos Joaquim Gonçalves dos Santos(1875-1877)
P. Manuel José Branco (1877-77)
P. Elias Simões da Silva (1884-1895)
P. João dos Reis Martins (1884-96)
P. António Marcelino Moreira (1884-1892)
P.Alberto Carlos Barroso Pereira(1885-1904) Pároco de Dili
P. Emílio José Temudo (1885-1890) Baucau
P. Zeferino Caetano dos Santos Nazaré(1887-1904) Viqueque, Barique-Saibada
P. António Pádua Dias d Costa91892-97)
P. Benjamim Veríssimo da Silva (1897-1904) Dili
P. José Martins da Silva(1899—1907)
Manuel Martins Pereira(1899-1904) faleceu em Timor-Maubara,Baucau, Manatuto
P. Manuel Roseiro Boavida (1904-1912)
P. Jaime Ribeiro Martins(1904-1923) Dili
P. Jaime Miranda e Brito (1905-1908). Morreu em Timor
P. António Januário de Morais (1910-1915) Oekusse, Manatuto
P. Francisco Fernandes da Silva (1910-19280 Iacló, Maubara

SACERDOTES DO ARQUIPÉLAGO DOS AÇORES:

P. João Machado de Jesus (1924-1925)
Bispo D. Jaime Garcia Goulart,
Sr. P. Januário Coelho da Silva será sempre lembrado em Soibada,
P. Norberto Oliveira Barros (Massacrado pelos Japoneses na Missão de Ainaro)
P.Carlos Pereira da Rocha
P. Ezequiel Enes Pascoal
P. Manuel Luís Silveira
P. José da Silva Brun,
P. Isidoro da Silva Alves
P. Leoneto Rego
P. Reinaldo Medeiros Cardoso
P. Victor Vieira
P. Ivo Rocha
P. João de Brito
P. José Carlos

Ilustres Missionários de FREIXO DE ESPADA À CINTA:

P. Francisco Manuel do Espírito Santo Guerra (1897-1902)
P. Eugénio dos Santos Freire (1899-1900)
Pe João Manuel Gonçalves(1899-?)
P. José Augusto de Oliveira Guerra (1903-1917)
P. Benjamim César Camilo (1917-1932) Oekusse
P. Francisco Quintao
P. Francisco Madeira (faleceu em Timor durante a II Guerra Mundial)
P. António Manuel Pires (trucidado pelos Japoneses na Missão de Ainaro)

P. Manuel Serra,
P. Júlio Ferreira,
P. Norberto Augusto Parada.,
P. Artur Basílio de Sá

Sacerdotes da arquidiocese de BRAGA:

P. Germano António Cardoso (1906-1926) Barique e Bobonaro
P. Horácio Pereira da Silva (1907-1925)
P. Germando António Cardoso(1906-1926) Barique e Bobonaro
P. Benjamim José da Silva (1903-1921)

Os nossos amigos de TRÁS-OS-MONTES:

P. Manuel Patrício Mendes (1910-1925) Trabalhou em todo Timor
P. Abílio José Fernandes (1914-1938)
P. António das Neves (1911-1926) Dili
P. Alberto da Ressureição Gonçalves (1919-1957) Maubara, Dili Ainaro
P. João José de Andradé (1917—1927), Ermera
P. Jacinto Campos,
Francisco Afonso.
Alberto Gonçalves,
Agostinho Gonçalves Rapazote,
Acácio.
Isaac de Araújo,
Barbosa
Outros de CASTELO BRANCO:

P. Manuel Alves Ferreira (1905-1912) morto na Guerra de Manu-Fahi
P. João Pedro Dias Vale (1904-1912) Manatuto

Os Ilustres Filhos de GOA DOURADA:

P. Adolfinho Sofrónio Pereira(1903-1910)
P. José Xavier Miranda (1918-1934) Oekusse
Monsenhor Diogo José Caetano Ave Maria de Almeida(1924-1954) Manatuto,Laleia,Vemasse, Same
P. AntónioGrebaldo da Conceição Fernandes,(1924-1957) Alas
Eduardo Brito que deixou os ossos em Timor,
Sr. P. Santana Roque Pereira
Sr P. Alvaro Santimano Monteiro, meu ilustre Professor do Seminário de N.S. de Fátima (estes dois ainda se encontram em Timor),
Sr. P. Frederico Alves,
Sr. P. João de Deus Wolfango da Silva ,
Sr. P.João Roque Fagundes Martins,
P. Luizinho Simplício Pereira, com quem trabalhei em Soibada,
Sr. P. Santana Vales,
Sr. P. Rosário-
Sr. P. Iago.
Sr. P.José Felix.Filomeno da Piedade Dias
Sr. P. Bourdalou Xavier António de S. C Mesquita. meu professor em Soibada,
Sr. P.Aleixo Dias, meu professor de música em Soibada

Ilustres Filhos de MACAU:

Sr. P. Cosme Francisco Rodrigues (1873-1901) Barique e Viqueque
Sr. P. Francisco Leong (1877-1884)
Sr. P. Francisco Paulo da Luz Nunes S.J. (1928-1933) na Missão de Soibada,
Sr. P.Porfírio Campos
Calisto Guterres e Alves Guterres, ambos deixaram os ossos em Timor

Com o render de guarda na direcção da Diocese, temos, pela primeira vez, missionários vindos do ALENTEJO:

D. José Joaquim Ribeiro,

Sr. P. Júlio Aço,
Sr. P. Manuel Pinheiro
Sr. P. José Pinheiro

Os nossos ilustres Missionários da COMPANHIA DE JESUS:

P. Manuel Fernandes Ferreira (chegou a Timor em 1899-1910), expulso de Timor pela perseguição religiosa de 1910
P. Sera fim de Almeida Nazaré (chegou a Timor 1907-1910)
P. José Marques Atalaia (chegou a Timor em 1908—1910)
Sr. P. Estanislau Liu (procedente de Universidade de Aurora Xangai)
Sr. P. Albino Sá
Sr. P. Bernardo (Francês)
Sr P. João Cabral
Sr. P. André Rábago
Sr. P. José Rodriguez
Sr. P. Zuluaga
Sr. P. João Felgueiras
Sr. P. José Martins
Sr. P. João Pandeirada Caniço
Sr. P. Venâncio Pina
Irmão Ornelas

Ilustres Filhos de DOM BOSCO:

P. Luis Bongiovanni (1929-1938), colocado no Colégio Artes e Ofícios em Dili
P.António José de Carvalho (1927-1928) Dili
P. Hermínio Rosseti (nascido em 1927)
Irmãos leigos Calisto Caravário, Luiz Venturelli e Roberto Verona
Sr. P.Aníbal (depois da II Guerra Mundial)
Sr P. Manuel Preto
Sr. P. Estanislau Lobaza
Sr P. José Rodrigues
Sr P. Afonso Nacher
Sr. P. João de Deus Pires
Sr.P. Rola
Evaristo,
Rocho,
Bernardo,
E os Irmãos Isidoro e João Aranza, José Ribeiro e J. Cuci.

E os muitos Missionários, Filhos de TIMOR:

Sr. P. Jacob dos Reis da Cunha (1840—Lacló)
Sr .P.Gregório Barreto (1840)
Sr. P. Jorge Barros Duarte (natural de Same)[8]
Sr.P. Abílio Caldas (Soibada,morto pela coluna negra duarnte a 2 guerra Mundial)
Monsenhor Martinho da Costa Lopes (Laleia)
Sr. P. Jacob Vicente Dias Ximenes (Laleia),
Sr. P. António Alves,(Dili)
Sr. P. Demétrio Barros Soares (Ermera)
Sr. P. Apolinário Aparício Guterres (Baguia),[9]
Sr. P. José António da Costa (Fato-Berliu),
Sr. P. Luís Sarmento da Costa (Fato-Berliu)[10]
Sr. P. Leão da Costa (Oekusse)
Sr. P. José Quintão dos Reis (Balibó)
Sr. P. Francisco Tavares dos Reis (Balibó),
Sr. P. Domingos Morato Cunha(Atsabe)
Sr .Bispo Alberto Ricardo da Silva (Aileu, actual Bispo de Dili)
Sr. P. Mário Belo (Baucau)
Sr. P. Agostinho da Costa (Baucau)
Sr. P. Jacinto da Costa (Baucau)

8 Autor de estudos fundamentais para a antropologia de Timor Leste, destacando-se a sua investigação mais do que referencial, praticamente irrepetível, sobre *Timor – Ritos e Mitos Ataúros.* Lisboa: ICALP, 1984.

9 Outro investigador importante da antropologia timorense que, antes do seu regresso definitivo a Timor Leste, já depois da independência, dirigiu em Portugal o Centro de Cultura de Timor.

10 Trata-se do principal investigador da língua Tetum, responsável pela publicação de COSTA, Luís – *Dicionário de Tétum-Português.* Lisboa, Edições Colibri/Instituto Camões, 2001, 349. p.

Sr .P. António Maia (Lete-Foho.falecido durante a guerra)
Sr. P. Cosme Cerejeira (Watu-Lari,falecido),
Sr .P. Alberto Araújo(Aileu)
Sr .P. Mariano Soares (Manatuto)
Sr. P. Francisco Maria Fernandes (Lacló)
Sr. P. Aureo J. D. C. Gusmão (Lacló)
Sr .P. Dr.Constâncio Gusmão (Lacló)
Sr. P. Domingos Alves (Soibada)
Sr. P. Francisco Barreto (Fohorém)
Sr .P. Mateus Lopes da Cruz, (Soibada)
Sr. P. Rafael dos Santos(Liquiça)
Sr. P. Domingos Alves da Costa (Soibada
Sr. P. Domingos da Silva (Letefoho)
Sr P. Adelino (Dare)
Sr P. Sancho Amaral (Suai-Forém)
Sr. P. Hilário Madeira- assassinado pelas milícias (Ermera)
Sr Pe António Gonçalves(Bazartete)
Sr. P. Domingos Sequeira (Oecusse)
Sr. P. Francisco Sequeira (Oecusse)
Sr P. Filomeno Barreto (Dili)
Sr P. Norberto Amaral (Ainaro)
Sr.P. Júlio Crispim (Baucau)
Sr P. Domingos da Cunha (Oecusse)
Sr P. Adriano Ximenes (Dare)
Sr P. Jovito (Dare)
Sr P.Francisco (Same)
Sr P. Henrique de Deus (Letefoho)
Sr P. Lúcio de Deus (Letefoho)
Sr P. Mateus Afonso (Maliana)
Sr Pe Dionísio Bere (Oecusse)
Sr P.Mouzinho (Maliana)
Sr Pe Armindo (Maliana)
Sr Pe Manuel Simão Barreto[11]

11 Actualmente a residir em Macau, é reconhecido como o principal compositor do território, sendo autor de vasta discografia, incluindo significativa produção musical de resistência política à ocupação indonésia.

Sr Pe Luís Gouveia Leite (Suai)
Sr P. Sabino Ramos (Makliana)
Sr P. Natalino Ramos (Maliana)

Temos, por fim, sacerdotes timorenses ordenados em Portugal, tais como

Sr. P. Basílio de Nascimento, actual Bispo de Baucau(Aileu)
Sr. Pe Gelásio da Silva (Ermera)

XX.

CENTENÁRIO DE SOIBADA. INFLUÊNCIA DA MISSÃO DE SOIBADA NA DIVULGAÇÃO DA FÉ CRISTÃ, EDUCAÇÃO E FORMAÇÃO HUMANA EM TIMOR LESTE

Comecemos por enquadrar a Missão de Soibada[1] dentro das coordenadas históricas vigentes há um século, quer em Timor, quer fora de Timor, a fim de podermos avaliar a tarefa ingente que Soibada levou a cabo ao longo de um século. A História da Igreja de Timor tem sido fortemente influenciada e marcada por forças de contraste. A Igreja experimentou no passado mais tempestade do que bonança, mais dias de nuvens do que de Sol. Foi essa dicotomia - tempestade e bonança - que influenciou fortemente a vida da Igreja em Timor. Regista-se com mágoa o abandono da Igreja de Timor, durante 40 anos, provocado pela Revolução Liberal de 1834, que expulsou de Timor os seus Missionários pioneiros: os Dominicanos. A intervenção de Macau acabaria por restaurar a Igreja católica de Timor Leste e renovar a sua missão.

A INTERVENÇÃO DE MACAU P. ANTÓNIO JOAQUIM MEDEIROS, APÓSTOLO DE TIMOR

Assim, só em 15 de Junho de 1874, isto é, 40 anos depois, a Santa Sé, pela Bula «Universis Orbis Ecclesiis», passou as Missões de Timor para a Jurisdição da Diocese de Macau, que veio em força com recursos humanos e materiais resgatar Timor. E, sem perder tempo, o então Bispo de Macau nomeou e enviou em 1875 o P. António Joaquim Medeiros como visitador das Missões de Timor. O P. Medeiros, então com 27 anos de idade, fez uma visita de reconhecimento à situação lastimável das Missões, onde encontrou em todo o Timor apenas três missionários - um sacerdote timorense, o Sr. P. Jacob dos Reis da Cunha, natural de Lacló, que fez todos os seus estudos em Portugal,

---

1 O P. Francisco apresentava a data de 1904 com a criação do colégio jesuíta de Nuno Álvares Pereira (popularmente Nun'Álvares) como o da primeira fundação de estruturas educativas em Soibada. Por isso, empenhou-se em 2004 em tentar promover as comemorações do seu centenário.

e dois sacerdotes goeses. Em 1877, Medeiros foi nomeado Superior e Vigário-Geral das Missões de Timor e requisitou imediatamente para Timor 8 padres de Macau, sendo um chinês e 7 portugueses. Dois anos depois, em 1879, Macau enviou as primeiras Canossianas para Timor, que foram colocadas em Dili e Manatuto. As Canossianas têm a honra de serem as pioneiras educadoras da mulher timorense.

INFRA-ESTRUTURAS PASTORAIS E ECONÓMICAS

Uma vez nomeado Bispo de Macau e Timor, Medeiros implementou para Timor Leste uma estratégia pastoral e económica, inspirada naquele adágio inglês que diz: *Give a fish a man/ You feed him for a day/ Teach a man to fish/ He is set for life…* Medeiros apostou fortemente na construção de infra-estruturas, erguendo capelas, colégios, escolas e residências missionárias. Montaram-se os serviços de Registo de Baptismo, Casamento, Crisma, Óbito, que não existiam antes da chegada de Medeiros e, para viabilizar as missões de Timor, a fim de se tornarem economicamente independentes, fundou-se a Granja de Dare, onde o bipso mandou plantar café, cacau, canela, borracha e outras plantas exóticas, com vista a criar fontes de receita para as Missões de Timor. Medeiros introduziu no território o café Libéria que trouxe da Malásia. Fundou em Dili um Colégio para Formação dos filhos de Liurais, que aprenderam, entre outras coisas, noções de agricultura, para mais tarde poderem reproduzir nos seus reinos o sistema da Granja de Dare. Toda a actividade de Medeiros foi concentrada em Timor Leste, e por isso transferiu de Macau para Timor a sua residência episcopal.

Medeiros e o padre Jacob dos Reis da Cunha, que eram colegas do Colégio de Sernache de Bonjardim, estavam ansiosos de procurar mais fontes de receita para as Missões e tentaram tudo o que era possível na altura. Os dois missionários já naquela época mandaram vir engenheiros-geólogos de Singapura para fazerem pesquisas de ouro na Ribeira de Bibisuço para estudar a possibilidade de exploração do rico metal dourado. Entretanto, esgotado pelo trabalho, Grande Apóstolo de Timor, António Joaquim Medeiros veio a falecer em Dili, a 7 de Janeiro de 1897, deixando o seu projecto da reconstrução das Missões de Timor para ser continuado por quem o viria suceder.

No que se refere à Evangelização propriamente dita, o P. Medeiros estendeu as fronteiras da Igreja para a Costa Sul, com vista a fundar uma Missão Central na Banda-Fora, ou Contra-Costa ou Costa Sul, como hoje é conhecida. Tal ideia deu origem ao nascimento de Soibada, que veio a ser o maior Centro Religioso e Educacional em todo o Timor Leste. O seu fundador foi o Sr. P. António Antunes, incumbido de fundar uma Missão Central na Contra-Costa ou Banda-Fora. Inicialmente, o P. Antunes escolheu Barique, mas D. Hipólito dos Reis da Cunha Hornai, Régulo de Barique, não alinhou muito com a sua ideia, optando o sacerdote por Soibada.

Vista geral de Soibada: no primeiro plano, o Colégio Nun' Álvares Pereira, no segundo plano o Colégio de Imaculada Conceicão, para meninas.

Alunos e professores do colégio Nuno Álvares (Soibada), 1920

Alunos e professores do colegio Imaculada Conceição, 1920

Ginástica ao Ar Livre dos Alunos do Colégio Nuno Álvares (Soibada), 1920

Alunos, o Médico militar Dr. Jorge Silva e P. F. Fernandes junto das ruínas de Capela de Aitara do colégio Nuno Álvares (Soibada), 1966

NASCIMENTO DA MISSÃO CENTRAL DE SOIBADA

Começou o P. Antunes por iniciar a sua Missão nas margens da Ribeira de Moclouk. Mais tarde, porém, o nosso sacerdote veio a descobrir que o ideal era mudar para a montanha, junto de uma fonte chamada Soibada, onde abundava a água, a pedra e a madeira. E encontrou, para além de um clima benigno, o espírito de abertura da parte do então Régulo do Reino de Samoro, D. André Doutel Sarmento. O maior obstáculo que se afigurava na altura, tal como hoje, era a comunicação e o transporte, feitos através de um terreno terrivelmente acidentado. A elevada precipitação pluvial durante todo o ano costumava complicar mais os meios de comunicação e transporte, impondo nos primórdios da Missão como único recurso o cavalo.

JESUÍTAS EM TIMOR

Quando o Sr. P. Antunes teve conhecimento da chegada a Dili de padres Jesuítas vindos de Macau, sem perder tempo tenotu convencer os padres recém-chegados a irem para Soibada. E conseguiu o seu objectivo. Com a presença dos Jesuitas, Soibada começou a ganhar dinamismo. O desenvolvimento operado pelos Jesuitas – Sr. P. Sebastião Maria Aparício da Silva e P. Manuel Fernandes Ferreira – no campo do Apostolado justificou em 1900 a elevação de Soibada à categoria de Sede de Vicariato das Missões da Contra-Costa, que começava em Viqueque ia até Suai e cobria toda a Fronteira até Batugade. Em termos canónicos, um Vicariato era uma espécie de província eclesiástica que tinha jurisdição sobre uma significante área geográfica. Em todo Timor só existiam dois Vicariatos. Para além do Vicariato de Soibada havia um com sede em Lahane, sob a orientação dos Padres Diocesanos ou Secularescom jurisdição sobre toda a Costa Norte ouTaci-Feto.

EPISCOPADO DE D. PAULINO, BISPO DE MACAU E TIMOR

O novo Bispo de Macau D. Paulino, longe de ter o espírito missionário de Medeiros, continuou, no entanto, a apoiar as Missões em Timor Leste.[2] Em 1902, chegaram as primeiras Canossianas a Soibada: eram três madres e abriram uma escola para meninas. Em 1904, os Jesuítas construíram a actual Igreja de Soibada, e a construção definitiva do futuro Colégio Nuno Álvares Pereira para rapazes, o qual é uma réplica ou cópia do Seminário de S. José de Macau, em termos arquitectónicos e de sistema de ensino.

Os Jesuítas estavam entusiasmados para ampliar os seus projectos, mas surgiu em 1910 a Revolução Republicana que, infelizmente, decretou a expulsão dos Religiosos de todos os Territórios Coloniais Portugueses. E esta situação política agravou-se ainda com a sublevação geral contra o domínio Português, liderada por D. Boaventura de Manu-Fahi: as Missões de Timor experimentaram mais uma tempestade fortíssima. Foi com lágrimas e tristeza que Soibada viu partir esses grandes Missionários, filhos de Santo Inácio de Loiola e também as Canossianas, que foram igualmente expulsas. E o Colégio feminino ficou encerrado e foi mesmo destruído, pois o Estado arrancou os zincos do Colégio para se construirem escolas do governo.

NOVO APÓSTOLO DE TIMOR, D. JOSÉ DA COSTA NUNES

Felizmente para Timor Leste, em 1924 foi nomeado Bispo de Macau e Timor D. José da Costa Nunes, outro grande Apóstolo de Timor, que deu novo impulso à obra encetada por Medeiros.[3] Decidiu

---

2 O P. Francisco Fernandes refere-se naturalmente a D. João Paulino de Azevedo e Castro, bispo de Macau entre 1902 e 1918. Foi autor de uma memória com alguma importância histórica sobre os bens das missões católicas na China, texto recentemente reeditado: CASTRO, João Paulino de Azevedo e – *Os bens das Missões Portuguezas na China* (ed. fac-similada). Macau : Fundação Macau, 1995.

3 Elevado a cardeal em 1962, D. José da Costa Nunes foi bispo de Macau duas décadas, de 1920 a 1940. Antes da sua eleição episcopal, tinha sido já professor no Seminário de S. José, entre 1903 e 1906, bem como vigário geral da diocese de Macau e Timor, entre 1906 e 1913. Entre a sua vasta obra, oferecem referências à actividade católica em

enviar mais padres diocesanos de Macau para substituir os Jesuítas na direcção e manutenção de Soibada. Com vista a tornar as Missões de Timor mais independentes, D. José continuou a estratégia de Medeiros, inspirada e baseada no ditado inglês que já referimos. D. José da Costa Nunes fundou em Dili o Colégio de S. Francisco Xavier, para formação de Professores-Catequistas e Catequistas e, mais tarde, fundou o Seminário Menor para formação do Clero Timorense.

Foram lançados, portanto, fundamentos para formação de recursos humanos para todo o Timor Leste. E à frente de Soibada, D José colocou um dos mais eminentes Missionários locais, P. Abílio José Fernandes, que tinha como Coadjutor o padre João José de Andrade, que tornou Soibada famosa em todo Timor no campo do Ensino.

Na sua segunda visita a Timor, em 1926, o Bispo D. José da Costa Nunes transferiu o Colégio de S. Francisco Xavier para Soibada, que formou gerações de professores-catequistas de ambos os sexos, autênticos missionários, espalhando a Luz da Fé e Cultura por onde passavam. Em 1927, o Bispo Costa Nunes lançou a construção da Capela de Aitara. Depois, na sua terceira visita a Timor, em 1933, D. José da Costa Nunes nomeou o P. Jaime Garcia Goulart, Superior da Missão de Soibada e Professor do Colégio de S. Francisco Xavier, em substituição do Sr. P. António Francisco Durão Quintão, que foi transferido para Oecusse. Na sua quarta visita a Timor, em 1935, inauguoru a grande Catedral de Dili, que era uma das mais belas de todo o Oriente em termos arquitectónicos, benzendo ainda a Igreja de Ainaro.

Em 1936, o P. Jaime Garcia Goulart fundou em Soibada o Seminário Menor de N.S. de Fátima. A partir de 1937, houve o novo render da guarda em Soibada. O P.Januário Coelho da Silva substituiu o P. Jaime Garcia Goulart, que tinha de regressar a Macau, juntamente com D. José da Costa que, nesta altura, visitou Timor pela quarta vez e última vez, sendo mesmo o prelado de Macau que mais vezes se deslocou ao território timorense.

Timor Leste: NUNES, D. José da Costa – *Conferência sobre o Padroado Portuguez do Oriente.* Lisboa: Sociedade Nacional de Tipografia, 1922; NUNES, D. José da Costa – *L'aspetto missionario della colonizzazione portoghese. Sep. 'La Cultura nel Mondo'* Roma, s.d, vol. 5; NUNES, D. José da Costa – *Textos do Cardeal Costa Nunes*. Macau: Fundação Macau, 1999.

CRIAÇÃO DA DIOCESE DE DILI

D. José tinha uma estratégia pastoral clara que visava preparar Timor para brevemente ser uma nova Diocese, fundada a partir de Macau. Isto aconteceu em 4 de Setembro de 1940, quando Pio XII criou a Diocese de Dili através da Constituição *Solemnibus Conventionibus*, tendo como seu primeiro Administrador Apostólico, como vimos, o Reverendo P. Jaime Garcia Goulart. Mas infelizmente, Timor enfrentou essa outra tempestade já tritemente revisitada, a II Guerra Mundial, que arrasou totalmente Timor, incluindo a destruição da linda Catedral de Dili que tinha menos de dez anos de actividade, acrescentando-se essa mais do que pesada perda de muitas vidas em Timor, incluindo cinco sacerdotes.

Terminada a guerra, a Santa Sé nomeou o primeiro Bispo de Timor em D. Jaime Garcia Goulart, que foi ordenado Bispo em Manly-Sydney, Austrália, em Outubro de 1945, regressando a Timor com dez sacerdotes que se tinham refugiado na Austrália para reconstruir a Diocese de Dili a partir do zero. Soibada teve a prioridade, pois foi reaberta sem demora. E nas instalações do velho colégio de Soibada passaram a funcionar também o Seminário Menor e o Colégio de S. Francisco Xavier para a formação dos Professores-Catequistas que deram novo impulso à vida da Igreja em Timor.

Depois deste enquadramento histórico de Soibada, gostaria de me referir brevemente a uma quase dimensão humorística da vida dos alunos de Soibada e à importância que os Professores Catequistas e Catequistas, bem como os antigos alunos e alunas, tiveram para valorizar Timor Leste com a Luz da Fé, Educação e valores humanos. Trata-se, modesta e saudosamente, de alguns retalhos da minha experiência como aluno e professor no colégio de Soibada.

A EDUCAÇÃO *ESPARTANA* DE SOIBADA

Todos os jovens que passaram por Soibada experimentaram uma vida austéra e difícil. Um sistema de Educação autenticamente *espartano* que causava pavor a qualquer estudante que começava a estudar no colégio. A sua disciplina espartana, o seu rancho de «batar daan e Ailuka» durante todo o ano e os horários carregados de estudos e rezas, cantorias e ginásticas, faziam tremer qualquer aluno nos primeiros meses de frequência. O nosso antigo aluno José Horta que o diga... Mas passado um ano ou, pelo menos, lá para o fim do curso, o aluno de Soibada ganhava consciência de que era o melhor entre os estudantes de todo o Timor Leste : os alunos de Soibada tinham, de facto, tanto brio quanto espírito de superioridade sobre os alunos de outros colégios.

Soibada tem também os seus encantos, a sua mística, a sua faceta humorística. Quase todos os alunos eram «crismados» com alcunhas castiças e algumas delas ficaram célebres. É o caso do nosso Miguel «Meu Tia», António «Fila Duas», o Ambigo ou o famoso Roberto Cavalo-mulher. As alcunhas vinham do primeiro erro que se dissesse ou escrevesse na difícil disciplina de Língua Portuguesa que, quando não entrava a bem, impunha-se à reguada. Assim, o Roberto, por exemplo, interrogado sobre o feminino de cavalo recorreu mentalmente às «regras» do tetum e disparou para o professor: *cavalo-mulher*…, nunca mais se libertou da alcunha.

Mais seriamente, acredito mesmo que o elemento fundamental responsável por dinamizar a expansão da Fé e Saber em Timor foi, sem dúvida, o empenho dos Professores-Catequistas e Catequistas, bem como os antigos alunos e alunas que foram espalhar e implementar em diversas partes de Timor Leste os conhecimentos que receberam em Soibada. À laia de comparação, podemos dizer que, se os Sacerdotes e as Canossianas eram centrais geradoras de energia eléctrica, os Professores-Catequistas, os Catequistas, os Antigos Alunos e Alunas de Soibada foram as lâmpadas eléctricas que iluminaram as trevas e a escuridão de Timor Leste. Eles brilharam com o seu saber, brilharam com a sua dignidade de homem e mulher, brilhando sobretudo com a sua vida pautada pela justiça e respeito. Algumas dessas lâmpadas, por sua vez, transformaram-se em novas centrais geradoras, quando orientaram escolas que tinham por fim tornar Timor mais humano, mais cristão e mais esclarecido. Os nossos antigos alunos e alunas marcaram a sua presença em qualquer repartição do Governo de Timor Leste e muitos foram também importantes autoridades tradicionais, dos datos aos liurai mais importantes.

Os Timorenses formados em Soibada e espalhados depois por todo Timor Leste são uma presença permanente da Igreja junto do Povo, tal como as costelações de Estrelas que brilham permanentemente nos céus de Timor durante a noite ou como o Sol que brilha durante o dia, tornando o nosso torrão natal mais belo e seguro na sua sua vida quotidiana.

Na minha experiência de 12 anos de Missionário em Timor, desde 1963 a 1975, trabalhei em todo Timor Leste, excepto Oekusse, Suai, Dili, Baucau e Los Palos. Colocado primeiro em Maliana, em 1963, aí fui encontrar vários antigos alunos a trabalhar na fronteira como militares,[4] Professores-Catequistas, Administrativos, funcionários de Saúde e dos Correios. Outors, como Mestre Jacob de Manu-Tace, que estudou em Soibada, assim como outros antigos alunos, trabalham igaulmente no Colégio de Maliana. Em Balibó, eram professores o Mestre João Nunes e a sua Esposa, também formada em Soibada. Em Atabae e Cailaco, encontrei antigos colegas de Soibada como catequistas. Em Lebos, outro ilustre aluno de Soibada era professor, Mestre Assis. Em Lolotoi, um antigo aluno de Soibada era catequista e outro Chefe do Posto, o nosso saudoso amigo Alfredo Pires. Em Bobonaro também descobri um antigo aluno de Soibada. Em 1964, transferido para Ermera, aí imperava o Mestre Manuel da Cruz como Catequista, uma figura que metia respeito e era antigo colega de Soibada. Em Fatubesse, encontrei Nai-nó Caldas, elemento valiosíssimo e vários antigos alunos trabalhando pela Igreja. Em Atsabe, encontrei o Mestre Paulo Lobato e a sua Esposa Selvina, ambos formados em Soibada. Em Letefoho,

4 Apontamento curioso e esclarecedor. Com efeito, a fronteira entre as duas partes de Timor – nesta altura já o «Timor Português» e o Timor indonésio – não era vigiada por soldados europeus, mas por militares de extracção local. Anteriormente, a administração colonial tinha mesmo utilizado soldados recrutados nas colónias portuguesas de África para assegurarem a vigilância fronteiriça, mas ao longo do século XX foi optando pelas tropas timorenses muitas vezes designadas de «segunda linha».

Liquiça, Bazartete e Maubara reuniam-se outros vários antigos alunos. Em princípios de 1965, colocado em Soibada, lá tínhamos na Missão-Sede o nosso Catequista Bruno Sarmento, um autêntico líder. Teras, por sua vez, era conhecido como Mestre Luís de Aitara-hun. Em Laclúbar, Nai-Kele era o Clementino Doutel Sarmento. Em Fehun Rin, descobri Mestre Carlos Marçal e em Fatubere-liu Mestre Catucas Eduardo, outros antigos alunos de Soibada. Em Bubur-Laran, um antigo aluno era catequista e outro Chefe de Posto, o nosso amigo Filomeno Branco. Os Régulos de Laclubar, Samoro, Fatuberliu e Barique eram também antigos alunos de Soibada. Em 1967, colocado em Ossu, encontrei Mestre Teófilo, antigo aluno; em Balara-Uain, Mestre Caetano, em Lacluta, Dilor, Bibileu e Viqueque os Catequistas eram todos igualmente antigos alunos de Soibada. Os Régulos Liurai-Gaspar, Paulo Freitas de Hossorua, Raimundo Nahareka, os Rangéis de Viqueque, os Régulos de Luca e Lacluta eram antigos alunos de Soibada. E o Chefe do Posto de Lacluta era o meu colega Laurentino Pires, outro estudante de Soibada. Antigos alunos fui encontrá-los ainda em Watulari e Wato Carabau. Em Manatuto, descobri Nai-Sek, José Patrocínio e Mestre Manuel Gusmão, Pai de Presidente Kairala Xanana, mais ex-alunos de Soibada. Em Laleia, Mestre Gastão de Sousa e em Lacló Mestre João Baptista, mais todos os Catequistas de Cribas haviam sido formados em Soibada. Depois de licença Graciosa, em 1969, no regresso fui colocado em Alas, onde estava mestre Bento, em Betano Mestre Aloísio e em Fahi-Nehan, Tutuluro, todos antigos alunos de Soibada. Em Same, lá estava Mestre Euébio Tilman, que foi o meu Professor na segunda classe no colégio. Finalmente, em 1971, colocado em Ainaro, encontrei mais antigos alunos como Mestre Anacleto Magno e Mestre Mário Doutel Sarmento na Vila de Ainaro. Em Maubisse, Turiscai e Hatubuilico encontrei Nai Silvino de Araújo antigo colega de Soibada e outros antigos alunos e alunas. E em Haut-Udo, um antigo aluno era Administrador do Posto, o meu colega Fernando de Sousa. Um nunca mais acabar de recordações e gente empenhada saída dos nossos seminários e colégios masculinos e femininos de Soibada.

Os professores-catequistas de ambos os sexos – os nossos catequistas – foram, de facto, grandes mensageiros de Fé no meio do Povo, permanecendo junto das comunidades cristãs e locais durante gerações. Foram eles que espalharam e mantiveram a Fé, pois os Sacerdotes eram poucos e apenas apareciam mensalmente nas estações missionárias. Os Professores-Catequistas e Catequistas modelaram a maneira de pensar e agir das comunidades onde se encontravam inseridos, criando um clima de amizade e de confiança com o Povo e eram, por isso, seu porta-voz junto das Autoridades Religiosas, Civis e até Militares. A experiência de vida missionária proporcionou-me reconhecer esta subida importância dos Professores-Catequistas e Catequistas, bem como dos Antigos Alunos de Soibada na dilatação e manutenção da Fé Cristã em todo Timor Leste e na criação de uma escala de valores cristãos e humanos que condicionaram e dignificaram a vida do Povo Timorense.

APELO FINAL

Soibada, não obstante as dificuldades que surgiram no seu percurso histórico, contribuiu com sucesso para a valorização e promoção sócio-cultural, cristã e educacional do Povo Timorense. Soibada é a Escola pioneira e piloto que dissipou as trevas de ignorância e paganismo em Timor. É o ponto de referência da História da Cultura e Evangelização em Timor Leste, pois Soibada desempenhou, na sua caminhada histórica, um papel tão importante que não tem paralelo na História de Timor. No campo da Educação, Soibada foi o centro onde funcionaram dois internatos: o Colégio Nun' Álvares Pereira para os rapazes e Imaculada Conceição para meninas; funcionou também o Seminário Menor de N. Sra. de Fátima, para formação do Clero Timorense, e também, paralelamente, a Escola de S. Francisco Xavier para a formação de Professores Catequistas. No campo da Evangelização teve o privilégio de ser centro de Vicariato de toda a Contra-Costa, além do seu tradicional papel de mais importante Centro das Missões de Timor. Se o passado glorioso de Soibada constitui um orgulho para todo Timor Leste, temos que amparar Soibada para um novo futuro, de contrário perderemos um centenário ponto de referência da nossa História. Por isso, é um desafio a todo Timor Leste, desde a Igreja ao Governo, Antigos Alunos

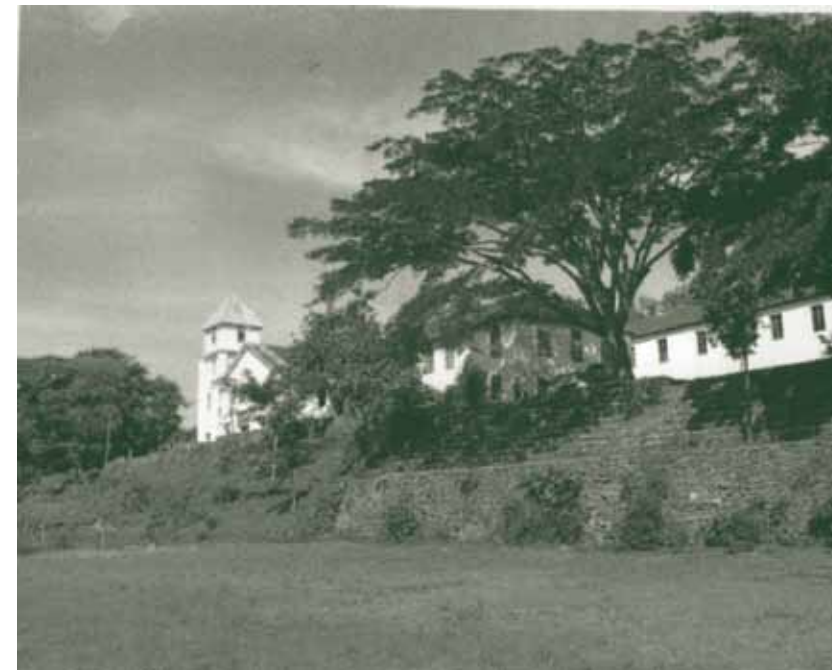
e Alunas de Soibada e ao Povo de Timor, no geral: vamos bater à porta das Organizações Internacionais como a UNESCO e outras similares para nos ajudarem a encaminhar Soibada para uma nova missão ao serviço da Igreja da Nação independente de Timor-Leste.

Autorizar-me-á certamente o leitor a reproduzir a seguir, mas sem qualquer vaidade, um puequeno exerto inicial do discurso e apelo que realizei em Timor Leste durante a comemoração do centenário (1904-2204) da fundação do colégio Nun'Álvares e da Missão de Soibada, primeira pedra desses outros colégios e seminários que se lhe seguiram:

«Exmos e Revmos. Bispos :

Em primeiro lugar, gostaria de saudar a presença de Suas Excias. Revmas. e todos os Amigos e conterrâneos aqui presentes, e sobretudo os ilustres antigos alunos de Soibada. Gostaria publicamente agradecer o convite que D. Basílio me dirigiu para ser um dos intervenientes na celebração do primeira centenário em Timor do colégio Nun'Álvares. Aproveito igualmente a oportunidade para endereçar as minhas sinceras e calorosas congratulações à Comissão Organizadora, que teve a feliz ideia de preparar esta comemoração do primeiro centenário de uma instituição que foi pioneira e piloto na educação e formação da juventude timorense, como é o caso de Soibada.

Vivemos momentos de orgulho para celebrarmos juntos a caminhada difícil mas gloriosa que Soibada tem feito durante um século, espalhando a Luz da Fé e Cultura para valorização do Povo de Timor. Soibada é portadora de ricas tradições religiosas, culturais e recreativas, que modelaram e influenciaram a maneira de pensar, de ser e agir de gerações de estudantes timorenses ao longo de um século. E se hoje todo Timor é baptizado, e se hoje a Nação Timor-Leste fica com a honra de ser a primeira nação Católica de todo Oriente e, possivelmente, do Mundo, deve-se em parte ao trabalho realizado por essa plêida de pioneiros, quer sacerdotes, quer Professores-Catequistas e Catequistas, como também de antigos Alunos e Alunas que passaram pela Missão de Soibada. Foram esses heróis anónimos que transformaram Timor num País de valores humanos e cristãos, criando um clima de respeito, sinceridade, justiça e fraternidade. E assim, quando Jacarta forçou o Povo de Timor a escolher ou optar por uma das cinco religiões reconhecidas pelo Pancasila, ao contrário da expectativa de Jacarta, os Timorenses em massa aderiram à Religião Católica, com a qual se sentem identificados por várias gerações.»

Encerre-se, por fim, este capítulo dedicado a Soibada, centro das missões e da formação religiosa de Timor Leste, recordando esse hino «Coimbra de Timor», que se pode cantar seguindo tanto o ritmo de *'Ó Sole Mio'* como o de *'Ó Minha Terra'* :

Fachada da Igreja e parte do Colégio Nun' Álvares Pereira

1.
Coimbra de Timor
Fica entre as montanhas
Longe de tudo
E até do m

Farol da Fé
Fonte de saber
À tua procura
Vem todo Timor

(Coro:)
Salve Soibada,
Que abriste o Caminho
Da Fé e de Saber
Para todo Timor

"Inan Lalehan
De Aitara tutun"
Dá-lhe a tua bênção
Celestial

2.
Linda Soibada
Onde a vida é dura
E tudo é duro
E até o rancho

Desporto é a vida
Que por lema tem:
Uma alma sã
Num corpo são e forte

(Coro).

XXI.

DIÁSPORA TIMORENSE

As suas actividades e influência na luta pela libertação

A Diáspora Timorense é um novo fenómeno na História de Timor e foi uma consequência directa da guerra contra o invasor indonésio. Trata-se de um fenómeno novo por diversas razões que importa esclarecer. Os Timorenses mostraram uma capacidade excepcional em adaptar-se aos novos valores sócio-culturais e políticos e aos factores ambientais e climatéricos dos países de acolhimento. Revelaram o espírito nacionalista pela forma eficaz como contribuiram para a libertação de Timor, através de lobbying, demonstrações públicas, promoção cultural, formação académica e profissional dos mais jovens, potenciando também contactos com instituições cristãs e ONGs, fazendo tudo em vista da libertação da Pátria. Sem a Diáspora Timorense, Timor Leste não teria a possibilidade de se libertar. A bravura da FALINTIL e a coragem do nosso Povo não teriam repercussão na Comunidade Internacional se não fossem os milhares de timorenses espalhados pelo Mundo a denunciar a situação e a apoiar activamente a resistência.

Os nossos políticos não podiam ir mais além sem a Diáspora, tal como o cozinheiro que não pode fazer omoletes sem ovos. Porque é que Irian-Jaia, Aché e outras regiões da Indonésia com actividades separatistas não tiveram o sucesso de Timor-Leste? Não teriam eles os combatentes? Têm-nos em abundância. Não teriam eles políticos e líderes no Estrangeiro? Também os têm. O que lhes falta é o terceiro elemento: uma diáspora como a Diáspora Timorense. Assim, para avaliar bem o valor e a influência da Diáspora Timorense, vamos comparar as características e dinamismo dessa Diáspora antes e depois da invasão e ocupação de Timor.

Antes da invasão e ocupação pela Indonésia, a Diáspora Timorense era muito limitada e reduzida em número. Umas poucas famílias e estudantes em Portugal, duas centenas de Chineses de Timor em Macau e menos de duas dezenas de Timorenses na Austrália. O número total da Diáspora mal ultrapassava meio milhar. A crise política vivida em Timor a partir de 11 de Agosto de 1975, provocou o êxodo de milhares de Timorenses, sobretudo os residentes de Dili, a procurar

refúgio na Atambua indonésia, Austrália, Macau e Portugal. O contigente mais significativo foi, sem dúvida nenhuma, o dos cerca de 40 mil simpatizantes da UDT (União Democrática Timorense) que procuraram abrigo em Atambua, a partir de Agosto de 1975 até Outubro de 1975, no contexto da guerra civil que opôs aquele partido à FRETILIN.

ATAMBUA E OS REFUGIADOS TIMORENSES

Cidade do Timor indonésio, Atambua fica situada num planalto, com um clima ameno, distando de Batugadé uns 10 kms. Atambua é a sede do mais importante concelho de Timor indonésio que faz fronteira com Timor-Leste. Os outros grandes concelhos administrativos de Timor indonésio são Kefa Mananu, Soe e Kupang, a capital. Atambua ambém é sede de diocese e, sob a responsabilidade dos Missionários da Sociedade do Verbo Divino (SBD), o catolicismo é a religião mais seguida.

Em 1974, o Bispo era Monsenhor Theodorus Sulama Tillarts. Holandês de nascimento e indonésio de nacionalidade, foi um Bispo providencial, que deu apoio considerável aos refugiados de Timor. Além do Prelado, também os Sacerdotes Romo Alex Seram, P. Lalawar, P. Lishaut, P. Lenigan e o irmão Maurius, foram os missionários que acompanharam, com o apoio material e moral, o calvário dos milhares de refugiados. Da parte civil, devemos destacar o Secretário da Administração de Atambua, o Sr. Blassius Manek, e os Administradores de Concelho Dinok e Da Gomes. Como consequência do eclodir da crise política em Timor Leste, cerca de quarenta mil timorenses foram forçados a procurar segurança e refúgio na cidade de Atambua, entre Agosto de 1975 e Outubro de 1976, altura em que quatro mil refugiados foram evacuados para Lisboa e os restantes foram forçados pelos Indonésios a regressarem a Timor Leste.

O clima político criado pelo 25 de Abril de 1974 não foi benéfico, como tentamos explicar, para Timor Leste. E atingiu o rubro em 11 de Agosto de 1975, quando a União Democrática Timorense (UDT) apresentou ao Governo da Colónia exigências para serem expulsos elementos conotados com o partido comunista que se encontravam, segundo a sua opinião, quer nas fileiras das Forças Armadas, quer nos quadros da FRETILIN. Como não foram satisfeitas tais exigências, os dois partidos recém criados começaram a degladiar-se com tanta raiva que se antevia um desfecho imprevisível e fora do controlo do Governo da Colónia, como de facto aconteceu. Assim, em 11 de Agosto, a UDT protagonizou um golpe militar, ante a indiferença e passividade do Governo, originando uma crise política que assumiu proporções descontroladas, com a retirada do Governo para a Ilha de Ataúro, deixando o poder no vácuo. Vitoriosa, a seguir, no contra-golpe, a FRETILIN forçou os simpatizantes e elementos da UDT a dirigirem-se para a fronteira entre os dois Timores (Português e Indonésio). Os líderes políticos e militantes da UDT, juntamente com os seus familiares, num total de mais de trinta a quarenta mil homens, depois de uma negociação prolongada com os Indonésios, foram autorizados a entrar no Timor ocidental, procurando guarida e refúgio em Atambua e nas suas imediações. O ambiente entre os refugiados era da mais completa frustração de quem sofre um rude golpe de derrota política e militar. Dos líderes da UDT, mergulhados na dor do seu insucesso militar, não se podia esperar mais nada. Falava-se de mortes, de prisões de alguns simpatizantes, separação forçada de familiares, vinganças, mas ninguém tentou resolver os problemas imediatos dos refugiados, tais como a fome, a segurança, uma organização que pudesse servir como ponto de referência e defesa dos milhares de expatriados e que providenciasse o mínimo conforto social, material e moral.

Experimentou-se pela primeira vez na vida de um povo o que é o vácuo no poder. Ninguém se interessou pelos Timorenses, nem tão pouco se responsabilizou pela segurança, sobrevivência e defesa dos seus direitos fundamentais. Os partidos políticos falharam em toda a linha e os líderes desapareceram de cena quando os acontecimentos não corriam de encontro dos seus anseios partidários. Foram as comissões de refugiados que lançaram mãos à obra para dar apoio e assistência a estes Timorenses, forçados a viver num cenário imprevisível e hostil, provocado, afinal, pelas ambições dos seus líderes políticos. Foi nesse ambiente de frustração, incerteza, abandono e esquecimento que o

Movimento Anti-Comunista (MAC), constituído pela UDT, KOTA[1] e PARTIDO TRABALHISTA,[2] resolveu formar a Comissão dos Refugiados de Timor-Português em Atambua. A Comissão era constituída pelos Reverendos P. Santana Roque Pereira (goês), P. José António da Costa, P. Francisco Fernandes, elementos de UDT, Administrador de Posto Adelino dos Santos Tinoco, Mestre André de Sousa, Esperança Ximenes, Administrador de Posto José Raimundo Sarmento, elementos do KOTA, Zito Hornay Martins, pelo Partido Trabalhista, Domingos Supico e Francisco Dias Ximenes. A Comissão dos Refugiados tinha como Presidente eu próprio, P. Francisco Fernandes.

Depois da tomada de posse, na Secretaria «kantor» da Administração de Atambua, e ao constatar a pouca receptividade da parte das autoridades civis e militares indonésias, quase todos os elementos da Comissão, por livre vontade, decidiram abandoná-la e regressaram para Timor, entretando já ocupado pelos Indonésios. Portanto, dos membros da Comissão acima referidos, só fiquei eu em Atambua a trabalhar pelos refugiados ajudado por Adelino dos Santos Tinoco. Os dois elementos sobreviventes da recém-fundada Comissão contaram com apoio moral e material de um bom número de refugiados para poderem dar assistência ao tão grande número de deslocados instalados em campos dispersos pelo distrito de Atambua. Destacaram-se nesta altura os seguintes nomes, quase todos a residir em Portugal: P. Apolinário Aparício Guterres; Paulo Pires; Mestre Manuel da Cruz (já falecido); Manuel de Almeida; Tito Lívio; Mestre Alberto Soares; Enf. Carlitos; Administrador do Concelho Pestana da Silva (falecido); José Pinto (falecido); parteira Dora Carrascalão (já falecida). Colaboraram igaulmente outros refugiados que, depois, se instalaram na Austrália: António Nascimento, Câncio dos Reis Noronha; Francisco Jong (Akintó); Enf. Lay; Luís Janses Alves Pereira; Enf. Fausto Soares (falecido); Alexandrino Corte Real; Marçal; Maria Florinda; Arpar da Silva; Fernando Santos; Zeca Barros; António Casimiro; Frank Carvalheira; Enf. João Melo; Venâncio Soares. Ao empenho de todos é preciso principalmente acrescentar ainda o Sr. SERRA que Deus haja.

O número elevado de refugiados em cada acampamento obrigou a que os de maior dimensão se dividissem em sub-comissões, a fim de facilitar e tornar mais eficiente a assistência. As grandes concentrações de refugiados encontravam-se no acampamento de Hai-Kessak, distando poucos quilómetros de Maliana. Outros acampamentos foram instalados em Wedomo, Boaass, Hali-Lulik e, já nas imediações de Atambua, surgiram os acampamentos de Lafaek-Fera, Nenuk, Kampung Baru, Mota-Balo, Sese-koe e Tamek-Kanak-Kanak. Nesse momento tão difícil, e no meio de um ambiente hostil, registou-se com agrado a unidade e consenso dos refugiados timorenses à volta da Comissão.

1 Klibur Oan Timor Asuawin, podendo traduzir-se literalmente como «filhos dos guerreiros das montanhas». O Kota organizou-se ainda em Novembro de 1974 como um partido ligado aos principais «liurais» do território, defendendo ideários monárquicos. Foi o sétimo partido mais votado nas eleições para a Assembleia Constituinte, em 2001, recebendo 7735 votos, 2,13%, elegendo dois deputados.

2 Partido Trabalhista Timorense. Organizado ainda nos finais de 1974 como uma alternativa à Fretilin, o partido não conseguiu eleger qualquer deputado nas eleições para a Assembleia Constituinte, em 2001, arrecadando apenas 2026 votos.

Bispo de Atambua, D. Theodorus Sulama Thilarts, amigo dos refugiados timorenses, em conversa com o Governador El-Tarik

ACTIVIDADES DESENVOLVIDAS PELA COMISSÃO

Não foi fácil trabalhar num ambiente hostil, sem nenhum avo e sem apoio oficial. Os problemas das dezenas de milhares de refugiados eram de vária ordem, desde alojamento, alimentação, reunião de famílias, abusos da soldadesca indonésia, famílias desavindas devido à guerra, humilhação, traumatismos – enfim, toda a triste ladainha de problemas provocados pela situação existente de expatriação. Em abono da verdade, pode afirmar-se que, além da Diocese de Atambua, com o seu Bispo e missionários a mostrarem-se muito sensíveis à dor dos refugiados, também as autoridades indonésias de Atambua, numa primeira fase, trataram bem os deslocados. Havia fornecimento regular de alimentação (arroz, carne, óleo de côco, verduras), assistência médica e medicamentosa. Mas esse tratamento amável transformou-se prontamente em desumano quando os refugiados se recusaram a pedir a integração de Timor Leste na Indonésia na altura da visita, em Novembro de 1975, do então MNE da Indonésia Adam Malik a Atambua.

Dias antes da chegada de Adam Malik, um alto funcionário de Atambua, de nome Anton Nati, Chefe de Protocolo do Governo, foi ter comigo, enquanto presidente da Comissão dos Refugiados, pedindo-me para avisar os refugiados que deveriam ir receber o Ministro Malik, levando e agitando as bandeirinhas da Indonésia e pedindo a integração. Respondi que os refugiados iriam sem dúvida nenhuma concentrar-se no local indicado - que era o campo de futebol local – a fim de agradecer ao Ministro as facilidades e apoios que lhes tinham sido concedidos. Quanto ao pedido de integração e de empunhar as bandeiras indonésias, disse-lhe que era uma questão política em que os refugiados não se iriam envolver. Assim, no dia da recepção do Ministro, os refugiados cumpriram aquilo que eu havia dito ao Pak. Anton Nati. Vendo que os milhares de refugiados não tinham procedido conforme lhes tinha sido pedido, pois apenas algumas centenas de refugiados

pró-indonésios da APODETI[3] o fizeram, os indonésios começaram a concretizar um tratamento de desprezo, desdém, agressividade, intimidação e ameaças de toda a ordem. A recusa em pedir publicamente a integração do antigo Timor Português na Indonésia custou caro aos refugiados e resultou no corte de fornecimento de alimentação, exceptuando a minoria de pró-indonésios.

Surpreendidos com esta situação, dirigi-me juntamente com o Sr. Paulo Pires ao Quartel General de Atambua para falar com o Chefe de Estado Maior, Coronel Bambang. Este oficial esclareceu que os géneros alimentícios só seriam fornecidos aos cidadãos indonésios. Explicou que *«como a maioria dos refugiados deseja continuar a ser Português, que vão pedir arroz a Portugal»*. Com certo humor, respondi-lhe que *«em Portugal não se come arroz, mas pão»*.

TENTATIVAS DE RESOLVER A CRISE

A pedido de vários refugiados, antigos funcionários do Governo da Colónia de Timor, falei com o Sr. Serra, um colono abonado casado com uma timorense e dedicado à actividade de serração de madeiras em Batugadé. Pedi na altura ao Sr. Serra que vendesse as suas duas camionetas aos chineses de Atambua e que emprestasse dinheiro aos antigos funcionários do Governo para estes poderem sobreviver. Mais tarde, quando os funcionários recebessem os seus salaries atrasados, devolveriam o dinheiro emprestado. A solidariedade humana venceu. E o já então Velho Serra salvou centenas, senão milhares de vidas, em Atambua. Que Nosso Senhor tenha em suas mãos esse grande benfeitor.

A seguir, muitos refugiados tentaram procurar trabalho junto dos chineses de Atambua a fim de poderem ganhar algumas rupias indonésias. Quase todas as senhoras começaram a desfazer-se das poucas jóias que salvaram para poderem comprar alguma coisa para comer. Foi por este etempo que mandei um SOS ao Sr. José Barcelos Mendes, Açoriano e Director do Seminário Católico de Macau «CLARIM» que nos ajudou com um donativo de alguns milhares de patacas. Pediu-se então ao Bispo Thillarts para adiantar a quantia correspondente à generosidade de José Mendes. Assim, foi possível, com a ajuda de uma sub-comissão ad hoc, chefiada pelo Sr. Manuel Carrascalão, atender sobretudo aos mais carenciados, aos doentes, às famílias numerosas e às mães com bebés. O Bispo de Atambua emprestou depois tractores aos refugiados para poderem ganhar alguma coisa. Fez-se o possível para evitar o pior.

NOVO AGRAVAMENTO DA SITUAÇÃO DOS REFUGIADOS

A situação alimentar precária agravou-se com o ataque simultâneo das forças armadas da FRETILIN em oito locais da zona fronteriça, entre os dois Timores, depois da visita de Malik a Atambua. Este ataque foi a resposta ao discurso do MNE, proferido em Atambua, aquando da sua visita, afirmando que o destino de Timor iria ser decido no campo de batalha e que a FRETILIN não era mais do que uma força moribunda. O ataque provocou a fuga de milhares de cidadãos indonésios das zonas fronteiriças, incluindo mesmo tropas militarizadas. Dirigiram-se para Atambua à procura de abrigo e segurança. A pequena cidade ficou superlotada com refugiados de *Tim-Por* (Timor Português) e refugiados locais (*Pengunsi*). Desta forma, a atenção das autoridades de Atambua, como era natural, passou a concentrar-se mais no tratamento dos seus próprios refugiados em detrimento dos timorenses orientais. Estes últimos passaram a ser considerados como espiões e colaboradores da FRETILIN, sendo acusados pelos indonésios de lhe passarem as informações que desencadearam os referidos ataques. Os refugiados passaram a viver tempos mais difíceis. Doenças não tardaram a causar vítimas.

Ao mesmo tempo, os 23 militares portugueses do Esquadrão de Cavalaria de Bobonaro, que se encontravam detidos pelos militares

3 Associação Popular Democrática de Timor. A APODETI organizou-se ainda em 1974 como partido político defendendo a integração de Timor Leste na República da Indonésia. Em Agosto de 2000, o partido decidiu aceitar o resultado do referendo realizado no ano anterior que abriu a fase de transição para a independência de Timor Leste sob a supervisão da ONU. Nessa altura, o partido passou a designar-se APODETI PRO-REFERENDUM. Nas eleições para a Assembleia Constituinte, em 2001, recolheu somente 2 181 votos, 0,60% do total, não elegendo qualquer deputado.

indonésios, eram os que mais sofriam. A carência de alimentos provocou doenças avitaminosas e seus derivados. Isto foi mais ou menos no fim de Abril de 1976. Nessa altura, recebi um bilhete que um mensageiro de confiança me fez chegar, a pedido do Alferes Miliciano Palma Carlos, sobrinho do então Primeiro Ministro de Portugal, Adelino Palma Carlos, rogando que fosse visitá-los. A vontade não faltava, mas os militares indonésios não permitiam. O problema foi apresentado ao Bispo Thillarts, que teve a gentileza de mandar o pároco de Silaban, um sacerdote Holandês, a visitar os militares portugueses. O missionário voltou com a impressão mais desagradável. O Bispo Thillarts decidiu mandar dois jeeps com um carregamento de bolachas, leite condensado, latarias de conserva, vitaminas e outros géneros alimentícios que contribuíram para a elevação do moral e da força física dos soldados portugueses, conforme o relato do Alferes Palma Carlos no seu livro *Eu Fui ao Fim de Portugal.*

A fome era agravada com os abusos da soldadesca indonésia, cinismo e intimidação da parte dos BAKIN (Serviços Secretos da Indonésia) sempre secundados pelos militares. Os refugiados viviam completamente isolados do mundo. A correspondência remetida da Austrália e de Portugal nem sempre chegava ao seu destinatário. Às vezes, era levantada no correio local, mediante o pagamento de algumas rupias. Quem não tivesse rupias nunca mais veria a sua correspondência, sendo mesmo preciso quantias importantes pois a corrupção estava institucionalizada entre os funcionários indonésios. O sofrimento moral tornava-se mais insuportável do que a fome e a doença. A fina flor do funcionalismo de Dili encontrava-se em Atambua, incluindo quatro Administradores de Concelho e vários Administradores de Posto.

INTERVENÇÂO DE NOSSA SENHORA DE FÁTIMA

A situação dramática e sem saída fez redobrar a Fé dos refugiados em Deus e na Mãe de Fátima. O terço era rezado todas as noites, em todos os acampamentos dos refugiados. A colossal catedral de Atambua era pequena para a missa dos refugiados, sobretudo aos domingos. Havia refugiados que sugeriram que se fizesse hora santa com o Santíssimo Sacramento exposto. Tudo isto se fez, pois só Deus podia livrar os refugiados daquela situação miserável. E o desejado aconteceu. Pouco tempo depois, o Bispo D. Thillarts segredou-me que um dos seus sacerdotes, P. Lenigan, irlandês, iria à Europa. Caso precisasse de mandar algo para Portugal, esta seria a melhor oportunidade. Juntamente com Paulo Pires, preparei um sucinto mas completo relatório sobre as condições de vida e as aspirações dos refugiados que desejavam ser evacuados daquele inferno. Pediu-se ao P. Lenigan que protegesse bem a correspondência, que era ultra secreta, pois dela dependia uma solução favorável para a situação angustiante dos refugiados. Pediu-se igualmente que, uma vez em Singapura, tirasse fotocópias do relatório para enviar ao Director do CLARIM, em Macau, e à Associação dos Ex-Comandos Australianos, que actuaram em Timor durante a II Guerra Mundial, ao cuidado do capitão Stevenson. A informação original deveria seguir para o MNE de Portugal, na altura o Major Melo Antunes. Passadas semanas, para minha surpresa e dos refugiados, recebeu-se de Macau uma mensagem que dizia *«Carla is OK»*. Era o código combinado para acusar a recepção da nossa correspondência, e significava que o mundo já tinha conhecimento da nossa situação e intenção.

Foi para mim muito visível a intervenção da Mãe de Fátima. No dia treze de Maio de 1976, os refugiados resolveram fazer uma grandiosa procissão, sob um sol abrasador, a uma gruta de Nossa Senhora de Fátima, localizada nos arredores de Atambua. Disse o Bispo Thillarts que aquela era a primeira procissão que se fazia em Atambua, pois os Holandeses não tinham essa devoção. E pediu-me que dirigisse algumas

palavras aos refugiados, ao que acedi, fazendo-o em Português. Depois da procissão, o major Daniel, que era católico e natural da Ilha das Flores, na Indonésia, na qualidade de oficial do BAKIN, mandou chamar-me e fuzilou-me com a seguinte pergunta: «*What language had you just spoken?*» Respondi-lhe: «*Portuguese*». O oficial furioso berrou: «*Why did you speak Portuguese?*» Retorqui-lhe prontamente: «*Because when Our Lady appeared in Fátima in 1917 She spoke in Portuguese to the three little shephers. And you, as catholic, you know it very well.*» Pode ser que a resposta não tivesse sido do agrado do Major Daniel, mas ele cortesmente deu a ordem «*Go in peace*», e a minha resposta foi «*Thank you*».

INTERVENÇÃO DO GOVERNO PORTUGUÊS

O desenrolar dos acontecimentos em Atambua leva a crer que a Fé dos refugiados conseguiu algo de positivo. Assim se explica que, na última semana de Maio de 1976, tivessemos a informação de que Portugal estava disposto a repatriar os refugiados. É óbvio que os familiares dos 23 militares portugueses tinham também feito pressão junto do Governo para a sua evacuação. É possível que alguns familiares e amigos de refugiados, residentes em Portugal e com certa influência em Lisboa, tivessem feito o mesmo. No entanto, estou mais convencido de que, se não fosse o relatório enviado ao então MNE, Major Melo Antunes, não seria viável a concretização de um plano tão ambicioso como louvável de evacuar todos os refugiados Timorenses (Portugueses) que quisessem ir para Portugal. Assim foi...

Milhares de refugiados que não tinham familiares em Portugal, muitos «mauberes» e mais de 800 chineses nascidos em Timor, saíram do drama de Atambua. Em princípios de Junho de 1976, o então CEMFA de Portugal, General Morais da Silva e o Major Cadete fizeram uma visita-relâmpago a Atambua (onde os Indonésios não permitiram que falassem com os refugiados) e a Dili. Morais da Silva foi o Moisés que salvou milhares de Timorenses da escravatura dos indonésios. Foi, nesta altura, louvável a tomada de posição de Portugal, que já tinha o General Ramalho Eanes como Presidente da República. Em consequência dos contactos de Morais da Silva com os indonésios, deslocou-se quase de imediato a Atambua o primeiro Secretário da Embaixada dos Países Baixos que, a partir de então e até 1999, representou os interesses de Portugal junto de Jacarta após o corte de relações diplomáticas entre os dois países devido à ocupação indonésia de Timor Leste. Peter Von Donk, este primeiro Secretário, foi um diplomata de gema, que soube ultrapassar os vários obstáculos levantados pela imigração indonésia.

A decisão de Portugal de evacuar os refugiados timorenses, independentemente da cor da pele, religião ou grau da cultura, foi uma medida diplomática altamente prezada e uma prova evidente contra a tese agitada pela Indonésia de que Portugal nunca mais se interessaria pelos Timorenses. Peter Von Donk, quando chegou a Atambua para implementar o plano de rapatriamento de refugiados, fez questão de falar comigo, informando-me que vinha a Atambua mandatado pelo Governo Português, com conhecimento de Jacarta, a fim de tratar da evacuação dos refugiados Timorenses. Corria a dúvida entre os refugiados de que só iriam ser repatriados os 23 militares e os que tivessem sangue português, assim como um ou outro funcionário do antigo Governo Colonial Português. Pedi esclarecimentos ao diplomata holandês, Peter Von Donk, sobre as condições de evacuação:

«Mr. Peter Von Donk, what do you mean by Portuguese refugees?», perguntei-lhe. Resposta de Von Donk: «I mean all the people who are born in Portuguese Timor and at the moment are in Atambua». Insisti: «Even Chinese?» Resposta: «If the Chinese were born in Portuguese Timor, they are Portuguese citizens».

O ambiente entre os refugiados foi de uma euforia completa e o orgulho de ser Português no território Indonésio explodiu em gritos de alegria e entusiasmo.

Fotografias — Photographies

Selo

Mulher
Femme

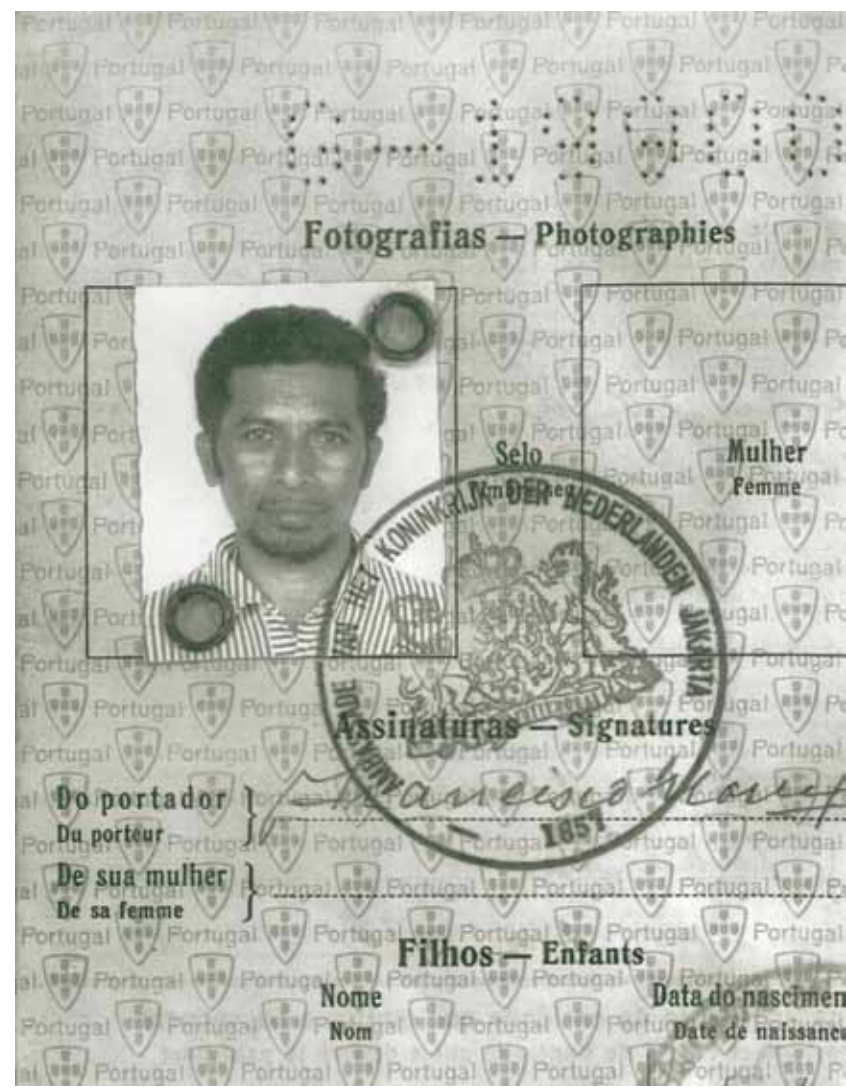
Assinaturas — Signatures

Do portador
Du porteur

De sua mulher
De sa femme

Filhos — Enfants

Nome
Nom

Data do nascimen
Date de naissanc

Documento de refugiado: passaporte Português com carimbo holandês

SOMBRAS E LUZES NO PROCESSO DE EVACUAÇÃO

Humilhados com a evacuação dos refugiados, os Indonésios tentaram por todos os meios e pretextos impedir que se realizasse. Milhares de refugiados não se encontravam acampados em Atambua. A maioria estava a escassos quilómetros da fronteira entre o Timor Leste e Indonésio. Ao terem conhecimento de que iriam ser evacuados milhares de refugiados para Portugal, os militares Indonésios, em menos de 24 horas, conseguiram pôr em Batugadé e Balibó (dois postos fronteiriços de Timor Leste) milhares de refugiados, que se encontraram acampados junto da fronteira, em Hai-Kessak, Wedomo, e outros lugares. Os militares indonésios prometiam a esses refugiados que Jacarta iria apoiá-los para recomeçarem as suas vidas nas suas respectivas aldeias e postos, difundindo também o boato de que os que iriam para Portugal não chegariam ao seu destino. Em tempo de guerra, de carências e incertezas, as pessoas menos esclarecidas acreditaram piamente naquilo que os militares diziam. Quando o signatário tomei conhecimento do sucedido, alertei Mr. Peter Von Donk. Este sublinhou que só tinha poderes e jurisdição para actuar junto dos Portugueses que se encontravam no território indonésio e nada tinha a ver com os que regressassem a Timor Leste, pois não era território indonésio. Dos milhares que foram forçados a regressar a Timor Leste, 400 refugiados conseguiram subornar os soldados indonésios, voltando a Atambua. Tiveram assim a oportunidade de serem evacuados também para Portugal.

A Imigração indonésia pretendeu impedir o embarque de raparigas indonésias casadas com Timorenses. Esclareci-lhes que o Governo Português podia conceder a cidadania Portuguesa aos estrangeiros que casavam com cidadãos Portugueses. As cinco indonésias conseguiram embarcar com os seus respectivos maridos e hoje vivem felizes na Austrália. Tentaram impedir a saída de Timorenses que trabalhavam como funcionários indonésios em Dili, Balibó e Batugadé. Mas esses «funcionários» disseram publicamente que não estavam interessados

em trabalhar com os indonésios, pois não recebiam salário havia mais de dois meses. Conseguiram embarcar igualmente. O líder da UDT, António do Nascimento, contra a sua vontade, da sua esposa e filhos, foi levado para Dili, a fim de ser deputado no novo governo de Tim-Tim (Timor-Timur). Alertei imediatamente Peter Von Donk para a situação do Sr. António de Nascimento. Conseguiu regressar a Atambua e embarcou para Lisboa com a família. Alguns Timorenses estavam em prisões de Atambua e o Sr. Peter Von Donk foi informado do problema. Conseguiu-se que um fotógrafo tirasse a fotografia desses presos através das brechas das paredes da prisão para poderem ter passaporte Português. E os Timorenses metidos à força nas fileiras do exército da Indonésia também conseguiram embarcar. Até alguns cidadãos indonésios, tal como um famoso futebolista local, conhecido por Da Costa, queriam embarcar. Tive de lhes explicar que não havia justificação para esse pedido. Por fim, a evacuação dos refugiados foi um orgulho para os cidadão Portugueses, humilhação para as autoridades indonésias e admiração para os residentes de Atambua que nunca sonharam como tudo isso seria possível.

OS 23 MILITARES PORTUGUESES DO ESQUADRÃO DE CAVALARIA DE BOBONARO

No sentido de permitir que os militares Portugueses presos em Atambua pudessem embarcar para Portugal com bom aspecto físico, foram transferidos de uma prisão infestada por mosquitos, com uma temperatura insuportável e uma dieta que só acelerava a caminhada para a morte, para um lugar mais ameno, fresco e confortável. Uma tarde, na primeira semana de Junho de 1976, aproximou-se uma viatura da escola de Tamek-Kanak-Kanak, situada mesmo à frente da residência do Bispo de Atambua. Da viatura saiu um grupo de passageiros com feições europeias, esqueléticos, barbudos, cabeludos e pobremente trajados. Vinham descansar umas horas antes de seguirem para o seu novo alojamento. Logo presumi que fossem os militares Portugueses, pois nunca os tinha visto antes. Fui de imediato

Primeiro Secretário da Embaixada de Holanda na Indonésia, Peter Von Donk, Gen. Morais da Silva e representante do Governo Indonésio.

Gen. Morais da Silva e alguns dos miliatres portugueses presos em Atambua

à sede da Cruz Vermelha Indonésia e pedi-lhes que fizessem o favor de entregar a correspondência ou mensagens dos familares aos militares Portugueses, normalmente enviadas ao abrigo da Cruz Vermelha Internacional. De posse das correspondências, caminhei com calma para uma varanda onde se encontravam os militares portugueses. A distância entre a residência espiscopal e a varanda devia andar à volta de uns 90 metros. De repente, surgiu um dos soldados indonésios que escoltava os prisioneiros e impediu-me de me aproximar deles. Só tive tempo de berrar com força para os militares Portugueses para me identificar, comunicando-lhes que possuia correspondências para eles. Foi naquele momento que se deram a conhecer.

Alguns militares portugueses presos em Atambua e o medico indonésio, Dr. Alex

Foram alojados numa boa casa, em que a miséria deu lugar à abundância, mas a restrição da liberdade de movimentos mantinha-se, embora noutros moldes. No dia seguinte, o tenente KIKI (hoje com posto de General) e a Madre Goretti, a religiosa que colaborou com a polícia secreta indonésia no que dizia respeito aos refugiados, aproximaram-se de mim, pedindo a minha opinião sobre a alimentação a dar aos 23 militares portugueses e que indicasse um bom cozinheiro para o efeito. Disse-lhes que precisavam de batata, carne de porco, galinha, azeite de oliveira, vinho tinto, etc, e que, entre os refugiados, havia em excesso cozinheiros e cozinheiras, pois a arte culinária faz parte da formação do Timorense, faz parte da sua identidade. O Tenente KIKI conseguiu arranjar tudo, pois parte do stock da manutenção militar de Timor Leste encontrava-se em Atambua, incluindo um helicóptero Alouette das FAP, exteriormente pintado rapidamente com as cores indonésias.

Perto do local da residência do Bispo de Atambua, encontrava-se o acampamento da D. Ilda Martins dos Reis Noronha, exímia cozinheira e especialista em confeccionar doces. D. Ilda dispunha da matéria-prima para preparar as refeições dos militares Portugueses, mas era necessário dosear bem o menú, pois o estômago dos militares não estava habituado a comidas com muita calorias. Tudo se preparou para que os militares pudessem ter uma dieta mais equilibrada.

A madre Goretti lá me confessou que os indonésios tencionavam engordar os militares Portugueses para embarcarem com bom aspecto para Portugal. E o tempo que restava era de apenas uma semana e poucos dias. Uma vez instalados no seu confortável novo «quartel», os militares Portugueses pediram ao Tenente Kiki que fosse celebrada missa todas as tardes. Os indonésios mais de uma vez não me autorizaram a cumprir essa tarefa, mas em minha substituição convidaram o Sr. P. Cuntierres, natural da Ilha das Flores. Ao segundo dia de missa, o P. Cuntierres desabafou-me que os militares participavam muito bem na Missa, mas nem todos compreendiam o Inglês e pediam para arranjar leituras da Missa em Português. Chegara finalmente a oportunidade de enviar mensagens aos militares através das «leituras da missa».

Grupo de militares Portugueses do Esquadrão de Cavalaria de Bobonaro, preso mais de um ano pelos Indonésios em Atambua.

A primeira leitura em Português era da «Carta de S. Paulo aos Gálatas». A introdução começava com alguns pensamentos bíblicos, mas a meio da «leitura» seguiam algumas informações para os encorajar, nomeadamente a data de partida para Portugal, a solidariedade dos refugiados para com eles, bem como notícias dos seus familiares, contidas nas mensagens enviadas através da CVI (Cruz Vermelha Internacional). Depois desta primeira expedita experiência, os militares Portugueses mostraram-se extremamente agradecidos ao P. Cuntierres e pediram naturalmente mais «leituras» daquelas em Português. Seguiu-se a «Carta de S. Paulo aos Romanos» em que, depois da introdução doutrinária, seguiam-se algumas informações sobre os familiares dos militares, como. por exemplo, *o capitão tal já tem a filha na Universidade, o Alferes tal tem o filho na Creche, Furriel tal tem a família tudo bem*. Fiquei bastante admirado que o próprio P. Cuntierres não tivesse descoberto este estrategema de passar as mensagens. E para evitar que fosse descoberto, alegando muito que tinha muito que fazer com os refugiados, praticamente entregava as «leituras batidas à máquina» já com o carro pronto a arrancar para a missa, por forma a não dar tempo a que se copiassem as «leituras».

No dia anterior ao embarque dos militares, fui autorizado a celebrar a missa e a tomar o pequeno-almoço com eles. Notou-se que cantavam os cânticos da missa com muito entusiasmo e afinação. Depois da missa, um coronel indonésio mandou distribuir a cada um dos militares Portugueses duas peças de uniforme, tipo «badalaik» ou »safari» para embarcarem com novos trajes. Mas o que o dito coronel queria era vê-los vestidos e a desfilar perante ele. Foi ali que se viu o orgulho do militar Português. O Major Viçoso, o Capitão Tavares e quase todos os oficiais não se mostraram dispostos a fazer a «passagem de modelos» perante o oficial indonésio. Para evitar o pior, o Alferes Palma Carlos, que dominava bem inglês, foi apresentar-se ao oficial indonésio trajando o dito «badalaik», dizendo-lhe que a roupa servia bem a todos. Palma Carlos, com a sua diplomacia, evitou a ira do oficial indonésio, que queria assistir aquela original «passagem de modelos» dos militares portugueses em trajos militares indonésios.

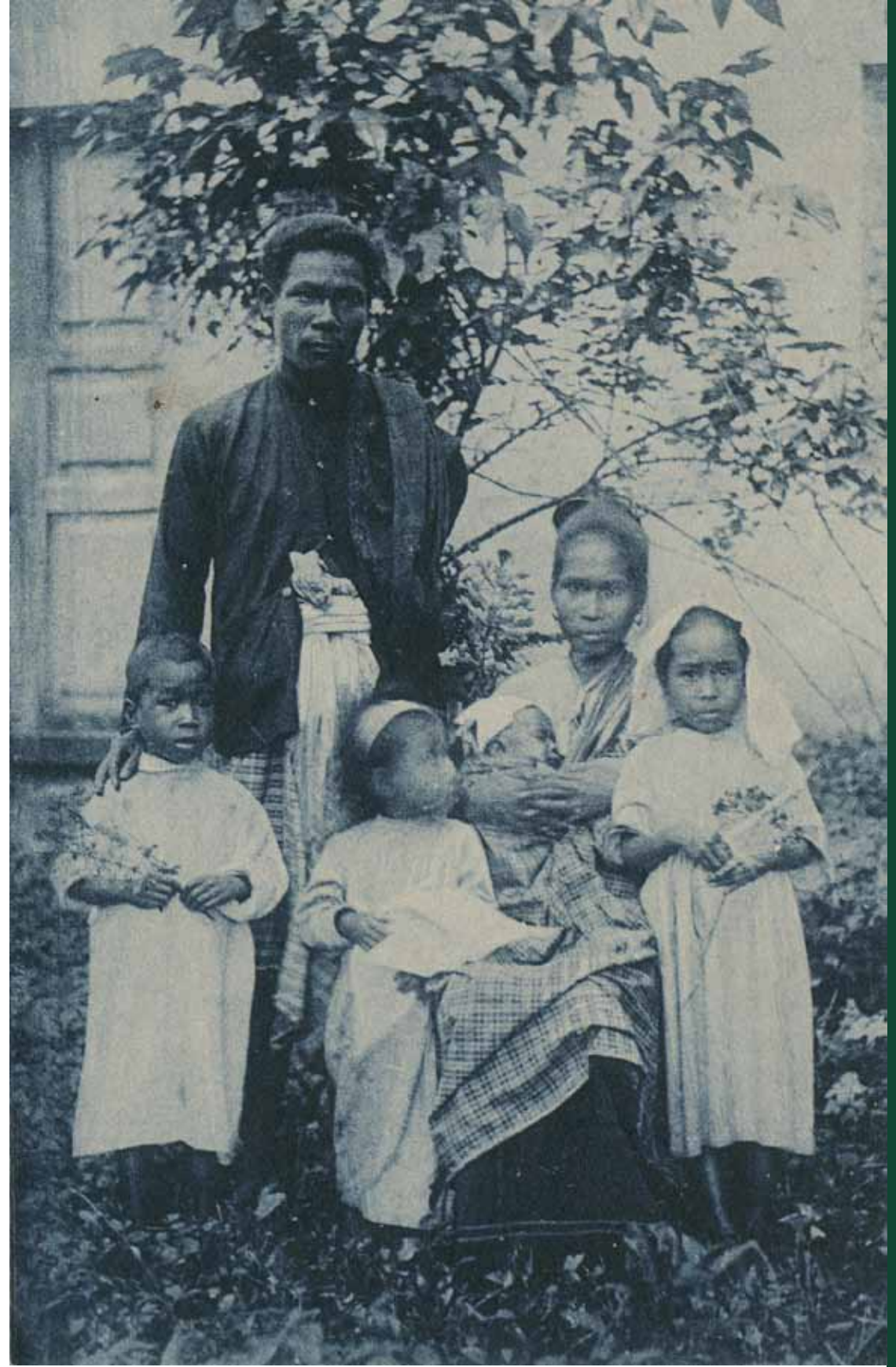
A ALEGRIA DA ABALADA

Concluída a fase de levantamento e documentação dos refugiados, Peter Von Donk regressou a Jacarta para dar conta da situação aos dois governos, Português e Indonésio. O Gen. Morais da Silva foi o oficial que montou a maior e mais distante ponte aérea feita pela Força Área Portuguesa. O primeiro voo foi efectuado em 27-7-1976, seguindo a rota Bali-Guam-Honolulu, depois S. Francisco-Washington DC- Lisboa. Após o primeiro voo, seguiu-se um preocupante interregno de quase um mês. Houve inquietação da parte dos refugiados, pensando que Portugal só iria evacuar aquelas 200 pessoas embarcadas no primeiro

voo. Os indonésios aproveitaram a ocasião para falar alto nas ruas de Atambua, lançando o boato de que não tinha chegado ao seu destino os que haviam partido. Houve muitas inquietações e interrogações: seria que os Indonésios tinham razão?

Procurei entrar em contacto com Peter Von Donk através de Rádio de um Rancho Australiano de criação de gado bovino, situado na região de Mena. A informação recebida foi a de que o atraso se devia a razões técnicas e não políticas. E ficamos mais sossegados quando no dia 25-8-1976 seguiu o segundo voo, o quarto no dia 30-8-76 e o último no dia 4-9-1976.

A Imigração Indonésia queria forçar-me a embarcar no primeiro voo da FAP. Mas consegui arranjar um pretexto e consegui esquivar-me de partir. Entretanto, o coronel Indonésio que orientou a operação de evacuação intimou-me a comparecer no seu quartel-general em Atapupo. Temendo alguma coisa desagradável, pedi ao sacerdote do Timor Indonésio Alex Seram, que sempre apoiou os refugiados, para me acompanhar. O coronel perguntou-me a razão por que não tinha embarcado com os outros. Expliquei-lhe que, assim como o Sr. Coronel tinha de obedecer ao seu General, assim também eu tinha de obedecer ao meu Bispo e dar-lhe o conhecimento sobre o embarque. O coronel aceitou as razões, mas pediu-me para a apresentar por escrito em três cópias: uma para o Comando militar de Atambua, outra para o comando de Bali e a terceira para ele próprio.

A partir de Outubro, os aparelhos da FAP foram substituidos por DC-10 da Garuda que levavam quase 400 refugiados em cada voo. E Garuda fez 5 voos. No primeiro voo da Garuda, recebi um ultimato para embarcar passadas três horas, a partir das quais as autoridades indonésias não assumiriam a responsabilidade pela minha segurança. Pedi ao Bispo Thillarts para escrever ao Coronel para justificar a continuação da minha presença em Atambua enquanto houvesse refugiados timorenses. O Coronel indonésio leu essa carta do Sr. Bispo Thillarts e comentou-me: *«The Bishop is Catholic, I am muslim. I don't receive orders from your Bishop. You should leave. No other way, because we aren't responsible for your safety in Atambua»*. Lá fui obrigado a partir no primeiro voo da Garuda, seguindo a rota Surabaia, Bombaim, Roma, Lisboa.

FACE POSITIVA E NEGATIVA DA INDONÉSIA

Um ano de cativeiro em Atambua permitiu-me detectar alguns defeitos dos nossos anfitriões, por serem muito visíveis, nesta sorte de primeira «convivência» para mim entre Timorenses e Indonésios, entre os dominados e dominadores, entre os invasores e invadidos. De um modo geral, os que se encontram no poder têm a tendência para serem corruptos e cínicos. A corrupção é quase institucionalizada. As correspondências que chegaram a Atambua, provenientes de Portugal ou da Austrália, só alcançavam o destinatário mediante o pagamento de uma certa quantia. Quem não pagasse nunca mais veria a sua correspondência, sobretudo se o conteúdo fosse dinheiro.

Em cada acampamento havia um ou mais representantes das autoridades locais, cuja missão era mais controlar a entrada e saída dos refugiados do que em os auxiliar. E nos seus relatórios procuravam sempre aumentar o números dos refugiados para poderem receber a percentagem do apoio estrangeiro. E, assim, se um acampamento tivesse 300 refugiados, no papel esse número passaria a 500.[4] Detectámos também que os seus serviços de informação ou inteligence não se preocupavam muito com a análise rigorosa dos dados da informação. No caso de Timor Leste, as suas fontes de informação vinham geralmente dos elementos integracionistas da APODETI, espalhando informações sem fundamento. Afirmavam que a maioria dos Timorenses aceitava a integração e asseguravam também que a FRETILIN não dispunha de meios para combater durante uma única semana. E os estrategas indonésios tomavam decisões a partir de informações de carácter pouco seguro. Chegaram mesmo a fazer certa publicidade afirmando que as forças armadas indonésias poderiam controlar todo Timor Leste em questão de dias. Um pensamento que se reflectia mesmo na arrogante palavra de ordem da invasão: *«pequeno-almoço em Dili, almoço em Baucau e jantar em Los Palos»*. Tais estrategas chegaram até a colher informações sobre logística militar entre leigos na matéria como eu próprio. Um coronel de nome France Alimoertopo, por exemplo, perguntou-me onde é que havia em Timor um sítio ideal para desembarque de tropas anfíbias, carros blindados e paraquedistas. Respondi-lhe: *«Are you jocking with me, Coronel?»*. Mas, passados três ou 4 dias, voltou com as mesmas perguntas. Respondi-lhe que não via a necessidade do uso de blindados porque o terreno é muito acidentado. Igualmente, era desnecessário o uso de forças anfíbias porque não são muitos rios e as costas de Timor estavam desguarnecidas. Mas o Cor. Alimoertopo insistiu em saber qual o melhor local para lançamento de para-quedistas. Disse-lhe, então, que se quisessem controlar os concelhos mais ricos, tais como Ainaro, Same e Suai, então a tomada de FLECHA (situada entre Maubisse-Same-Ainaro, e semeada de rochas e calhaus) pode ser um objectivo estratégico. O coronel fez um círculo no mapa de Timor Leste que trazia na pasta.

Soube-se mais tarde que o lançamento dos paras indonésios na região de Maubisse não fora bem sucedida, porque a região é extremamente acidentada. Como a invasão de Timor Leste foi feita a partir de dados pouco seguros, excessiva arrogância e grande imaturidade militar, as operações no terreno não correspondiam de todo às optimistas expectativas do alto comando. A progressão das forças era morosa, sofrendo consideráveis baixas e desgaste de material bélico. Os cemitérios militares e o desgaste do material foram muito visíveis logo nos primeiros meses da invasão. Até consta que a primeira largada dos para-quedista sobre Dili na madrugada de 7 de Dezembro foi mal calculada por ser muito cedo e, assim, vários para-quedistas foram parar ao mar e lutaram com muita dificuldade pela sua sobrevivência.

Em Abril de 1976, voltei a Dili e fiquei muito admirado por ver um cemitério militar indonésio improvisado ,junto da zona portuária, reunindo muitas centenas de campas de para-quedistas indonésios, a que se somava ainda um outro grande cemitério localizado na fronteira

4 Esta situação voltou a acontecer com as dezenas de milhares de refugiados de Timor Leste que, escapando da violência após a realização do referendo de 1999, se abrigaram na parte indonésia de Timor. Talvez seja conveniente esclarecer que o Timor Barat, a parte indonésia da ilha, é um território tão pobre como esquecido pelos poderes centrais instalados em Jacarta, ontem como hoje. Os refugiados tornaram-se, assim, uma oportunidade largamente explorada e manipulada para tentar aumentar auxílios, visibilidades e investimentos da governação central. A situação descrita pelo P. Francisco Fernandes apresenta, assim, mais do que meras coincidências com o arrastado processo que, desde finais de 1999, vai tentando resolver o problema, afinal, recorrente e quase persistente dos refugiados timorenses na parte indonésia da ilha, sendo as semelhanças políticas, sociais, económicas e administrativas entre processos separados por um quarto de século dramaticamente arrepiantes.

junto de Motain. Perante os revezes que sofreram em Timor Leste, os militares tiveram que adiar, por cinco meses, o seu planeado «almoço em Baucau» e adiar por mais de um ano o seu «jantar em Los Palos». Preocupado com a morosidade das operações militares em Timor, o governo central de Jacarta mandou um oficial superior inspecionar o que se passava. Em Março de 1976, este oficial desembarcou em Batugadé, posto mais avançado de Timor-Leste, para dar início à sua tarefa. Obcecado com as informações de que tudo era fácil, o oficial superior rejeitou a oferta de escolta militar e meteu-se num jeep com meia dúzia de soldados, dirigindo-se de Balibó para Maliana e Bobonaro. Mas, ao descer para a ribeira de Nunura, entre Balibó e Maliana, uma emboscada montada pela FRETILIN abateu o orgulhoso oficial, que só viajou menos de uma hora no interior de Timor Leste, pois a morte apanhou-o ainda em Nunura. Soube-se depois que o militar abatido era um general, tendo o seu funeral sido realizado com honras militares prestadas pelas forças estacionadas na fronteira. Uns dias depois, fui visitar o Sr. Serra em Batugadé que me contou todo o episódio. Por curiosidade, fizemos uma visita ao cemitério militar de Motain. De entre centenas de campas rasas, sobressaá uma, assinalada com uma estaca a sustentar um letreiro dizendo «*Maj. Gen. Soebroto, killed on duty*». Ao ver isto comentei com o Sr. Serra: «*Vamos rezar pelo descanso eterno deste general, que já está nas mãos de Alá e nunca mais nos volta a chatear*».

O exército Indonésio, sublinhe-se, só é nacional de nome, pois na realidade tem estruturas e mentalidade de vários exércitos regionais. Os contingentes das forças militares que invadiram Timor Leste procediam de diferentes ilhas do arquipélago não se interessando com o comando unido e comum, sobretudo em matéria de disciplina. Na altura da invasão, eram as famosas divisões de «Silawanji» de Java oriental, «Brawajaya» de Java ocidental, «Patimura» das Ilhas Molucas e «diponeguro» da Java Central que tinham entrado em acção, cada uma unida internamente pela sua pertença regional. Os subalternos de cada uma destas divisões não acatavam as ordens de oficial superior das outras. Quando se participava de alguma acção praticada por um militar indonésio contra os refugiados, se o oficial a quem se dirigisse a participação não fosse da mesma divisão ou unidade militar, era perder simplesmente o tempo.

A disciplina militar geral do exército invasor indonésio deixava muito a desejar. Os condutores de viaturas militares - fora das horas de serviço ou no fim da semana – usavam-nas como transporte fins de aluguer ou privado. Apesar de tudo, o exército indonésio naqueles anos de chumbo também tinham alguma coisa boa, pelo menos para evitar o pecado da gula: o vinho ou outra bebida alcólica não fazia parte do rancho, nem era incluído no seu menu ou dieta. Contentavam-se em beber o chá e comer arroz e peixe seco. E eram sempre muito supersticiosos. Certo dia um tenente de KKO (fuzileiro) fez-me esta pergunta «*Pastor, you have many devils in Timor-Timur?*». Respondi-lhe: «*Have you seen any?*». E para justificar a sua assuatada pergunta sublinhou-me: «*É que os nossos militares morrem mais nos hospitais de Jacarta despois de terem regressado de Timor, do que morrem em Timor*». Tentei esclarecé-lo: «*então o problema é vosso. Os vossos médicos contribuiram mais para matar do que curar*».

Explorando o carácter supersticioso dos militares indonésios, alguns refugiados Timorenses, sobretudo um chamado Nai Buti, natural de Hatolia, improvisou uma capelinha com folhas de coqueiros e pôs no altar uma estátua de N. S. de Fátima. E, depois, começou a espalhar informação entre os militares indonésios de que, se alguém quisesse passar a ser invulnerável à bala da Fretilin, podia consegui-lo, bastando para isso ir rezar à frente da imagem de N. S. de Fátima. Aquilo parece ter ido ao encontro dos temerosos desejos dos indonésios, pois não tardou que o Nai-Buti começasse a receber companhias inteiras que iam pedir a invulnerabilidade à N. S. de Fátima. Alguém veio ter comigo pedindo-me para proibir tal «peregrinação» ao acampamento do Nau-Buti. Mas respondi que quem mandava nesta matéria era o Sr. Bispo de Atambua. Eu nada tinha a ver com isso e, pelo facto de ser refugiado de Timor-Leste, os militares ainda me podiam criar problemas. Por curiosidade, fui ao acampamento do Nai Buti. O que observei foram longas filas de tropas indonésias com uniformes de camuflado a esperar a sua vez para desfilar perante a estátua de N. S.de Fátima e receber a água benta aspergida por Nai Buti. No acesso para a improvisada

Grupo de militares Portugueses do Esquadrão de Cavalaria de Bobonaro, preso mais de um ano pelos Indonésios em Atambua.

capelinha viam-se quatro bacias plásticas abarrotadas de dinheiro e massos de cigarros deixados pelos militares indonésios. O Nau-Buti continuou com o seu «negócio», pois bem precisava de alimentar a sua numerosa prole.

DE ATAMBUA AO VALE DE JAMOR. IMPACTO NA LUTA DIPLOMÁTICA E PROMOÇÃO CULTURAL

Os milhares de refugiados timorenses que chegaram a Portugal procedentes de Atambua tiveram a experiência de viver um ano entre as forças invasoras e ocupantes de Timor Leste. Alguns dos refugiados ainda traziam cicatrizes bem frescas e visíveis. E todos eles traziam o trauma do sofrimento e da guerra. Os refugiados eram, por isso, obviamente testemunhas mais credíveis para deporem sobre a invasão e a ocupaçao de Timor-Leste pela Indonésia.

Chegados a Lisboa, os milhares de refugiados timorenses foram acolhidos no Vale de Jamor onde vivíamos em tendas da tropa, mesmo em pleno Inverno, conquanto nada nos tivesse faltado em alimentação. Nesta altura, constituiu-se uma nova Comissão dos Refugiados, para a qual fui eleito novamente presidente, tendo como vice-presidente o Sr. P. Apolinário Guterres e da qual faziam parte elementos da comunidade de refugiados, como António de Nascimento, Paulo Pires, Tito Lívio Marques, assim como dois timorenses há muito radicados em Lisboa: o Dr. Moisés da Costa Amaral, professor do Ensino Secundário, e o Dr. Manuel Tílman, Advogado. A nova Direcção realizou de imediato uma conferência de imprensa, no Restaurante Marginal da Cruz Quebrada, para onde afluiu um bom número de jornalistas nacionais e estrangeiros, que logo comunicaram ao País e ao Mundo a dramática situação real de Timor-Leste. E o mais importante foi o Governo Português privilegiar a Comissão dos Refugiados Timorenses, através do IARN (Instituto de Apoio aos Retornados Nacionais), com um alto representante permanente e exclusivo, a Dra. Rosário Baptista, encarregada de assistir os desalojados. Nada do mais fundamental faltou aos Timorenses,

que tiveram um tratamento especial entre os retornados. Resolveu-se o problema da integração dos antigos funcionários públicos e da educação para os mais pequenos. E apesar do Portugal do final da década de 1970 ter recebido milhares de retornados de antigas colónias de África, os Timorenses receberam um tratamento satisfatório.

Não tardou que o antigo Cônsul da Austrália em Timor Leste, Mr. James Dunn, aparecesse no Vale de Jamor com três equipas de televisão: BBC (inglesa); ABC (australiana) e uma holandesa que, durante três dias, entrevistaram centenas de refugiados, as vitimas das atrocidades cometidas pelos indonésios e os que haviam sido integrados sob coacção nas forças armadas indonésias, na administração e outras actividades. Com estas entrevistas, James Dunn compilou o «Dossier de Timor» e foi ouvido na ONU. Apresentou-se, assim, pela primeira vez, e em primeira mão, na Assembleia Geral das Nações Unidas informações actualizadas e credíveis sobre Timor Leste. Até então, os delegados da FRETILIN no exterior tinham sido os únicos que tinham participado nas intervenções da ONU, mas como não tinham experiência vivida da invasão e ocupação de Timor-Leste, apenas se limitavam a fazer eco das informações recebidas de Timor Leste, tentando os indonésios descredibilizá-los. Mas com a presença da voz dos refugiados nas instâncias internacionais, a Indonésia já não tinha argumentos para refutar. Assim, mais tarde, em Novembro de 1979, uma delegação de refugiados timorenses de que eu fazia parte, mais o P. Apolinário Guterres e Paulo Pires, foi convidada a depôr na Assembleia Geral da ONU. Paulo Pires, em nome da UDT, e eu próprio, em nome dos refugiados, falamos da experiência vivida durante um ano com os indonésios e apelamos aos delegados da ONU para condenarem a invasão levada a cabo pela Indonésia, exigindo a a libertação do Povo mártir de Timor-Leste.

Depois desta primeira intervenção na ONU, o Congressista TONY HALL de Ohio e o activista Arnold COHEN convidaram-me juntamente com o P. Apolinário para nos encontrarmos com membros da Administração do então Presidente Jimmy Carter em Capitol Hill, nomeadamente com o *Desk for Pacific and South East Asia e a Comission for Human Rights*. Após estes contactos, a Administração de Jimmy Carter concedeu mais de cinco milhões de dólares para aliviar a fome em Timor Leste. Apelamos a que os próprios responsáveis políticos Americanos fossem a Timor para, *in loco*, avaliarem dramática situação e melhor administrarem essa ajuda, pois não acreditávamos nos indonésios. Em consequência, elementos do *Catholic Relief Service* (CRS) foram a Timor Leste para ajudar a dar assistência à população. TONY HALL entendeu que eu deveria passar mais algum tempo em Washington para fazer política de *lobbying* entre os Senadores e Congressistas Americanos. E, assim, desde Outubro de 1979 a Janeiro de 1980, com a orientação de Tony Hall e Arnold Cohen, contactei mais uma centena de Congressistas e Senadores que, por fim, assinaram um documento pedindo a entrada em Timor-Leste de Organizações Humanitárias e da Cruz Vermelha Internacional. Ao mesmo tempo, contactava várias vezes com o Departamento dos Direitos Humanos da Administração Jimmy Carter.

Fui o primeiro Timorense a ser ouvido no *US Congress Hearing*, a 10 de Junho de 1980, reunião em que participava também a Amnistia Internacional, o Almirante Le Roque e Richer Hallbrook como representante dos Estados Unidos. Fui entrevistado por diversos órgãos dos *media*, tais como *Times, Washington Post, Christian Science Monitor*, entre outros. Estive depois em Filadélfia, Baltimore, Boston e, finalmente, dirigi-me a Londres, onde fui recebido pelo Arcebispo Robert Roncie, pelo *British Foreign Affairs* e por um grupo de Parlamentares liderado por Lord Avebury. Voltei depois a depôr duas vezes no Quarto Comité de Descolonização das Nações Unidas.

No final da década de 1970 e princípio dos anos 80 não era possível aos políticos Timorenses fazerem este tipo de contactos, sobretudo no *Capitol Hill* e no Congresso, já que a Administração americana, fortemente influenciada pela diplomacia indonésia, não dialogava com representantes da FRETILIN.

Entre os milhares de refugiados timorenses no Vale do Jamor, próximo de Lisboa, procurou promover-se a Cultura Timorense. O Maestro Timorense Cornélio Vianey da Cruz formou mesmo um grupo de danças e de coro de crianças, denominado CORO TIMOR LOROSAE, que interpretava as nossas canções com muita arte e bom gosto.

Nas suas diversas actuações, em Lisboa e outras partes de Portugal, incluindo mesmo a Região Autónoma dos Açores, ou na Europa, o Coro Lorosae era o melhor embaixador de Timor Leste para sensibilizar e chamar a atenção do Mundo para a Causa de Timor. As canções interpretadas pelo Coro foram gravadas pela Cruz Vermelha Portuguesa num velho disco de vinil de 45 rotações. As actuações agradaram de tal maneira ao público Português que o Coro Timor Lorosae foi escolhido para representar Portugal em programa da Eurovisão.

Os refugiados que chegaram de Atambua desenvolveram em Portugal e fora dele actividades que contribuiram para prestigiar o nome de Timor Leste e projectá-lo bem alto na ribalta internacional. Passando a maioria dos refugiados para a Austrália, com a experiência que tinham passaram a ser dirigentes de associações desportivas, culturais e sociais das Comunidades Timorenses na Diáspora em diversos estados e cidades australianos.

As crianças e jovens que chegaram de Atambua conseguiram mais tarde, quer em Portugal, quer sobretudo na Austrália, estudar e conseguir graus académicos para servirem a sua comunidade. Temos hoje engenheiros, advogados, médicos, economistas, líderes políticos e até a primeira atleta olímpica Timorense que já arrebatou medalhas para a Austrália. Temos igualmente alguns sacerdotes que passaram por estas amargas aventuras de refugiado. É mesmo preciso lembrar que o próprio Bispo D. Carlos Filipe Ximenes Belo ainda como seminarista foi também obrigado a ser refugiado em Atambua.

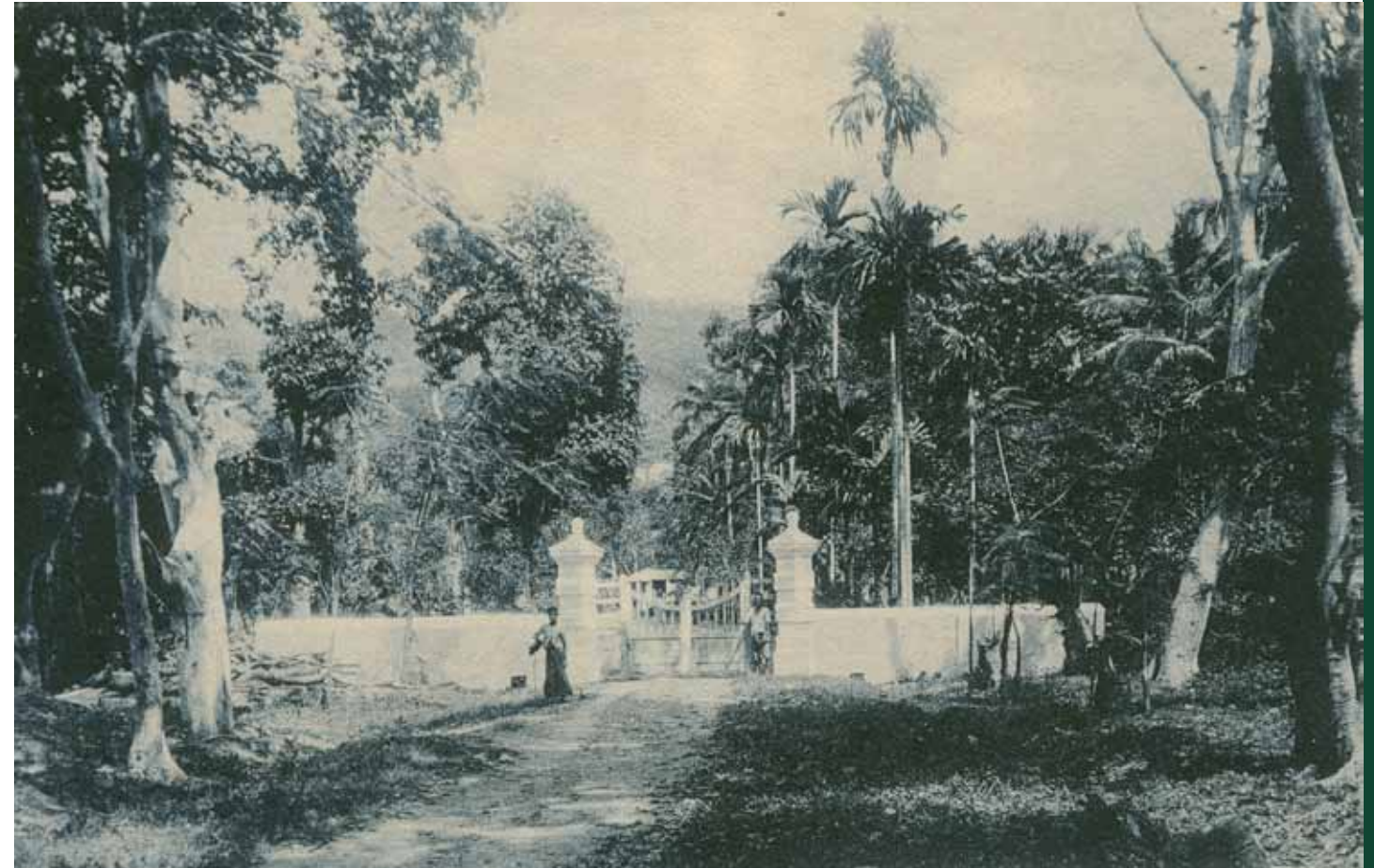
MISSÃO CUMPRIDA

Estávamos no princípio de Outubro de 1976 quando fui forçado a abandonar o Timor indonésio, deixando para trás o projecto de continuar a ajuda os outros Timorenses, incluindo mil e tal refugiados que, já devidamente documentados, aguardavam apenas a viagem para Portugal. Parti, na altura, com a consciência tranquila de ter cumprido uma missão, em condições extremamente adversas e hostis, onde o cinismo, a intimidação, a ameaça e o desinteresse eram ingredientes obrigatórios no relacionamento com as autoridades indonésias.

Fui ameaçado com a baioneta uma vez. Fui chamado a responder no Tribunal Militar de Atambua três vezes por assuntos relacionados com elementos da FRETILIN. Fui acusado de, no Concelho de Ainaro, em Timor Leste, ter estado presente num arrear forçado da bandeira indonésia. Mas parti com a consolação de ter contribuido para ajudar os Timorenses, numa situação em estiveram completamente abandonados e esquecidos. Parti consciente de ter actuado numa conjuntura política, social e militar adversa, na qual aqueles que, mesmo por obrigação de funções, se tinham mostrado impotentes para cumprirem as suas responsabilidades, enquanto aqueles líderes políticos que haviam sido protagonistas da desgraça do Povo de Timor Leste se revelaram ainda mais incapazes de fazer algo de útil pelo Povo que tinham prometido à boca cheia defender e ajudar.

Parafraseando o Evangelho, os 30.000 refugiados Timorenses[5] que se encontraram em Atambua eram como ovelhas sem pastor, à mercê de lobos vorazes. Mas a Igreja esteve presente mesmo nestes momentos difíceis em que as outras forças falharam. Por isso, a memória do agradecimento deve dirigir-se também à diocese de Atambua, na pessoa do seu falecido Bispo D. Theodorus Sulama Thillarts, e aos seus missionários Verbitas (Sociedade do Verbo Divino), P. Alex Seram (natural de Betum ou Wubico), P. Lenigan (Irlandês) e os padres Lishaut, Lalawar e Marius (Holandeses). Reconhecimento que, apesar de tudo, se deve estender em ramo de oliveira ao Governo Português de então e, sobretudo, aos protagonistas directos ou indirectos da nossa evacuação de Atambua para Lisboa: o MNE Major Melo Antunes (paz à sua alma), o CEMFA Gen. Morais e Silva, Pilotos e Tripulação da FAP (Força Aérea Portuguesa). Os Timorenses têm mostrado sempre o seu afecto por Portugal e a ponte aérea entre Bali-Lisboa foi o sinal de que Portugal não se esquecia dos Timorenses. Finalmente, jamais esqueceremos o então primeiro Secretário da Embaixada dos Países Baixos em Jacarta, o diplomata PITER VON DONK.

5 O P. Francisco Fernandes adiantava no seu texto atrás o número de 40.000 refugiados. Apesar da diferença significativa de 10.000, decidimos não corrigir o texto nesta passagem. O nosso autor escrevia a partir da sua memória dos factos que testemunhou e não seguindo qualquer registo documental do número de refugiados que parece nunca ter sido rigorosamente feito pelas autoridades indonésias, numa altura em que quase todas as organizações humanitárias internacionais não tinham acesso a esta população e, ainda menos, a Timor Leste.

Mais tarde, cerca de cinco mil dos refugiados de Atambua foram repatriados para Lisboa ainda durante o último semestre de 1976 pela Força Aérea Portuguesa. Estes refugiados de Atambua que tinham já a experiência da invasão e ocupação de Timor Leste, uma vez em Portugal foram testemunhas em primeira mão da actuação brutal das forças armadas indonésias ou ABRI. Abriu-se nova frente na luta diplomática. Com a ajuda da Solidariedade Internacional, a Diáspora Timorense em Portugal, Austrália, Macau e África, tinha poder de lobbying e de mobilização para manifestações a favor de Timor, constituindo, a par e passo com a FRETILIN, a frente mais avançada da luta diplomática pela libertação de Timor. Nas organizações a que a FRETILIN não tinha acesso, a Diáspora conseguiu entrar: Organizações Religiosas, Igrejas Cristãs, contactos com o Governo Americano (*Capitol Hill*, Congresso, Senadores Americanos, etc) e com a influente *Asian Churches Conference*. As embaixadas e os consulados indonésios acreditados na Europa, América, Austrália e África sentiram-se mais do frequentemente incomodados e perturbados pelas acções de denúncia e solidariedade dos elementos da Diáspora.

XXII.

TIMOR LESTE e a ONU. JOSÉ RAMOS-HORTA

A partir da invasão de Timor Leste pela Indonésia, em Dezembro de 1975, possivelmente o dossiê de Timorense era o mais falado, discutido e votado na Assembleia-Geral da ONU, até porque Timor Leste, a partir de então e pela primeira vez, passou a ter aí um Representante Permanente, José Ramos Horta. Através de contactos com diversos diplomatas, lobbying nas instâncias internacionais, o nosso representante bateu incansavelmente à porta de todos aqueles que defendiam o Direito Internacional e a Paz no Mundo.

Acompanhei pessoalmente as actividades do jovem José Ramos Horta na ONU a partir de 1979, no quadro atrás referido da Comissão dos Refugiados de Timor Leste. A partir de 1976 até 1999, o José Ramos Horta era, sem dúvida, o detentor de vários adjectivos superlativos ou recordista em algumas referências: (1) era o primeiro diplomata de Timor Leste na ONU; (2) era o diplomata mais jovem da ONU; (3) era o mais procurado e escutado pelos jornalistas e activistas interessados no problema de Timor; (4) era também o mais cabeludo, pois o cabelo do Horta por esses anos fazia lembrar os "akadiros ", as palmeiras, de Metinaro que não se vergam nem se desfazem mesmo com o soprar do vento mais impetuoso; (5) era o mais revolucionário e o mais vocífero em defesa de Timor Leste; (6) era indubitavelmente, ao fim de 24 anos na ONU, o mais veterano entre os representantes das nações, pois o José Ramos Horta trabalhou com 4 Secretários-Gerais da ONU, 4 MNE Indonésios e 5 MNE Portugueses. Foi obra... O estilo de actuar de Horta assemelhava-se à do "Bereliku" de Timor, um pássaro irrequieto, saltando de ramo em ramo e sempre a cantar. José percorreu o mundo para defender a Causa Timorense e levou uma vida sacrificada. Lembro-me que, em Nova Iorque, recebeu-me em sua casa, uma casita feita de madeira, e como só tinha uma cama, gentilmente cedeu-a ao "Nai-lulik" e dormiu no chão, bem como alguns jornalistas que por ali passaram. E o nosso almoço era no Mac' Donalds. O mais baratinho.

Horta foi duro, firme e austero para com os adversários políticos e, às vezes, chegava a "partir a louça". O José era mesmo o *enfant terrible* da ONU, como me disseram uns amigos americanos e australianos.

A Resistência timorense teve o privilégio de contar com alguém com as caraterísticas de José Ramos Horta: firmeza, astúcia, persistência, coragem e determinação. Se, na vanguarda da Frente Diplomática, Horta era o ponto de referência, na retaguarda era a Diáspora Timorense. Uma das consequências «positivas» da guerra foi, além da conversão em massa dos Timorenses ao Catolicismo (95% católicos), o êxodo de milhares de Timorenses para Portugal e para o estrangeiro. Esses Timorenses passaram a formar uma dinâmica Diáspora Timorense que soube promover a cultura e a culinária timorenses, conseguindo

José Ramos-Horta, Representante de Timor Leste na ONU, em 1976.

através de lobbying, manifestações públicas nas ruas ou, sobretudo, junto das representações diplomáticas da Indonésia ampliar a atenção internacional pelo problema de Timor Leste. E, assim, a frente diplomática timorense estendia-se desde a ONU até todas as partes do Mundo onde se encontram Comunidades Timorenses: Lisboa, Maputo, Macau, Hong-Kong, Darwin, Perth, Melbourne, Sydney, Camberra, Brisbane-Adelaide, etc.

A luta foi longa e difícil, porque a Indonésia era uma potência que inspirava respeito na Asia. Por se auto-proclamar anti-comunista, a Indonésia pesava muito na balança económica, política e estratégica dos EUA, Reino Unido e Austrália. A Indonésia era também um membro fundador da ASEAN. Lembro-me deste peso quando, entre 1979 e 1980, fiz loby nos meios políticos americanos. Alguns senadores eram agressivos para conosco, dizendo: *«Father, you're fighting a loosing battle. East Timor has no human and natural resources like Indonesia.*

Ramos Horta rodeado por dois Bispos de Macau, D. Domingos Lam à esquerda e D. José Lai à Direita

President Suharto will not allow a Cuba in his backyard»… Era obrigado a responder: «We have the reason and right to defend our Country against foreign agressors. The fact that Indonesia invaded East Timor, it means that our country is not so poor as it has been said. Because poor country no one cares about it. Timor Sea resources in oil and gas are one of the reasons of invasion. We deeply regret that US Government had contributed to the tragedy of our People».

Fui, como expliquei, o primeiro Timorense a tomar parte no US Congress Hearing sobre a situação de Timor Leste, em 10 de Julho de 1980, sessão onde se encontravam dois embaixadores indonésios, o de Nova Iorque e o de Washington. Nessa altura, o Congressista Holdbrooks falou em nome do governo dos EUA e eu em nome de Timor Leste, para além de outros oradores que, como o Almirante La Roque da Marinha Americana e um representante da Amnistia Internacional, falaram também a favor dos timorenses. A nossa luta lembra a de David contra Golias... E, depois de 25 anos, a ONU e a Comunidade Internacional deram razão ao Povo Timorense. A vitória de David.

Esta vitória deve-se à determinação da Frente Armada, à coragem da Frente Clandestina e, sobretudo, à Fé, à firmeza e à persistência da Igreja Católica de Timor. E, fora de Timor, o nosso Representante Permanente na ONU, José Ramos Horta, e a Diáspora Timorense deram uma contribuição substancial para a libertação de Timor. Foram arautos e porta-vozes da Resistência, sem os quais a luta heróica e sangrenta do Povo de Timor Leste teria a mesma sorte que a luta de Irian Jaya e Ache.

FATHER Fernandez at work in his Beaconsfield parish office

Fighting father wins UN battle

By NORM AISBETT

A TIGERISH Timorese priest is back in Perth after taking the fight for his homeland to the United Nations — and winning one battle against his Indonesian adversaries.

Father Francisco Fernandez, 49, spent a week in New York, where he addressed a 24-nation UN committee on de-colonisation and detailed charges of forced sterilisation of his people.

In Perth, he told how an Indonesian delegate protested that the matter was a domestic affair and sat down in a huff.

"The committee chairman humiliated the man," said the delighted priest at his Beaconsfield parish office.

"He said: 'Distinguished delegate from Indonesia. The role of this special committee on de-colonisation is precisely to de-colonise the colonial countries and people ... and this committee regards East Timor as a colony'."

Father Fernandez, who also addressed the UN General Assembly in 1979, was sent to the US by East Timorese refugees worried the issue was about to be struck from the Assembly's agenda.

It's believed this has been averted.

Father Fernandez told the committee Indonesia invaded his homeland out of self-interest and not to bring peace and stability.

In 10 years occupation, Indonesia had killed more than 200,000 East Timorese.

"They have reduced the original population of 700,000 by a third and now they have launched a large-scale program of birth control, by innoculation to cause infertility," he said.

"It's done publicly. Young people, men and women, whether they have children or not, are being sterilised against their will. It is racial genocide."

He said it was vital that the Hawke Government reversed its decision to recognise Indonesian occupation of East Timor.

XXIII.

VENCENDO, RESISTINDO.

Fénix a renascer das cinzas

Bloqueada por terra e por mar, a resist|encia armada timorenses, a corajosa FALINTIL, não podia contar com um eventual apoio externo, tinha que contar apenas com as suas próprias forças e recursos disponíveis. A chama patriótica para defender a Pátria ameaçada electrizou e empolgou todo um Povo que recorreu a todos os meios disponíveis para fazer valer a sua causa perante o Mundo.

O Timorense não chora apenas pelos seus heróis tombados no campo da batalha em defesa da Pátria. Mas cada herói tombado faz nascer outro herói: Nicolau Lobato, morto em acção, surgiu Kairala Xanana, Koni Santana, o Mau-Hunu, Taur-Matan-Ruak e vários outros. Os Mártires da Pátria foram um estímulo para forjar novos heróis, decididos e determinados a lutar até à libertação total, à imagem do capim das montanhas de Timor Leste que, devorado pelas queimadas durante o Verão, renasce depois mais rejuvenescido com as chuvas num ciclo interminável. Por isso, o Comandante NICOLAU DOS REIS LOBATO não hesitara mesmo em afirmar que, enquanto houvesse um soldado indonésio no solo pátrio, os combatentes da FALINTIL haveriam de ter sempre armas e os inimigos seriam abatidos pelas suas próprias armas. E os factos confirmaram esta afirmação histórica feita pelo indómito Comandante e herói da Nação de Timor Leste. O guerrilheiro, perante a falta de armas, não se desanimava, antes usava a astúcia e a inteligência com vista a reduzir o inimigo a uma situação de desgaste, de desmoralização e desânimo. E o conhecimento do acidentado terreno, da existência de grutas e cavernas, jogava a favor da FALINTIL.

Toda a estratégia de Jacarta para dominar militarmente Timor Leste em questão de dias, fracassou totalmente. As operações militares por terra, ar e mar arrastaram-se por anos, às expensas de gastos astronómicos dos cofres de Jacarta. Esta despesa foi acrescida com os elevados salários dos oficiais em operação, que eram promovidos rapidamente aos postos superiores, sem ter em conta a sua capacidade de comando, provocando o descontentamento nas fileiras dos oficiais

mais veteranos. E a guerra em Timor Leste, vista sob esta perspectiva, constituiu um cancro para a nação indonésia, que se foi alargando, com consequências mortíferas enquanto durou.

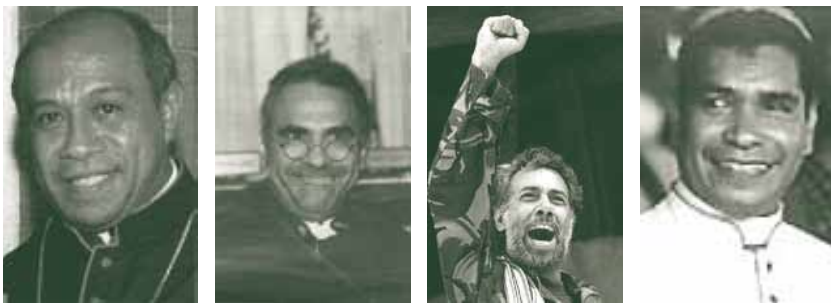
Os generais indonésios, não obstante todo o seu aparato bélico, ficaram frustrados, porque viram-se incapazes de concretizar a sua estratégia de resolver e arrumar militarmente a questão de Timor em poucos dias para evitar a crítica internacional. Logo no dia da invasão - 7.12.1975 - as forças invasoras ingenuamente convenceram-se de que a operação iria ser mais fácil do que a de Irian Jaya, porque em termos logísticos a distância era relativamente insignificante e Timor Leste tinha uma área insignificante em comparação com a parte ocidental da Papua-Nova Guiné. O envolvimento de tropas de craque, que ganharam experiência nas operações militares anteriores, iria facilitar a tarefa da invasão e ocupação. E, tanto oficiais como soldados, ingenuamente insistiam que iriam tomar pequeno-almoço em Dili, almoço em Baucau e jantar em Los Palos.

Os políticos indonésios, como era natural, estavam em sintonia com os militares, convencidos de que o caso de Timor Leste seria solucionado rapidamente com uma operação-relâmpago capaz de evitar a crítica internacional. Esta foi a orientação também que os governos americanos e australianos deram a Suharto. Mas, felizmente para a Resistência, as operações não eram tão fáceis como pensavam. A tropa de elite encontrara um “osso duro de roer” e ficara debilitada com a digestão. A estratégia de dominar militarmente Timor Leste em questão de dias prolongou-se, como toda a gente sabe, por mais de duas décadas. Esta prolongada operação constituiu o cancro que minou o regime de Suharto: ostracismo internacional e instabilidade política, tendo como consequência a queda imparável da moeda indonésia no mercado internacional.[1]

Pelo contrário, a morosidade das operações militares, as consideráveis baixas sofridas e o desgaste do material bélico tiveram uma consequência benéfica para o lado da Resistência. Os Comandantes da FALINTIL tinham todas as razões do mundo para se orgulharem da sua estratégia de resistir - desde Nicolau Lobato até Kairala Xanana - perante uma das potências mais fortes da Ásia, ainda por cima armada pelas nações que se diziam democráticas, como EUA, Grã-Bretanha e Alemanha, etc. A luta heróica da FALINTIL não tem precedentes na História da Resistência dos Povos que lutam pela Liberdade. É um caso único e excepcional, servindo de exemplo para o futuro. E a heróica divisa da FALINTIL - Resistir é Vencer - se, por um lado, minou e arruinou o poderio bélico de Suharto, por outro lado, projectou os comandantes da FALINTIL para as alturas mais elevadas.

INDEPENDÊNCIA

O Comandante Kairala Xanana, ao analisar o desenrolar da luta, entendeu criar novas estratégias para responder às novas conjunturas regionais e internacionais. Resolveu despartidarizar a FALINTIL, a fim de que todos os Timorenses pudessem rever-se nela, alargando assim o leque político-militar da Resistência. E, consequentemente, o CNRM (Conselho Nacional da Resistência Maubere) deu lugar ao CNRT (Conselho Nacional da Resistência de Timor), que mobilizou todos os Timorenses para se baterem pela Libertacão da Pátria Ocupada. A despartidarização da Frente Armada e a Internacionalização do Caso de Timor Leste na ONU, graças ao esforço do nosso Representante Permanente, bem como do de Portugal que, já membro da União Europeia, viu a sua voz passar a ser ouvida e escutada com respeito. A solidariedade internacional alargou-se também graças aos Países Amigos dos PALOP, tais como Moçambique, Angola, Guiné Bissau, Cabo Verde, S. Tomé e Princípe, Brasil e Macau, bem como aos Activistas de Timor espalhados pelo mundo, gerando uma nova que reduziu o espaço de manobra de Jacarta e debilitou fatalmente a posição dos diplomatas indonésios.

1 Existe uma mais do que abundante literature que, entre o científico, o ensaio e o jornalismo político, foi descrevendo e nalisando a crise económica da Indonésia e a queda do regime de Suharto. Por todos, veja-se o estudo bastante sério e interessante de EKLOF, Stefan – *Indonesian Politics in Crisis: The Long Fall of Suharto*, 1996-98. Studies in Contemporary Asian History, Vol. 1, NIAS Press, 1999.

Assim, o argumento da Indonésia de que a luta armada era só da FRETILIN e não de todos os Timorenses, apresentando o Caso de Timor como um assunto doméstico da Indonésia, já não tinha fundamento e estava ultrapassado. Jacarta, desarmada de argumentos, passou irremediavelmente para uma posição defensiva, mais debilitada e frágil. Quanto mais Timor fortalecia a sua posição, tanto mais a Indonésia foi entrando em crises em cadeia: o Massacre de Santa Cruz, ocorrido em 12 de Novembro de 1991, fez perder a credibilidade de Jacarta nas Instâncias Internacionais. E, até alguns dos seus defensores mais acérrimos, como EUA e Reino Unido, passaram a votar contra a Indonésia. A condenação e as críticas da Comunidade Internacional macularam o prestígio da Indonésia na arena internacional. As consideráveis baixas que as forças armadas indonésias sofreram em Timor Leste vinham minando o poder de Suharto. A guerra contra Timor Leste foi uma guerra desgastante que arruinou também a economia indonésia, tendo como consequência a instabilidade política na Indonésia, que culminou com a queda do Regime da Nova Ordem de Suharto.

A seguir, deu-se o render da guarda na *Corte Javanesa* o vice-presidente J. P. Habibie sucedeu o ditador. O Presidente Habibie, um líder suficientemente inteligente e prudente, era um político astuto que tentou democratizar a Indonésia e aliviar a indesejável herança de Suharto. E, assim, com surpresa de todos, Habibie decidiu dar ao povo de Timor aquilo que Suharto sempre negou: um *referendum* para ver se os Timorenses aceitavam ou rejeitavam uma autonomia mais alargada com a República da Indonésia ou se, ao recusá-lo, decidiam o caminho da Independência. Sob a liderança do CNRT e os auspícios da ONU, e não obstante as nuvens de ameaça que, em Agosto de 1999, pairavam sobre os céus de Timor Leste, fomentada pelas milícias pro-indonésias, o Povo Timorense mais uma vez revelou a sua indómita determinação - votou em massa e votou pela Independência, na histórica data de 30 de Agosto de 1999.

Vendo bem, este resultado só veio beneficiar a Indonésia e Timor Leste. A Indonésia ficou aliviada de uma herança ignominiosa, deixada pelo Regime de Suharto, enquanto Timor Leste, depois de ter ultrapassado todos os obstáculos, avançou decidido para a Independência, conseguindo, com a ajuda de DEUS e dos Homens, a plena liberdade e a Independência.

INTERVENÇÃO DA ONU

Maio de 1999 é uma data importante para Timor porque representa uma viragem na sua História. A ONU finalmente reuniu condições para vir em ajuda do povo Timorense na sua luta de 24 anos pela Libertação. Mais vale tarde do que nunca, e a presença da ONU em Timor Leste foi a esperança do Povo. Mas as condições da ida da UNAMET a Timor estavam viciadas numa claúsula importante. Depois da assinatura do acordo entre Jacarta e a ONU, em Maio de 1999, um diário de Língua Portuguesa de Macau entrevistou-me sobre a chegada da ONU a Timor Leste. Respondi que, não obstante a boa vontade em ajudar a Libertação de Timor Leste, o facto de a ONU assinar um acordo em que entregava às Forças Armadas Indonésias a tarefa de assegurar a paz e a ordem no território era assinar a certidão de óbito do Povo Timorense. E, infelizmente, aconteceu, porque foram as forças armadas indonésias que criaram o clima de instabilidade, de violência e de guerra em Timor Leste. Por isso, elas não podiam ser a SOLUÇÃO, já que constituíam o próprio PROBLEMA.

Admirámos a coragem dos elementos da UNAMET, liderada por Ian Martin, cumprindo uma missão tão arriscada, ficando à mercê da agressividade das milícias pró-integracionistas. No entanto, a missão da UNAMET devia ter sido assegurada por um contigente da INTERFET,

capaz de estar em prevenção ou *stand by* algures na Austrália para, caso estalasse a violência, ter evitado o que veio a acontecer: a perda de vidas e a destruíção de infra-estruturas. Foi a todos os títulos louvável a viragem politica da Austrália, assumindo, por fim, o comando da INTERFET para, depois da violência referendária, repôr a ordem e a paz em Timor Leste. Seja como for, as sucessivas Missões da ONU revelaram a determinação e firmeza do Secretário-Geral da ONU Koffi Anan em conduzir Timor Leste na via da edificação de uma nação independente e soberana, membro da ONU. Bem haja.

AURORA DA NAÇÃO TIMOR LOROSAE

Raiou o Sol da Liberdade para Timor Lorosae. Agora é o momento de trabalhar com alegria para construir a nova Nação.

Timor Leste tem todos os requisitos e condições para se tornar uma nação soberana: um espaço geográfico razoável (maior do que 40 nações que actualmente têm assento na ONU), imensa água territorial, abundantes recursos de solo e sub-solo, população activa, cultura multissecular e organização tradicional que funcionou eficazmente durante centenas de anos. O povo Timorense tem uma identidade cultural plurissecular, assentando no sistema dos Liurais e suas tradições, exibindo uma História e identidade próprias.

Timor Leste é diferente das outras ilhas do Arquipélago da Indonésia. Em termos da sua formação sócio-cultural-religiosa, Timor Leste constitui, por assim dizer, uma aberração geográfica, etnológica, cultural e política dentro da constelação das ilhas que povoam a Insulíndia. Geograficamente, como se sublinhou, a Ilha de Timor apresenta uma posição que destoa da harmonia do conjunto do Arquipélago. Enquanto as restantes Ilhas se encontram numa posição horizontal e paralela ao Equador, Timor, ao contrário, apresenta uma posição oblíqua, quebrando a disposição relativamente uniforme de todo o Arquipélago. E, felizmente, tal posição isenta Timor da cadeia vulcânica que afecta e une as restantes ilhas.

No campo político, como se sumariou, os grandes impérios indo-javaneses que surgiram no século X, como o Srivijaya, ou no século XII, como o Majapahit, nada afectaram a vida social e política de Timor, que se encontrava fora da influência desses e outros impérios que surgiram ao longo dos séculos. Dir-se-ia que Timor se encontrava na periferia das importantes linhas da navegão da época, numa posição privilegiada, em que a Ilha é embalada por dois oceanos: Pacífico e Índico.

Assim, para além das estruturas essenciais que Timor Leste possui para ser uma nação soberana, a sua independência foi conquistada no campo de batalha contra uma nação que nada tinha a ver com a História timorense, por razões óbvias, já referidas. Agora, depois de um quarto de século de luta heróica, surge triunfante e gloriosa a primeira nação do terceiro milénio cá para as bandas de Oceânia, *onde o Sol em nascendo vê primeiro*, no dizer do Imortal Vate Lusitano. Juntamos, por isso, a nossa voz às dos milhares de Timorenses e dos milhões de Amigos de Timor Leste para saudar com euforia e entusiamo a Nação Timor Lorosae de matriz latino-cristã e membro mais jovem da Comunidade Lusófona. Justifica-se acompanhar aqui este poema: **SALVE, TIMOR LOROSAE**.

1
O sol que despontou na aurora,
Do dia 20 de Maio de 2002,
Não podia ser mais glorioso,
Pois raiou com a primeira nação do milénio

2
A brisa que beijou a primeira nação,
Do século XXI não podia ser
Mais suave e desejada porque foi
Portadora de Liberdade e de Paz

3
A missa concelebrada em Táci-Tolo,
Não podia ser mais solene e participada,
Porque solenizou o triunfo da Razão

E do bom senso sobre a prepotência

4
"Os lúlicks de Ramelau, Kablake, Matebian,
Kúri e Maneo" sentem-se mais altivos,
Porque triunfaram sobre o inimigo
Irreverente que se atreveu a desafiá-los.

5
Os povos do Planeta, unidos a Timor,
Pela amizade, paz, alegria e admiração,
Saúdam os Heróis da nossa luta: Vivos ou
Os " que se vão da da lei da morte Libertando"

6
Salve a nobre Nação Timor Lorosae,
Que dá ao Mundo a lição da Fé e Esperança,
Para empolgar todos os povos que lutam pela sua
Liberdade que cedo ou tarde a conseguirão

CONSIDERAÇÕES FINAIS PARA UM FUTURO MELHOR DE TIMOR LESTE

Tal como o ser individual, cada nação tem a sua história que será tanto mais proveitosa para o povo se tiver como horizonte o seu interesse e bem-estar acima de tudo. É altamente benéfico para todo Timor Leste que os diferentes Governos Timorenses possam no seu projecto político dar também certa consideração aos seguintes tópicos que, a seguir, adiantamos com espírito de servir a nova Nação.

APROVEITAMENTO DOS RECURSOS NATURAIS

Estando Timor Leste destruído pela guerra de ocupação, convém ter como política prioritária aquela visando incrementar, a curto prazo, o desenvolvimento económico, quer do sector do agro-pecuário, quer da exploração das potencialidades turísticas e da riqueza dos nossos mares e costas, com vista a criar postos de trabalho. A longo prazo, convém implementar uma política visando igualmente o incremento das culturas mais procuradas de Timor Leste: café e sândalo, canela, borracha, cacau, coco, teka e outras espécies de madeira.

Importa também delinear uma estratégia política ambiental e de protecção das florestas, em geral, e da rica fauna e flora, em particular.

Timor Leste é uma ilha rica em água, mas o declive e a inclinação dos leitos das ribeiras facilitam o escoamento do precioso líquido para o mar, sem deixar nada nos seus leitos. É bom pensar em construir barragens para reservar essa água tão abundante na época das chuvas e minguada no Verão. Se houver um estudo para controlar essas grandes ribeiras da Costa Sul, tais como Karau-Ulun, Lacló Sul, Klere, Mota Sahen, Mota Kulukau, e as ribeiras da Costa Norte – Lóis, Lacló Norte, Laleia etc. – Timor Leste terá produção de arroz mais do que suficiente para o seu próprio consumo e até para exportar as vizinhas ilhas da Indonésia. A Ribeira de Lacló Norte tem o leito mais extenso de todas as ribeiras de Timor Leste e tem igualmente um bom número de afluentes. Sendo bem aproveitadas com barragens e canalizações,

as suas águas podem regar vastas zonas agrícolas. Timor Leste tem mesmo potencialidades para produzir energia hidráulica, nomeadamente a Ribeira de Bua-Rahun, cujo estudo já foi feito durante a administração portuguesa, a somar aos recursos hidraúlicos da região de Los Palos que, juntos, podem providenciar energia barata para toda a Ilha.

Quanto aos recursos de sub-solo e dos mares, nomeadamente petróleo e gás natural, esperemos que os Governos Timorenses mostrem provas da sua capacidade de gestão, de honestidade e transparência, qualidades essas que só dignidicam quem as pratica.

clima das zonas costeiras de Timor Leste, incluindo o da própria Dili. Convém desenvolver estudos e investigações, a realizar por peritos, com vista a encontrar meios que possam tornar esses climas mais salubres. O clima de Dili, sobretudo, destoa e fica muito aquém da sua beleza natural. Seria importante planear um processo de saneamento capaz de eliminar todos os elementos indesejáveis e nocivos à saúde pública, cobrir Dili e as encostas circunvizinhas com tapetes de arvorização e verdura, construindo também sistemas para captação de precipitações pluviais para efeitos de regadio nas épocas de calícula. As ruas principais de Dili devem ser mais ampliadas; torna-se necessária a construção de piscinas e de parques públicos à laia de parques como o Luneta Park ou o Rizal Park de Manila, que têm fins educativos, culturais, turísticos, recreativos e até patrióticos, pois no Luneta Park, recorde-se, encontram-se bustos de todos os Heróis Filipinos que contribuiram, de uma maneira ou outra, para a Liberdade e Independência da sua Pátria. A criação de zonas verdes para embelezar a Capital pode igualmente inspirar-se na Cidade de Singapura que, apesar de se encontrar mais perto do Equador, os especialistas em ambiente transformaram num oásis de verdura. E Dili é dotada de recursos naturais para ser ainda melhor do que Singapura. Com efeito, se a zona de Taci-Tolo se transformar em verduras, piscinas e parques públicos, será mais atractiva e contribuirá para a melhoria do ambiente. Seria ideal se os transportes públicos de Dili adoptassem o Eléctrico, tipo Lisboa, pois não iria aumentar a poluição do ar e a sonora, antes tornaria o transporte economicamente mais acessível a todos, sendo mais fresco e higiénico, porque a sua ventilição é muito melhor.

É notória a falta de circulação de ar ou brisa em Dili, sobretudo nas zonas mais afastadas da praia. Esta lacuna provoca uma calmaria que só contribui para aumentar a temperatura e tornar insuportável o ar que se respira, fortemente carregado de elementos nocivos à saúde. Para atenuar este incómodo, sugerimos que se crie um sistema para provocar uma permanente circulação de ar por toda a Cidade de Dili, cuja prossecução poderá passar pela abertura de uma passagem com a demolição da parte menos grossa de Fato-Ahi, formando um canal

com mais de 100 metros de largura: quanto mais largafor essa abertura, melhor será para a ventilação de Dili. Esta passagem poderá trazer imensos benefícios: (1) irá facilitar a deslocação do ar que vem de baía de Hera para refrescar e tonificar o ar em Dili, provocando a sua permanente circulação; (2) encurtará a distância não só entre Dili e Hera, mas também em toda a zona Leste; (3) a terra removida desta destruição pode servir para acabar com certos pântanos em Dili; (5) a parte de Fato-Ahi que fica mais perto do mar será aproveitada para construir uma espécie de Hong-Kong Peak, uma vez que se canalize a água proveniente de Remexio e dos arredores; (6) Dili ficará mais aliviada da actual congestão de ar impuro e do excesso de população, pois muitos residentes preferirão passar a residir nas partes altas de Dili, onde a temperatura é mais amena e a vista panorâmica é mais bela e ampla.

TRANSPORTES E COMUNICAÇÃO

Atendendo ao relevo da Ilha, os transportes e comunicação irão encontrar mais obstáculos e problemas. Apelamos aos entendidos e peritos na matéria para poderem diversificar as comunicações, criando uma linha aérea doméstica para ligar alguns distritos mais afastados e, sobretudo, Oekusse com a Capital e outros distritos. Sugerimos a criação de transportes marítimos costeiros para aliviar o transporte terrestre.

É de conhecimento geral que a Costa Sul ou Contra-Costa é o celeiro de Timor. E daí deve providenciar-se para que o escoamento dos produtos de Costa Sul para Norte seja feito através de vias rápidas. Estando o distrito de Manu-Fahi situado quase no centro das zonas de grande produção da Costa Sul, o escoamento dos seus produtos pode ser feito através de um túnel ligando Maubisse a Hola-Rua, para evitar as curvas sinuosas e perigosas da Flecha. Através desse túnel, encurtar-se-ia a distância para abastecimento de Dili com produtos da Costa Sul e as zonas montanhosas como Maubisse, Ainaro, Turiscai, etc.

CULTURA E FORMAÇÃO

Tendo também em consideração que, em Timor Leste, a maioria da população é católica, uma política, para ser verdaeiramente nacional, deve contribuir para a manutenção e fortalecimento da Fé Cristã, longe de se agitarem ideias esquerdistas, importadas do estrangeiro. Na vertente educacional, deve desenvolver-se a cultura do Povo Timorense a partir da sua fonte tradicional: a maneira de pensar, de ser e de agir populares, sedimentada com o tempo e consubstanciada na sua estrutura sócio-política. De facto, devem revitalizar-se as organizações tradicionais, começando pelas “uma-kains”, “knuas”, passando pelos sucos até aos reinos. As suas hierarquias e os seus códigos que regem e regulam a vida social especializaram normas que resolvem mesmo as contendas mais complicadas. Tal sistema tradicional tem-se afirmado como eficaz ao longo da História de Timor. Foram as autoridades tradicionais que asseguraram a paz e a harmonia em Timor, mesmo antes da chegada dos Europeus Portugueses e Holandeses. E o segredo da permanência secular de Portugal em Timor Leste foi precisamente o seu respeito pela cultura Timorense e a sua capacidade de adaptação a essa mesma cultura.

Os Portugueses tiveram uma presença colonial sobretudo política, pois não destruíram nem modificaram aquilo que encontraram e que se mostrou eficaz durante séculos. Essa adaptação harmoniosa entre o colonizador e o colonizado esteve na base da convivência feliz durante quase meio milénio. A destruição deste sistema tradicional com os ventos revolucionários trazidos com a Revolução do 25 Abril, precipitou o Povo de Timor na MAIOR TRAGÉDIA de toda a sua História.

E mais. Hoje em dia, todos os povos recém-independentes procuram orgulhosamente ir beber à fonte das suas origens: as suas leis, os seus símbolos, os seus valores tradicionais. Um governo que não se preza em ir beber às suas fontes tradicionais, preferindo copiar os figurinos estrangeiros que já falharam nos países da sua origem, não tem espírito e sentimento nacional, porque menospreza os valores da nação. A tentativa governamental de implementar em Timor Leste experiências políticas e sociais que já falharam noutros países pode

transformar o Povo Timorense numa espécie de cobaia. E Timor Leste não é laboratório para experiências falhadas. Aquilo que é positivo noutros povos e que se harmoniza com a nossa cultura, isso sim, deve ser adoptado.

SÍMBOLOS NACIONAIS. A BANDEIRA E O HINO NACIONAL

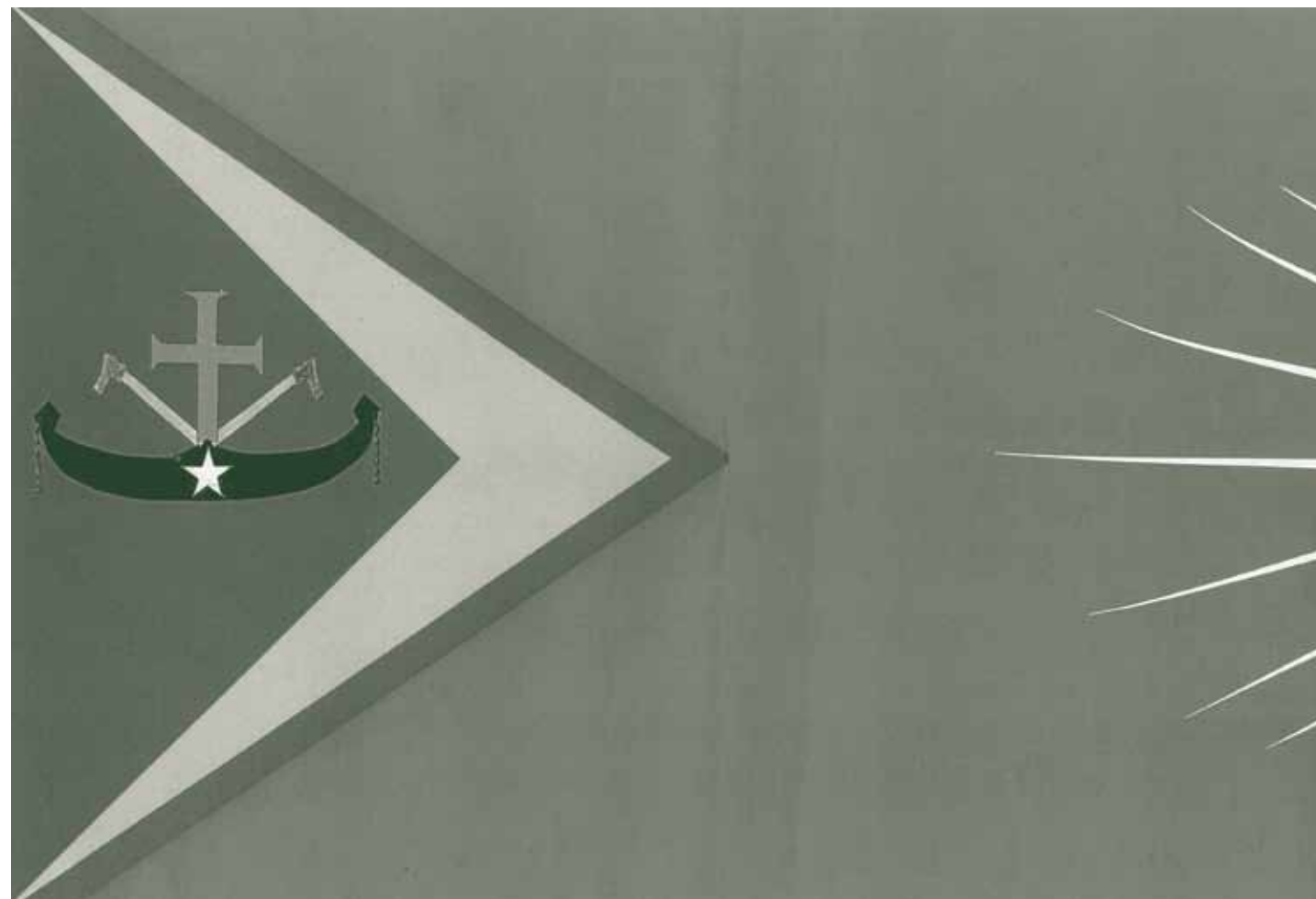
A Bandeira nacional de qualquer país soberano representa, em geral, os seus símbolos culturais e históricos, bem como, às vezes, até o exemplar mais característico da sua fauna e flora. Numa palavra, a Bandeira é a expressão da identidade histórica de um país. Daí que muitos Timorenses tivessem ficado surpreendidos com o processo como a FRETILIN, que se preza em defender os valores Timorenses e devia ser a primeira a dar o exemplo de nacionalismo, promoveu alguns valores nacionais e culturais de Timor. À FRETILIN, que se ufana em defender o interesse nacional, não lhe fica bem promover símbolos do seu partido a estatuto nacional, em preferência e detrimento dos símbolos tradicionais e históricos Timorenses, que foram sempre conhecidos em todo o tempo e espaço nacionais. A FRETILIN, que se presume democrática não se mostra completamente coerente com o ideal democrático ao não ter feito uma consulta nacional para ouvir todo o Povo de Timor nestes assuntos simbólicos que, como a bandeira e o hino, devem dizer respeito a todos nós. Transformar o estandarte da FRETILIN em Bandeira Nacional de Timor Leste não representa todo o Povo de Timor, muito menos a sua História muito secular. Não se esqueça que a FRETILIN, tal como todos os outros principais partidos políticos, nasceram há pouco mais de 25 anos no calor do processo de decolonização promovido por Portugal. A nossa bandeira não representa infelizmente a História multi-centenária de Timor Leste, mas apenas uma mínima fracção histórica, aquela que se abriu com a Revolução do 25 de Abril de 1974. O estandarte da FRETILIN passando a ser a Bandeira Nacional constitui uma espécie de mutilação da História de Timor. Salvo o devido respeito e a muita admiração que tenho pela FRETILIN, neste assunto direi com S. Paulo: *"in hoc non laudo"*.

Se a Assembleia Constituinte de Timor Leste tivesse consultado o Povo Timorense sobre a futura Bandeira, haveria certamente mais sugestões, mais projectos, mais ideias e a Nação só ficaria a ganhar com isso. Caso tivesse sido consultado, sugeriria modestamente que a nossa Bandeira tivesse os seguintes elementos para apreciação de todos os cidadãos: (1) manteria as cores heróicas da Fretilin e a sua estrela, ao lado de outros símbolos históricos de Timor; (2) um dos símbolos mais generalizados e mais antigos em Timor é o Kaibauk[1] que simboliza a autoridade, a chefia e o heroismo. Desde Lorosae até Loromonu, desde Taci-feto até Taci-mane, toda a gente sabe e está familiarizada com o Kaibauk; (3) o kaibauk sustenta três hastes na parte central; (4) a haste central, cortada com uma linha horizontal, representa a Cruz que baptizou Timor e, ao longo de História, tem estado sempre ao lado do Povo Timorenses, quer nas horas boas, quer nas horas más. A Cruz é a única instituição Timorense que sobreviveu durante a ocupação indonésia, e transforma Timor Lorosae na primeira Nação Católica de todo Oriente, porque representa mais de 90% da população de Timor Leste. A Cruz identifica-se com o Povo de Timor. Tal haste central representa também Lifau-Oekusse, pois foi em Lifau que a Cruz pisou pela primeira vez o solo pátrio; (5) as duas hastes laterais representam respectivamente Ataúro e Pulo Jaco; (6) as três hastes assentam sobre o Kaibauk que representa Timo Leste; (7) estes símbolos teriam como moldura as cores da Fretilin e a extrema direita da Bandeira poderia ser iluminada por raios de Sol: o Sol da Liberdade e de Timor Lorosae; (8) o Kaibauk ficaria bem num fundo azul, que simboliza os oceanos Índico e Pacífico que banham a Ilha de Timor; (9) a cor verde expressaria a verdura das montanhas de Timor; (10) as cores vermelha e amarela simbolizariam a Fretilin e a sua denodada luta pela independência.

Quanto ao Hino nacional, é mais um produto "made by Fretilin". O poema é baseado nas "palavras de ordem" que os estudantes da

1 O Kaibauk é um adereço de cabeça em forma de meia lua que era usado tanto nas grandes cerimónias linhageiras como na preparação da guerra. Normalmente, os timorenses explicam hoje a forma do kaibauk como uma representação dos chifres do búfalo – animal fundamental no sistema de dádivas e trocas (o barlak) entre as linhagens –, mas é mais aceitável que se trate de um sómbolo cósmico masculino organizando a identidade social e geracional dos grupos elitários da comunidade local linhageira.

Fretilin aprenderam com sucesso em Lisboa com os revolucionários esquerdistas nos idos de 1974 e 1975: *abaixo o colonialismo, abaixo o facismo*, etc. E a música é muito repetitiva, boa para a classe de hinos patrióticos (como Maria da Fonte para Portugal), mas falta-lhe aquela majestade e solenidade que empolga e electriza os ouvintes nos momentos de pompa e circunstância, tal como a *Marselhesa, a Portuguesa* ou o *God Save the King*.

Estas considerações são apenas um desafio para todos os Timorenses, principalmente para os detentores do poder e responsáveis pela Administração política. Para um futuro Governo que tenha uma visão política mais ampla e esteja decidido a fazer ainda mais por Timor Leste, estas considerações podem ser um estímulo e oportunidade para tornar a Nação economicamente mais próspera, culturalmente mais harmoniosa e socialmente mais equilibrada.

BIBLIOGRAFIA

ABREU, Paradela de – *Os Últimos Governadores do Império.* Lisboa, Edições Neptuno, 1994.

ADITJONDRO, George J. – *In the Shadow of Mount Ramelau: The Impact of the Indonesian Occupation of East Timor.* Leiden: Indonesian Documentation and Information Centre, 1994.

ALDEIA, Fernando Alves – *Timor na esteira do progresso.* Lisboa: [s.n.], 1973.

ALMEIDA, António de – a «Das mutilações étnicas dos indígenas de Timor », *Boletim Geral das Colónias* (Lisboa), 1946, 251 : 66-73 ; 252 : 48-54 ; 253 : 104-111 ; 254 : 61-67 ; 255 : 102-108 ; 256 : 93-101 ; 257 : 53-58.

ALMEIDA, António de – «Notas sobre artes e ofícios de nativos de Timor português », *Garcia de Orta* (Lisboa) 3, 1959,: 445-451.

ALMEIDA, António de – *Contribuição para o estudo do neolítico de Timor Português.* In: Estudos sobre Pré-História do Ultramar Português. Lisboa: Junta de Investigações do Ultramar, 1960, pp. 125-141 (Memórias. Segunda série; 16).

ALMEIDA, António de –«Contribuição para o estudo dos nomes "Lúlik" (sagrados) no Timor de expressão portuguesa», *Memórias da Academia das Ciências de Lisboa*, 21, 1976-77,: 121-142.

ALMEIDA, António de – *O Oriente de Expressão Portuguesa*, Lisboa, Fundação Oriente, Centro de Estudos Orientais, 1994.

ARAÚJO, Abílio de – *Timor Leste: os Loricos Voltaram a Cantar: Das Guerras Independentistas à Revolução do Povo Maubere,* Lisboa: s.n., 1977.

BELLWOOD, Peter – *Prehistory of the Indo-Malaysian Archipelago.* Honolulu, University of Hawai'i Press, 1997.

BIJLMER, H.J. Tobias – *Outlines of the anthropology of the Timor-Archipelago*. Weltevreden: Kolff, 1929.

BOFF, Leonardo – *Nova Evangelização, Perspectivas dos Oprimidos Petrópolis*: Vozes,1990.

BOXER, Charles R. – *O Coronel Pedro de Mello e a sublevação geral de Timor em 1729-31*. Macau: s.n., 1937.

BOXER, Charles R. – *Francisco Vieira de Figueiredo e os portugueses em Macassar e Timor na época da Restauração 1640-1668*. Macau: s.n., 1940.

BOXER, Charles R. – *Fidalgos in the Far East (1550-1770). Fact and Fancy in the History of Macao*. The Hague: Martinus Nijhoff, 1948.

BRANDÃO, Carlos Cal – *Funo (Guerra em Timor)*. Lisboa: Edições AOV, 1992.

CAMÕES, Luís de – *Os Lusiadas*. Lisboa: em casa de Antonio Gonçalvez, 1572.

CAMPAGNOLO, Maria Olimpia Lameiras & CAMPAGNOLO, Henri – *Les modes de cuissan des fataluku de Lórehe à Timor Oriental (contribution à l'étude de la technique de la cuisson)*. In: Garcia de Orta. Série de Antropobiologia. Vol.3, nº 1/2 (1984), p. 93-113.

CAMPO, José Augusto Correia de – *Mitos e Contos do Timor Português*. Lisboa: AGU, 1967.

CARLOS, Rui Palma Carlos – *Eu Fui ao Fim de Portugal*. Queluz: Literal, 1980.

CARMO, A. Duarte de Almeida e – *O povo Mambai. Contribuição para o estudo do povo do grupo linguístico Mambai-Timor*. Lisboa: Instituto Superior das Ciências Sociais e Políticas do Ultramar, 1965.

CASTRO, Alberto Osório de – *A Ilha Verde e Vermelha de Timor.* Lisboa : Agência Geral das Colónias, 1943.

CINATTI, Ruy – *Esboço histórico do sândalo no Timor Português*. Lisboa: Junta de Investigações Coloniais, 1950.

CINATTI, Ruy – *Motivos artísticos timorenses e a sua integração.* Lisboa: Instituto de investigação científica tropical–Museu de Etnologia, 1987.

CORRÊA, António Augusto Mendes – *Timorenses de Okussi e Ambeno*. Coimbra:

Imprensa da Universidade, 1916.

CORRÊA, António Augusto Mendes – *Antropologia Timorense*. Porto Tipografia da Renascença Portuguesa, 1916.

CORRÊA, António Augusto Mendes – *Timor português. Contribuições para o seu estudo antropológico*. Lisboa: Ministério das Colónias, 1944,.

CORREIA, Pinto Armando – *Gentio de Timor*. Lisboa: Imprensa Lucas: 1935.

COSTA, Luís – *Dicionário de Tétum-Português*. Lisboa, Edições Colibri/Instituto Camões, 2001.

CROWE, Louise – *The Impact of the Indonesian Annexation on the Role of the Catholic Church in East Timor, 1976-95*. M.A. thesis, Northern Territory University, 1996.

DUARTE, Jorge Barros – *Ainda Timor. Lisboa*: Gatimor, 1981.

DUARTE, Jorge Barros – *Timor – Ritos e Mitos Ataúros*. Lisboa: ICALP, 1984.

DUARTE, Teófilo – *Timor, ante-camara do Inferno?!.* Lisboa: s.n., 1930.

DUNN, James – *Timor: A People Betrayed*. Queensland: Jacaranda, 1996.

DUNN, James – *Timor Affair in International Perspective*. In: East Timor at the Crossroads: The Forging of a Nation. Peter Carey & G. Carter Bentley (eds). Honolulu: University of Hawai'I, 1995, pp. 59-72.

EKLOF, Stefan – *Indonesian Politics in Crisis: The Long Fall of Suharto*, 1996-98. Studies in Contemporary Asian History, Vol. 1, NIAS Press, 1999.

FELGAS, Helio A. Esteves – *Timor Português*. Lisboa : Agência Geral do Ultramar, 1956.

FERNANDES, Francisco Maria – *D. António Joaquim de Medeiros (Bispo de Macau) e as Missões de Timor. 1884-1897*. Macau: Universidade de Macau, 2000.
FERNANDES, Francisco Maria – *A Cultura Mambai.* In: 'Revista de Cultura?, Edição Internacional, Macau, 18 (2006), pp. 37-47.

FIC, Victor M. – *From Majapahit and Sukuh to Megawati Sukarmoptri: Continuity and Change in Pluralism of Religion.* New Delhi: Abhinav Publications, 2003.

GEERTZ, Clifford – *The Religion of Java.* Chicago: University of Chicago Press, (1960), 1976.

GRUNAU, Hans R. – *Geologia da parte oriental do Timor português : Nota abreviada*. In: Garcia de Orta. Lisboa, Vol. 5, nº 4 (1957), pp. 727-737.

GUNN, Geoffrey C. – *Timor Loro Sae: 500 anos*. Lisboa: Livros do Oriente, 1999, p. 60.

HALL, Kenneth – *Economic History of Southeast Asia: Singhasari (1222-1292) and Majapahit (1293-1528)*. In: TARLING, Nicholas (ed.), *The Cambridge History of Southeast Asia*, Vol.I.1, Cambridge: UP, (1992) 1999, pp.215-226.

HICKS, David – «Timor-Roti. Eastern Tetum », in F. LEBAR (ed.), *Ethnic groups of Insular Southeast Asia. I. Indonesia, Andaman Islands, and Madagascar.* New Haven: Human Relations Areas Files Press, 1972: 97-103.

HICKS, David – *Art and Religion on Timor.* In: BARBIER, Jean Paul & NEWTON, Douglas (eds.) – *Islands and Ancestors: Indigenous Styles of Southeast Asia*.. Munich: Prestel, 1988, pp.38-51.

HILL, Helen – *Nationalist Movement in East Timor*. M.A. thesis, Monash University, 1978.

KING, Margaret – *Eden to Paradise*. London: Hodder and Stoughton, 1963.

KOHEN, Arnold S. – *From the Place of the Dead: The Epic Struggles of Bishop Carlos Ximenes Belo of East Timor, Winner of the Nobel Prize for Peace, 1996*. New York: St. Martin's, 1999.

KOHEN, Arnold S. – *The Catholic Church and the Independence of East Timor*. Bulletin of Concerned Asian Scholars, 32(1-2), 2000, pp. 19-22.

JOLLIFFE, Jill – *Timor Terra Sangrenta*. Lisboa: O Jornal, 1989. Anterior a este texto traduzido em português encontra-se: JOLLIFFE, Jill. *East Timor: Nationalism and Colonialism*. Queensland: University of Queensland Press, 1978.

JONES, Matthew – *Conflict and Confrontation in South East Asia*. Britain, the United States and the Creation of Indonesia. Cambridge: CUP, 2002.

LENNOX, Rowena – *Fighting Spirit of East Timor: The Life of Martinho Da Costa Lopes*. London: Zed Books, 2000.

LUCAS, Maria Paula – *Breves notas sobre a contribuição da Missão Antropológica do Centro de Antropologia e seus antecessores na Arqueologia de Timor.* In: Actas da 1ª Reunião de Arqueologia e História Pré-Colonial, Lisboa, 23-26 de Outubro de 1989 / Centro de Pré-História e Arqueologia. Lisboa: IICT. Centro de Pré-História e Arqueologia, 1992. pp. 269-276
.
MENESES, Francisco X. – *Contacto de culturas no Timor português. Contribuição para o seu estudo*, Tese, Instituto Superior das Ciências Sociais e Políticas, Lisboa, 1968.

METZNER, Joachim K. – *Man and environment in Eastern Timor*. Canberra : The Australian National University, 1977. - 379 p. : il..

MORAIS DA SILVA, J. & BERNARDO, Manuel – *Timor: abandono e tragédia*. Lisboa: Prefácio, 2000.

MORNA, Álvaro – *Timor, uma lágrima de sangue*. Leiria: s.n., 2000.

MORRIS, Cliff – *Timor: Legends and Poems from the Land of the Sleeping Crocodile.* Mulgrave: Waverly Offset Publishing, 1984.

MULJANA, Slametmuljana – *Story of Majapahit*. Sinagapore: Singapore University Press, 1976.

NORDHOLT, H. Schulte – *The political system of the Atoni of Timor*. Haia: Nijhoff, 1971.

OLIVEIRA, Carlos Ramos de – *Lutas de galos em Timor*. In: Geographica. Revista da Sociedade de Geografia de Lisboa. Lisboa, Ano VII, nº 28 (1971), pp. 55-68.

ORTA, Garcia – *Colóquios dos Simples e Drogas da Índia*. Goa: Ioannes de Endem, 1563.

PADDAYYA, K. & BELLWOOD, P. – *South and Southeast Asia. Archaeology. The Widening Debate* (Ed. B. Cunliffe, W. Davies, C. Renfrew), British Academy Centenary. Oxford: Oxford University Press, 2002, pp. 295-334.

PELISSIER, R. – *Timor en guerre. Le crocodile et les Portugais (1847-1913).* Orgeval : Pélissier, 1996.

POULGRAIN, Greg – *The Genesis of konfrontasi: Malaysia, Brunei, Indonesia (1945-1965)*. London: C. Hurst, 1998.

Povos de Timor, Povo de Timor : Vida - Aliança - Morte - Catálogo = Peuples de Timor , peuples de Timor : Vie - Alliance - Mort – Catalogue: Peoples of Timor, peoples of Timor : Life - Alliance - Death – Catalogue. Lisboa : Fundação Oriente : IICT, s.d.

PTAK, Roderik – *O transporte do sândalo para Macau e para a China durante a dinastia Ming,* in «Revista de Cultura», nº. 1, Macau, 1987, pp. 36-45.

ROCHA, Carlos Vieira da – *Timor: Ocupação Japonesa Durante a Segunda Guerra Mundial.* Lisboa, Sociedade Histórica da Independência de Portugal, 1996.

SÁ, Artur Basílio de – *Documentação para a História das Missões do Padroado Português do Oriente*: Insulíndia. Lisboa. AGU, 1958, 6 vols.

SÁ, Artur Basílio de – *Textos em Teto da Literatura Oral Timorense*. Lisboa: Junta de Investigações do Ultramar, 1961, I vol.

SANTOS, Eduardo dos – *Kanoik : Lendas e mitos de Timor*. Lisboa: [s.n.], 1967.

SCHLICHER, M. – *Portugal in Ost-Timor. Eine kritische Untersuchung zur portugiesischen Kolonialgeschichte in Ost-Timor, 1850 bis 1912*. Hamburgo: Abera-Verlag, 1996.

SCHWARZ, Adam – *A Nation in Waiting: Indonesia's Search for Stability.* Sydney: Allen & Unwin, 1999.

SCOTT, William Henry – *Looking for the Pre-Hispanic Filipino*. Quezon City: New Day Publishers, 1992.

SHERLOCK, Kevin – *A bibliography of Timor including East (formerly Portuguese) Timor, West (formerly Dutch) Timor and the Island of Roti.* Canberra: The Australian National University, Research School of Pacific Studies,1980.

SIMON, Sheldon W. – *The Broken Triangle: Peking, Djakarta, and the PKI.* Washington: Johns Hopkins Press, 1969.

SMITH, Ronald Bishop – *The first age of Portuguese embassies, navigations*

and peregrinations to the kingdoms and islands of Southeast Asia (1509-1521). Bethseda, 1968.

SOUSA, Ivo Carneiro de & CENTENO, Rui – *Uma Lulik Timur. Casa Sagrada de Oriente*. Porto: Universidade do Porto/Sociedade Porto 2001/CEPESA, 2001.

SOUSA, Ivo Carneiro de – *Philip II, King of Spain and Portugal, and the relations between the Philippines and Timor.* In: Revista de Cultura, Edição Internacional, Macau, 7 (2003), pp. 59-67.

SOUSA, Ivo Carneiro de – *Pancasila, Conflitualidade e Nacionalismo na História da Independência da Indonésia*. Lisboa: CEPESA, 2004.

SOUSA, Ivo Carneiro de – *New Images. Sketching Southeast Asia in the 'Book' of Francisco Rodrigies (1511-1515)*. In: SOUSA, Ivo Carneiro de & GARCIA, J.M. – *Discussing the first Portuguese Maps with the Philippines*. Lisboa, CEPESA, 2005, pp. 54-71.

SOUSA, Ivo Carneiro de – *Para a História das Relações entre Macau e Timor (séculos XVI-XX).* In: 'Revista de Cultura', Edição Internacional, Macau, 18 (2006), pp. 13-22.

SOUSA, Lurdes Carneiro de – *The Indonesian-Portuguese relationship: Politics and Diplomacy (1945-1965)*, in SOUSA, Ivo Carneiro de & LEIRISSA, R. Z. – *Indonesia-Portugal: Five Hundred Years of Historical Relationship*. Lisboa-Jakarta: CEPESA, 2002, pp. 213-232

SOUSA, Lurdes Carneiro de – *Sukarno e Portugal (Exposição no Museu Nacional de Jakarta, 30 de Maio-30 de Junho de 2002)*. Jakarta: Embaixada de Portugal/CEPESA, 2002.

TAYLOR, Keith W. – *The Early Kingdoms: Majapahit*. In: TARLING, Nicholas (ed.), *The Cambridge History of Southeast Asia*, Vol.I.1, Cambridge: UP, (1992) 1999, pp.176-181.

VELADAS, António – *Timór, Terra Sentida/Timor, Terra Sentida (Trad. para tétum de Benjamim Corte-Real)*. Lisboa, Publicações Europa-América/Centro Cultural Português em Díli, 2001.

VILLERS, John – A*s derradeiras do mundo: The dominican missions and the sandalwood trade in the lesser Sunda Islands in the sixteenth and seventeenth centuries.* Estudos de História e Cartografia Antiga. Memórias ; 25. In: II Seminário internacional de história indo-portuguesa: Actas / Luís Guilherme Mendonça de Albuquerque, Inácio José Guerreiro. Lisboa : IICT. Centro de Estudos de História e Cartografia Antiga, 1985, pp. 571- 600.

WALLACE, Alfred Russel – *The Malay Archipelago*, Nova Iorque, Dover Publications, 1962 [1869].